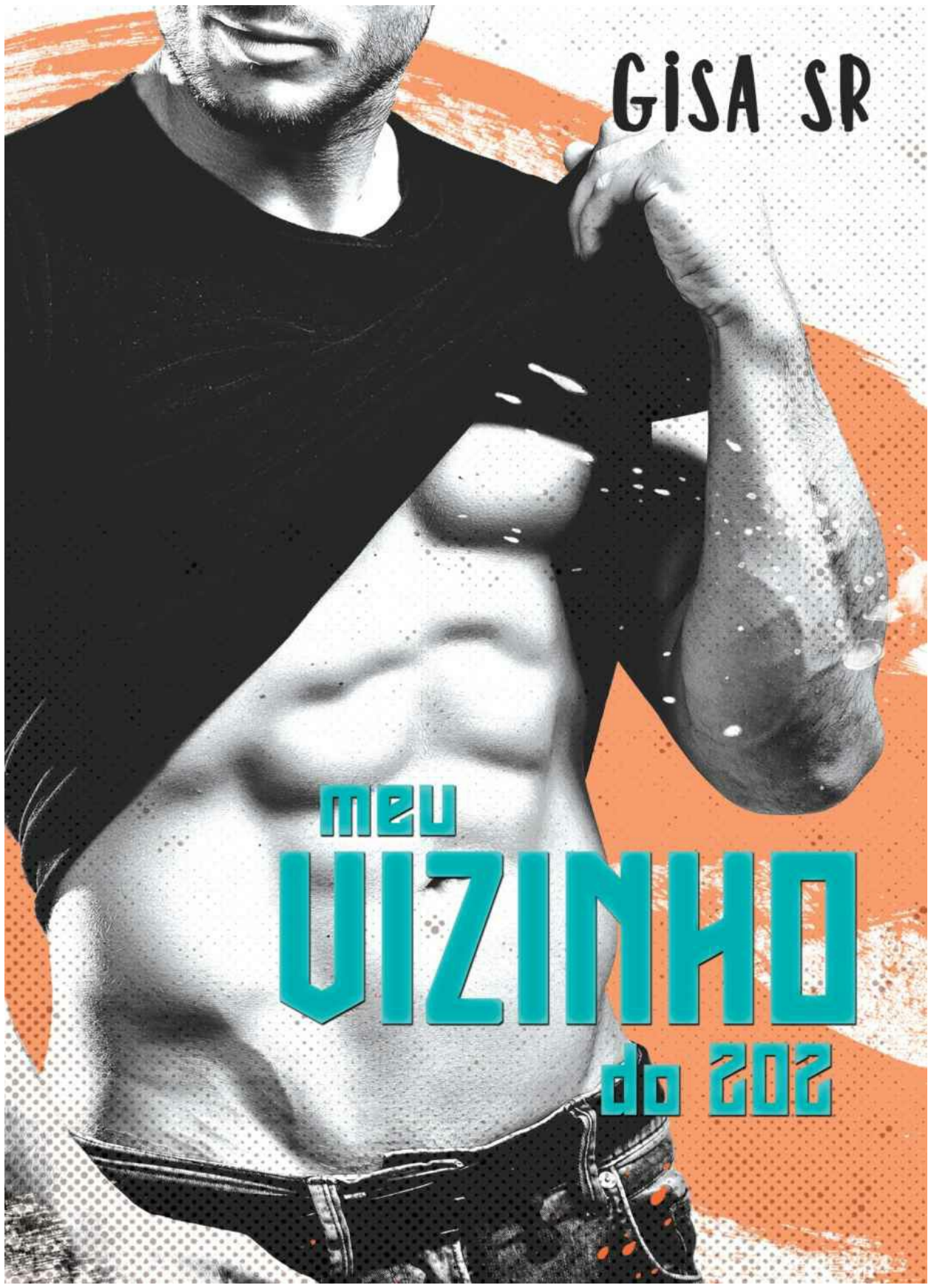




GISA SR

meu
VIZINHO
do 202





GISA SR

meu
VIZINHO
do 202



Copyright © 2020 Gisa SR

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Dri Hadara

Revisão: Barbara Pinheiro

Diagramação Digital: Jack A. F.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

Pará - PA 1º Edição

Novembro de 2020



Sumário

[Sobre esta obra](#)

[Aviso Importante](#)

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)



Sobre esta obra

Esta é minha primeira comédia romântica. Quem já leu outras obras minhas, sabe que gosto bastante de uma boa dose de drama, é minha zona de conforto, mas neste livro, em especial, eu quis sair da caixinha e tentar algo novo.

A ideia eu já tinha, estava pronta na cachola há tempos, só não imaginava que desenvolvê-la cobraria tanto de mim, tanta doação. Não foi fácil como pensei, andou bem longe, na verdade, mas foi igualmente gratificante poder compor esta trama, acompanhar esses personagens que foram nascendo e se mostrando a mim de uma forma realmente linda.

Cada personagem tem sua especial importância e peculiaridade, só espero que faça você rir, como me fizeram nos últimos dias.

Entre e divirta-se...



Aviso Importante

A proposta aqui era construir uma comédia romântica leve, desprendida, aquele livro que chamamos de: cura ressaca literária. Ao menos foi o que me propus a fazer e espero imensamente ter alcançado o objetivo, que cada personagem entre em seu coração com sua particularidade.

Não espere grandes dramas, a proposta não é essa, mas espere boas risadas, suspiros e corações quentinhos. Pois acredite, foi o que senti a cada capítulo escrito.

“Os clichês só viram clichês por um motivo: eles funcionam.”

(Grey's Anatomy)



Playlist

Para ouvir a playlist de Meu vizinho do 202 clique [aqui](https://link.tospotify.com/497ySvJ2Dbb)
<https://link.tospotify.com/497ySvJ2Dbb>



Sinopse

Uma noite, um engano e um delicioso desastre.

A vida de Mônica Maria era perfeita ou, pelo menos, era isso o que pensava. Romântica de carteirinha, ela sonhava com o casamento dos sonhos, a casa perfeita e, claro, o marido dos contos de fadas.

Essas eram suas metas, até que o destino lhe prega uma peça e ela é obrigada a crescer e encarar sua realidade nem um pouco cor-de-rosa. Desde então, Mônica decide deixar as emoções de lado e focar em preocupações maiores.

Mas o destino apronta outra vez e ela encontra Benjamin, seu vizinho perverso, que parece tentá-la vinte e quatro horas por dia, atraindo-a para o pecado e despertando sensações há muito adormecidas.

A bela morena só queria amizade, no máximo um passatempo divertido, uma ajuda mútua, mas uma noite muda tudo e agora os dois vão aprender que com fogo não se brinca!

Comédia romântica para maiores de dezoitos anos!



Mônica prólogo

O casamento, o santo matrimônio!

— Anda, Mon. Vai caber, encolhe as costas...

Como alguém encolhe as costas? Maluca!

— Não vai, eu comi demais esses dias, estava ansiosa, engordei quase cinco quilos — desabafo, frustrada. O que eu queria comer tanto? — Desisto de vestir isso, Bella, não vou me enfiar nesta porcaria e morrer asfixiada no meu casamento, sem nem chagar a lua de mel. — Assim que as palavras saem, eu contemplo a palavra: meu casamento. Está mesmo acontecendo. — Cara, eu vou me casar! *Putaquepariu*. — Eu estou eufórica.

Pego a rir desesperadamente e Isabella, minha melhor amiga e madrinha, faz o mesmo, ainda que sem entender nada. Gargalhamos em alto e bom som, eu estou feliz, radiante, mesmo que o espartilho, escolhido há meses, não coubesse mais em mim, com conforto. Eu não me importo, longe disso... está tudo pronto, tudo planejado nos mínimos detalhes, há meses e dará certo, pois me casarei com o homem que amo. Eu achei mesmo o meu príncipe.

— Anda, vamos colocar o vestido ou vai borrar a maquiagem se começar a chorar de rir! — Isa tenta, não conseguindo conter seu excesso de riso.

Minha melhor amiga e companheira de desastres é a melhor. Uma mulher bonita, alta de pele clara e cabelos extremamente negros, longos e repicados. Corpo magro, formas bem-feitas e um sorriso perfeito, capaz de acalmar qualquer pessoa. Ah, e um fato importante sobre ela: é louca, completamente louca.

Concordo com o diz, vendo-a ir até a cama e pegar o vestido de noiva de modelo sereia, branco, todo em pedrarias, o que me custou uma fortuna. Sim, eu comprei, não quis alugar, quero-o para guardar de lembrança, um pedacinho do meu dia. Mostrar para minha mãe que eu estava certa o tempo todo.

Sei que é bobagem falar que sonhei com meu casamento, que planejei esse dia muito cedo, que era um dos meus sonhos. Parece fútil, eu sei, ainda assim, eu o idealizei por anos. Talvez por influência da minha mãe, esse desejo tenha se tornado ainda mais pungente, junto ao meu desejo, está também a vontade de a agradar.

Uma batida na porta nos assusta e ela é aberta em seguida, me dando o vislumbre de Neto, meu futuro marido.

— Não, não, não. Não entra, Neto, não pode me ver antes da hora, dar azar — grito, me referindo a me ver de meias, ligas e espartilho transparente na cor branca, que eu vesti exatamente para a lua de mel. Toda a peça dando um belo contraste com minha pele negra.

Levo as mãos aos seios, uma bobagem àquela altura do campeonato e ele tapa os olhos com ambas as mãos, e contrariando o que eu disse, entra de vez no quarto.

— Preciso falar com você, Maria. — Seu tom não é dos melhores, ainda mais para o dia do nosso casamento e ignoro.

— Agora? Pelo amor de Deus, Neto, vai ter o tempo todo *pra* falar comigo, após esta noite. Só me deixa me arrumar, amor, e vai se arrumar. Caramba Neto! Não está nem vestido na calça do terno. Tem que chegar primeiro, amor, não eu — falo, em busca de lhe arrancar um sorriso. Sentindo algo de errado no ar.

— Nos dê licença, Isabella — Neto pede, tirando a mão dos olhos e me fitando. — Não dá para esperar, Maria, tem que ser agora. — Ele é o único que me chama assim: só de Maria.

— Pode ir, Bella, já te chamo de volta! — Minha amiga não tem uma boa expressão no rosto ao sair e nos deixar a sós. Para ser sincera, nem mesmo eu tenho, algo parece estar prestes a acontecer.

Espero-a sair e quando estamos sozinhos, me aproximo do homem de estatura baixa, meio gordinho. Não, não gordinho... digamos que apenas com uma barriguinha pouco proeminente.

Neto é bonito, apesar de que nunca gostei de homens baixinhos, mas também ele não é tão baixinho assim, eu só não posso usar um salto e a essa altura, eu já não me importo com sua barriguinha de cerveja. O rosto angulado e liso é bonito e bem emoldurado por uma boca carnuda, vermelha, uma barba escura, bem-feita, olhos caramelos lindos e nariz certinho. Eu amo esse homem.

Sorrio ao enlaçar sua nuca, tentando dispersar a nuvem escura que se instaurou com sua chegada, mas ele não faz o mesmo e sai do meu abraço, logo depois, sem deixar que lhe beije e um arrepio sobe por minha espinha.

— Nossa, Neto, que sério. O que foi? Vai dar para trás? — brinco, mas ele não ri e vejo meu corpo todo esfriar.

Não, não é isso. Nós nos amamos, ele não seria capaz!

— Maria, ontem... saí com a galera. Eu não queria ir, mas acabaram me convencendo de que seria só uma bebida rápida e...

— Ah, pelo amor de Deus, Neto. É isso? Não precisa se explicar, amor. Você saiu, se divertiu, falou merda com os rapazes e pronto! Agora anda, vai se arrumar, que eu farei o mesmo, e aí? Gostou? — pergunto, dando uma voltinha. — Tenho uma surpresa para você hoje à noite... — Sorrio, faceira, e o vejo se virar de costas para mim e quando, enfim, se volta, sua expressão não é boa, é como se estivesse engasgado com um sapo ou um carço de abacate.

— Eu te traí, Maria, e não quero mais me casar com você. Percebi

ontem que isso não vai dar certo, não estou pronto. Você não deveria ter insistido tanto nesse casamento e eu não deveria ter cedido, ainda tenho muito *pra* viver. É isso, me desculpa, mas não dá!

E o mundo parece ter sido partido...



Mônica

1

Uma fuga, um latido.

Mais de um ano depois

O banco está lotado, um inferno!

Todos os dias isso aqui é um inferno, mas hoje está pior por ser uma sexta-feira, sendo segunda, feriado.

Feriado, como eu preciso de um feriado, santo Deus. Vou emendar tudo e hibernar, me jogar em minha cama hoje e só volto à vida na terça, pela manhã, para trabalhar. Não tem compromisso, não tem chantagem emocional da minha mãe, problemas, não terá nada que me faça sair de casa este final de semana, isso já é certo.

Faço planos felizes e me despeço do meu cliente, um senhor idoso, que acaba de fazer um depósito alto comigo. Pela graça divina, o banco já está fechado, mas permanecemos com os últimos clientes a serem atendidos ainda.

Antes que eu chame a próxima senha, minha atenção é dispersada.

— Mônica. — Levanto o rosto e vejo Rômulo, meu chefe horroroso me olhando. — Venha à minha sala — diz, sem muito esperar e eu apenas aceno.

Bem, horroroso não no sentido de beleza, não. Ele é um homem bonito, um desses que cuida do corpo, essas coisas. Estatura média, rosto bonito... aceitável. Mas um temperamento ridículo, principalmente conosco, funcionários, o que o torna podre.

Levanto-me, arrumo minha saia e olho para André, meu colega de trabalho, também caixa, além de meu melhor amigo, sentado ao lado e ele sorri de canto, desenhando um “boa sorte” sem emitir som algum.

Meu limite está batendo a mil com as atitudes dele aqui dentro. Rômulo é aquele tipo de gerente que não está junto de sua equipe e, sim, aquele que caminha sozinha roubando méritos dos seus funcionários e esse tipo de pessoa me incomoda profundamente. Porém, amigos, quem sou eu na fila do pão para exigir algo dele? Nada!

Quando me aproximo de sua sala, dou uma leve batida, entrando em seguida, sem esperar permissão. Encontro-o encostado em sua mesa, de cabeça baixa e, assim que entro, ele me olha, um olhar que diz exatamente o que sou para ele: nada.

— Chefe, no que posso te ajudar? Algum problema? — Friso o “chefe”, ele adora ser chamado assim.

— Não, nenhum... — Rômulo parece despreocupado e afrouxa a gravata azul-claro, parecendo confortável. — Mas quero falar sobre a vaga de Elizeu com você. Sabe que ele pediu transferência? Creio que em um mês irá sair ou menos, até.

— Sim, todos sabemos, inclusive, estamos organizando uma despedida para ele.

— Sei, sei. E eu soube que se inscreveu para a vaga dele também.

— Sim, é uma oportunidade, algum problema? — O silêncio permanece por poucos segundos, seu olhar vazio não me diz nada.

— Não, você já está desbloqueada mesmo. — Dá de ombros. — Mas

aparentemente o fato de não ter terminado o nível superior pode interferir, sempre tem outros candidatos mais qualificados para o cargo, falo com relação a nível superior.

Merda, eu sabia que ia me foder largando a faculdade dois períodos antes de terminar, e por quê?

— Bem, se serve de algo, eu reabri a matrícula, já voltei a cursar... — falo, cheia de mim.

Balela... não voltei, mas posso fazer isso hoje mesmo, se ele disser que tenho chances reais. Não estou bem no quesito dinheiro, mas daria um jeito.

— Hum... talvez sim. Recebi uma ligação do superintendente estadual, uma ligação não muito boa. Cobranças, não estamos batendo nossas metas anuais, como sabe, estamos longe e o ano já está se findando. O que quero dizer, é que caso consiga a vaga, não sei se posso contar com você para elevarmos o nível da agência.

Chego a apertar os olhos, tentando entender aonde quer chegar.

— Eu não entendi, chefe! Geralmente, não fazemos um tipo de entrevista, antes de tomar posse de qualquer novo cargo.

— Sei que não e não encare isso dessa forma. Você já está aqui, na agência, seria bom para a equipe ver alguém crescer, porém, está mesmo pronta?

— Sim, claro que estou. Antes de vir para cá, como caixa, exercia a mesma função de Elizeu na agência anterior. Conte comigo. — Tento meu melhor comercial, sei do meu potencial.

— Sei que precisa do cargo, Mônica, e quero ajudar, mas antes vou pensar, junto a Marcelo, quem será melhor para o nosso crescimento, espero que entenda, caso não seja escolhida.

Fico estática, buscando palavras.

— Chefe, me desculpe, mas isso é algum tipo de intimidação?

— Não, de forma nenhuma, não veja assim. Só estou sondando. Tomei

a responsabilidade de elevar o nível desta agência e irei trabalhar para isso, só quero uma equipe que faça o mesmo.

— Claro... eu espero, chefe, que acreditem no meu potencial, sei que posso fazer muito — falo, sentindo um frio na barriga, como se já soubesse que não serei escolhida.

Rômulo tomou posse na agência como gerente geral, não tem muito tempo, pegou uma agência mal das pernas, pequena e quer mostrar serviço, até entendo, mas essa conversa parece ter sido para me preparar para quando outro alguém tomar posse do lugar de Eliseu. Troco o peso de uma perna para outra, esperando uma resposta em seu rosto impassível.

— Bom, é isso. Pode voltar ao trabalho e boa sorte.

— Obrigada, chefe, conte comigo para o que precisar.

Dou-lhe as costas e saio, apressada, de sua sala, o salto alto reverberando na cerâmica branca.

Droga, droga. Eu não vou conseguir, não é? E eu preciso muito de um aumento de salário.

Fiquei feliz quando Eliseu foi transferido para outro banco, para uma vaga melhor, feliz por ele e sua família, também pela pequena chance que surgia para mim. Me inscrevi para preencher sua vaga assim que pude, acho que fui a primeira. Rio sozinha, que piada!

Bufo, impaciente, inconstante. Estava contando que conseguia, já estou aqui, tenho experiência, por que não? Só não esperava que o gerente pudesse embaçar o meu caminho, porque convenhamos, depois dessa conversa sem sentido, é claro que não vai rolar.

Sinto-me cansada, resultado do trabalho, de dias desgastantes, estressantes. Trabalho, é assim que tenho tentado passar o meu tempo e não pensar no passado, mesmo que seja impossível esquecer, não lembrar.

Passo a mão em meus cabelos e sei que estão bagunçados, os cachos revoltos caindo até abaixo do meio das costas, me fazendo suar em bicas. Prendo-o, querendo mais ar, respirar.

Vou direto à minha mesa e, com pressa, coloco minhas coisas na bolsa caramelo, já surradinha e olho André ao meu lado, meu melhor amigo, também caixa.

— André, já terminou o atendimento?

— Já sim, *tá* a fim de ir comigo tomar um cappuccino na esquina, antes de ir pra casa?

Ao ouvir, sinto até o gosto da bebida em minha boca, mas hoje não é um bom dia. Quero casa.

— Hoje não, amigo. Fica para a próxima.

— Como assim? Não acredito que vai dispensar um convite desse? Eu pago, menina... — oferece, gentil, mas seu sorriso minimiza quando me olha. — Por que essa cara? Não vai me dizer que é porque hoje, completariam nove anos de namoro, se ainda estivessem juntos, *né*?

Nego com veemência.

— Não, não é — minto, ao menos em partes, a data mexe, sim, comigo. — Quer dizer, o dia de hoje não deixa de ser um lembrete dos anos que perdi, estando ao lado de um homem que não me amava. Não dá *pra* esquecer disso.

— Para, Mon. Já faz um ano, amiga, supera.

— Já superei, mas isso não quer dizer que esqueci e não quero falar disso, nem aqui é o lugar. — Até suspiro, um tanto decepcionada com a conversa há pouco. — Só *tô* a fim de chegar mais cedo em casa e descansar, só isso, amigo.

— *Tá*, sendo assim, tudo bem. Vou te deixar ir embora e se cuida. — Recebo um beijo seu, retribuindo seu carinho, saindo em seguida em direção às portas giratórias, me despedindo de um ou outro pelo caminho.

O vento quente me pega em cheio quando alcanço a calçada e me permito enfim respirar, aliviada, mais uma semana cheia acabou.

Olho para ambos os lados da rua, e neste momento, eu daria tudo para

ter meu carrinho comigo agora, poder ir para casa sem precisar ver mais ninguém hoje. Enquanto isso, vou passando em minha cabeça toda a conversa que acabei de ter com Rômulo. Ele parecia querer me intimidar, ou é coisa da minha cabeça.

Talvez eu ainda tenha chances, essa conversa não quer dizer nada, não define nada.

Bom, nem tudo é perfeito, quer dizer, faz um tempo que não o é, mas não é o fim do mundo, também não posso ser tão pessimista, não é? Atravesso a rua e vou pela calçada em busca do metrô, ainda assim, me sinto incomodada quando desço as escadas da estação, sentindo certa decepção comigo mesma, por ter procurado estar nessa situação, por não ter sido mais paciente.

Espero na fila da estação e não deixo de pensar que talvez, se eu tivesse continuado na minha cidade, eu já teria pegado uma gerência ou ao menos teria continuado no mesmo cargo de antes, com o mesmo salário. Sem estar em situação crítica financeiramente.

Chega disso, não adianta chorar pelo leite derramado, fiz uma escolha, vou arcar com as consequências da minha covardia.

Dou graças aos céus pelo horário e pela rapidez que pego o metrô, relaxando ao estar longe de todos.

Fecho os olhos e me recosto na cadeira, segurando firme minha bolsa em meu colo. Respiro fundo. Há um ano e meio, quando fui deixada praticamente no altar, eu não quis mais continuar na cidade em que morava, por N motivos. Não pensei, só agi, e acabei vindo parar aqui, ganhando menos, endividada e tendo que me refazer. Não me arrependo, foi o melhor, porém, às vezes se torna tão difícil, tão pesado.

Abro os olhos ao chegar à minha estação, dei sorte de encontrar um apartamento próximo ao trabalho, bem localizado e de bom valor, dez minutos de metrô e já estou quase em casa.

Ando mais um pequeno pedaço até chegar ao meu prédio, me sentindo aliviada, estou em casa. Cumprimento o porteiro com um aceno rápido, sem

ânimo para uma usual conversinha e vou em direção às escadas. Geralmente sou dessas que gosta de jogar conversa fora, mesmo morando há pouco tempo aqui, mas hoje não é um desses dias.

Subo as escadas, dando graças ao divino por morar no segundo andar, já que não temos elevador, e vou em direção à minha porta no fim do corredor estreito, já tirando meus sapatos.

Um latido!

Levanto a cabeça com rapidez, procurando de onde isso saiu e me deparo com um monstro.

Um monstro grande, da raça pitbull me olhando, babando e passando a língua na boca, como se estivesse frente a uma gostosa refeição. Paraliso, olhando o bicho branco com pintas pretas pelo corpo gordo, que começa a andar em minha direção, se balançando todo como se fosse se desmontar inteiro em minha frente.

Tremulo.

Emudeço!

— Calma, cachorrinho! — falo, colocando minha bolsa à frente do corpo, como se para me defender do cachorro dinossauro.

Outro latido!

Mais baba!

O medo vem e me viro com rapidez, abandonando os sapatos pelo chão e correndo, tentando chegar à minha porta. Me atrapalho por conta da saia lápis e a ouço rasgar, mas não paro até que...

Sou lançada para frente, o golpe vem às minhas costas e caio como uma abóbora madura no chão, me despedaçando e indo de cara, ou melhor, de nariz na superfície dura. Urro de dor, urro mesmo, sim, pois isso não foi nada feminino.

Meu nariz lateja, líquido escorre por entre meus dedos e me viro, me contorcendo com a dor.

Não tenho tempo para nada, quando sinto a coisa peluda sobre mim, fuçando e parecendo procurar o melhor lugar para morder. Me encolho e cubro meu rosto com meus braços, gritando e me esperneando para que o monstro não me mate, enquanto parece que meu nariz está sendo arrancado. Quanto mais eu tento, mais ele gruda os dentes em minha bolsa.

— Gamora! Pare, Gamora, vem já aqui! *Put a que pariu.* — Uma voz grossa, rouca, reverbera e eu choro. De alívio e dor, muita dor.

Sento-me o mais rápido que consigo quando o bicho é arrancado de cima de mim com força, e tenho os cabelos sobre a cara, a saia quase em meus seios, desgrenhada e rasgada. Não enxergo nada direito e me levanto, fungando, o sangue vindo à minha garganta e escorrendo por meus dedos, quando tento parar o sangramento, melando a camisa branca social, agora rasgada.

Movimentos, briga, latidos e uma porta batendo. Mal vejo, olhos lotados de lágrimas.

Devo ter jogado pedra na cruz, na cruz não, em Jesus...

Pego a bolsa que escorrega de minha mão. Merda!

A pobre está esstraçalhada, nem existe mais alça. Volto a segurar em torno dela, a vontade de chorar sendo insuportável, o nariz latejando e alguma parte do meu corpo ardendo.

Praticamente corro até minha porta, ouvindo barulho em algum lugar e não paro para descobrir. Tateio o bolso de fora do farrapo que era minha bolsa, em busca de minha chave.

— Vizinha. Vizinha, me desculpa, foi um minuto de distração minha e ela saiu. Gamora é dócil, provavelmente quis brincar. — A voz rouca, vem se aproximando às minhas costas e não me viro, tento abrir minha porta com ainda mais rapidez. Quero fugir, me esconder. — Por Deus, você está sangrando?

— E o que esperava? Aquele monstro queria me devorar, seu idiota, seu descuidado. Ela quebrou o meu nariz com aqueles dentes de leão, dócil só se for com você — esbravejo, me segurando para não chorar, sem querer

olhá-lo. Eu não choro, não na frente de ninguém. — E deixe esse animal raivoso longe de mim, ou farei a reclamação à polícia ou ao *caralho* a quatro — falo e consigo enfim abrir minha porta.

— Desculpa, me deixa ao menos...

Não espero, entrando em casa e batendo minha porta.

Jogo a bolsa no chão e busco o banheiro. Eu só quero me esconder, aquele monstro quebrou o meu narizinho perfeito!



Mônica

2

Meu refúgio.

Um final de semana perfeito, com direito a guloseimas, Netflix e hibernação. Ah, e claro, um nariz quase fraturado, essa parte não está incluída no “perfeito” é claro.

Não, não chegou a quebrar, como eu imaginei, mas machucou e muito com o tombo, devido ao cachorro dinossauro. Mas não custa nada exagerar um pouco, sangrou para burro.

Tive, inclusive, que usar, pela primeira vez, meu kit primeiro-socorros, enquanto o troglodita dono do dragão batia em minha porta, chamando-me, enquanto eu ia me esvaindo em sangue.

Exagero? Talvez, mas qual é, me deixem exagerar, quase fiquei sem nariz.

Após os primeiros cuidados e de conseguir estancar o sangramento, fui para debaixo do chuveiro tentando me acalmar, estava tremendo como vara verde e não era para menos.

Passei minutos de dor, desânimo e humilhação que escorreram pelo ralo e, por fim, com o nariz um tanto inchado e latejando, após o banho eu

voltei para o quarto e me joguei em minha cama, tentando entender o que tinha acontecido. Toda aquela sucessão de merda em um único dia.

Já ele, o vizinho, sem ter atenção não voltou a bater ou a me chamar, graças a Deus, ou teria eu mesma saído e dado com o resto da minha bolsa em sua cabeça.

Em compensação, no dia seguinte, achei uma caixa de chocolate, dessas caras, suíços, deixados em minha porta quando saí para comprar pão e sorvete.

Pensei em jogar fora quando vi o perfeito embrulho, não nego, mas tinha um cartão com um: “*Sinto muito*”, e eram chocolates. Não que eu tenha perdoado a ele ou ao monstro que me atacou, mas o chocolate deixou meu dia mais doce, confesso.

E no decorrer do fim de semana, ao devorar cada um dos chocolates deliciosos, sozinha, não pude deixar de olhar para o dia horrível que tive naquela sexta, a começar pela apelação lastimável do meu gerente *filho da puta* e ao terminar o dia com um quase nariz quebrado.

Quanta sorte. Desde então, apenas me permiti me afundar sozinha em meu sofá, com um belo e delicioso pote de sorvete e, claro, chocolates.

Por falar nisso, tenho que começar minha dieta na segunda, ou melhor, na terça, pois ninguém começa uma dieta no feriado.

Suspiro e jogo as pernas para cima, pendurando no encosto do sofá, pegando mais um chocolate e jogando na boca, mudando enfim de posição enquanto assisto a mais um episódio de Outlander. Chego a suspirar ao ver o protagonista, quase como uma apaixonada adolescente.

Estou tão presa ao que assisto, que quando um barulho seco ecoa pelo meu apartamento, salto no lugar, me sentando, alerta. É alguém batendo à porta. Mas quem diabos é?

Dou de ombros, não importa. Posso simplesmente fingir que não tem ninguém, certo? Perfeito.

Volto a me deitar e quase suspiro.

— Pode parar, vaca, a gente sabe que você *tá* aí! — Ouço a voz histérica de Isabella soar alto no corredor e me ponho sentada novamente.

Mas que inferno, ela não estava de plantão?

E contra ela, minha melhor amiga, eu não posso lutar, digo, fingir que não tem ninguém. Eu não contava com companhia, mas em todo caso, vai ser bom ter alguém para assistir comigo a série que está se tornando umas das minhas favoritas, além de poder fofocar.

— Anda, garota. Não adianta fugir, a gente não vai sair daqui, enquanto não abrir essa porta.

Ela disse: *a gente*?

Não tenho tempo de pensar sobre essa fala, pois ao abrir a porta me deparo com uma Isabella linda, montada em um vestido de noite colado ao corpo, perfeito, maquiada e em cima de um salto 15, dourado, e ao seu lado, um André vestido em estilo pop, de cor verde-militar. Ambos me olhando com um sorriso de orelha a orelha.

— Que invasão alienígena é essa? — Mal falo e sou quase carregada por uma Isabella que sai me arrastando pelo braço, me soltando apenas quando enfim estamos dentro do meu quarto.

Não que seja algo difícil me arrastar até aqui, dado que meu apartamento é uma sala conjugada com o que chamam de cozinha, com apenas dois metros de largura ao qual mal cabe minha geladeira. O outro cômodo é meu quarto e banheiro. E não estou reclamando, na verdade, é ótimo para limpar.

— Vamos sair, uma boate nova — anuncia ela, com a corda toda. — Não tão nova assim, uma reinauguração para ser exata e arrumei três convites na área vip para nós. Olha que sorte — fala, jogando o cabelo longo, negro, de lado.

Reviro meus olhos, enquanto ela não me dá moral alguma, indo em direção ao meu guarda-roupa pequeno, no canto do quarto, abrindo e já vasculhando em meio às minhas roupas.

— Você não estava de plantão, Bella?

— Estava, mas troquei. Hum... esse é legal, *né*, Dé? — pergunta, com um vestidinho de festa vermelho em mãos. Fingindo que nem estou aqui.

— Ah, vai ficar divino com aquela sandália de tiras, lembra? A que te dei no teu último *niver*, Mon.

— Gente espera. — Paro os dois, que me olham já esperando uma negativa. Eles me conhecem. — Bella e André, eu agradeço, mas hoje não tem quem me tire de casa e falo sério. Tirei este final de semana para mim, apenas comida, séries e cama.

Ela nem me olha, tem os olhos agora em uma saia tule, curtinha, analisando a peça em suas mãos.

— Como em todos os finais de semana, *né*? Há quanto tempo não sai? Um ano? Desde que o idiota te deixou quase no altar? — Bingo!

Delicadeza não é bem o seu forte.

— Isso não vem ao caso, Isa.

— Vem sim, senhora — André acusa. — É isso, ou nos contar por que saiu daquele jeito da agência, na sexta, e não me atende *pra* dizer o que aconteceu.

E lá vamos nós.

— André, era *pra* me ajudar e não, não quero falar disso! — peço e ele nega.

— Desculpa, amiga, mas não dá, estamos preocupados e Isabella tem razão.

— Eu estou bem, passei mal na sexta e vim embora, só isso.

— Ah, para. Vamos sair, isso aí no meio das suas pernas deve ter criado teias de aranha! Precisa desapegar, procurar uma rola *pra* sentar e se satisfazer, sair deste apê. *Pelamor*, amiga!

— Gente, estão se esquecendo que eu saí, sim. Fui à confraternização

da nossa agência, por exemplo. — Os dois nem ao menos me levam a sério. — E teve o almoço na casa da sua mãe, Isa.

— Não conta, não tinha macho *pra* te pegar de jeito e fazer você esquecer o pau murcho do Neto!

— Isso eu concordo — André se mete. — Ah, Deus não dá asa a cobra, se eu tivesse uma periquita... meu amor...

Isabella gargalha, jogando a saia sobre a cama e pescando um cropped caramelo em minha gaveta.

— Esse look vai ficar ótimo. Cadê aquela clutch preta que te dei, no seu aniversário?

— Gente, para. Para um minuto. Eu não vou sair daqui! — Estou decidida, porém, aparentemente, há uma Isabella bem mais decidida que eu neste quarto!

Ela chega a suspirar, joga a bolsa sobre a cama e vem até mim, que estou parada próxima à porta do meu quarto. Isa abandona qualquer nuance de humor, séria e segura meus ombros, me olhando bem de perto.

— Escuta o que eu vou te dizer, Mônica Maria, pois eu não vou repetir. Eu achei que seis meses, seis meses seria suficiente para eu ter a minha amiga de volta, aquela garota feliz, *pra* cima, que adorava uma baladinha de final de semana, festa na casa dos amigos, fosse um simples almoço, claro, isso antes de conhecer o traste do Neto. Mas não, já se passou mais de um ano desde que você se livrou daquele verme e eu apenas assisto a você se afundar mais e mais em autocomiseração por causa de um homem que sequer chegou a te merecer isso aqui. — Ela mostra metade da unha do dedo mindinho. E minha amiga não está errada e me desestabiliza. — Você mudou, e não acho isso ruim, pois por partes você amadureceu, nós duas amadurecemos e você aprendeu uma dura lição, mas se fechar *pra* vida assim, como está fazendo, com medo do amor, não é certo. Chega, amiga.

— Não é medo do amor, Isa.

— Não? Já disse isso olhando *pra* si mesma, frente ao espelho?

Engulo em seco e olho de relance André, agora sério, sentado em minha cama.

— Há quanto tempo não fica com alguém, Mon? Que seja apenas sexo?

Um ano e alguma coisa... e meu último homem foi exatamente o meu ex-noivo. Não voltei a tentar nenhum relacionamento após o rompimento do noivado, nem mesmo apenas sexo, não me abri novamente para ninguém e nem pretendo. Não sei se é medo do amor ou simplesmente decepção, só não tive vontade de sair, conhecer pessoas, nada. Assim que tudo acabou, eu me mudei para o Rio e me afundei no trabalho e em casa, deixei a faculdade, pois nem mesmo isso eu conseguia mais pagar e estou assim até o atual momento. Estagnada!

E, sim, já pensei nisso muitas vezes. Pois sou humana, sinto carência, às vezes me sinto sozinha demais, já chorei a noite sem nem saber ao certo o porquê o fazia, apenas por solidão. Mas não me sentia pronta para voltar a sair, dançar, conhecer gente nova, transar, e vendo Isa falar dessa forma, da ótica que todos veem a situação, é desesperador o buraco em que me enfiei.

— Eu não tenho grana, Isa. — Busco, por fim, uma desculpa aceitável.

Não é mentira, não tenho mesmo. Tenho sorte por meu trabalho me dar direito a um bom vale-alimentação, que dá conta da minha despesa mensal. Pois parte do meu salário vai para pagar um empréstimo que fiz para a festa do casamento, que não aconteceu, e a outra parte uso para manutenção da casa. Por isso, busco subir de cargo, para que eu consiga ganhar um pouco mais, a fim de voltar para a faculdade.

— Pare, amiga. Eu pago. Ou melhor, os *boys* pagam... O que não vai faltar é bebida, acredite. Agora anda, tome um banho e coloque essa roupa matadora que eu escolhi *pra* você. Hoje vamos te livrar das suas teias de aranha! Além do que, daqui há dois dias estarei de férias, irei viajar e ficar longe de vocês uns dias, portanto, vem, vamos passar um tempo juntos, nós três, como nos velhos tempos.

Eu sorrio de forma amarela, me convencendo e tentando ter o mínimo de animação, além de aceitação, para a mudança de planos.

Chego à conclusão de que sim, Isa tem razão. Eu não era assim, gostava de sair, me divertir, dançar, conhecer pessoas, por que isso mudou? Deveria ser o contrário. Após ser deixada quase no altar, eu deveria ter dado a volta por cima e ter saído por aí, tentando esquecer aquele infeliz, não dando, mas distribuindo e obtendo ao menos prazer.

Vamos mudar isso.

— Vocês venceram. — Saio pegando a toalha próximo à cama e vou para o banho, ouvindo-a bater palmas atrás de mim.

— Não se esquece de bater o barbeador no azulejo, amiga, deixa a periquita preparada! — André se faz ouvir e chego a gargalhar, fechando a porta do banheiro.

Uma transa, gozar gostoso, não seria nada mal. Seria o início de uma vida promíscua de diversão e prazer. Já que nem mesmo um vibrador solo eu tenho para momentos de estresse.

Quer saber, hora de mudar isso!



Gente bonita, ambiente gostoso e bebida, muita bebida e esse é um resumo perfeito das últimas horas em que passei aqui na boate.

Começo a imaginar que não foi uma ideia tão ruim assim ter vindo, na verdade, não foi ruim de jeito nenhum. Ou é a bebida falando, o que seria mais assertivo. Fato é que estou me divertindo com esses dois, e muito.

Estou em pé próximo ao parapeito da área vip, segurando a grade com uma mão, enquanto tenho uma taça transparente na outra, com um líquido azul ardido, não sei o nome, sei que é muito bom. E aproveito a vista privilegiada que o lugar me dá, observando as pessoas dançando na pista, deixando a música levar meu corpo ao som de Glória Groove e a essa altura me sinto muito leve.

— Menina, vê se disfarça. — André gruda em meu ouvido, a mão em

minha cintura. — Olha, aquele deus de grego de camisa preta ali do lado, um pão, e não para de olhar tua bunda.

Eu rio, provavelmente o álcool já está a mil em minha cabeça. Foram quantos desses drinks azulzinhos? Nem sei mais, mas teve muitos, além da caipirinha. Estou mais solta que pipoca.

Busco a direção em que meu amigo disse que eu encontraria o homem e é fácil saber de quem fala, já que só ele usa preto junto aos outros três caras e assim que o olho, seu olhar encontra o meu. Sendo sincera, seria fácil de percebê-lo em qualquer situação, não é exagero dizer que o homem é um verdadeiro deus grego...

Não me faço de rogada, vamos colocar a culpa disso na bebida, e passeio meu olhar por seu rosto, em um interesse minucioso.

Agora, sabe aquele cara com expressão de macho? Macho alfa, safado? Pois é, é esse o exemplar que tenho à frente, minhas amigas, chega a dar *siricutico* no meio das pernas.

E o que o faz ser tão perfeito? Bem, o alfa delícia tem rosto quadrado, perfeito, marcado por uma barba bem aparadinha, reta, que emoldura uma boca rosada carnuda, bonita, chegando ao ponto de me fazer imaginar mordê-la. Eu poderia gemer só de imaginar. Como complemento tem um nariz reto, médio e os olhos, não sei bem a cor, mas não são escuros e o cabelo é cortado curto, quase militar, e mãe da misericórdia... quando ele sorri, olhando diretamente para mim, sinto minha calcinha molhar, sinto tesão, tesão mesmo e sabem há quanto tempo não sinto isso?

Não demoro a retribuir o sorriso, mudando meu foco, descendo meu olhar por seu tórax, por seu corpo.

E uau.

O homem deve ser piolho de academia, o que me faz pensar que talvez lhe falte um pouco de cérebro.

Ok, é até preconceito dizer isso, não é regra e isso pouco me importa agora, ele só precisa ter um pau e saber usá-lo. E não perco tempo em admirá-lo mais um pouco. Seus ombros são largos, com um peitoral marcado

pela camisa de malha preta, assim como a calça deixa bem à vista suas pernas musculosas.

Putá que pariu!

Deixo de olhá-lo, sentindo o rosto esquentar e volto a focar a pista de dança, tomando um gole da bebida ao buscar Isabella que saiu há pouco para ir ao banheiro. Sei, banheiro...

— E aí? Gostou do gostoso?

— Bonito... muito bonito — respondo a André, quase sem fôlego, após babar em cima do moço

— Me poupe, garota. Bonito? O cara é um tesão. Vai lá, menina, caí em cima, amiga. *Tipo*: opa, escorreguei em cima da sua rola, desculpa, *tá*? Mas pode me comer?

Eu não aguento e gargalho alto, ainda mais por ver a cara que ele faz, deliciado, ao falar sobre cair em cima de uma rola. Ele não existe.

André é gay, com muito orgulho como deve ser, também meu melhor amigo e confidente, além de Isabella. E ele é uma das melhores pessoas no mundo.

Ele não é alto, uma estatura média, magro e careca, desistiu do cabelo há algum tempo, pois não suportava as entradas. Dono de um sorriso lindo e de dentes perfeitos, meu amigo foi quem me estendeu a mão no meu pior momento, junto à Isa. Foi na casa dele que fiquei quando deixei tudo para trás e vir embora para o Rio, pegando uma vaga de caixa na agência que trabalho hoje, tudo para fugir de Neto.

Mas não vamos por esse caminho agora, não é?

— Você não existe, Dé.

— Eu sei. Ah lá, olha o *boy* vindo — fala em cochicho e eu congelo. — Fica aí e cai em cima. Vou arrumar um *pra* mim agora, *tô* de olho em um carinha logo ali.

— Não, André. Eu não disse que queria. — Seguro seu braço, quase

implorando com o olhar.

— E precisa? Olhou *pra* ele direito? Tá implícito, vaca. Agora é tarde, cai de boca ou de boceta e seja feliz, você que sabe!

Pega de surpresa, no mesmo instante que o vejo sair, sinto alguém se aproximar às minhas costas, na mesma medida que um perfume forte e amadeirado me alcança e um arrepio gostoso sobe por minha coluna, quando lábios roçam minha orelha de leve, sem encostar de fato. Paraliso.

— Boa noite, morena. Acompanhada? — A voz grossa, rouca, reverbera bem no meio das minhas pernas, apesar de estar falando em meu ouvido e causar uma pulsação deliciosa. Tinha me esquecido do quanto é bom.

Que bicho da safadeza tinha nessa bebida que tomei?

Viro-me e o encaro, minhas amigas, posso ver a cor dos seus olhos e são verdes, perfeitos e é muito mais bonito assim, de pertinho.

— Boa noite e não, não estou acompanhada, vim apenas com meus amigos — respondo, um tanto animada demais para o meu próprio gosto.

Vamos culpar a bebida novamente e não os olhos verdejantes aqui, parado à minha frente, fazendo minha libido molhar toda a minha calcinha. O gostoso sorri, charmoso, e sua mão segura a barra de ferro ao lado da minha, enquanto ele se aproxima para falar em meu ouvido, acima da música.

— Então posso te fazer companhia?

— Fique à vontade. — E tem tanto tempo que não faço isso, que fico até sem jeito.

Mudo meu olhar, tentando algo para me ocupar que não seja seu belo rosto e noto que até mesmo minha taça já está vazia e ele também percebe, pegando a taça da minha mão e pedindo outro drink, não demorando a voltar sua total atenção para mim novamente.

— Me chamo Benjamin e você?

Abro minha boca para falar Mônica, mas por que dar nomes se será só

uma noite? Pois se algo realmente acontecer, será apenas isso, então, melhor que não tenha nomes, não o verdadeiro.

— Erica, me chamo Erica.

Uma sobrancelha grossa é erguida ao me ouvir e um sorriso sedutor é aberto. Eu poderia julgar por esse olhar desconfiado que fui pega na mentira, mas sua expressão suaviza aos poucos.

— Gostei do nome, combina com você.

Sorriso, nunca fui muito boa nessa de flertar, sempre falava demais, mostrava sentimento demais e o cara acabava correndo.

Tive *namoricos* na adolescência para tirar a prova, uns pegas no meio de baladinhas na escola, mas daí veio Neto. Ele foi o meu primeiro em tudo. Pasmem.

Ou seja, na arte da sedução, eu deixo a desejar. E isso dá trabalho, a julgar pela forma que Benjamin me olha. Será que é mesmo esse seu nome?

Ele parece esperar que eu diga algo, que claro, não vem e minha taça com o líquido azulzinho me é entregue e eu bebo, disfarçando minha total falta de trato, sabendo que já passa da hora de parar também de beber. Afinal, nunca fui forte para bebida.

Volto a ficar de costas para ele, deixando meu corpo pegar o embalo da música novamente, estando ciente do homem atrás de mim e procuro displicente por meus amigos lá embaixo.

André está ensandecido em meio à pista de dança e ao olhar de forma mais minuciosa, vejo Isa espremida em uma parede, sendo beijada por um cara que mais parece um polvo. Quantas mãos ele tem?

E por falar em mãos, dou um pulinho quando uma mão, bem grande, permeia minha cintura e um tórax forte, musculoso *pra caramba* se cola às minhas costas, sua boca alcançando a pele atrás da minha orelha.

— Fiquei parte da noite me perguntando se notaria minha presença, enquanto te observava se mover assim, no ritmo da música, estava extasiado te olhando. — E ao dizer, a barba arranha minha pele, enviando um arrepio

até minha coluna e mordo meu lábio instintivamente. — Quero sair daqui acompanhado por você esta noite.

Fico surpresa e não me seguro, me viro para ele, e buscando um atrevimento que não sei de onde vem, enlaço seu pescoço, sorrindo de uma forma que acredito ser sensual.

— Direto, gosto disso.

— Sempre, não gosto de rodeios, Erica. Se quero, vou lá e pego, isso, se você também quiser, é claro. O que acha? A única pessoa que me interessa esta noite é você.

Gosto do que diz e, talvez, movida por uma falsa segurança, dado que não lhe dei meu nome, encosto meus lábios nos seus e, sim, tomo a iniciativa.

De início, sinto apenas uma pequena corrente elétrica passar por meus lábios ao tocar os seus, para, em seguida, senti-lo degustar minha boca com o toque suave de sua língua em meus lábios. Sua mão alcança minha nuca, como para me segurar no lugar e sua língua passeia com mais deleite pela minha, testando, até se afundar em minha boca.

Eu gemo, perdida em seus lábios e chupo sua língua, minhas mãos procurando os fios curtos dos seus cabelos, tentando mais contato, mais aproximação, estando no limite.

Benjamin diminui o contato, me dá um beijo cálido e então se afasta, os olhos agora meio escurecidos, talvez de desejo.

— Vem comigo?

— Agora?

— Eu não tenho por que esperar mais.

Rio, e olho em volta, vendo André no mesmo lugar na pista de dança. Eu iria? Agora, sem nem ao menos conhecê-lo? A resposta não demora a pular da minha boca.

— Vamos, temos só que avisar meus amigos.

— Por mim, tudo bem. — Dá de ombros e eu apenas sorrio, me

achando louca.

Saímos juntos, ele na frente, segurando minha mão e nos guiando entre as pessoas, até chegarmos à pista de dança.

— André — chamo, pegando em seu ombro e ele para, parecendo surpreso e então sorri em puro deboche, com uma pitada de orgulho ao ver o homem ao meu lado. — Estou saindo com o Benjamin.

— E vão *pra* onde? Ah, não deve saber ainda, mas assim que chegar, me liga e passa o endereço — pede ao meu ouvindo e eu confirmo, enquanto ele não tira os olhos do meu acompanhante. Também pudera. — Arrasa, bandida.

— Tá bom, avisa a Isa. Te passo uma mensagem assim que chegar lá.

Despeço-me e, gentil, Benjamin me coloca à frente de seu corpo, enquanto vamos passando pelas pessoas aglomeradas, em uma junção de corpos suados sendo envolvidos pela dança, tentando alcançar a porta de saída. Sua mão sem deixar de acariciar minha barriga por um momento sequer.

Sigo com minhas costas coladas ao seu peito e é impossível não sentir um certo volume roçando minha bunda. O que me faz imaginar coisas, minha vagina chega a pulsar em excitação, afinal, esse será o segundo pau que eu vou me sentar na vida e parece ser de um tamanho bem satisfatório.

Deus do céu, o que a bebida pode fazer com um ser humano?

Sinto-o beijar meu pescoço e fico mole, quase ao ponto de tropeçar e ir ao chão, se não fosse sua mão em minha cintura, me amparando, sua boca se arrastando por minha pele, alcançando minha orelha, mordendo-a. Quase gemo.

É com a calcinha encharcada que saímos pela porta e o ar frio da noite nos brinda de forma bem-vinda e, antes que eu dê mais um passo para o estacionamento, sou puxada e prensada contra parede da boate.

De olhos arregalados, vejo Benjamin me olhar com certo sarcasmo e sorrir, convencido, cheio de si, para em seguida seus lábios tomarem os

meus, intenso, apressado, com paixão e eu retribuo na mesma medida, sentindo-o resvalar sua virilha em mim, mostrando parte do que me espera e me excitando ao extremo, fazendo com que eu até mesmo anseie por tê-lo.

Quase reclamo quando ele se afasta, abrindo meus olhos devagar e mergulhando em seu olhar.

Isso é perigoso, certo? Sei que é, afinal, não nos conhecemos. Porém todos nos viram há pouco juntos, inclusive, meus amigos e assim que eu chegar aonde iremos, passarei a localização para André. Então, tudo certo ou assim espero.

— Vem, vamos sair daqui.

Muda, apenas concordo, vendo-o segurar minha mão e me guiar até onde seu... Opa. Paro, sem dar mais um passo quando ele me solta e vai em direção a uma moto. Dessas grandes e robustas, de cor verde com preto.

— O que foi? — pergunta e parece divertido com minha expressão.

— Você está de moto?

— Estamos, na verdade, já que irá comigo.

— Não vou, não. Não vou montar nisso aí, ainda mais porque você bebeu! — acuso, mesmo não o tendo visto fazer isso.

E minha negativa não parece causar nenhum efeito no gigante, que tira um segundo capacete que não sei de onde saiu e se aproxima de mim.

— Não sou tão irresponsável quanto pensa, morena, ou quanto minha cara pareça, mas eu não bebi. Um redbull apenas, pois vim pilotando. Prometo ir devagar e com cuidado. Juro, está segura comigo — fala, calmo, quase cuidadoso.

Olho dele para a moto, umas três vezes, fazendo um sorriso aberto nascer em seu rosto, deixando o infeliz lindo de morrer.

Gente, eu nunca andei de moto. Como que pode?

Não, eu não vou... Se bem que o cara está aqui, não parece ter bebido, é bonito, cheiroso, gostoso... quer dizer, ao menos beija bem e tem pegada.

Então, acho que vale a pena arriscar, não é?

— E para onde vamos?

— Um motel, não fica longe — responde, confiante, colocando o capacete em minha cabeça e o abotoando, sem margem para erros ou desistência.

Algo me incomoda em sua fala, minhas pernas bambeiam e quase nego, mas me mantenho firme. Talvez seja por ele saber que o tal motel não fica longe, o que indica que já fez uso do local.

Mas *foda-se*, uma noite apenas, não foi o que eu disse? Pois, bem.

Benjamin monta na moto e a liga, fazendo o motor zunir alto, estendendo a mão para trás, para me auxiliar a montar. Aceito, e a discrepância de tamanho e como fico totalmente apoiada em suas costas ao me sentar é desconcertante e, ao mesmo tempo, providencial.

— Pronta? — pergunta, antes de colocar seu capacete.

— Completamente.

E hoje teremos, sim, uma noite quente de sexo!



Mônica



Um doce engano

Frio, sinto frio e puxo o lençol que está abaixo da minha cintura, resmungando por ele ser muito fino, por sinal, cobrindo até meu pescoço e me empoleiro no calorzinho bom que sinto ao fazer isso.

Colo-me ainda mais ao corpo quente ao meu lado, sentindo o peso de um braço sobre minha cintura, o perfume amadeirado a encher o ambiente, enquanto o aperto que recebo funciona de forma protetora ao meu redor, por assim dizer.

Deixo um suspiro escapar, tentando me entregar de volta ao sono, uma delícia de sono, aliás.

É quando um alarme acende em minha cabeça, como um grande e medonho botão vermelho fluorescente em uma sirene e abro meus olhos, me arrependendo em seguida pela dor que sinto e voltando a fechá-los com certa força.

E me dou conta de várias coisas ao mesmo tempo.

Minha cabeça lateja.

Eu não estou em meu quarto, em minha casa.

Tem um homem ao meu lado.

E estou completamente nua.

Ah... também estou de ressaca, a julgar pelo gosto ruim que toma minha boca. Flashes da noite de ontem dispararam em minha mente, lembrando-me de que bebi todas e agora, não é só ressaca da bebida que sinto, mas também uma grande ressaca moral. Que droga eu fiz?

Volto a abrir meus olhos, piscando várias vezes, sentindo poucas lágrimas nascerem nos cantos devido à claridade, mas tentando me situar. De forma mais imóvel possível, levanto meu rosto, devagar, sem querer, de

maneira alguma, acordar o homem deitado ao meu lado.

Eu transei ontem? Com esse cara?

Meu senhor... tapo meu rosto com as mãos, guardando a imagem do braço forte agarrado a mim, tentando me lembrar de como vim parar em um quarto de motel com um estranho.

Tiro a mão do rosto e fixo meu olhar no homem ao meu lado, não querendo acreditar que me deixei levar pela bebida e pela ideia idiota dos meus amigos.

Olhando-o, balanço a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse processando algo e, ao menos, ele é bonito...

Porra nenhuma, isso nem conta, eu não conheço esse cara, nunca o vi na minha vida e em uma noite, em uma balada e alguns drinques, eu decido ir embora com ele para um... olho ao redor... motel, ou seria um hotel? Eu sei lá.

Como fui descuidada. Não tiro os olhos do homem ao meu lado, que nem se mexe, apenas respira compassadamente e me dou ao trabalho de olhar cada detalhe seu.

Ele está meio de lado, virado para mim e, sim, estamos quase abraçados, com um de seus braços sobre mim, apertando minha cintura e o outro, sobre seus olhos, deixando aparente apenas parte do nariz, boca e mandíbula.

O lençol fino tapa até sua cintura, ficando assim, gostoso, que chega a perturbar, com o peitoral marcado por músculos bem esculpido à mostra, partes que são cobertas por tatuagens. Muitas, que começam de seu peito e descem por seus braços, até suas mãos.

Algumas formam imagens exatas, outras, tribais e símbolos que não identifico, já que me aproveito da pouca luz do quarto para observá-lo. Já em seu peito, de um lado tem um felino e do outro, um gorila ou um macaco, não sei ao certo e nem deveria querer saber, muito menos tocar, mas minhas mãos formigam por circular cada uma das suas tatuagens, cada linha delas.

É quase como um efeito hipnótico.

Busco então em minha mente as peripécias sexuais que eu possa ter feito com o estranho, dormindo ao meu lado, durante a noite e nada, não há nada em minha cabeça senão um grande espaço em branco. Sem nenhuma lembrança sequer.

Como está tudo em branco? Não tem como.

Massageio a têmpora, sentindo latejar, querendo lembrar, mas nada faz sentido. Que droga!

Com cuidado, levanto um pouco o lençol, apenas para confirmar o que eu já sei, estou nua em pelo, sem nada. Totalmente pelada e não deixo de olhar, de relance, que ele também está nu. *Putá que pariu* e não tem como não ver, gente, não tem. Ele está meio virado para mim e com o mastro a meio caminho e, *Pai da misericórdia!*

A coisa está a meio mastro e em um tamanho invejável, rosado, bonito e... deixo o lençol cair de volta e fecho meus olhos, me policiando e sentindo-me excitada apenas por admirar, escondida, o pau do meu acompanhante. E o que eu estou fazendo? O que eu fiz ontem à noite?

Sim, porque olha o perigo que foi isso... Saí ontem com meus amigos, a fim de me divertir, apenas, e por algum motivo insano, decidi que desviar minha rota e terminar a noite transando com um cara totalmente desconhecido, em um motel qualquer, seria uma ótima escolha. Foi irresponsável, não foi? Claro que foi.

Olho ao redor do quarto, me dando conta das nossas roupas jogadas pelo chão, minha calcinha não muito longe da beirada da cama e quase gemo em desgosto ao tentar mais uma vez me lembrar de algo e nada vir à minha mente. Nada!

Como eu posso ter transado com um cara desse e não me lembrar de nada? Olha para ele, o cara é lindo, lindo e eu simplesmente me esqueci? Sim, porque a julgar pelas roupas jogadas para tudo que é lado, a gente fez alguma coisa aqui.

Inconformada, me dou conta de que nem o nome dele me lembro, para

falar a verdade, da noite de ontem lembro apenas de algumas partes. Como chegar à boate, começar a beber, olhar o bonitão que estava me secando. Mas entre essas, nenhuma inclui sair com o gostoso musculoso da balada e vir para um motel ou sei lá o quê.

E agora? O que eu faço?

Ele se mexe ao meu lado e eu paraliso, nem respiro, voltando a colocar minha cabeça no travesseiro ao senti-lo arrastar a mão por minha barriga, a tirando de cima de mim, enquanto se vira para o outro lado da cama, soltando um gemido meio rouco, que faz meus pelos se eriçarem.

Espera, nós usamos camisinha?

Devagar, para não o acordar, me levanto e testo a umidade entre minhas pernas, tentando adivinhar se usamos camisinha ou não e... nada, minha vagina está sequinha, nada dolorida também, apesar de meu corpo em peso ter reclamado quando me levantei.

Okay, isso quer dizer que após um sexo gostoso, provavelmente tomamos banho, ao menos isso, já que em nada amanheci parecendo alguém que passou a noite transando ao ponto de acordar pregada com o próprio suor e gozo entre as pernas.

Mas e se não usamos camisinha?

Fico parada próximo à cama, olhando o homem na cama, de costas para mim, costas largas que me lembram aqueles nadadores sarados, perfeitos. Ele deve pegar mesmo pesado na academia.

Qual é, Deus? A primeira vez que transo com um cara, que não seja o babaca do meu ex-noivo, eu não vou me lembrar do que fizemos? Por favor, ajuda aqui.

Desisto de tentar lembrar qualquer coisa sobre a noite passada e saio catando minhas roupas pelo chão do lugar, indo para o banheiro e fechando a porta devagarinho, me encostando na madeira e respirando, aliviada, ao estar sozinha.

Busco também pelo banheiro indícios de sexo, não há nada, mas sei

que estivemos aqui. Por exemplo, há alguns saquinhos de xampu e sabonete jogados no chão e um sabonete aberto e usado no boxe, além de toalhas penduradas, ainda meio úmidas e a julgar pelo meu cabelo extremamente seco, eu devo ter mesmo o lavado ontem aqui, de qualquer jeito, enquanto fazíamos sexo.

Mas não há nada de camisinha usada ou qualquer embalagem no chão ou na lixeira. Merda!

Lavo meu rosto, agora um tanto preocupada, olhando meu cabelo revolto, em um emaranhado que mais parece um ninho de passarinho. Mãe da misericórdia, esse homem deve ter me virado do avesso.

Jogo os cachos bagunçados para cima e faço um nó seguro, vestindo minha roupa em seguida, dando uma última olhada pelo banheiro antes de abrir uma fresta na porta e conferir se ele continua dormindo, soltando o ar ao perceber que ele, ao menos, se mexeu.

Pelo menos, de uma coisa estou certa: não usamos camisinha.

Recriminio-me, mas isso também agora não adianta, não depois do leite derramado. Que péssima metáfora para se usar agora.

Chega, agora eu só tenho que ir para casa, é só sair de fininho para o gostosão não acordar e depois penso direito na merda que fiz.

O gigante continua ressonando baixinho e saio do banheiro, dando uma última vasculhada pelo chão em busca de vestígios de que usamos camisinhas.

Não é possível que fomos tão irresponsáveis assim!

Desisto, não querendo mais esperar e ter que olhar para sua cara e falar algo, tampouco conversar sobre ontem à noite, dado que nem ao menos lembro seu nome.

Uma *puta* sacanagem, diga-se de passagem. Como eu me sentiria se fosse ele a não lembrar o meu nome?

Eu ficaria *puta*, muito *puta*!

Pego minha bolsa sobre a mesinha ao lado da cama e vou nas pontas dos pés até a porta, levando minhas sandálias na mão para não fazer barulho.

Saio do quarto, fecho a porta e enfim me permito respirar, aliviada, e não, não estamos em um motel. Ele me trouxe para um hotel, espaçoso, limpo e arrumadinho.

Nego o pensamento, buscando meu celular na bolsa e tento me localizar no *maps* para poder chamar ao menos um Uber para ir embora.

Chego a rir com a ironia da vida, enquanto chamo o Uber e atravesso o corredor do hotel, após calçar minhas sandálias, sendo observada por duas senhorinhas que aparentemente acabaram de tomar o café da manhã. Finjo não as ver e marcho um tanto sem graça até a recepção.

Fico disfarçando meu infortúnio, olhando o celular e pedindo que o grandão acorde só quando eu estiver longe, de preferência em casa. Aliviada, vejo o Uno branco parar frente à entrada do hotel e apressadamente, após confirmar a placa, entro no carro, deixando um suspiro audível escapar. Pronto, acabou.

— Mônica, isso? — Ouço-o perguntar, de forma gentil, o senhor sentado atrás do volante.

— Isso mesmo. O senhor pode por gentileza passar em uma farmácia?

— Claro, só marque na rota, por favor, moça.

Faço isso de imediato, melhor prevenir do que remediar, pois é claro, que como não sei se usamos ou não camisinha, vou comprar uma pílula do dia seguinte, além de alguns remedinhos que possam me prevenir de qualquer mal-estar futuro.

No fim, eu só queria mesmo era me lembrar de como foi. Droga!



Enfio a lasanha no forno, esperando alguém bater a qualquer momento

em minha porta, já que André prometeu que viria almoçar comigo. Fiz até a comida que ele tanto gosta, lasanha de frango ao molho branco, arroz e batata palha.

Fecho a porta do forno e em dois passos estou na sala, a TV ligada e conectada com o Youtube, Legião Urbana ecoando no apartamento.

— Cheguei, abre a porta! — Ouço seu grito característico e reviro os olhos. Como se eu precisasse abrir.

Sempre deixo a porta aberta quando sei que ele vem e, sabendo disso, André já chega com a mão na maçaneta.

Olho-o, vestido em um desses shortinhos de praia, coberto de abacaxis e camisa regata preta, tendo as bochechas vermelhas, com cara de quem acordou há pouco e quando, por fim, foca sua atenção em mim, ele abre um sorriso de puro deboche.

— Cara de piranha saciada... olha ela!

Eu rio, de nervoso claro. Se ele souber...

Sento-me no sofá e ele se joga ao meu lado, espalmando a mão aberta em minha perna e deixando um beijo em meu rosto.

— Gente, estou um caco. Bebi demais ontem, me lembra de não fazer mais isso. Não, melhor, não me deixa mais fazer isso. Tenho dezoito anos mais não, nem fígado para isso, garota. Eu, hein... — fala e me mexo ao seu lado.

Deito-me no sofá, jogando as pernas para cima do encosto, deixando minha cabeça meio pendurada no assento, preciso que o sangue volte a circular aqui dentro da minha cabeça.

— Como se alguém te segurasse, André. Quando você quer, não tem quem te segure. E Bella, não vem?

— Ih, gente. Olha o veneno da cobra pingando da presa. Nem parece que passou a noite sentando naquela tora de amarrar onça, pelo amor de Deus, melhora essa cara, mulher. E não, ela não vem, vai trabalhar à noite e passará a tarde arrumando as malas *pra* viagem. Só terá a mim.

Não deixo de rir, ainda mais ao me lembrar da tora. Porque ao menos isso eu vi, não muito bem e em plena forma, porém... se meio dormindo estava daquele jeito, imagina aquilo a pleno vapor?

Deu até calor.

E quer saber? Confesso que depois de chegar em casa e vasculhar na mente por qualquer lembrança da transa que tivemos, eu me peguei imaginando como teria sido se eu tivesse ficado, se teríamos sexo matinal antes de cada um voltar para sua casa e rotina, pois desse, sim, eu lembraria. Certeza!

— Aí é que *tá*, Dé. Eu não lembro se transei, não me lembro de nada, de absolutamente nada do que aconteceu, após sair com o... sei lá quem, daquela maldita boate. Não lembro nem o nome dele — deixo escapar em forma de muxoxo, desacreditada.

Meu amigo me olha, em choque e se ajeita ao meu lado, buscando meu rosto.

— Como é? *Tá* maluca, mulher? Me mandou até a localização de onde estavam ontem. E quero dizer que achei um máximo ser um hotel e não um motel, se bem que, eu preferiria a casa dele, porque mostraria sei lá... um interesse a mais.

— O que isso tem a ver?

— Ué. Não é um motel, e isso deixa antever que o bofe não queria só meter.

— Nunca achei que fosse algo diferente, mas foco na situação, André, eu não estou brincando. *Foda-se* se foi em um motel, hotel ou na casa dele, porque eu simplesmente não me lembro nem de que horas saímos da boate, como chegamos ao hotel, nada, acredite.

— Pare, amiga. Não brinca assim comigo, não é possível. Será que ele te drogou? — André adquire sua pose de detetive do FBI.

— Para quê? Não acordei estuprada, sem um rim ou qualquer órgão faltando, meus bens pessoais todos comigo e mais, ele estava lá, dormindo

tranquilamente, tomando conta de metade da cama, totalmente pelado.

— Meu Senhor... — E ele até se abana. — Não brinca, Mon. Para tudo e vasculha essa cabeça. Deve ter algo guardado aí, mulher, não me diz que vim aqui saber da fofoca e a única coisa que vai me contar é que não se lembra da transa? Me poupe, garota, não me faz dar nessa tua cara sonsa. — Ele chega a me mostrar a mão grande aberta e sinto desgosto por não lembrar.

— Mas é o que é, amigo, e acredite, eu já quis dar na minha cara, também. *Porra*, Dé, foi meu primeiro homem depois do...

— Ah, nem fala, não vem ao caso. Mas *perai*, e hoje pela manhã? Teve ao menos o sexo matinal, não teve? — Sua curiosidade é genuína, junto à sobrancelha arqueada, em expectativa de uma resposta.

— *Aí, migo*, nem sequer me lembro da voz do homem. Não o esperei acordar, acordei primeiro, catei minhas coisas e vim embora.

André parece atônito, sem palavras enquanto eu fecho os olhos, começando a me arrepender de ter vindo embora tão rápido.

— Mulher, mulher... gente, que vontade de dar nessa tua cara, Mônica. Meu Senhor. Me diz que tu tens o número do homem, pelo menos.

— Só se ele pegou o meu e me ligar, pois eu não peguei.

— Que inferno de coma alcoólico foi esse, criatura? Me fala o nome desse infeliz, *bora* achar o perfil dele no *Facebook*, *Instagram*, FBI, sei lá. Agora é pessoal. — Fico sem graça e tapo meu rosto. — O que foi agora, Mônica?

— Eu já falei, não sei o nome dele. — E penso que ele vai ter um troço.

— Olha, eu não *tô* bem, inconformado aqui, gente. Não, eu não *tô* bem. Mas o que passou pela tua cabeça, sua famigerada, *pra* sair assim?

— Era só sexo, não era? E eu acordei e não me lembrei de nada, nada, nem o nome do homem. Como que eu ia esperar *ele* acordar?

A essa altura André chega a estar vermelho.

— Gente, e só pode acordar do lado homem se souber o nome do infeliz? Que merda, hein, *viada*! Minha filha, você precisa de uma aula, urgente. Meu Pai amado, como que transa com um deus daquele e não se lembra de nada?

Eu gemo, inconformada, e o despertador que marquei o tempo da lasanha apita, me fazendo suspirar.

— Agora estou arrependida e é tarde. *Porra*, e se foi tipo uma transa digna de um filme pornô? Tipo a melhor da minha vida, mas eu nem ao menos vou saber? — falo, vencida e me levanto.

— E não é para menos, *né*, querida. Olha... que decepção, você é a vergonha da classe, garota. Onde que a gente vai achar outro homem daquele *pra tu*?

— Ah... fala isso porque você não viu o abdômen dele. Quando acordei, o lençol havia descido, sabe? Tudo de fora, Dé, e o infeliz é todo tatuado. Gente... se arrependimento matasse.

— Nós duas estaríamos mortas, queridinha. Porque olha, ele pode não gostar da fruta, mas se eu soubesse que você prestaria esse papelão, eu teria era me jogado em cima daquele homem. Eu, hein?!

Rio, colocando a lasanha na mesa.

— Agora já era, vamos ao menos comer. Amanhã prometi que começo minha dieta e talvez, uma academia. Vai que encontro outro *boy* por lá.

— Hum... igual aquele, eu duvido, mas não custa sonhar, *né*, meu bem? Mas gostei de ver, seguindo em frente. Parece que a noite de ontem serviu para acordar a piranha em você.

Abro a geladeira e pego o refrigerante, dois copos e me sento próximo à bancada.

— Vocês estavam certos, Dé. É hora de deixar o passado para trás, não quero um relacionamento, mas quero minha vida de antes. Me alegrar com coisas banais, ser feliz de forma simples, sem esperar que isso venha de alguém — falo, realmente decidida.

Sinto sua mão buscar a minha em cima do balcão e levar aos seus lábios, a beijando.

— Conte comigo, *tá*? Eu *tô* aqui para o que precisar. Mas se ficar com outro *boy* daquele e esquecer, eu dou na tua cara!

Gargalho, servindo um pedaço generoso de lasanha para ele.

— Pode deixar... eu vou lembrar.

Ao menos, é o que eu espero.

— *Viada* — chama, seu sorriso morrendo aos poucos ao me olhar de forma estranha, séria. — Sobre sexta, o que Rômulo queria contigo...

Mudo meu foco para a janela ao lado, pensando no que falar e opto por omitir certas situações.

— Nada de mais, ele queria uma informação sobre um cliente, só isso.

— Não vou com a cara daquele homem, sinceramente.

Encosto minha cabeça em seu ombro como um pequeno afago. Agradeço a Deus todos os dias por tê-lo.

— Nisso, concordamos, amigo, não tenha dúvidas.



Benjamin

4

Mentira tem perna curta

O barulho do meu punho batendo contra o saco de areia é a única coisa que escuto desde que cheguei, o som ecoando na academia vazia, devido ao feriado. Esmurro essa porcaria até a exaustão, sentindo o suor escorrer por minhas costas e têmporas.

Eu não precisava vir mais cedo do que combinei com ela, minha campeã, porém, eu estou precisando gastar a energia presa em meu corpo, de alguma forma, sendo assim, corri para cá assim que cheguei em casa. Socar algo sempre me faz bem.

Ouçó uma porta bater em algum lugar e nem me dou ao trabalho de olhar, sei que é ela.

— Ora, quanta devoção em rasgar o saco — caçoa, a voz contente demais para esse horário, um tanto rouca para uma voz feminina, que se sobrepõe aos meus golpes e eu paro, ofegante, me virando para vê-la. — *Pra* que tanto? E que cara é essa? A última vez que te vi socar o saco de areia assim, foi por ser impedido pelo nosso professor de bater em Rafael, por ele ter me derrubado. E como pode ver, dessa vez eu tô inteira, sendo assim... por que quer rasgar o saco?

Pronto, virou analista. Sophie é uma mulher magra, de pele clara, olhos negros e cabelos castanhos, musculosa na medida certa para seu peso, está parada a meia distância de mim, me analisando, vestindo um short curto lilás, usual para seu treino, um top preto e de pés descalços.

— Isso é tesão reprimido, já ouviu falar?

Pego a garrafa de água ao lado e tomo um gole, jogando-a para ela logo depois, e começo a tirar a proteção da minha mão para começarmos seu treino.

— Você? Conta outra, Ben. Sabemos que o que não te falta é mulher para aplacar esse tesão todo aí.

— Sabemos, mas hoje não comi nenhuma e estou com as bolas roxas e doloridas.

E puto, isso eu não vou dizer e a desgraçada gargalha. Esse é o problema de quando se conhece alguém há tempo demais, não te respeitam, principalmente irmãos.

— Quanto mau humor. Para de reclamar, saindo daqui você arruma uma e acaba com esse tesão todo aí.

— Não é tão simples — falo e vou para os fundos da academia, em direção ao ringue, secando meu pescoço com uma toalhinha com a logo da academia e ela me segue.

— E desde quando não o é, Benjamin? Que história é essa? O que andou aprontando?

Não quero falar disso e meu mau humor dos infernos me faz querer voltar a socar o saco de areia, até esquecer que quero comer uma boceta bem específica, agora fora do meu alcance.

Estou puto, puto pra caralho!

— Nada, aí é que está. Imagina só, você dormir com um corpo quente, certo de que ao acordar, vai fodê-lo muito, uma foda matinal gostosa, se enterrar até o talo em uma boceta quente e aí, nada. Não tem ninguém ao seu lado.

— Você sonhou, foi isso? — Não confirmo e a tenho gargalhando novamente, nós dois já dentro do ringue. A infeliz me conhece. — Espera, não me diga que acordou gozado?

— Não, não foi. Foi pior, foi real e ela foi embora! Acordei sozinho no *caralho* do hotel.

Sophie até para de rir, os olhos vidrados em mim, notando algo que eu disse. *Taí*, outra coisa que me arrependo, de levar a morena para um hotel.

— Espera, hotel? Como assim? E o matadouro?

Mulheres...

— Não quis levar *ela* para lá.

— Por que não? — pergunta, mais que surpresa.

— Isso nem eu sei responder. Fiquei admirando tanto a infeliz dançar na boate, horas, para ser exato, que por fim fui falar com ela. Algo nela era diferente, não sei explicar, não era como se ela fosse... enfim, não quis ir a um motel. — Vejo que estou explicando demais, explicando e me complicando. — Para de fazer pergunta difícil, Sophie.

A miserável, que deveria dizer algo para apaciar minha raiva, por ser feito de otário, não para de rir, chega a se dobrar no meio. Jogo nela a toalha em meu ombro, que nega com um aceno, desacreditada.

— Palhaça.

— Eu não *tô* acreditando.

Nem eu, para ser sincero.

Sophie é minha sócia e irmã adotiva, juntos temos uma rede de academias e somos, ambos, educadores físicos. No meu caso em específico, sou o treinador dela, já que minha sócia é também lutadora de boxe. Uma campeã em sua modalidade, além de também ser uma grande amiga.

— *Porra*, você não ajuda, Sophie!

— Acha que vou perder essa chance? Eu já tinha desistido de que alguma santa alma feminina tocara algo além do seu pau.

— Não viaja.

— Não mesmo, *tá* maluco? Queria encontrar essa garota e dar os parabéns a ela. Mas e aí? Não ligou *pra* ela ainda?

— Como se eu tivesse o número. — Deixo escapar a contragosto e ela sorri, adorando a situação. — E mesmo se eu tivesse, não ia me dar ao trabalho de ligar. Ela foi embora, um claro sinal de desinteresse.

— Sei, não vejo por que não ligaria, *tá* aí quase rasgando o saco de areia, louco, querendo a mulher.

— Não estou louco querendo nada, Sophie. Isso aqui, é tesão reprimido e bolas roxas. Não por causa dela em específico e, sim, falta de trepar.

E não é mesmo, ela foi só mais uma mulher com quem saí, passei a noite e, no dia seguinte, ambos seguiram caminhos diferentes. A diferença é que essa foi embora primeiro.

— Argh, tá, beleza, não preciso imaginar suas bolas a essa hora da tarde. Já me diverti o suficiente com sua aventura noturna, agora vamos treinar — pede e enquanto ela começa a alongar o corpo, pego as luvas ao lado, descansando na lona.

— Vem, me dê suas mãos aqui. — Ela as estende para que eu as enfaixe. — Voltou a sentir dor na perna? Algum desconforto que eu deva saber?

— Não, nada. Relaxa, a dor no ombro deve ter sido só a posição em que dormi, nada de mais. Já passou.

— Tem certeza ou está mentindo *pra* mim?

— Preciso?

— Depende, temos um histórico grande de mentiras sobre estar bem. Lembro-me de uma mandíbula quebrada e, ainda assim, não me deixou parar a luta, segurando a dor e mentindo estar ótima. Podia ter terminado de uma forma bem ruim esse episódio.

— Às vezes, me pergunto até quando se lembrará dessa luta, que não terminou tão mal assim e acabei com ela, não foi? Aquela mandíbula fraturada teve gosto especial de vitória e para de ser cricri.

— Maluca!

— Não finja que não me entende.

— Pior é que entendo, mesmo sendo eu a limpar a tua bunda no hospital depois. — Rio e ganho um soco no ombro, seu rosto ficando um pouco rubro.

— Foi só uma vez.

— Duas. Duas, minha cara. Jamais esquecerei da sua bunda branquela. Muito bonita, a propósito.

— Vai à merda, Ben, e deixa minha bunda em paz.

Gargalho, agradecendo por ela esquecer o que lhe contei há pouco, assim, também posso esquecer essa merda.

— Vem, *bora* testar essa direita. Precisa estar ok para a luta.

— Vamos. Mas e você, estudou a guria? — pergunta, em relação à sua adversária na próxima luta.

— Claro, fiz o dever de casa e ela gosta de golpe baixo. Se bem que no caso dela, não é caso de gostar e, sim, porque é pequena, quase uma cabeça menor que você. Ela vai socar aqui — falo e toco suas costelas e depois embaixo do seu queixo. — E aqui. Temos que fechar a defesa e te deixar mais rápida no ataque. Tem que ser *pra* derrubar, não vamos para um terceiro round, sem chances para isso, entendeu?

— Beleza.

— Mas ela também quer assim, e vem *pra* cima, terá que ser agressiva. Ela vai usar o tamanho e rapidez que tem na direita para te acertar.

— E não vai conseguir.

— Não, não vai, você vai continuar intacta.

Ela anui, concentrada, focada. Adoro isso nela, minha garota de ouro tem foco, enquanto eu, agora, tenho o foco em um par de olhos negros como a noite e um cheiro suave de sândalo. Morena feiticeira.

Levanto o aparador de socos em minha mão e Sophie começa seu treino, uma série de soco, intercalando entre chutes.

— *Bora*, mais força, quero mais força. — Peço.

— Não vem descontar tua decepção em mim. Não tenho culpa de a moça te deixar na mão, literalmente! — provoca e finjo não ouvir!

Hoje, quando acordei pela manhã, achei até mesmo que a mulher com

quem cheguei ontem à noite no hotel, estivesse pegando o café da manhã, ou ido sei lá onde, mas que logo voltaria.

Fiquei na cama, a esperando, depois me levantei, tomei banho e fiquei de toalha andando de um lado para o outro no quarto, esperando que ela pudesse passar pela porta a qualquer momento.

Uma merda, pois me dei conta tardiamente que sua bolsa não estava no quarto, no lugar onde tinha deixado ontem à noite e comecei a sentir meu sangue esquentar no mesmo instante, estando ainda de pau duro feito uma barra de ferro, cheio de tesão por me enterrar nela em um bom sexo matinal de despedida.

Não houve nada disso.

— Lembra que tua oponente é mais baixa, mais rápida, soca aqui e quero mais força no chute. Gira o corpo junto com o golpe e aproveita *pra* derrubar a pequena! — peço e ela anui, focada, o vinco em suas sobrancelhas se aprofundando!

Tenho os olhos em Sophie, mas a cabeça está no que aconteceu ontem. Quando minutos depois me peguei na recepção do hotel, recebendo a informação de que minha acompanhante tinha ido embora cerca de uma hora atrás e aí sim eu fiquei muito puto. Como que a infeliz me apronta uma dessa? Ainda mais, depois de uma noite como a que tivemos...

Vim do hotel até em casa xingando tudo que era palavrão embaixo do capacete, inconsolável e ainda de o pau duro. Cheguei em casa e fui direto para o banho, pois enquanto não bati uma punheta, fazendo *porra* banhar o azulejo do banheiro, não tive paz e, pior, só consegui bater o *caralho* da punheta pensando nela. Desgraçada, e agora aqui estamos!

— *Bora*, desaprendeu a bater? *Tá* batendo como uma mocinha, *caralho*. Mete o cacete — incentivo.

— Mocinha é o *caralho*, aquela luta vai acabar no primeiro round, anota isso!

Sorrio, gostando da certeza que vejo em seus olhos.

Essa provocação sempre dá certo com Sophie e dado que estamos sozinhos, não tenho que me policiar ao provocá-la.

O que digo funciona como combustível e Sophie começa uma sucessão de golpes, incansável, com sangue nos olhos. No ringue, ela se transforma e deixa a fera enjaulada que guarda em algum lugar dentro dela sair. É onde se permite isso.

— Isso, levanta a guarda no chute. Isso, muito bom. O cinturão já é teu!

— Já é meu! — concorda, ganhando novo fôlego.

Agora, voltando para a feiticeira fugitiva... *porra* estou com sede dessa infeliz. Sede de foder com ela até minhas pernas não aguentarem mais, até que ela peça arrego. E não vou mentir, cheguei a procurar por ela nas redes sociais, não nego.

Nem tenho vergonha disso, já que ninguém nunca saberá do fato, mas não encontrei nada, absolutamente nada. Apenas um milhão de Erica, mas nenhuma de pele escura cor e cabelos negros cacheados, com olhos marcantes que me deixaram louco.

Ela jogou sua rede e o *caralho* grudou em mim. Mas vou me livrar, isso é só o efeito de querer fodê-la, até estar saciado, falando. Não dura além da primeira boceta que eu encontrar esta noite, depois disso, ela vai ser só uma lembrança.

— *Porra!* — gemo alto, movido pelo susto.

O barulho da luva socando carne e osso ecoa no ringue e chego a ir para trás com a força do golpe que levo, segurando o lado acertado por ela.

— *Putá que pariu*, Benjamin. Onde está com a cabeça?

— *Caralho!* — E não xingo a ela, mas a mim mesmo. Onde estou com a cabeça? Na mulher que me deixou a ver navios hoje de manhã. É nisso que estou com a cabeça, as duas, me deixe esclarecer. — Me distraí. Ao menos agora vai servir *pra* eu acordar de vez. *Putá que pariu*, coitada da baixinha com essa tua direita.

Paro o treino e me sento na lona, deitando e sentindo meu queixo doer para *porra*. Não demora e o rosto de Sophie aparece sobre o meu, sua mão procurando o lugar que me acertou em cheio.

— Merda, vai inchar. *Tá* sentindo gosto de sangue?

— Cortou a bochecha, mas foi pouco.

— *Peraí*, vou lá nos fundos pegar gelo para a gente colocar.

— Precisa não, vamos continuar.

— Claro que não. Podia ter sido sério, caramba, se tivesse pegado mais embaixo... Fica aqui, vou lá e já volto!

Nada digo, escutando seus passos ficando cada vez mais distantes. O quanto uma mulher é capaz de foder o psicológico de alguém?

Olha o que ela ainda me deu, estando sabe-se lá Deus onde. Tenho que procurar alguém para comer hoje à noite e tirar aquela tentação da cabeça, isso já é certo.



— Por quê?

— Sei lá, toma.

Estico o braço e pego a caneca de café que Sophie me entrega, enquanto a vejo se jogar ao meu lado no sofá, trazendo uma caneca com café e leite também nas mãos para si. Estamos agora em meu apartamento, acordamos há pouco.

— Mas talvez abrir uma filial naquele bairro seja uma boa.

— É um bairro bom. Podemos pedir *pra* sondarem, o que acha? Vamos cotar volume de pessoas, academias abertas nas proximidades, enfim, estudar o mercado como sempre fazemos.

Sophie concorda, com a mão afagando a cabeça grande e peluda de

Gamora, que jaz preguiçosamente próxima aos nossos pés. Minha cachorra é o pitbull mais preguiçoso e doce que já conheci, uma farsa para a raça.

Isso, tirando um episódio um tanto trágico e cômico que tivemos com a vizinha de corredor, semana passada. Mas não foi por mal, provavelmente Gamora queria brincar e foi má interpretada pela moça, que foi um tanto mal-educada.

— Claro, isso sim. Mas será que *tá* na hora de investir em mais uma? Tem só três meses que compramos a Dominus, temos capital, mas pode ser cedo.

— Isso, eu concordo — falo, tomando o café, talvez sirva para ajudar a me manter de pé hoje. — Só compensa se tivermos uma boa proposta com relação ao valor de compra, pois caso não queiramos investir o capital agora, podemos esperar um ou dois meses.

— Estava pensando nisso.

— Ótimo. Podemos falar com Oscar mais tarde, o que acha? — Oscar é nosso contador, um cara competente que ganhou nossa confiança há bons anos.

— Pode ser. Ben, sei que não gosta de falar disso e respeito seus sentimentos, essa palhaçada toda. — Pula o discurso e espero o que vem por aí. — Mas... pensou no assunto pai?

— Qual pai? Eu não tenho um.

— Benjamin.

— Se respeita mesmo meus sentimentos como acabou de dizer, esquece esse assunto — peço, evitando olhá-la.

— Acho que... esquece, tudo bem. Sendo assim, vamos lá?

— Quer treinar agora cedo? — pergunto, mudando o foco desnecessário dessa conversa, pois estava pensando em tentar dormir esta manhã, aproveitando que não marquei nenhum compromisso.

— Não, mas podemos pegar os moleques de rua treinando lá a essa

hora. — Sei que queria uma resposta minha, mas nunca falo do meu pai.

— Então *bora*. Os moleques vão me deixar ligado, preciso estar ligado. — Me levanto, buscando os tênis em algum lugar do meu apê, encontrando junto deles uma calcinha de renda azul.

Ontem, quando saí da academia, passei em Nirvana, minha lanchonete favorita aqui próximo ao meu prédio e pedi um bom sanduíche de frango para o jantar.

Enquanto comia, dei uma folheada na agenda do celular e, por fim, acabei ligando para Débora, aluna antiga da academia. Já transamos uma vez, uma segunda rodada não me parecia ruim. Sexo, puro e bom, que serviria para aplacar meu tesão.

O problema é que não foi bem assim que ela interpretou.

Não sei que inferno me deu ontem que, ao invés de ir para um motel, eu a trouxe para cá, minha casa. E esse foi o segundo erro, o primeiro foi tentar uma segunda rodada com ela. Começamos bem, muito bem, até que enquanto a loira gostosa cavalgava meu pau, não era mais Débora comigo e, sim, Erica.

O inferno pareceu congelar, pois tive que lutar para meu pau não broxar em plena ação com a loira e, no fim, não foi nada satisfatório.

Fiz questão de fazer minha parceira gozar, gozar gostoso, não só uma vez. Mas aquela, foi a primeira transa em que eu senti prazer por sentir, por me obrigar a sentir.

Desabei na cama ao lado dela em seguida, suado e assustado, algo assim nunca tinha me acontecido.

Para piorar minha confusão, logo em seguida, Débora se enrolou em mim e chegou a ressonar baixinho, fazendo meu peito de travesseiro, enquanto eu, queria apenas ficar sozinho e entender o que estava acontecendo comigo. Foi uma puta situação fodida.

Naquele momento, talvez por intervenção divina, alguém tocou minha campainha e eu dei graças a Deus por quem quer que fosse que estivesse em minha porta às duas da manhã, mesmo a mulher ao meu lado acordando e me

olhando como se quisesse me exonerar com um laser, se o tivesse em mãos.

Para minha sorte, era Sophie, que saiu para dar uma volta de moto no meio da noite e acabou em minha porta, colocando Débora para fora de forma educada, não que a loira tenha engolido bem a situação.

Sophie batendo em minha porta na madrugada não é incomum. Em noites em que ela não consegue dormir, sempre acabamos aqui, no meu apartamento, tomando cerveja e conversando qualquer assunto, menos o que a fez sair da cama no meio da madrugada. Falar não é algo que ela costume fazer com frequência.

No fim, me livreí de Débora e acabamos jogando conversa fora e adormecendo em seguida. Essa sim, é a única mulher que tem acesso total à minha cama, nada demais, só prezo por minha privacidade e por ter espaço livre em meu colchão.

— Estamos indo, Gamora. Vê se não come o sofá de novo — reclamo, vendo a cachorra me olhar tristonha e acaricio sua cabeça, pronto para sair, com pena de deixá-la sozinha.

— Não dormiu muito essa noite, *né?* Senti você se mexendo como se tivesse formiga na cama, me acordou algumas vezes com sua *mexilanga* — Sophie comenta, saindo para o corredor.

— Não, não dormi como gostaria, estava inquieto, apesar de exausto. — Saio logo em seguida, com o capacete na mão, fechando a porta atrás de mim e passando meu braço por seus ombros.

O barulho de saltos no piso faz nós dois olharmos para a direita, vendo minha vizinha, a que tive um incidente de dias atrás, fechando sua porta, se virando segundos depois. O vestido social vinho, colado ao corpo indo até abaixo dos joelhos, deixando a mulher de tirar o fôlego.

Paraliso quando meu olhar sobe por suas pernas, passando por sua cintura bem esculpida, fixando-se em seu rosto.

Acontece duas coisas ao mesmo tempo. Primeiro, ela abre um sorriso gentil para cumprimentar Sophie, que segue parada ao meu lado e, em seguida, tenta direcionar o mesmo cumprimento a mim, mas ao me olhar, seu

sorriso morre, aos poucos e ela intercala entre mim e Sophie, um vinco se formando entre suas sobrancelhas e posso ouvir um “merda”, sair baixinho de seus lábios.

Te peguei, pequena fugitiva.

— Bom dia, Erica! — falo, dono de mim, parecendo ganhar novo fôlego, deixando um riso preguiçoso escapar da minha boca.

Ah, vizinha. Então você esteve o tempo todo aqui, na minha cara? Que sorte a minha!



Mônica

5

Erros nos perseguem

Pai da eternidade, só pode ser brincadeira!

Parada, em frente à montanha de riso sensual em minha frente, estou com o coração quase a saltar pela boca, uma sensação estranha de déjà vu, mesmo que seja uma situação única estar aqui, frente a esse homem, no corredor do meu prédio.

Um frio cruza minha espinha, junto a um tremelique e temo que meus olhos pulem em suas mãos, de tão arregalados. Nem ao menos consigo responder ao seu cumprimento, abobalhada, o olhando e é mesmo ele, ainda que tivesse qualquer dúvida, as tatuagens me dariam a certeza. Esse, é exatamente o cara gostoso da boate, gostoso e lindo, mais lindo do que me lembrava.

Putá merda, André estava certo, onde mais eu arrumaria um homem lindo desses, com cara de macho fodedor? Santo Deus, eu preciso me lembrar dessa transa.

Mas espera...

— Do que me chamou? — pergunto, apertando meus olhos e só então, colocando a mulher que me observa, com cara de: tira o olho do meu macho, na equação.

Me diz que não é o que estou pensando.

— Erica, é esse o seu nome, certo? Foi como disse que se chamava.

Nego, sem graça.

Por que eu diria que meu nome é Erica para ele? Fico mais deslocada ainda pelo medo de que a mulher ao seu lado seja sua namorada ou sei lá o quê, e queira saber de onde nos conhecemos. Mas um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, um dia traída e no outro a amante... não é possível!

Meu Deus, será que ele mora aqui com ela? É casado? Busco seu dedo, o dos dois, na verdade, e respiro, aliviada, ao menos não são casados em vias de fato, não tem aliança. Mas isso faz diferença?

Olha a hora que estão saindo juntos de casa, abraçados e o que foi que ouvi mesmo, há pouco?

“Senti se mexendo como se tivesse formiga na cama.”

Foi o que ela falou. A frase destoa em minha mente e não deixa dúvida, me polio para não fazer uma careta. Nego, dando-me conta que divago e gaguejo sem saber bem o que lhe dizer.

— Não, acho que está me confundindo. Me chamo Mônica, Mônica Maria. Muito prazer. — Forço naturalidade, uma que passo longe de sentir.

Tento me recuperar do susto que deixou meu corpo alerta, sem conseguir focar minha atenção ao rosto da mulher a qual dormi com seu namorado, marido, ou sei lá o quê. Se não fossem nada, não dormiriam juntos, em seu apartamento, menos ainda sairiam a essa hora, abraçados.

Por isso o infeliz me levou para um hotel. Desgraçado!

— Sério, é esse o seu nome? — Sou pega na mentira, mas pouco me importo, o traidor *filho da puta* mereceu.

— Sim, e bom dia para os dois, tenho que ir trabalhar. Creio que são meus vizinhos, certo? — Ele confirma, já ela nada diz. — Ótimo, foi bom conhecer os dois, ainda não tinha tido esse prazer. — Eu sou uma farsa.

A mulher me dá um sorriso, desses, meio amarelo, sem emoção, e ele

parece alerta, preso em mim. Filho da mãe.

— Ela foi a vizinha a quem Gamora derrubou, Sophie — explica e me dou conta de que ele não é apenas o tatuado gostoso da outra noite, mas também o troglodita dono do dinossauro que quase quebrou meu nariz, semana passada.

Podia ficar pior?

Sim, pode, pode sim, pois sabe aquelas mulheres de dá inveja em qualquer mulher? Magra, mas não uma magra comum e, sim, uma com corpo perfeito, musculosa, toda dura, e o rosto? Intocável. Oval, bonito, pele limpa e macia sem nenhum esforço.

— Sério? Temos que dar um jeito nela, Gamora é incontrollável. Nos desculpe.

Tento um sorriso, e por mais que eu queira sair daqui, junto à minha desculpa de ir trabalhar, pareço estar presa no lugar.

Sinto-me idiota agora, muito idiota e o vejo se virar para ela.

A mulher tenta, mas a gargalhada que ela segura está deixando-a vermelha. Tomara que se engasgue com o próprio veneno. Vaca.

— Sugiro ter mais cuidado e não deixar seu cão sair sozinho pelo corredor do prédio. — A resposta saí da minha boca sem que eu pudesse conter e a mulher sorri, simpática, os olhos negros brilhando em um tipo de expectativa que desconheço.

— Tem toda razão. Já disse a esse teimoso, que Gamora precisa de mais espaço, ela não aguenta mais ficar presa no apartamento e quando tem uma chance, saí correndo, assustando os vizinhos. — Simpática, ela chega a revirar os olhos, dando uma cotovelada no idiota ao seu lado.

Evito olhar o homem, que mesmo frente à namorada, parece me comer com os olhos e sinto raiva. Dele e de mim. Chega, hora de ir, já estou para lá de atrasada e chega de perder tempo aqui com esses dois.

Dariam modelos perfeitos de academia, vestidos com essas roupas, um casal realmente adorável. Seria lindo, se o seu macho não saísse por aí

comendo todo mundo que ele encontra em boates noturnas

— Imagino. De novo, bom dia para vocês.

— *Pra* você também. Estamos descendo agora mesmo, vamos juntos — ela sugere. Pai, e ela ainda parece ser gente boa.

Olha que situação e saia justa eu me meti, e que cara de pau esse homem tem.

— Sim, estávamos descendo também. Foi ótimo te ver, Erica. Ah, digo, Mônica. — Isso foi uma provocação? Claro que sim, feita em puro deboche.

— Igualmente, mas tenho que correr, estou realmente atrasada esta manhã. Até mais.

Passo pelos dois, apressada, meu salto fazendo toc toc no assoalho do corredor, enquanto sinto-me ferver com sua recém-provocação. Aperto o passo, sabendo que estão vindo logo atrás de mim e olho o celular.

O Uber já está lá embaixo me esperando e agradeço. Geralmente não uso esse serviço para ir trabalhar, já que fica mais caro, porém, hoje eu realmente acordei atrasada.

— Bom dia, seu Dialindo — cumprimento o porteiro, que mal tem tempo de me ver, dado que passo como uma bala por ele, saindo do prédio e entrando no Fox prata, com um senhor bigodudo atrás do volante.

Já me sentindo segura dentro do carro, olho para trás, a fim de ver o safado traidor junto à sua namoradinha perfeita, o homem com quem cheguei a sonhar essa noite. Isso mesmo, sonhei o encontrando, mas em nada ele estava com uma mulher a tira colo no meu cenário perfeito e romântico.

Sem conseguir ver nenhum dos dois, o carro sai para o meu destino e me deixa relaxar.

Que *filho da puta*. O cara tem namorada, ou moram juntos, a julgar pelo horário que estavam saindo de casa, além da intimidade entre ambos. Falando da noite mal dormida. *Putá que pariu*.

Será que ela percebeu algo? Bom, no mais, se tiver de achar que ele me

conhece de algum lugar, será do incidente com o cachorro dinossauro. Menos mal, não é?

Mas como vou viver com esse homem morando aqui do lado? Sabendo que ele traiu a mulher comigo? Infâmia.

Desde que o vi, já devo ter cometido vários pecados, se contarmos quantas vezes falei o nome de Deus em vão.

De repente, me vejo agradecida por não me lembrar da noite que tivemos. Já foi constrangedor o suficiente ter que rever o homem e descobrir que além de uma transa, fui a outra da relação. Gente, será que eu usei camisinha? E a pobre da mulher, será que confia nele ao ponto de não usar camisinha e ele, por fim, sair por aí comendo todas sem proteção?

Filho da puta, desgraçado, sem escrúpulos. E sinto vontade de chorar.

Fui deixada praticamente no altar há pouco mais de um ano, e quando enfim resolvo molhar meu biscoito, descubro que eu fui o caso sujo de alguém. *Pô, Deus, bate menos que tá ficando osso aguentar aqui embaixo.*

— Moça, moça. Chegamos, é aqui, não é? — Assinto, voltando à realidade.

Fiquei tão perdida em pensamentos que nem ao menos vi quando o motorista parou em frente ao banco.

— Claro, será no cartão, por favor — falo, esperando-o encerrar a corrida, saindo do carro tão logo que posso.

Entro no banco e o guarda, um homem simpático de uns quarenta anos, me recebe com um sorriso caloroso. Meu Pai Amado, quem acorda nessa alegria toda, numa terça pós-feriado?

Se bem que eu acordei muito bem esta manhã, mesmo acordando atrasada, mas aquele idiota acabou com o meu dia. Ele e a namorada perfeita. Bruaca linda de morrer.

— Bom dia, Norberto. André já chegou?

— Bom dia, moça bonita. Já sim, *tá* na cozinha. Hoje vai ser um dia

daqueles, descansou bem no fim de semana?

— Sim, sim. Vou *pra* cozinha, bom dia para o senhor:

Mal respondo, entrando como um foguete, passando pela sala de atendimento do banco e marchando para a pequena cozinha nos fundos da agência. Antes mesmo de entrar, já posso ouvir meu amigo rindo com Lourdes, a tia da limpeza, e não ligo em interromper.

Adentro o lugar como um furacão revolto, preciso dele.

— Bom dia, bom dia, dona Lourdes. Como foi o fim de semana? — falo rápido, direcionando a ela, mas com os olhos em André.

Sempre lhe faço essa pergunta todas às segundas e sempre ouço com carinho sobre seu fim de semana, hoje, infelizmente estou agitada demais para os detalhes. E já grudo no braço de André, encostado no micro-ondas, falando abobrinha de boca cheia.

— *Eita*, foi muito bom. Descansei com meu velho e meu netinho.

Em outra ocasião, eu me sentaria, tomaria café e dividiríamos o que fizemos no fim de semana, hoje não dá.

— Que bom, quero detalhes depois. André, vem comigo. A gente já volta, dona Lourdes.

— Fico esperando.

Saio arrastando um André entalado com um pedaço de pão e entro no banheiro com ele, fechando a porta atrás de mim, olhando antes se não tem ninguém para nos ouvir.

Aqui, nesta agência, adoram uma boa fofoca.

— Bicha ousada. Que foi? Acordou com a periquita ardendo?

— Não, pior. Senta que vem chumbo grosso.

Ele parece notar em meu semblante minha confusão e se senta sobre a tampa do sanitário, todo em seu estilo gay social, impecável e pronto para a fofoca.

— Conta logo, que *tô* assustado já.

— Lembra o cachorro dinossauro que quase quebra meu nariz, na sexta?

— Sei, o que tem? Estava te esperando hoje na porta?

— Não, pior, sabe o dono?

— Ai, para, *pelamor*. Odeio quando faz isso, vá direto ao ponto, que inferno. Tenho nervo *pra* isso não, eu hein.

— *Tá, tá* bom, sabe o cara gostoso da boate? Pois é, ele é o meu vizinho, dono do cachorro — despejo e vejo-o arregalar os olhos, o pão com manteiga em sua mão ficando esquecido.

— Meu Deus! — André parece ponderar, para em seguida e sorri de orelha a orelha. — A coisa mudou *pro* teu lado, vadia, olha que sorte! Deus não dá mesmo asa à cobra, ah, eu com um homem daquele como vizinho. — Com isso ele faz cara de nojo e eu reviro meus olhos.

Ele não sabe o tamanho da “sorte”.

— Sorte é o caramba, Dé. O cara tem namorada, dei de cara com ele e ela esta manhã, quando saí de casa. O *filho da puta* não me levou para casa dele, porque tem na-mo-ra-da. — Dou ênfase para ver se ele entende meu desespero e decepção.

— Não, para. Conta isso direito, Mon.

— Isso mesmo. Hoje, ao sair de casa, dei de cara com os dois, ambos montadinhos em roupas estilosas de academia, abraçados como um casal feliz, prontos para irem malhar juntos. Uma fofura — esnobo, sem me conter.

Ai, que ódio!

— Menina, oh, *tô* todo arrepiado. E ele, disse o quê? Fingiu que não te conhecia, aposto.

— Pior, me cumprimentou usando meu nome. Meu nome não, o nome falso que eu dei a ele na boate. Por sorte, ele mesmo disse para a mulher que eu era a vizinha que foi atacada pelo cachorro dos dois. As suspeitas ficaram,

então, que nos conhecemos aí, nessa ocasião.

— Gente, passado... e a mulher, como ela é?

Chego a suspirar de desgosto com essa pergunta.

— Perfeita, sem uma única gordura fora do lugar, um corpo escultural. Posso apostar que ela não sabe nem o que é uma celulite na vida, nada. Sabe aquelas mulheres de TV? Tipo Kelly Key? Perfeita mesmo? Musculosa, durinha, com pele de princesa? É ela...

André parece mais bestificado que eu, levando a mão ao queixo e soltando um suspiro.

— Ao menos, sabemos que apesar de ser bonita, ela não deve dar conta do *boy* na cama. — E eu queria concordar, porém, meu lado traído não deixa.

— Olha o veneno, Dé, me lembro bem que Neto mal dava conta de mim na cama e comeu outra, na véspera do casamento, também muito antes. A coitada não tem culpa de ter um namorado *filho da puta* e de ser perfeita. Homens, por que não dão valor ao que tem?

Um estalo de língua é o suficiente para me fazer olhá-lo e ver a piedade estampada em sua cara.

— Oh, amiga, você *tá* certa. Perdão, Senhor, pelo veneno de cascavel. Saiu na maldade para defender uma amiga. Mas poxa... que droga, cara. Encontramos o deus grego *pra* você e descobrimos que é o deus da traição. Homens... oh raça esculhambada. Por isso mudei de time, eu, hein. Mas e você, como se sente com isso?

— Mal, *né*? Sei bem como é ser traída... acreditar tanto em alguém e ser passada para trás. Fiquei, não, estou decepcionada, mesmo sabendo que desde o início era só uma noite. O encanto por toda aquela beleza caiu por terra e tinha que ver como ele foi cínico e me comia com os olhos, na frente dela.

— *Filho da puta*. Ela é antipática, pelo menos?

— Pior que não... tem um sorriso lindo, só é mal-encarada. Aí que ódio!

Esfrego minha testa com a mão e ele se levanta, compadecido com minha revolta e segura meu ombro.

— Fica assim não, amiga. Se bem que, pior que a gente sabe que não tem como fugir de vê-lo uma vez ou outra, *né*? Querendo ou não vai dar de cara com o safado gostoso. Seja forte, amiga.

— Serei, ele morreu *pra* mim, estou dando graças a Deus que nem sequer me lembro o que fizemos naquela noite. Quer saber? Deve ter sido péssimo. Mas você tem razão, não tenho como fugir dele, nem alugar outro apê. Santo Deus, o que eu faço, *migo*?

Estou perdida, perdida. Nunca, nunca mesmo me imaginei nessa situação.

— Ué, esquece isso, se bem que você nem lembra mesmo. No fim, isso nos serviu de alguma coisa, ao menos você acordou *pra* vida e vai sair por aí garimpando novas pirocas. Esquece, menina, foca em arrumar outra rola *pra* sentar e mandar o dito para a *puta que o pariu*, só isso. Não ia entrar na academia? Pois bem, entre, para não ficar aí, toda recalcada dos músculos da outra. Joga esse ódio todo em uns agachamentos e *tá* tudo certo.

Mordo o canto da unha, arrancando a cutícula.

— É, tem razão. Tenho limite no cartão para pagar a mensalidade da academia, ao menos. Inclusive, vi o outdoor de uma promoção em uma perto do prédio. Um combo de musculação e aeróbica, perfeito para o que eu quero. — André confirma, tentando me animar e algo me passa pela cabeça, e seguro seu ombro. — Vamos comigo, vai, Dé.

Faço o convite, apreensiva, e ele chega a se afastar para longe.

— O quê? Eu? Tenho nem roupa *pra* um evento desse, criatura, eu, hein?!

— Poxa, Dé, vamos, vai me ajudar... Imagina, alguém para ir comigo para que eu não perca o foco. A gente se ajuda e incentiva um ao outro. Vai, Dé. — Junto as mãos frente ao corpo em súplica e ele aperta o canto dos olhos.

— Piranha chantagista...

— Por favor, por favor. Só esse primeiro mês.

Meu amigo aperta os olhos, apoiando o queixo na mão, querendo me fuzilar.

— Pensa bem, gente nova, *Boys* gostosos... o que acha?

— Hum... se bem que, em academia tem um monte de macho alfa que adora uma ruela e não saí do armário, *né*? Quem sabe não arrumo uns *contatinhos* enquanto aumento a bunda?

— Isso, podemos arrumar nós dois uns *contatinhos*.

— Não é má ideia, sabia? Vamos amadurecer isso aí, hein? Agora, *bora* voltar *pra* lá, já, já que as portas deste inferno se abrem e vai sair gente até do esgoto. Ih, só *pra* te preparar logo, Norberto disse que Rômulo chegou com cara de *cu* hoje.

— É a cara dele de sempre, não sei qual a novidade.

Rimos os dois, enquanto passo a mão no meu vestido, esticando o tecido e abrindo a porta. Finjo um sorriso, mas no fundo, estou mais do que decepcionada, mas para quem superou um chifre, o que é uma decepção? Logo irá passar, mesmo dando de cara, vez ou outra, com o meu vizinho gostoso.



Benjamin

6

Uma grande contradição

— Para, pode parar — advirto, montando em minha moto, olhando torto para Sophie ao meu lado.

— O quê? É ela, não é?

— É ela o quê?

— A garota que te deixou sozinho no hotel. — Sophie sorri, divertida.
— Ela mentiu o nome, que sorrateira! — E cai na gargalhada, segurando o corpo que chega a se curvar, enquanto se apoia no guidom da moto.

— Vocês não valem nada e depois dizem que somos nós, homens, os crápulas da situação — resmungo, inconformado. É, a pilantra mentiu o nome.

— Ora, com certeza aprendemos com vocês, homens. Garota esperta essa... Soube se livrar muito bem de você e, pela sua cara e a dela, acabaram de se dar conta que são vizinhos. Mano, que viagem!

— Chega, espertalhona — peço, quase um sussurro, e visto o capacete esportivo, esperando que ela monte em sua GSX e dê partida. Faço o mesmo, agora realmente puto.

Garota esperta é o *caralho*, ninja, dissimulada. E eu que pensei que a mulher destoava no ambiente noturno, agitado demais para sua imagem quase angelical. Achei até que fosse alguém reservada, por assim dizer, diferente das mulheres com quem realmente saio. Um *caralho*!

— Monta na *porra* da moto e *vambora*, Sophie — falo, já sem paciência, enquanto Sophie não consegue parar de rir.

— Quanto mau humor, logo agora que estou me divertindo tanto. Mas me diz, a ficha de que ela é sua vizinha já caiu? Olha a coincidência, cara...

— Palhaçada, isso sim.

Fico olhando enquanto Sophie coloca o capacete, e ela está certa. Ver Erica aqui, em um primeiro momento me causou uma surpresa boa, muito boa até, pois de imediato imaginei que poderia, de mansinho, terminar com ela em minha cama e saciar o desejo que venho sentindo por ela.

O mesmo que não me deixou dormir nada essa noite. Esse pensamento durou até ouvir de sua boca, que, na verdade, se chama Mônica Maria, pior ainda, que eu a estava confundindo.

Dissimilada, mentirosa.

Sem humor, observo a debochada, ainda rindo, abaixar a viseira e colocar a moto em movimento, saindo da garagem. Faço o mesmo, indo logo atrás dela, com uma mistura de decepção e raiva por Mônica Maria... Mônica Maria é o *caralho*. Eu estou puto!

A filha da mãe mentiu o nome e para quê? Nego, sentindo o vento bater em meu corpo ao pegar velocidade, inconformado.

Não precisamos cortar asfalto por muito tempo para ver a fachada da academia despontar, o prédio de quatro andares se avolumar, estando o último ainda em construção.

De forma proposital, o lugar não fica longe de onde moro, na verdade, foi pensando na localização da matriz que me mudei para aquele mesmo apartamento, há cerca de três anos, onde agora divido o corredor com a mentirosa fujona.

Na época que o aluguei, por conta de Gamora, cogitei uma casa, mas sou sozinho, ficaria perdido em algo grande, apesar de prezar pelo conforto da minha cachorra. Mas agora...

Ainda voltando para a minha mais nova vizinha, talvez ela temesse que eu fizesse exatamente o que fiz, procurasse por ela nas redes sociais. Sua mentira não adiantou muito, já que estamos morando quase de frente um para o outro e pensar que Gamora quase quebrou seu nariz, dias atrás.

Ao menos, sei que é orgulhosa, pois após o acidente ela não deixou que

eu me aproximasse, nem mesmo para pedir desculpas e reclamou com o síndico sobre o ocorrido, que foi bater em minha porta na tarde seguinte, pedindo que tomasse mais cuidado com meu animal de estimação. Ela que não seja louca!

Mas Sophie está certa, é muita coincidência sermos vizinhos.

Soube que o apartamento ia ser ocupado há uns três meses. Assim como que, quem o ocuparia se mudaria no mês retrasado, mas até agora, só a tinha visto de relance duas vezes. Quando Gamora pulou em cima dela e a derrubou; e assim que se mudou, entrando na recepção, acredito que voltando do trabalho.

Na primeira ocasião, cheguei a apertar o passo ao sair da garagem, estava curioso por conhecer a deusa negra que acabara de se mudar, segundo boatos. Apelido dado pelo porteiro, que aparentemente cai de amores pela moça muito educada, gente fina, que mora no 204. Uma mentira, apesar de concordar que ela é realmente linda.

Só que, sejamos sinceros, gente fina não sai por aí mentindo o nome.

Estaciono frente à academia na minha vaga ao lado de Sophie e nem ao menos lhe dou atenção. Meu humor não está bom para piada.

Entro no galpão, entregando o capacete à Denise, a recepcionista da manhã, a saudando com um aceno e passando pela catraca após o reconhecimento da minha digital, indo direto para os fundos sem dar atenção para ninguém em especial, apenas um aceno de cabeça para um e outro.

Aqui, temos o que há de mais moderno em tecnologia para academias, nos orgulhamos disso em especial. Talvez por esse motivo, temos um público seletto.

Mas queremos mais, todos os públicos, oferecer um serviço de qualidade que todos possam pagar. Por isso, optamos por algumas estratégias, bolando planos com combos a longo prazo, pacotes e tudo o mais.

O foco é em nosso maior público, musculação, aeróbica, modalidades de lutas, dança e depois, uma infinidade de possibilidades. Hoje a academia conta com três andares em atividade. No primeiro, concentramos em especial

o boxe, nosso carro-chefe dado que Sophie é uma campeã e dona de uma marca que faz toda a diferença, ela é a cara do lugar, não que ela goste muito disso, mas foi algo natural, dado que após alguns títulos, ela não pôde se esconder dos holofotes.

Junto, ainda no primeiro andar, temos também o espaço reservado ao crossfit, além do espaço para exercícios em espaço aberto, nos fundos, com direito à piscina com hidro e quadra esportiva.

O segundo andar é todo para a musculação, onde temos nosso maior público, além de uma parte ser reservada para lojas de artigo fitness, com nossa marca própria. Temos também uma lanchonete e um consultório nutricional, os dois últimos sendo terceirizados, cedemos apenas o espaço.

Já para o terceiro andar, dividimos todo o espaço em salas para judô, muay thai, jiu jitsu e dança, além de outros. Oferecemos o pacote completo ao cliente, além de querer ampliar ainda mais para incluir também, com a área de beleza e estética. Sim, um salão ou spa, ainda não decidimos, primeiro estamos construindo o quarto andar, depois veremos exatamente o que queremos para o lugar.

E, na parte de trás, na lateral da piscina, ainda tem o pequeno antro de Sophia, ela não abriu mão do quartinho dos fundos, nem quando teve condições de comprar uma casa, um apartamento ou o que quisesse. Continuou aqui, pois também não quis ir morar comigo. Não a culpo.

Você deve estar se perguntando como chegamos a isso tudo, como essa parceria, que tem dado mais que certo, começou e eu explico, aproveito para tentar não pensar em minha vizinha fujona.

Minha mãe, uma mulher ao qual tenho muito orgulho, sendo um membro ativo na igreja católica e sendo contadora, um belo dia recebeu um pedido do padre de sua paróquia, para dar uma ajuda ao orfanato do bairro, ligado diretamente com a paróquia em questão. O lugar estava passando por problemas financeiros, ao ponto de quase fechar as portas, já que a merda do governo em nada servia.

Claro, dona Célia não negou ajuda. Tentando uma forma de cortar gastos, sem prejudicar ainda mais o local, tentando também ações de

arrecadações financeiras.

O problema é que minha mãe é muito humana, sensível a tudo ao seu redor e o que viu no orfanato mexeu com ela, que apesar de amar crianças, só pôde ter a mim de filho.

Eu sempre soube que isso a decepçionava, ela queria mais filhos. Não conto as vezes que a vi chegar em casa chorando, triste e decepçionada com os seres humanos, decepçionada em principal com o ser humano com quem se casou, meu pai.

Só que, um dia, ela não voltou para casa chorando, tampouco triste, não, voltou com uma garota de treze anos, bruta como o demônio, uma fera no corpo de uma criança, um bicho enjaulado, mesmo meu pai dizendo que se ela entrasse com qualquer criança daquele orfanato pela porta da frente da nossa casa, ele sairia pelas portas dos fundos. Como se no fim, ela precisasse daquele pedaço imundo de merda para algo.

Mas meu pai não vem ao caso e, sim, minha mãe e como Sophie entrou em minha vida.

Para terem ideia da fera que habitava no corpo magricela da garota, ainda hoje trago em meu braço a marca de uma mordida sua, que ganhei no dia que Sophie chegou à minha casa, ao tentar mostrar a ela como abrir a jarra de suco.

Isso mesmo, a garota que minha mãe trouxe para casa naquele dia foi Sophie, uma menina abusada, mal-humorada e sem nenhuma educação.

Segundo o que mamãe me disse ao fazer um curativo em meu braço, enquanto a meliante se trancou no banheiro, é que a menina sofreu maus tratos ao passar por um lar de apoio, essas famílias que se habilitam a dar suporte para algumas crianças até serem adotadas, ganhando uma ajuda miserável do governo.

Com isso, de alguma forma, a quebraram e minha mãe quis consertá-la, mesmo vendo seu casamento ruir naquela mesma noite.

Após a termos em casa, por vezes acordávamos com seu quarto vazio no meio da noite. Sophie não queria um lar e sempre voltava para o orfanato

à noite, sozinha. Vivia brigando com garotos que davam três dela, com garotas, com todos, era um verdadeiro inferno. Mas a mesma força que ela tinha em sempre ir embora, minha mãe tinha em ir buscá-la, sem sequer pensar em desistir, com toda paciência e amor existente no mundo. Todos já tinham desistido dela, dona Célia não. Sophie ia embora e, no dia seguinte, lá estava minha mãe, buscando-a.

Eu a odiava, odiava mesmo, pois via minha mãe sofrendo por ela, chorando e eu nada podia fazer, só abraçá-la à noite. Por vezes, não sabia se o choro dela era pelo abandono conjugal do meu pai, por Sophia, ou ambos. Mas eu estava lá para o que ela precisasse, mesmo não engolindo a garota insuportável. Ainda assim, não a julgava, isso não, exatamente por saber, ou melhor, por não saber pelo o que passou e o que a transformou naquilo.

Como medida para melhorar a vida dela e incluir normalidade à sua rotina, mamãe tentou fazê-la estudar, na mesma escola que eu, assim eu mantinha um olho nela.

É claro, não deu muito certo. Foram aulas matadas, assassinadas, expulsões e brigas. Na terceira expulsão, que seria a última, minha mãe fez com que a aceitassem de volta. Até aí, mal nós nos falávamos, ou não nos falávamos de jeito nenhum, até o dia em que vi um garoto, maior do que ela, levantar a mão e acertar o seu rosto na quadra da escola.

Eu a vi se levantar, voar em cima do moleque e o acertar com toda força. Mas ele era grande, ela não dava conta e, de novo, ele a derrubou. Meu sangue ferveu, pois na cabeça da minha mãe, ela era a minha irmãzinha e o pior, na minha também, mesmo ainda a odiando. Mas irmão é isso, não é? Nunca os tive, mas sempre ouvir falar que se odeiam na mesma medida que se amam.

Ainda não a amava, mas marchei em sua direção e segurei o moleque, ainda me lembro do momento exato:

“Os olhos pretos — bonitos em um rosto arranhando, inchado e com o lábio cortado — me olharam amedrontados, raivosos, quando me viu segurando o moleque. Eu estava com o sangue fervendo, com raiva da covardia que assisti, tanto do garoto como dos moleques ao redor.

— Vem, bate. Bate nele — bradei e o garoto se assustou, tentando se soltar. — Anda, bate, mete o cacete, porra! — pedi e ela olhava para mim como se eu fosse algo de outro mundo.”

Chego a sorrir. Sophie não esperou outro comando, soltando um grito doloroso preso em sua garganta, a menina se levantou e então o socou com toda a força que tinha. De início, em seu rosto, mas depois se perdeu na raiva e não tinha lugar certo. O soltei quando achei que bastava, sem causar maiores danos que pequenos arranhões, deixando o moleque cair no chão, se contorcendo.

Um merda medroso e covarde.

Foi a primeira vez que Sophie me olhou diferente. Não tinha muito a dizer e o inferno já estava montado ao nosso redor. Fomos os dois para a secretaria, calados, cúmplices, unidos por algo que aconteceu naquela tarde.

Foi ali, que percebi que eu amava a garota rabugenta, infernal, como irmã. Eu poderia falar qualquer coisa, berrar com ela, xingar e dizer o quanto era insuportável sua presença em minha casa, mas apenas eu e ninguém mais.

Minha mãe foi chamada, nós fomos expulsos, sem chances de retorno, mas naquele dia, algo mais aconteceu. Após aquele episódio, depois de um ano e meio lutando para que ela nos aceitasse e após minha mãe passar por um divórcio sofrido, Sophie parou de fugir de nós, ao menos, e começou a nos ver como um porto seguro, pois ela parou de fugir para voltar ao orfanato.

Fomos mandados para outra escola no dia seguinte e dessa vez, não houve briga, opressão, ou castigo da parte da minha mãe, apenas compreensão e talvez um pinga de orgulho por eu tê-la protegido como ninguém nunca fizera.

Ainda assim, ela não falava muito, nem depois disso. Foi quando em uma noite, enquanto caía uma tempestade torrencial, eu acordei com a sombra de alguém ao meu lado da cama, no meu quarto. Tomei um *puta* susto e me pus sentado na hora, o coração a querer saltar pela boca.

Era ela, o rosto em lágrimas, sofrido, amedrontado e não me lembro de

jamais ter sentindo dor por outra pessoa como a que senti por ela naquele instante. E enquanto eu estava sentado à beira da cama, à meia luz, ainda paralisado, Sophie se sentou ao meu lado, limpando o rosto sem querer mostrar sua dor, levando os joelhos ao peito e os abraçando.

Eu estava paralisado.

“— Tive um pesadelo, tá chovendo, posso ficar aqui?”

Foi o que disse, apenas, e não precisou de mais nada.

Eu só me afastei para o lado, na cama de solteiro, lhe dando o máximo de espaço possível, dando lugar a ela, que se deitou comigo, se agasalhou e ficou ali, até pegar no sono. A partir de então, minha cama virou seu refúgio e começamos a criar amizade, a conversar, falar de tudo e de nada ao mesmo tempo. Eu me tornei o seu protetor, amigo, confidente e ela a minha.

Quando mamãe descobriu o que fazíamos, em um primeiro momento ela se preocupou de que eu estivesse me aproveitando da menina, de forma romântica, mas se tranquilizou quando garanti a ela que jamais tocaria Sophie dessa forma, que não a via assim, e sim, como uma irmã mais nova que eu queria e ia proteger.

Sua desconfiança virou felicidade e meu quarto ganhou um beliche desses que tem um tipo de gaveta com colchão embaixo, para quando ela quisesse se refugiar comigo, pois descobrimos que seus pesadelos eram recorrentes.

Funcionou muito bem, passamos a dormir juntos quase todas as noites, inseparáveis, unidos como um só. O tipo de conexão que não se precisa falar, entendemos um ao outro com o olhar, terminamos um a frase do outro, sabemos exatamente o que um pensa e precisa, sem que ao menos nós mesmos déssemos conta. Desde então, somos irmãos por opção e escolha. Ela não carrega meu sobrenome, mas carrega parte de mim com ela.

A partir daí ela mudou também dentro de casa com minha mãe, mas não fora dela, com outras pessoas. E mamãe viu no esporte uma forma de ajudá-la a extravasar o que guardava só para si, ao menos assim incentivou a psicóloga.

Claro, ela escolheu o boxe e eu acompanhei, deu certo, tanto que fez disso sua paixão e profissão. Aos dezoito, tendo que sair do abrigo que ela não mais morava, foi morar permanentemente conosco e claro, a essa altura minha garota de ouro já era da família, minha mãe a idolatrava e ambos víamos no esporte uma forma de vida.

Mamãe não tinha condições de bancar muito, porém, aos sete anos, Sophie chegou a ser adotada, mas antes do período de teste acabar, sua mãe adotiva faleceu e seu pai adotivo a devolveu e quão surpreendente foi, quando descobrimos que ao morrer, o homem que a abandonou deixou toda sua fortuna para ela?

Não uma quantia exorbitante, mas daria para ela arrumar a vida. A essa altura, cursávamos Educação Física, tínhamos planos, em especial o de fazê-la campeã, junto ao nosso antigo mestre.

Na época, ela ficou em dúvida se realmente aceitava o dinheiro, tinha raiva do homem que a abandonou, apesar de guardar boas lembranças da época que passou com ele e sua esposa e, por fim, após muito pensar, aceitou.

Ela tinha o capital, mas nós tínhamos zero cabeça e conhecimento para qualquer negócio que fosse, nem idade, para ser sincero. Ainda estávamos estudando.

Então focamos na carreira dela com o boxe, nos estudos, enquanto o dinheiro ficava guardado. Um dia, jogados no tatame, suados e exaustos a ideia de termos um negócio surgiu, mas claro, até então apenas ela possuía verba de fato. Venho de uma família de classe média e sem muitas condições. E quando falo em família, me refiro unicamente à minha mãe.

Na época, poderia ter pedido ajuda ao meu pai, mas preferia ficar de fora da sociedade e trabalhar para ela, se fosse o caso.

A solução foi o Impala que herdei do meu avô. Uma relíquia, que valia uma pequena fortuna, suficiente para um investimento meio a meio com Sophie, para abrir nossa primeira academia, em um galpão alugado, com foco no boxe. Deu muito certo, como podem ver, e recuperei o carro do meu avô tempos depois, que hoje está muito bem guardado na garagem do prédio. Meu único carro, até então.

E hoje temos isso tudo, montado do zero, com erros e acertos, uma quase falência e muita cumplicidade de ambas as partes. Na atual conjectura, além da matriz, temos mais quatro filiais espalhadas pela cidade, uma marca e um modelo de vida saudável a oferecer, e queremos ainda muito mais.

Dou-me conta de que divaguei demais ao estar aqui nos fundos da academia, perdido em meus pensamentos, o sol banhando meu rosto e nem sei por que me aprofundei tanto. Talvez pelo motivo de que não tem como dizer como isso tudo aqui começou, sem contar como minha história com a senhora marrenta se deu início.

Observo com mais atenção os moleques brincando, rindo e se divertindo no espaço aberto, próximo à piscina. Permaneço a meia distância, sem querer atrapalhar Jadson, o professor, e os moleques.

A aula é gratuita, voltada para crianças e adolescentes e acontece aqui duas vezes por semana, com foco em um projeto que criamos para crianças carentes, seja do bairro ou de orfanatos próximos. Aprendi que o esporte pode salvar vidas, muda o foco de uma mente perdida e reconstrói pessoas que estão quebradas. Ele fez isso com Sophie, minha garota de ouro, e fará também por essas crianças.

Por falar nela, sinto sua presença às minhas costas.

— Olha, o número parece maior.

— Se continuar assim, teremos que aumentar os dias, ou as aulas. De manhã e à tarde por exemplo, o que acha? — respondo.

— Sim, por mim, ótimo. Este espaço passa quase toda a semana vazio mesmo. A não ser pelo grupo do Bope que aluga *pra* jogar bola.

— Exato.

— E aí, ainda com a cabeça na mulher? — pergunta, abandonando o tom de sarcasmo.

— Não. — Sim, algo grita na minha cabeça, sabendo que uma cabeça em especial não a esquece. — Passou. Foi tesão, agora que sei que ela mentiu até o nome, não faz mais sentindo.

Uma mentira, é óbvio, e ela sabe disso. Tenta, sem sucesso, disfarçar o risinho de lado, ficando com as bochechas coradas.

— Ah, estão aí! — Olho por cima do ombro, vendo Bruno, um amigo e aluno assíduo da academia, se aproximar, enquanto Sophie revira os olhos ao meu lado. — Como os moleques estão se saindo? — pergunta, interessado, ele faz parte desse projeto também.

O projeto nasceu enquanto estávamos Alex, nosso amigo; Sophie; ele e eu treinando no ringue. Na verdade, estávamos mais brincando que realmente treinando e, depois, jogados na lona, tomando cerveja, a ideia surgiu. Um projeto para crianças carentes, que Sophie abraçou no mesmo instante.

— Muito bem, estão interessados em ser como a campeã aqui — falo, passando o braço pelos ombros femininos.

Bruno, um cara de quase dois metros de altura, para ao nosso lado e mede Sophie, que não lhe dá um segundo olhar. Os dois parecem cão e gato, ela não o suporta, ele, por outro lado, não é diferente.

— Bom dia, Maria Sophie. Como dormiu? — Só ele a chama assim, ela odeia o nome completo.

— Não entendo em que minha noite te interessa, Bruno. Tem uns bandidos por aí *pra* prender, não?

Ele gargalha a provocando e ela sempre cai, pávio curto como ninguém. A menção de bandidos para prender, é que o cara ao meu lado é capitão do BOPE, Batalhão de Operações da polícia militar do Rio de Janeiro. Um bom amigo, o famoso pau para toda obra e ótimo para subir no ringue. Quando preciso descarregar algo, socar alguém que seja do mesmo nível que eu, acabamos os dois no ringue.

— Qual teu treino hoje? — pergunto, interessado. Preciso descarregar essa raiva que está aqui, inconsciente em meu peito. Junto à vontade de segurar uma certa mulher pela nuca, grudá-la na parede e foder sua boceta com força. — Quer subir no ringue?

— Só se for agora. Faz dias que não soco tua cara feia.

— Vai sonhando, *bora* lá. Vem assistir, Sophie?

— Não, podem ir. Vou ficar por aqui namorando os moleques treinarem mais um pouquinho. Mas ainda chego a tempo de ver Bruno babar na lona — provoca, ganhando um olhar de deboche dele antes de sairmos.

— Beleza, te esperamos lá.



O dia de ontem foi pauleira, por começar com o sexo ruim e a noite péssima de sono. Porém, hoje não foi diferente, já que também dormi pouco à noite. Devo estar ficando velho, é a única explicação para essa insônia descabida. Olho o relógio e depois para a mulher dentro da piscina, imersa embaixo da água, usando peso nos pés e nos punhos, socando o nada à sua frente.

Trinta segundos.

— *Bora* lá, *bora*, pega os cinquenta... — falo sozinho, já que ela não pode me ouvir —... 45, 46, 47, 48, 49... — Comemoro, quando o ponteiro bate cinquenta e dois segundos, ao tempo que a vejo despontar com esforço e cuspir água, buscando ar, tentando não voltar a afundar com os pesos nos pés. Paro o cronometro e vou para beirada, lhe estendendo a mão e ela me olha, esperando que diga quanto tempo atingiu. — Cinquenta e dois, *porra!* — comemoro.

Ela sorri, segurando minha mão e a puxo para fora da água, lhe entregando uma toalha seca.

— Qual a meta agora?

— Primeiro manter os 52, nada de voltar aos 45 e depois tentar 55, mas isso a longo prazo, vamos com calma.

Na última luta, tivemos uma costela fraturada, o que trouxe problemas para seu pulmão. Desde então, tentamos recuperar o mesmo fôlego que ela tinha antes.

— *Tá*, 52, por ora, me basta. — E sua alegria me lembra uma criança contente quando ganha algum brinquedo.

— Por hoje encerramos. Vai descansar ou volta para academia?

— Hoje o pessoal *tá* treinando, vou aparecer, dar uma força. Mas não fico muito, acabou comigo hoje. O que te deu para chegar aqui às 4h da manhã?

— Nada. *Tá* chegando o dia luta — minto, foi um sonho erótico, seguido de insônia por pau duro ao imaginar que a infeliz mentirosa estava a poucos passos de mim. Mas isso não vem ao caso. — O que foi? *Tá* ficando mole, é?

— Tua bunda. Me respeita. Falou com sua mãe hoje?

— Nossa mãe? — pergunto e ela anui, mas muda seu olhar de direção. — Falei, quer a gente lá no sábado.

— *Tá* bom, não tenho nada para fazer sábado, mesmo.

— E mesmo se tivesse, iríamos do mesmo jeito. — Ela sorri. — *Bora* assistir a um filme lá em casa mais tarde? Podemos comemorar a marca dos 52.

— Nem a pau, Ben, não é possível que não queira sair daqui e ir dormir. Porque eu vou capotar logo depois do treino das nove, tenho certeza. Nada de insônia hoje.

Sorrio, na verdade, não queria mesmo era ficar sozinho, também não quero outra companhia feminina. Poderia implorar para que fosse dormir comigo, ou ficar aqui, mas não quero atrapalhar seu descanso.

— *Tá*, vai lá pôr uma roupa seca, te espero lá fora. Vou ver se tem alguma aluna nova precisando de atenção profissional.

Ela nega e me bate com a toalha.

— Toma vergonha, Benjamin.

— Ué, como proprietário, estou cuidando para que possamos dar o melhor atendimento aos nossos alunos.

— Deveria era ir atrás da vizinha gostosa. — Fecho minha expressão na hora com sua menção.

Por falar nela, não tornei a vê-la.

— Não viaja, sibita. Agora vai se trocar, antes que pegue um resfriado.

Dou-lhe as costas, sem estar a fim de continuar no assunto “vizinha”, pegando meu cronômetro e a garrafa de água que descansa ao lado. Passo pelas portas de vidro, voltando ao galpão, ouvindo a batida da música, a agitação, vozes a ecoar, alguns gritos animados que vêm da aula de dança lá em cima e o cheiro costumeiro que se mistura ao de ferro, perfumes diversos e suor. E, quer saber, eu amo isso aqui, essa animação, a vida que isso parece ter.

— Dou conta disso aí não, gente, eu hein! — Ouço alguém dizer e viro meu pescoço por instinto, pronto para ajudar o rapaz que fala isso, que não está longe de onde estou.

Paraliso, ouvindo também uma gargalhada feminina alta, gostosa, escandalosa e única, ser solta ao ouvir o rapaz moreno falar, olhando dois caras no ringue lutando.

Não pode ser...



Mônica



Um raio sempre pode cair duas vezes no mesmo lugar

Observo André olhar dois homens em um ringue, lutando. Meu amigo parece admirado, embasbacado, apesar de assistir e gostar bastante desse tipo de luta, só que olhando assim de perto, ele parece realmente apavorado.

— Bicha, eu sou fã de UFC, mas acho que quero continuar um gordinho gostoso mesmo. Tenho estrutura *pra* isso não. Ah lá, o gostoso acabou de quebrar a costela do outro, certeza. Me jogar num negócio desse assim, perco até as pregas do *cu*, eu, hein.

Não consigo controlar o riso escandaloso que me arremata e trago a mão à boca, tentando me conter ao ver duas mulheres malhadas, com cara de nojo, me olharem.

— Para, vai, não me faz rir como uma galinha aqui. Sem falar que escolhemos o combo musculação mais aeróbica, nada de luta. Sendo assim, nada de pânico.

— Sei... é, tem razão. Porque agora também, é questão de honra, *né*, meu amor? Afinal, gastei todo meu limite de crédito em roupa para malhar e esses tênis lindos aqui. Deus ajude que venha uma APL gorda, bem gorda, este mês, porque olha, precisamos.

Concordo, ainda rindo. E, sim, estamos mesmo na academia. Como eu disse antes, realmente me matriculei. Claro, arrastei ele comigo, mas não antes de ser arrastada, ontem, por ele a um shopping e vê-lo se esbaldar em compras de roupas esportivas.

Confesso que após chegar morta de cansaço do trabalho hoje, pensei em desistir, não nego. Quem chega do trabalho e tem pique para malhar? Animação? Eu não tenho, vim me arrastando mesmo.

Ganhei um tantinho de coragem ao chegar e sermos muito bem atendidos pela recepcionista, já conhecemos até mesmo o primeiro andar da academia e confesso, gostei muito do que eles oferecem.

Agora, estamos aqui, esperando um *personal* nos atender, pois antes de qualquer coisa precisamos fazer uma avaliação física, para depois começar o treino pesado. Enquanto isso, cá estamos nós, assistindo a uma luta de ego entre dois gostosões em cima de um ringue.

Os caras lutando boxe são puros músculos, bombados além da conta e me lembram alguém, gostoso para *caralho*, e no instante que esse pensamento me toma, vergonha vem junto. Qual é, Mônica, ele tem namorada.

Sai da minha cabeça, sai da minha cabeça, sai da minha cabeça. Esse é o meu novo mantra, que venho cantando desde que descobri que o cara é meu vizinho e que tem alguém. E quem sabe não é agora que começo a minha vida superfitness? Aproveitando minha mais nova motivação, a força do ódio. Nunca se sabe...

— *Tá demorando, não?* Se bem que não posso reclamar da vista, *né, Mon?* Olha *pra* aquilo, cheguei aqui cego vou sair com visão de raio-X, meu amor — fala, disfarçando seu atual fascínio por um cara com mais músculos que sua estrutura óssea possa carregar, babando no pobre homem.

— Cuidado, ele não me parece gay, nada de sair dando em cima de qualquer um, controle-se. — Rio, ouvindo-o resmungar.

— Ficaria surpresa com esses héteros enrustidos, no fundo doidos por uma ruela.

— Cara, você não existe, sabia?

Deixo-o de olho nos gostosões, resmungando o quanto queria ser rasgado por um deles e procuro ao redor a moça que nos atendeu, é quando sinto André segurar meu braço de supetão, chamando minha atenção.

— Jesus, olha quem *tá* ali... e está vindo. *Putaquepariu*, disfarça, criatura.

Sigo seu olhar e o sorriso congela em meu rosto ao ver nada mais nada menos que o meu vizinho, barra, gostoso traidor, se aproximando de onde estamos. Trazendo consigo um sorriso debochado no rosto e a recepcionista, que nos atendeu, a tiracolo. Fico estática, a roupa apertada agora parecendo

me sufocar, um certo calafrio subindo por minha espinha e meu sorriso vai morrendo aos poucos.

— Boa noite. E olha só, uma segunda coincidência para nós dois. É um prazer ter você aqui, Mônica Maria.

— Obrigada. — É André que se faz ouvir, já que minha língua congelou na boca.

— Espero que tenham sido muito bem recebidos em nossa academia. Eduarda me disse que é o primeiro dia dos dois, certo?

Espera, o que está acontecendo aqui? Para completar, a recepcionista tem uma expressão mais que simpática em seu rosto, confirmando o que ele diz.

— Sim, nosso primeiro dia — André confirma e, sendo sincera, acho que é o primeiro e o último, pelo andar da carruagem.

— Onde está o *personal*? — Saio da minha sutil paralisia, o ignorando, olhando diretamente para Eduarda ao perguntar isso, querendo me livrar da droga da coincidência que ele citou.

— Ah, me desculpe a confusão, mas Benjamin disse que se conhecem e faz questão de te atender. Não é ótimo?

Olho para o cara de pau à minha frente, como quem diz: contou também que transamos e descobri depois que você não vale nada?

Mas o recepcionista volta a falar:

— É uma sorte que ele esteja disponível, pois hoje estamos lotamos e com falta de funcionários. Estão na mão de um dos melhores *personal*, acreditem.

Meu sangue gela e eu tenho a impressão, ao olhar para ele, que está adorando essa situação. Não bastava morar no mesmo prédio que eu, tinha que trabalhar também na mesma academia que irei malhar? Ou melhor, iria...

— Posso guiá-los hoje, isso, se não se importar, é claro, Mônica — fala, cínico, aquele risinho de lado, perfeito, decorando seu rosto. — Mas

creio que não, certo? Fique tranquila, Duda, Mônica é minha vizinha. — E ao dizer isso para a recepcionista, ele usa de uma naturalidade ímpar, enquanto estou muda, apática e seu olhar apreciativo passa de mim para André, lhe estendendo a mão. — Você, eu me lembro, mas não nos apresentamos na boate naquela noite, certo?

Se eu tivesse a pele mais clara, certeza que estaria vermelha como pimenta e sinto um desconforto descomunal quando ele fala daquela noite, mesmo não me lembrando do que aconteceu entre nós, mas lembrando bem que ele tem uma namorada.

— Sou o André. — Meu amigo até engrossa a voz, bestificado com a beleza do homem, mas sem querer dar o braço a torcer, devido ao meu ódio. Nosso, virou um ódio coletivo, após meu desabafo no banheiro.

Para piorar minha situação, eu não consigo não olhar e a tentação ambulante está usando um desses shorts masculinos molinho, que vai até os joelhos e uma regata, cavada até suas costelas, dando para ver parte de ambas as tatuagens em seu peito e braços, agora eu posso com muita, muita clareza.

Benjamin tem um leão no peito esquerdo, todo em tinta preta e um gorila no direito também em preto e nem toda a raiva do mundo me impediria de apreciar o infeliz. Forte, com braços musculosos e... Chega!

Esse é um caminho sem volta, Mônica Maria, para.

— Mas, neste caso, como é feita essa avaliação? — pergunto, já tentando achar uma forma de fugir disso.

— Coisa rápido. São informações que preciso sobre o seu corpo, seus objetivos, como está sua curvatura, sua saúde etc., para poder depois montar sua série. Hoje, por exemplo, só faremos sua avaliação, pois ainda irei elaborar os treinos após ter suas medidas. — Até parece profissional falando assim, conhecer meu corpo...

Tremo só com essa frase, não impedindo o duplo sentindo, nem o calafrio que se apossa da minha virilha. Chego a fechar os olhos e apertar as pernas.

Tantos dias sem sentir tesão por alguém e quando enfim sinto... Droga!

— Vixe, minha condição física é podre, vou avisando logo, completamente podre. Tem que pegar o pesado comigo de início, tenho trinta anos, com coluna de sessenta, bonito.

— André — corto e Benjamin ri, sem jeito, mostrando dentes brancos perfeitos e alinhadinhos. Infeliz, tem algo nele que não seja perfeito?

Custava ser mais feio? Ao menos ia facilitar para mim, ao não desejar o homem da próxima.

Não que eu deseje, depois de saber da sua pilantragem, eu cortei qualquer desejo por ele ou tentei.

— Fique tranquilo, não terá nada que não aguente, cuidaremos disso. E como são dois, deixa só eu... — Pausa e olha para os lados, chamando alguém.

Procuro quem é e quase gemo.

A poucos passos de nós, está ela, que agora vem em nossa direção, perfeita, a pele iluminada, nada fora do lugar, nem uma gordurinha, vestida em um macacão preto, colado ao corpo e tênis, com os cabelos soltos e molhados, linda. Pensando bem, os dois combinam.

Chego a sentir dor de barriga e André nota meu desconforto, procurando o motivo.

— Meu Deus, é ela? — pergunta, os olhos arregalados e sua pergunta faz Benjamin o olhar.

— Ela o quê? — Nego, totalmente desconfortável.

— Essa é Sophie, também proprietária da academia — Eduarda esclarece, parecendo orgulhosa.

Também proprietária? Ambos são donos disso aqui? Está de brincadeira!

Não é difícil imaginar o porquê de todos ao redor a olharem enquanto ela vem em nossa direção, a mulher realmente chama atenção, até André está vidrado nela, quando, por fim, nos alcança com um sorriso mais que

simpático no rosto.

— Sophie, esses são nossos novos alunos — apresenta, com naturalidade, enquanto acho que meus olhos pularão das órbitas.

Seu sorriso é direcionado em especial para mim ou é coisa da minha cabeça. Talvez seja paranoia de amante ver coisa onde não tem.

Só quero cavar um buraco e me enterrar nele, desintegrar. Mais de um ano sem uma rola e quando, enfim, acho uma, ela é comprometida. Poderia ser algo aleatório, o cara ser comprometido, eu nem saber disso quando ficamos e nunca mais encontrá-lo na vida, mas não, o desgraçado bonito tinha que ser meu vizinho.

— Meu Deus, me belisca!

— O que foi? — pergunto, estranhando sua animação.

— Ela, bicha, é minha lutadora favorita! Campeã peso médio no UFC. Ai, meu Deus! — Não entendo nada e, como uma gazela no cio, André começa a pular no lugar e quase sobe em cima da mulher. — Dá licença aqui, querido, que é o meu momento tiete de brilhar — fala, empurrando Benjamin para o lado.

Minha desolação só cresce, assim como a raiva e revolta. Sério que perdi até mesmo meu amigo para essa mulher também? Uma coisa que era para me ajudar... Espera, mas ele falou UFC? Lutadora, é isso?

Está explicado tanto músculo e perfeição, além de mal-encarada, quando não está com esse riso perfeito na cara. Pronto, além de tudo corro o risco de ser espancada quando ela se der conta de que dormi com o namorado bosta dela.

— Mais um fã, Sophie. — É Benjamin a dizer, risonho e orgulhoso. Embuste.

— Tá brincando? Não perco uma luta dessa diva. Menina, que prazer imenso te conhecer, mas me conta, como tá a costela? Quase morro de preocupação quando soube que tinha quebrado. — André desanda a falar e ela faz certo esforço para acompanhar o que ele diz e, apesar de não parecer

muito à vontade com o assédio, Sophie não banca a antipática, tentando um sorriso enquanto a observamos.

— Cem por cento recuperada, pronta para outra, e obrigada por sua preocupação. Mas por que me chamou?

— Nada de outra, Sophie — Benjamin a corta, enquanto ela tem o braço encostado em seu ombro e eu me sinto sobrar, de forma humilhante. E seus olhos não demoram a encontrar os meus. — Sophie, pode atender André? Hoje estamos apenas com Jack e Paulo, que já estão sobrecarregados, e esses dois precisam de avaliação, eu fico com Mônica.

— Claro que sim.

— Claro que não — corto, pigarreando em seguida, tentando disfarçar. — Digo, digo... posso ser atendida por ela. — Tento, querendo morrer.

— Nem pensar, minha chance aqui, Mon. Vai com o bonitão aí, que vou aproveitar o meu momento. Vai lá, vai...

Eu quero afundar a cara dele.

— Ótimo. A sala de avaliação está pronta, Ben?

— As duas, Duda já agilizou. Vamos lá, então? — Benjamin se dirige a mim e faço uma careta sem jeito, olhando para os quatro cantos, querendo ir embora.

— Talvez seja melhor voltar amanhã, com tempo de fazer a avaliação e já o treino, o que acha, Dé? — Tento, olhando de forma suplicante para André, para que entenda minha súplica, mas meu amigo parece querer me mandar calar a boca.

— *Tá* louca? Nem pensar... vou fazer uma avaliação com a deusa do UFC, meu amor, quiçá ganhar até um autógrafo. Agora vai, que a gente se encontra aqui quando acabar.

Ainda tento um olhar, ficando sem graça em tentar ir embora, medo de que ela perceba algo e, por fim, sorrio sem jeito para ela, que me olha parecendo me estudar e me volto para Benjamin, tirando o sorriso da cara.

— Vamos lá, então.

Sinto minhas pernas bambearem. Já fiz isso, avaliação, primeiro dia na academia, só nunca fiquei por mais de dois meses. Quem nunca? E com isso, sei como funciona.

— Por aqui. — Sem demora, ele faz um sinal com a mão, indicando o caminho e meus pés não querem ir.

Benjamin passa à minha frente e eu espero que Sophie e André façam o mesmo, para ir logo atrás e dar uns tapas na cara de André, para ver se ele se toca. Mas o meu futuro ex-amigo, que deveria estar aqui para me defender, parece encantado demais em uma conversa com a tal Sophie para me entender.

Será que esse é o nome dela mesmo? Para que americanizar tanto um nome? Seria mais fácil um simples Sofia. Deus do céu! E olha o meu veneno...

Mas, poxa, sou humana, gente. Está bem, o nome também é lindo.

— Por aqui! — Ouço-o novamente e chego a dar um pulinho no lugar ao me ver parada, aérea e fora do ar por tempo demais. Acabo por segui-lo, desistindo de chutar André.

— Já apresentaram toda a academia para você?

— Não, só o primeiro andar.

— Ótimo, faremos isso enquanto subimos, então.

E, no subir, ele quer dizer escalar uma escada íngreme até demais, cansa só de olhar. Logo, estamos tendo acesso a um espaço aberto de musculação, com incontáveis aparelhos, desde esteiras até alguns aparelhos invocados que nem sei para que servem.

— Este é o espaço destinado à musculação, é aqui que acontecem os treinos. Ali atrás, como pode ver, é a lanchonete, e deixe-me indicar, eles têm um ótimo cardápio, tudo natural, é claro.

— Eles? Não é sua também? — deixo escapar, de repente curiosa.

— Não, cedemos o espaço quando nos apresentaram a ideia de cardápios, além de marketing.

— Hum, entendi. — *Cedemos*, o que dá a entender que não faz nada sozinho.

— Nas laterais, são lojas de artigos esportivos, tudo o que precisar encontrará aqui.

Uau. Olho as vitrines que aponta, vendo a mesma logo que tem na academia lá fora.

— Tem uma marca própria?

— Sim, exatamente isso.

— Hum... — murmuro apenas, o desconforto crescendo.

O quão rico esse cara é? Sim, porque a julgar seu estilo até aqui e o apartamento no prédio modesto em que mora, eu jamais diria que é dono disso tudo.

— Aqui, vamos subir mais alguns degraus.

— Tem mais?

— Mais um andar, que abriga a sala de dança, judô, jiu jitsu, muay thai, entre outros.

Eu me dou conta de que o lugar é enorme, bem maior do que deixa antever quando olhamos de fora. A cada passo fico mais impressionada e em um silêncio incômodo, entramos em mais um corredor, este, com várias salas de vidro divididas, com tamanho substanciais.

Uma delas está ocupada com aula de dança e assim que passamos por ela, olhares femininos se voltam para nós, ou melhor, para ele. Algumas chegam a cutucar a colega ao lado, enquanto ele parece alheio a toda essa atenção. Oferecidas.

Tento não olhar, seguindo-o e há mais uma sala funcionando com aula de alguma luta, que, obviamente, não sei distinguir e uma última que está vazia. A cada passo, imagino estar indo para um matadouro, com medo,

ansiosa, com aquele frio insuportável no estômago. Por que não podia ser mais fácil?

Nego o pensamento, estando ao final do corredor, vendo três portas e me pergunto quando vamos voltar lá para baixo, afinal, ele só está me mostrando a academia, certo? Errado. Pois Benjamin abre uma delas, esperando que eu entre. Estanco.

— Não vou entrar aí! — nego, de supetão, e ele me olha com um vinco entre as sobrancelhas, como se eu estivesse falando uma besteira, incrédulo.

— É aqui que faço a avaliação, Mônica. É minha sala, não há outro lugar.

A cada segundo me sinto mais idiota, envergonhada até para sustentar seu olhar. O que diabos esse homem faz comigo? O que diabos estou fazendo, mal pensando ao sentir tanto nervosismo.

Parece que desde que o conheci, venho sentindo muito isso, essa revolta e inquietação, sem saber como agir em relação a ele e o que realmente aconteceu entre nós. Essa seria a hora de tirar as coisas a limpo, certo? Errado, pois não quero nem tocar no assunto.

— Vai entrar? — pergunta, já que não saio do lugar.

Entro, calada, com medo de abrir a boca e passar vergonha novamente. Olho ao redor, buscando me ocupar com algo que não seja ele. Sua sala é pequena e prática, tem apenas uma mesa, dessas simples de escritório, com duas cadeiras e ao fundo um armário cinza, com cinco gavetas, e só. Sobre a mesa tem um notebook, alguns papéis, canetas e um porta-retratos com uma fotografia.

Tanto trabalho para fugir do homem por nada.

Hoje cedo, por exemplo, passei bons dez minutos olhando pelo olho mágico, até conseguir sair de casa, passando correndo frente à sua porta com medo de encontrá-lo. Vergonha no mais alto grau, a começar por ele ter me transformado em uma amante. Foi por uma noite, mas foi e essa sua naturalidade toda está me matando.

Meu coração, que estava a todo vapor, parece ganhar um gás e vem à boca, ao ver na foto: ele, Sophie e uma senhora mais velha, loira de cabelos na altura dos ombros.

— Minha mãe — fala, como se tivesse ouvido meus pensamentos, dando de ombros. Talvez seja por me pegar com olhos presos na foto.

— Uma senhora bonita — elogio, sem saber ao certo o que dizer.

— Concordo. Pode se sentar, tenho algumas perguntas a fazer, vamos nos conhecer melhor.

Conhecer melhor... ele me conhece muito bem, deve saber até a circunferência da minha boceta, já eu... nada.

— Nome completo e idade? — Benjamin não me olha ao perguntar, focado na tela do notebook e eu agradeço.

— Mônica Maria Silveira, vinte e seis anos.

— Trabalha com o que, Mônica?

— Sou bancária, caixa, para ser exata. — Enquanto respondo, não paro de bater o pé, um tique nervoso incontrolável.

— Bancária está bom. Passa muito tempo sentada, então?

— O dia inteiro.

— E a postura? Tem uma boa postura durante esse tempo?

— Claro, o de corcunda de Notre Dame — solto, na inocência, e ele ri, bonito, sensual, um pecado.

Fico aqui, sem graça, olhando para qualquer lugar menos para sua cara bonita de enganador tarado. E em seguida vem uma sucessão de perguntas, desde doenças na família até o que eu espero com os exercícios, como qual peso quero alcançar.

Pelo amor de Deus, o que pode ser mais broxante que isso?

Ah, claro, descobrir que ele tem namorada, uma namorada que é sócia

dele em tempo integral, linda, independente e uma lutadora profissional.

— Perfeito. Levanta e vai até aquela parede, tira a blusa e os tênis, Mônica, por gentileza.

— Oi? — Paro de morder o canto da boca e o encaro.

— Vou fazer sua pesagem, medir sua circunferência.

— *Tá de sacanagem, né?*

— Nunca fez uma avaliação física? — pergunta sério e eu confirmo. — Não sei o que está passando por sua cabeça, mas estou sendo profissional com você, apenas, e deve saber disso, já que acaba de dizer que não é sua primeira avaliação. É um pedido comum, não seria preciso tirar suas medidas por cima de uma blusa folgada como a sua. Se podemos continuar, tire o que pedi e suba na balança, por favor.

Coro, sem falar uma palavra, e me levanto. Tiro meus tênis, permanecendo de cabeça baixa, meu coração a querer rasgar meu peito de tamanha pressa. Ele se levanta também, pegando algo no armário, enquanto subo na balança — meio diferente — próxima à parede, e tiro a merda da blusa, ficando apenas com meu top vermelho e o short.

Poucos segundos e Benjamin está à minha frente, se agachando, pegando um tipo de pedal preso na balança por um fio e me entregando.

— Estique os braços e segure por alguns segundos, sem se mexer. — Faço o que pede e ele volta para a mesa, digitando algo no note. — Ótimo, pode descer. Agora preciso que se sente no chão, encoste sua coluna na parede e mantenha sua postura reta, vamos testá-la. — Ele retorna para perto, muito perto, enquanto sigo seus comandos. — Perfeito, tente tocar as pontas dos pés. — E faço tudo o que pede sem dizer uma palavra, sentindo minha pele formigar a cada toque. — Ótimo, agora se levanta e estique os braços. — De forma cavalheira, ele me estende as mãos, a fim de me ajudar.

Constrangedor, é exatamente o que é e só piora quando, com um tipo de pagador de macarrão, parecido com esses de cozinha mesmo, ele vem segurando minhas gordurinhas entre os dedos e as medindo com o utensílio.

Nada passa por ele, que vai desde as costas, braços, pernas, barriga, coxas até a bunda, tudo. E só quero me afundar em um poço. O pior? É que ainda paguei por essa merda.

Fico olhando para cima, para o lado, para qualquer lugar que não seja seu rosto, já que vez ou outra sinto seus olhos em mim. Já com o pescoço dolorido, olho para baixo, um erro. Puta merda, antes tivesse focado o teto e dado torcicolo no pescoço.

O short fino, agora tem um volume avantajado à frente. Não está duro, em pleno vapor, não, está mais para o estilo meio mastro. Meu Jesus... E ele parece notar para onde olho, se afastando com certa brusquidão, virando de costas, indo para sua mesa e eu me sinto mole.

— Pode se vestir, por favor. — Ouço-o arranhar a garganta, de costas ao guardar algo, estralando o pescoço para um lado e para outro, demorando um tico a se virar.

Sento-me, sem graça, terminando de vestir a blusa, desconfortável, querendo chorar e ir embora para nunca mais voltar, foda-se o dinheiro.

— Terminamos?

— Quase, só vou finalizar sua ficha. — Ele volta a se sentar e quase gemo. — Seu objetivo não está tão longe do seu alcance, pelo contrário, seu percentual de gordura não é alto, um bom treino e logo alcançamos seu objetivo, Mônica. Sem muito esforço, você já tem um belo corpo, vamos apenas acentuar isso.

Confirmo, muda, sem querer dizer: nunca mais coloco os pés aqui.

— Droga, me esqueci de medir sua altura. Me desculpe, isso nunca acontece. Pode ficar de costas para a parede, na medida, é a última coisa e já terminamos. Amanhã, quando voltar, sua ficha estará pronta na recepção.

— Claro, sem problemas. — Só mais um pouco e está acabando.

Dou graças a Deus por já estarmos terminando e ele não ter tocado no assunto: noite na boate, uma segunda vez.

Fico rente à parede como me pede, pescoço alongado e ele se

aproxima, de novo, desta vez, sem o volume evidente a querer saltar frente ao short. O problema é que Benjamin está muito próximo, olhando acima da minha cabeça.

Desta vez, não sei se é por sentir seu perfume tão perto, mas eu não consigo desviar meus olhos quando, devagar, seu olhar cai sobre meu rosto e um calafrio, gostoso demais, sobe por minha espinha, sem controle nenhum.

É por instinto que aperto minha perna uma na outra, o que diabos esse infeliz faz comigo?

Ambos parecemos suspensos, presos nos olhando. Seus olhos são verdes, inesquecíveis, eu diria.

— Por que mentiu seu nome *pra* mim? Por que saiu daquele jeito? — pergunta, rouco, predador, espalmando as mãos uma de cada lado da minha cabeça, perto, muito perto.

— Co-co-co-cómo?

— Naquela noite, por que me deu o nome errado?

— Não sei do que está falando e não está sendo profissional agora.

Um sorriso desliza nos lábios bem-desenhados, prendendo a minha atenção quando sua língua umedece seus lábios e me sinto derreter.

— Não sabe? — Nego e sua cabeça se abaixa, em direção ao meu pescoço, sua barba correndo por minha pele sensível atrás da orelha, alcançando meu lóbulo e mordiscando, enviando um sinal de puro tesão ao meu sexo. — Quer que eu seja profissional? — Nada digo e não consigo esconder um gemido que me escapa. Inferno. — Então me conta, por que mentiu *pra* mim?

Menti...

Eu não menti, ele sim. Pior, enganou a mim e a droga da namorada dele, que neste momento está em algum lugar lá embaixo, podendo entrar aqui a qualquer momento. Com isso, pareço acordar de um transe composto de puro tesão, espalmando minhas mãos em seu peito, empurrando, afastando-o de mim, impondo uma distância segura entre nós.

Saio de seu alcance, indo até próximo à cadeira que eu estava sentada há pouco, pegando meus tênis.

— Faz isso com todas as suas alunas? Não tem vergonha ou escrúpulos, seu, seu, seu... aproveitador? Faça um favor a nós três, fique longe de mim, respeite a mulher que está com você, idiota! — despejo, meu corpo de repente tremendo de raiva.

Raiva de mim, dele, já nem importa.

Ainda vejo-o arregalar os olhos, abrindo a boca, dando um passo em minha direção, mas não espero, saio da sala, batendo com força a porta atrás de mim.

Não importa quanto paguei, mas não volto aqui, nunca mais!



Mônica

8

Coincidências realmente acontecem

Saio apressada pelo corredor, como se o diabo estivesse atrás de mim, até meu corpo está frio, minhas mãos suando em bicas de tanto nervoso e antes mesmo de alcançar o primeiro andar, já avisto André, parado quase onde estávamos antes, encostado em uma pilastra, derretido pela boxeadora adorável à sua frente.

Vendido esse!

— Oi, e aí já terminaram? — chamo a atenção dos dois ao me aproximar, parando meio afoita, cansada por quase ter descido as escadas correndo.

— Ah, já sim. Foi perfeito, Mon, essa mulher é uma diva!

Olho-o, queria poder disfarçar o meu ranço, pois não é difícil ver que André está completamente apaixonado por ela, só vi ele assim uma vez, no show da Ivete Sangalo, ele é louco por ela.

— Que bom, então vamos? — Estou nervosa e com isso fico trocando o peso do corpo de uma perna para outra, como um tique, inquieta.

— E como foi, Mônica? — Essa mulher vai perceber e vai fazer de mim seu saco de pancadas, certeza.

Tento disfarçar, mas meus olhos voam para ela, que parece curiosa,

avaliativa, talvez por ver a confusão estampada em minha testa, em letras garrafais.

— Foi bom, foi... prático. Sem toques ou conversas paralelas, nada disso, muito profissional — cuspo tudo de uma vez e tenho vontade de tapar minha boca quando André me olha com cara de: *tá falando do quê, criatura?*

Deus, eu sou uma farsa!

— Agora preciso mesmo ir, precisamos. Foi um prazer rever você, Sophie. Vamos, Dé?

— Ah, mas já? — Isso sai quase como um muxoxo e olho-o, quase suplicante. E até que enfim ele parece me entender. — Gente, não é que fiquei tão absorto, que esqueci? Claro, vamos, tem nosso compromisso. — Ri, bobo, ao confirmar minha mentira e sinto alívio quando ele se vira para a mulher que não perde um detalhe sequer da nossa interação. — Minha diva, muito obrigado por toda atenção. Realizou um dos meus sonhos de *puta*, juro! Estou com o coração partindo em já ter que ir, mas o dever me chama. — Ele a faz rir com tanta babação, enquanto está todo derretido como uma criança em um carrossel.

— Que bom que gostou do nosso espaço, agradeço por escolherem a Tribus e, espero você amanhã para o treino, os dois, na verdade.

— Sim, com toda certeza.

— Isso, toda certeza. Boa noite — minto, descaradamente, e puxo um André derretido direto para a saída deste lugar.

Sigo, aliviada, e como se eu estivesse sendo puxada por um ímã, meu olhar é atraído para o parapeito do segundo andar, direto para o homem grande que me observa. Benjamin está parado lá em cima, braços sobre o encosto de ferro, meio curvado, olhando diretamente para mim de forma indecifrável, me causando algo que não sei explicar, mas que faz meu coração querer saltar pela boca.

Que baita confusão eu me meti.

Mudo meu olhar, tentando fugir, parando apenas na catraca da

recepção, para uma Eduarda que se despede de nós risonha, exalando simpatia. Mal ouço, quero só estar livre e saio para a rua, só então me sentindo segura suficiente para segurar o peso do meu próprio corpo.

— Menina, o que foi isso? *Tu* surtou ou o gostosão fez alguma coisa contigo? Porque se fez, sinto muito, mas não dou conta de dar uns sopapos nele não, eu, hein. Pessoa louca!

— Droga, Dé, não é isso. Não se deu conta ainda? É ela... ela é a namorada traída, caramba. Foi com essa mulher que ele saiu abraçado do apartamento, ontem — solto tudo tão rápido, que fico em dúvida se ele entendeu.

Sei que sim, pois André me olha estatelado, parecendo em choque por segundo, para então começar a rir descontroladamente, me deixando perdidinha.

— *Tá* maluca, bicha? Claro que não. Ela é solteira, surtou? Alguns dizem que é até lésbica, está surtada, garota?

Nego, certa de que está enganado, muito enganado, eu vi!

— Talvez não conheça tão bem sua diva assim, porque eu sei o que vi, André. Foi ela quem estava no apartamento dele, naquela manhã, são sócios, cheios de intimidade. Se liga, vai dizer que não notou aquela intimidade?

André para de andar quando já estamos próximo do seu carro, ponderando e me olha, mudando o foco para a academia logo depois.

— Não, não, não. Ele é o treinador dela, já vi várias lutas e em todas ele estava com ela, mas nada de relação amorosa. Houve um engano aí, bicha.

— Claro que ele estava ao lado dela, pois também é o namorado. Por que diabos ela estaria na casa dele, logo cedo, reclamando por ele não ter dormido? Treinando se sentar em cima dele, só se for.

Sinto até uma pontada de algo aqui dentro, que aviso logo, não é ciúme, e balanço a mão no ar, em desdém, e sem nada a dizer, vou em direção ao Gol prata velhinho de André, que ele cuida como cuidaria da própria mãe.

— Não sei não, hein... isso *tá* estranho. Você viu algo mais íntimo?

— Não, isso não. Só ela dizendo que o sentiu passar a noite toda se mexendo na cama e ele com o braço em seus ombros, abraçadinhos. Quer mais que isso?

Entramos no carro, os dois, ele em silêncio, pensativo, eu ainda tentando acalmar meu coração e fazer minhas pernas pararem de tremer.

— Espera, bicha, isso não me convence. Ali não tem fogo de pica, não, gata. Não viu? Os dois juntos é tipo... eu e você, desde a escola, os nerds. Mas com relação ao relacionamento, nada a ver com romantismo.

— Foco, Dé, não *tá* vendo o que realmente rola e esquece a escola — peço, vendo-o ligar o carro.

— Mas se essa paranoia aí for verdade...

— É verdade.

— Sim, partindo do ponto de que as suas desconfianças são verdadeiras, não fui um bom amigo hoje contigo, *né*? Acabei focando na diva... quer dizer, na Sophie e te esqueci, te entregando aos lobos. Ou melhor, ao lobo delícia lá dentro.

— É, e eu senti vontade de chutar sua bunda.

Rimos, enquanto ele coloca o carro em movimento. Mas em nada o riso remete ao que sinto por dentro, um misto estranho de sentimentos. Mágoa, culpa, raiva.

— Desculpa, meu chuchu. Não foi por mal, é que eu acompanho aquela mulher, não perco uma luta, eu tinha que tietar. Mas agora é sério, ela nunca, jamais demonstrou estar em um relacionamento com ninguém, menos ainda com o treinador dela, sendo assim, jamais poderia imaginar que era dela que falamos aquele dia.

— É, pois é.

— Bem que, naquela noite quando o vi, eu sabia que conhecia aquele cara de algum lugar, só não conseguia lembrar. Mas agora conta, o que

aconteceu lá?

Solto um muxoxo, tapando o rosto com as mãos.

— Não começou mal, ele estava profissional até chegar perto demais, cheiroso demais, gostoso demais e perguntar por que eu menti meu nome na tal noite. Eu cheguei a amolecer, Dé, estraguei minha calcinha de tanto tesão e saí correndo em seguida. Nunca mais piso aqui. — Mais calma, fecho meus olhos, encostando minha cabeça no banco do carro.

— Ficou maluca? Deixou teu último centavo aqui hoje. Vai voltar, sim.

— Não vai rolar e meu coração *tá* doendo com isso, mas não dá. Eu tremi inteira só de ver a mulher e olha que eu nem me lembro do que fiz com o macho dela. Se eu voltar, eu vou me entregar, sei disso e vou acabar toda quebrada em alguma vala por aí.

— Não viaja, bicha. Teu problema é esse nervosismo besta que te faz falar demais e agir como maluca, na maioria do tempo, nas piores situações. Tem que se controlar. Provável que sequer confrontou o cara.

— Não mesmo. E precisa? Conheço um galinha quando vejo um.

— Nem tanto, *né...* se julgar pelo...

— Foi esse infeliz mesmo quem me deixou escaldada, aprendi a lição. Nem pensar, não vou correr riscos, já basta o infeliz morar ao lado do meu apartamento, está decidido, não vou voltar — falo, convicta, enquanto André nega, sentado atrás do volante.

Ficamos calados por instantes e não deixo de voltar no tempo, um ano e meio atrás, para ser mais exata, no meu quarto, na casa dos meus pais, vestida em uma lingerie branca, própria para minha lua de mel.

No momento em que Neto dissera que me traiu e que não iria mais se casar, eu ri, desesperadamente, sem conseguir controle algum, quase me dobrando ao meio, um riso que não demorou a virar um choro descontrolado ao me dar conta de tudo.

Ele tentou me tocar, me consolar e lembro bem da sensação de nojo que senti ao imaginar que, horas antes, as mesmas mãos que queriam me

tocar passeavam em outro corpo que não o meu. Me odiei, o odiei, pois eu tinha passado a viver para ele, para o nosso relacionamento, um erro imbecil, mas foi algo que nem percebi acontecer.

Fui me fechando aos poucos, deixando as amizades, os barzinhos, me restringindo a André e Bella, me apegando em pequenas críticas que ele fazia.

Você é simpática demais!

Dá conversa demais paras estranhos!

Sorri demais e de forma muito escandalosa, que chama muita atenção!

Essa roupa é muito curta!

Tem que ser menos perigete, se dê mais o respeito!

Para que sair, se eu não posso ir?

Aos poucos, fui deixando o que eu gostava de fazer, sem nem me dar conta e, por fim, quando dei por mim, estava sendo deixada na véspera do meu casamento. Eu surtei.

Deixei Neto plantado no quarto, tentando arrumar desculpas ao que não tinha desculpa e saí pela porta, de lingerie, pegando apenas um roupão caído ao lado. Eu só queria distância.

Desci as escadas, correndo, ouvindo alguém me chamar, mas eu não parei, não consegui. Busquei qualquer lugar no mundo que não fosse estar perto de quem quer que fosse e fui para onde ninguém me acharia.

Não durou muito, claro, fui encontrada no dia seguinte pelo meu pai, na casa da minha falecida avó, deitada no tapete da sala, sem me dar conta de quanto tempo tinha se passado, sozinha.

Estava no limbo, não era eu.

Voltei com papai para casa naquela tarde, aérea, sem chão. Nem tanto por ser deixada no altar, mas pelo arrependimento por jogar anos da minha vida fora.

Ainda tive que ouvir minha mãe discutir comigo, com meu pai, com todos e dizer que eu não servi nem mesmo para segurar um homem no dia do casamento. O grande partido, que ela tinha arrumado para mim, o filho do ilustre prefeito da cidade e que esfreguei sua cara na lama, que todos estavam falando de mim, da nossa família.

Foi a pior semana da minha vida.

A verdade é que mal ouvi, ignorei e apenas subi para o meu quarto, ficando lá, jogada na cama, sem querer ver absolutamente ninguém. Como se estivesse de luto... mas sim, Neto tinha morrido naquele dia para mim.

No dia seguinte, bem cedo, eu estava com as malas prontas. Todos na cidade, que não era lá grande coisa, já sabiam o que havia acontecido e, como eu tinha tirado férias para aproveitar a viagem de lua de mel, peguei meu carro e vim para cá, aceitando o convite de André.

Não queria ficar na casa dos meus pais, não queria ver minha mãe, ninguém, menos ainda Neto.

Caso eu tivesse ficado, acabaria nos esbarrando, pois para meu azar, sua empresa prestava serviço para o banco ao qual eu trabalhava e sua presença era constante, além de tudo tinha toda a fofoca à minha volta.

Tive um mês para organizar minha transferência e peguei a vaga de caixa na primeira agência que encontrei, sem pensar direito, fazer as contas de que meu salário diminuiria em no mínimo, dois mil e quinhentos reais, líquidos.

Nada me preparou para todo o perrengue que passei, ainda estou passando, na verdade. Tudo se acumulou e a conta do casamento chegou.

A festa gigante ao qual eu sempre sonhei, que custou o que eu não tinha, muito dinheiro que foi jogado no lixo. Não recuperei nada do valor, dado o cancelamento da festa na data escolhida, não teve jeito.

Acho que esse é o preço para a garota idiota, que passa toda sua vida sonhando com um lindo casamento para sua vida. Estamos no século 21, eu poderia ter sido mais inteligente.

Afundi em dívidas por causa de um sonho sem sentindo e não aceitei ajuda. Minha família não tem uma condição ruim, porém, eu não iria jogar essa conta para eles, nada disso. Ainda mais com minha mãe jogando em minha cara o tempo todo o fiasco que sou. Para ela, a culpa foi minha.

Fiquei na merda, literalmente. Me desfiz do meu carro, tranquei a faculdade e, até o momento, tento um cargo que me permita ganhar mais no banco para colocar minha vida financeira em dia.

Toco minha têmpora, talvez isso, o que aconteceu no passado, com Neto, esteja mexendo comigo agora, quando sem querer, me coloquei entre um casal.

Quer dizer, foi só uma noite, mas isso me causa um mal-estar que não sei explicar. Pois sei, que não fui a primeira e a bela mulher, lá na academia, deve ter mais chifres na cabeça do que poderia contar e sei bem a dor que isso causa quando se ama alguém.

Para piorar, querendo ou não, sempre irei esbarrar com ele, ou melhor, com eles nos corredores do prédio...

Meu casamento desastroso é a única explicação para que eu me sinta assim, tão mal. Talvez, no fundo, me sinta tão mal, pois mesmo sabendo que tem alguém, sinto uma puta atração por ele e me odeio por isso.

Sim, porque mesmo sem me lembrar da noite que passamos juntos, ele não sai da minha cabeça, vira e mexe ele entra em meus pensamentos e me causa calafrios. Coloco a culpa em estar no escuro com relação ao que aconteceu entre nós dois, mas sabemos que, na verdade, eu queria mesmo era repetir o que fizemos naquela noite.

Suspiro, me ajeitando no banco quando André estaciona frente ao meu prédio e me olha de lado, parecendo entender o que se passa aqui dentro.

— Aí, para com essa cara, Mon. Passou, foi uma noite, você não sabia, não tinha como prever que era comprometido, não é sua culpa. Além do mais, não estou convencido de que eles tenham mesmo um relacionamento.

— O que não tem? Algo realmente sério, você quer dizer? Porque sabemos que ao menos dormir juntos, eles dormem, além de passar os dias

juntos, serem sócios, além de ter uma foto na sala dele com ela e a mãe. Uma foto família mesmo, perfeita.

— Sério?

— Sim...

— Eu poderia dizer que talvez são primos ou irmãos, mas ela é órfã, uma história de vida realmente linda, precisa ver.

— Ai, meu Deus! — Pronto, tudo que eu precisava saber.

— Não surta, Mônica Maria, não se desespera ou dou na tua cara. Olha, vou te mandar a real. Vou dar uma de bicha conselheira agora, então aproveita. — E ele parece incorporar o momento. — Esquece isso, toca *pra* frente, como se aquela noite não tivesse existisse, tente deixar isso de lado. Pois pensa, você vai topa com ele às vezes e não pode ficar como um estivesse vendo a um fantasma, assustada, sempre que isso acontecer. Se aproveite da sua amnésia alcoólica e esquece *ele*, de vez.

— Eu sei, eu sei...

— Então começa agora.

Suspiro, vencida.

— Tá bom... vou esquecer, prometo. — Sendo sincera é o que realmente preciso fazer, de preferência começar agora mesmo. — Quer subir? Podemos pedir pizza... — Tento meu melhor sorriso e ele faz cara de esnobe.

— E a dieta?

— A gente come e amanhã recomeça. Não vou mais para academia mesmo, não este mês, já que a verba acabou. Mês que vem tento achar outra por aqui.

— E se eu pagar *pra* você?

Ah... agora diz se ele não é a melhor pessoa do mundo?

— Claro que não, não surta. Dia vinte e um já está bem aí e terei limite novamente. Faz um seguinte, continua lá este mês, você fez um investimento

muito maior que eu comprando todas essas roupas. Mês que vem a gente procura outra.

— Não vai ficar chateada?

— Claro que não. — Talvez enciumada, mas chateada, jamais.

Ganho um tapinha na perna, ele todo contente e com um sorriso no rosto, saímos do carro e sei bem que ele não quer continuar pelo investimento e, sim, por sua diva. Tiete barata.

— E prometo tentar controlar o meu ciúme de você com a senhora perfeita.

André gargalha, acionando o alarme do carro e se aproxima, me abraçando pelos ombros e me trazendo para si, beijando meu rosto, enquanto vamos em direção à entrada do prédio.

— *Bora* que minhas tripas grossas estão fazendo aperitivo das finas.

Palhaço!

Meus pensamentos não estão realmente aqui. Queria só dormir e esquecer aquela noite de vez, que o conheci, esse homem é um perigo para minha sanidade.



Benjamin

9

Malucos também amam?

Maluca!

É a única explicação posso dar para o que acabou de acontecer dentro daquela sala, enquanto ainda estou aqui, no segundo andar, vendo Mônica sair apressada, balançando a bunda para lá e para cá, como se estivesse fugindo de uma tempestade. Não perco um movimento sequer.

Mas a dúvida que me assalta é: do que ela estava falando quando saiu? Por que se comporta dessa forma nas duas vezes que nos encontramos?

Também fui uma besta de me aproximar tanto, mas não consegui segurar.

De início, eu não ia tentar nada, não ia tocar no assunto, ela parecia querer fingir que nada aconteceu e eu faria o mesmo. O problema foi aquele olhar e o desejo que senti.

Aproximei-me sem muito medir, sem controle parar dissimular que eu não já a tinha beijado, tocado seu corpo. Assisti, com prazer, ela ficar ofegante, mole com minha aproximação, nada indiferente a mim, para, no minuto seguinte, parecer ter sido possuída por um demônio, um sem noção alguma.

Para ser sincero, não soube nem o que responder quando as mãos delicadas tocaram meu peito e me afastaram para longe, enquanto sua boca cuspiu sua revolta com minha aproximação.

Talvez, eu tenha interpretado os sinais do seu corpo errado. Poderia ser apenas nervosismo com o fato de estar desconfortável sozinha na sala comigo. Eu só queria saber o que passa por sua cabeça maluca, pois de todos os sinais e atitudes que espero dela, nada vem como o esperado.

Aquela mulher é uma incógnita.

Mônica não faz nada do que eu espero. Não que eu esperasse muito, não esperava nem a ver mais e olha só. Na primeira noite, por exemplo, eu não imaginava um boquete tão logo que estávamos no quarto do hotel, que, de forma idiota, eu escolhi.

Primeiro, ela ficou meio sem graça, deslocada, olhando todos os lados ao redor do quarto, com os olhos meio sonolentos. Fui ao banheiro, para dar tempo a ela, nem sei o porquê, ela só não se encaixava ali comigo, para uma noite de foda quente, apenas. Não sei explicar o porquê dessa percepção.

Só que mal abri a porta do banheiro para sair e lá estava ela, perfeita, pronta e quando me empurrou contra a parede, quase nos derrubando e me beijou, sedenta, apressada, foi como pegar fogo.

A mulher passou as mãos com unhas bem-cuidadas no meu peito, fazendo um arrepio gostoso subir por minha espinha, enquanto eu espalmava a mão em sua bunda e foi descendo de forma sensual, se agachando devagar, olhos nos meus, a calcinha rosa de renda transparente aparecendo, molhada e eu cheguei a sorrir com a imagem tentadora que era ela à minha frente. E quando segurou meu...

— Ben. — Pareço sair em queda livre dos meus pensamentos, excitado, quando ouço meu nome ser chamado por Sophie.

Não chego a me virar, só a olho por cima do ombro, sentindo a boxer mais apertada, meu pau ganhou vida ao pensar na infeliz, assim como há pouco, lá dentro, ao vê-la naquele top. Tentação do inferno.

— Fala.

— O que fez a ela? — pergunta, sem nenhuma sombra de dúvida.

— Eu? Por que eu faria algo? — Sei que não tenho a ficha mais linda do mundo, mas desta vez, desta vez, sou inocente.

Sophie se aproxima, se encostando ao meu lado, sem me tocar ao me olhar, risonha, batendo seu ombro no meu.

— Porque é você...

— Besteira.

— Acha? Ela parecia fugir do purgatório.

— Acho que está assistindo a sobrenatural demais, é o que acho e quer mesmo saber? Ela só é louca, isso sim.

— Não seja idiota.

Errada ela não está, estou mesmo sendo idiota ou só confuso com o que acabou de acontecer.

— Ah, quer saber, não quero falar disso. — E com isso ela ganha a resposta que queria.

Sou famoso na família por fugir de assuntos importantes, não costumo falar de coisas que me incomodam. Meu pai é um exemplo claro disso, não toco no assunto, ele deixou de existir ao sair de casa. E sobre minha vizinha, não quero dar mais importância do que já dei para a fujona. Já fiz isso além da conta.

— Se não quer falar, tudo bem. Mas ela não volta, isso eu tenho certeza.

— Problema é dela! Se pagou com cartão, peça para cancelar. Não é difícil.

— Duda vai surtar, isso dá um trabalhinho.

— Ela que se vire, esse é seu o trabalho!

Ela bufa com impaciência ao meu lado, finjo não ver.

— Ih, já vi que não quer conversar. Odeio quando está de mau humor.

— Sério? Talvez com isso você melhore seu temperamento, já que vive com o *cu* na cara. — Cutuco a fera, que levanta as mãos em pedido de paz.

— Tá, entendi, pare com isso ou vai falar merda. Fique aí se engasgando com o que quer que seja, eu vou indo. Preciso dormir. — Não estranho, ela não é de adular muito, menos ainda quando jogo a bola para ela e com isso, sei que não irá insistir, por ora, ao menos.

— Melhor e não esquece, vamos almoçar com mamãe no fim de semana.

— Tinha me esquecido completamente.

— Sorte a sua que estou aqui para te lembrar.

— Merda!

Procuro o que a faz praguejar, os olhos em algo lá embaixo e não vou muito longe para achar o motivo. É Bruno, acabando de entrar na academia.

Sorrio, talvez subir no ringue com ele me ajude, preciso jogar fora essa energia presa em meu corpo.

— Deveria parar com essa implicância com o cara.

— Meu ovo! Bruno é insuportável, odeio homens desse tipo. Sabe que só suporto o *cuzão* por causa de Lanna e Alex. — Claro que sei, foi como se conheceram, através de dois amigos em comum e por serem casados, Sophie e Bruno acabaram por terem que se comportar frente aos amigos.

— Você odeia todos os homens, Sophie, conta uma novidade. — Ela dá de ombros.

— Isso não é verdade, eu não odeio você, por exemplo — fala, tentando esconder o carinho. Toco sua testa, quase um peteleco.

— Foi obrigada a me amar, não pode fugir de mim, me empurraram goela abaixo como seu irmão.

— Bobão, vou aproveitar a deixa e descansar, aproveitar a chegada do

insuportável e me esconder no quarto.

— Vai lá, amanhã recomeçamos.

— Não apareça às quatro novamente ou esmago sua cabeça com os alteres.

— Boa noite, marrenta, não se esqueça de comer alguma coisa.

— Vou até a lanchonete e boa noite *pra* você também. — Assisto-a sair, mas para por algum motivo, me olhando por sobre o ombro. — Sobre a vizinha, acho que deveria conversar com ela. Sentem atração, é nítido até para um cego.

— Não enche. — Nada de nítido, só uma maluca. Só isso.

Volto a olhar lá para baixo, mas sem conseguir sair do lugar. Me contento apenas em observar a movimentação, deixando a ideia do ringue de lado.

Nem ao menos tenho vontade de descer e oferecer ajuda às novas alunas, a fim de levar alguma para uma foda gostosa depois daqui. Acabo voltando a visitar os minutos que estive com a fujona na sala. Não entendo seu comportamento, *nós três*, ela disse, mas de quem diabos ela estava falando?

Mas o que importa? Ao menos, não deveria importar.

Melhor esquecer isso, não vai me levar a lugar algum. Não quero uma maluca em minha vida, menos ainda uma que more a alguns passos de mim. Isso está fora de cogitação.

Está decidido e ao enumerar minhas pendências para hoje, volto a passos apressados para a sala que estava há pouco com ela e ao entrar, ainda posso sentir seu perfume, talvez nem seja o perfume em si, é algo suave demais para isso, creme de pele talvez?

Balanço a cabeça, como se isso a jogasse para o canto dos meus pensamentos. Esquecer, não deve ser tão difícil assim, é só focar em outra coisa, só isso. Abro o notebook e busco algo para fazer, começar a colocar o que está atrasado em ordem pode ser uma boa...

Após um tempo que me parece infinito, finalizo tudo e pelo o horário, tenho que ir. Pego a bolsa jogada no canto, fecho a sala e desço, tendo o terceiro andar já vazio, assim como o segundo, exceto por um senhor que está finalizando seu treino ao se alongar. Já é hora de fechar. Duda até já se adiantou, está só terminando de guardar suas coisas na mochila e me aproximo do balcão.

— *Bora lá?* Acho que falta só aquele senhor descer, certo?

— Isso e vamos, sim, estou morta, preciso da minha cama. — Ela parece mesmo derrotada, eu mais que entendo.

— Sophie não voltou a descer?

— Não, não mais.

— Beleza, ah, olha o cara vindo aí. Me passa meu capacete aí atrás, *pra* agilizar, vou deligar o interruptor.

Deixo-a fechando o balcão e sigo até a lateral da academia, esperamos que o último aluno saia para em seguida apagar tudo e saímos juntos para o estacionamento. Aciono o alarme, checo ao redor e respiro fundo ao sentir o ar frio da noite.

Esse é o melhor horário para pilotar, à noite, o vento, a temperatura... tudo me traz calma. Por isso passei a entender Sophie, o porquê de às vezes sair em um longo passeio de madrugada, quando não consegue dormir. Com o tempo a entendi, a velocidade, o vento, o cheiro... acalmam.

— Até amanhã, Duda.

— Até.

Ligo a moto, o ronco do motor fazendo barulho, o leve cheiro da descarga, a adrenalina. Coloco o capacete e em seguida pego a via, talvez dar uma volta na praia... Péssima ideia! Preciso chegar em casa e tentar dormir, nas últimas noites não tenho feito muito isso.

Minha cabeça já lateja pela falta de sono excessiva, preciso tentar desligar, meu corpo está no limite. Sempre durmo muito bem, rápido até, e quando algo me tira isso, o que é difícil, meu corpo sente o efeito no dia

seguinte.

Enquanto atravesso a rua, um rosto vem à minha cabeça, e me pego tendo a vontade de que o acaso faça sua parte e que, por coincidência, eu a veja ao chegar ao prédio, seja onde for.

Ao *caralho* com isso, com essa fascinação, isso não sou eu.

Já me basta não conseguir controlar meu corpo, enquanto eu tentava fazer sua avaliação física e, deixo claro, foi uma péssima ideia. Quando a vi mais cedo, eu deveria ter dado meia-volta e me afastado, mas como todo bom homem idiota, vidrado em uma boceta, fui até ela como uma mosca no mel. Um erro.

Preciso logo deixar de lado essa fixação e arrumar uma mulher para trepar, uma que não more próximo de mim.

Mas vamos por partes, hoje, uma boa noite de sono; amanhã, uma boa foda e desta vez, minha vizinha estará fora dos meus pensamentos. Aquela ninfa dos infernos.

Desacelero, entrando na garagem do prédio, sentindo de súbito a vontade de olhar ao redor, com a esperança de uma coincidência em vê-la, não sei.

Estou sendo excessivamente contraditório, ao tempo que me acho um paspalho, fico com a esperança de vê-la pelos corredores ao chegar ao prédio.

Deixo a moto estacionada na vaga e subo as escadas, apressado, cumprimento de longe o porteiro. Quase me desconheço ao atravessar o corredor e não gosto do que sinto.

Incomodado com os pensamentos, entro em casa, bufando, achando ridículo essa vontade de passar direto por minha porta e bater em sua porta. Pedir que me explique por que saiu correndo hoje, falando coisas que mal entendi e por que fugiu naquele dia, na nossa noite.

Nossa noite, que piada.

Não esperava muito daquela noite, porém, acordar sozinho em um quarto de hotel, após ter passado a noite com uma mulher deliciosa, nunca me

aconteceu.

O contrário, sim, já dei muitas desculpas para não pernoitar com alguém. Mas o inverso, foi a primeira vez e entendi o ódio que algumas mulheres demonstram depois disso. É realmente desconcertante, quase humilhante. Lembrarei de não mais fazer isso, agora sei qual o sentimento.

Será que sentem essa fixação no cara, depois que ele se manda também, ou só raiva mesmo? Ao *caralho* com essa merda.

— Ei, garota — falo, com a voz mansa ao entrar em casa, recebendo as patas grandes e pesadas de Gamora em meu peito quando fica em pé, alegre ao me ver. Aliso sua cabeça em resposta a suas lambidas carinhosas. — Como passou o dia, hein, garota? — Ela geme, dengosa, se desmanchando ao se deitar no chão de pernas para cima, a fim de um carinho na barriga.

Sou recebido dessa forma todas as noites e em todas elas, fico rindo como bobo. Me agacho e faço o que ela tanto quer, olhando para a sacada, confirmando se há comida em sua vasilha que fica no cantinho próximo à porta.

— Tem comida, grandona? — Rio ao vê-la levar as patas ao rosto, tapando. — Garota esperta.

Levanto-me, para dar comida a ela, mas vozes me fazem parar no lugar, ainda próximo à porta e o barulho de passos vem em seguida.

Depressa, vou até a porta e me colo no olho mágico, tentando ver quem é. Me decepiono ao ver apenas o tal amigo, o que estava com ela mais cedo na academia, passar no corredor.

Afasto-me depressa quando ele olha em minha direção, como se pudesse me ver aqui, bisbilhotando. Perdi totalmente o orgulho, é a única explicação para um papelão desses.

O que diabos eu faria se fosse ela saindo de casa? O que eu falaria? Oi, estava de plantão te esperando e tenho um interrogatório para fazer.

Inferno de feitiço, mas ele acaba hoje!



Mônica

Um dia ruim, é só mais um dia ruim.

Esse é o mantra que entoo em minha cabeça, atendendo ao meu último cliente do dia, sorrindo ao me despedir, tentando parecer gentil e disfarçar minha dor de cabeça.

Hoje foi um dia lotado, aquele em que a prefeitura libera o pagamento e a agência fica abarrotada de gente. Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Já passei tanta cédula, que se eu fechar meus olhos agora mesmo, posso ver o símbolo do real piscar frente aos meus olhos e o TRIM, TRIM, tilintar em minha mente. Não aguento mais. Sorte que o dia não vai demorar a acabar, falta pouco.

Se bem que, de certa forma, foi bom esse dia cheio, me serviu para tirar o foco de ontem à noite, da academia, isso, para não citar nomes.

Sinto alguém cutucar meu braço, suspiro com medo de ser mais problemas, olhando por cima do ombro e vendo Martins, gerente de negócios, ao meu lado, com expressão tristonha.

— Que cara é essa, homem? O homem loiro, gentil, de uns trinta e poucos anos, é um amor e me olha de forma estranha.

— Desculpa, não quis te assustar. Só vim dizer que sinto muito por você não pegar a vaga de gerente.

Eu não entendo o que diz e fico olhando-o, tentando ligar as pontas do que diz.

— Oh, me desculpa, ainda não sabe? A vaga do Eliseu foi preenchida — fala, sucinto, comprimindo os lábios e sinto o olhar de André, que trabalha ao meu lado, sobre nós.

Meu coração vem à boca, meus pés suam dentro do scarpin e arregalo meus olhos, para murchar em seguida ao vê-lo olhar o chão.

Então aconteceu... não serei eu a preencher a vaga.

— Ah, entendi. — A ficha me cai e meu rosto esquentava, queima de ódio. — Tudo bem, Martins, não era o momento.

— Não concordo. Acho injusto, o cara novo vem do Sul, você está aqui e tem feito um excelente trabalho.

— Então é homem?

— Sim, e era caixa, como você, Mônica. Não entendi bem isso — cochicha, buscando a sala de Rômulo com o olhar.

— Eu agradeço sua consideração, de verdade, mas é assim. Consigo na próxima. Só continue torcendo por mim. — Tento um sorriso, sentindo um bolo na garganta, vontade de chorar.

Um aperto no ombro, um apoio mudo e observo Martins sair, cabisbaixo.

Não olho para os lados, para ninguém, nem mesmo André. Se o fizer irei chorar. Eu estava contando com isso, com a vaga, eu sei que é errado, sei mesmo, pois não se confia em coisas incertas ou que não dependem de você para acontecer, mas poxa, eu estava bem aqui, pronta para preencher a vaga, precisando demais.

Trabalhei para ascender aqui dentro, buscando ser impecável no meu trabalho para ser notada. Óbvio, não faço mais que minha obrigação em dar o meu melhor, porém, preciso de um salário mais alto.

Em outro caso, comum, eu não poderia pegar a vaga, pois precisaria de dois anos após uma transferência para assumir outra, mas recentemente o banco passou por mudanças, planos de aposentadorias e, com isso, abriram-se muitas oportunidades e muitos funcionários foram desbloqueados e puderam

mudar de cargos, incluindo a mim.

Uma pena eu não ter conseguido, era uma oportunidade perfeita.

Minha maior revolta é porque sei, não é falta de competência. Não sou perfeita, ando longe, mas eu tento o meu melhor. Talvez o meu melhor não tenha sido suficiente.

Tento focar na tela do computador, para não chorar. Só mais meia hora e estou livre. E não vou chorar, não mesmo. Minutos se passam até que, por fim, posso fechar meu caixa. Guardo o dinheiro e suspiro. Acabou por hoje.

— Eu acho...

— Não, Dé, hoje não, amigo. Sei o que vai falar, sou competente e blá-blá-blá, que vou achar algo melhor. Mas isso não apaga a raiva que sinto pelo boicote.

— Que boicote?

E não, eu ainda não contei nada a ele.

— Nada, modo de falar. Deixa para lá, vai.

Sinto-o tocar meu ombro e estalar em seguida um beijo em minha bochecha de forma afetuosa.

— Não sei o que dizer, mas, vou te dar carona para casa e, vamos parar para um lanche. Ajuda?

Meu coração fica cheio com seu carinho, aquele bolo querendo vir. Nego.

— Não precisa, me deixar em casa vai te tirar do seu caminho.

— Só poucas quadras e estou faminto. Anda, vem.

Sorrio, cansada demais para negar uma carona ou comida, sendo puxada por ele pela mão. Saímos juntos e sorrio de algo que diz.

— O último cliente demorou, não é? Parece que a cada dia tem mais gente, Pai Amado. Ei, *bora* ao shopping? Amo a pizza de lá, vamos?

Mal o ouvi, estou vidrada demais na rua lá fora, com pensamentos demais em mente.

— Claro, para onde quiser ir.

Mal saímos do estacionamento e meu celular toca. Solto o ar, é papai, e chego a rir, talvez falar com ele alivie esse aperto de revolta e raiva em meu peito.

— Oi, papai — atendo, tentando soar feliz, ele notaria qualquer diferença em minha voz.

— Não é seu pai, filha. — Tenho que fechar os olhos e respirar fundo, evitando o palavrão que vem na ponta da língua. — Veja o que tenho que fazer para falar com a filha ingrata que pus no mundo, é preciso pegar o celular do seu pai, pois o meu, você não atende. Por que isso, Mônica Maria? — ela grita ao celular, chego a afastar o aparelho do ouvido.

— Mamãe... — Tento, mas como sempre, ela nem me deixa falar.

— Nem precisa se dar ao trabalho, não esperava nada diferente de você. O que foi? Esqueceu que tem família?

— Mãe.

— Sim, porque é o que parece, um ano que sumiu, que não nos visita.

— Não é verdade, mamãe, vocês me visitaram há quatro meses e...

— Exatamente, visitamos, porque se depender de você — mais uma vez ela me corta.

— Mãe, hoje não é um bom dia, podemos nos falar amanhã? Prometo ligar.

— Nunca é um bom momento, Maria, nunca é. Mas eu estou farta, acha que mãe também não cansa? — Ela nem se deu ao trabalho de perguntar como estou. — Mas enfim, você é mesmo minha decepção particular, sendo assim, eu já deveria ter aprendido.

As lágrimas ardem meus olhos, geralmente isso não me abala mais, mas hoje não.

— Acho melhor parar por aqui, mãe.

— Nada disso, escute, precisamos falar sobre João Neto.

— Para, se me ligou para falar do meu ex, é melhor parar.

— Ou o quê? Vai desligar na minha cara? — E ela parece ofendida.

Busco o teto do carro, pedindo forças ao Ser superior.

— Continuando... ele está solteiro outra vez.

— Mãe.

— Só achei que ia gostar de saber, talvez tentar fazer algo certo desta vez.

— Não dá, não dá mãe. Hoje eu não estou bem, menos ainda *pra* que fale de Neto, como se ele fosse a melhor pessoa do mundo, como se fosse eu que tivesse o deixado no altar. Hoje não. Eu preciso ir, depois nos falamos.

— Mônica Maria...

— Até amanhã, mamãe, mande um beijo para o papai e eu te amo.

Um soluço me vence, e trato de engolir o choro em seguida, limpando a lágrima solitária que desce por minha bochecha. Ela nada diz e eu desligo o celular, olhando depressa para a janela, sem querer falar. Se eu falar, eu vou chorar, sei que vou e eu cansei de fazer isso.

Neto. Ele que vá para *puta que o pariu*, solteiro ou casado.

Minha mãe sempre amou isso, jogar em mim que sou sua decepção, acho que sua maior felicidade era dizer o quanto odiava o fato de eu ser tão diferente dela. O motivo dessa raiva? Desconfio ser porque teve de se casar com meu pai ao engravidar de mim.

Uma vez achei sua certidão de casamento, as datas não batem. Se comparar, ela se casou com quatro meses de gestação e acho que me culpa pela vida infeliz. Perguntei isso a ela certa vez, se havia se casado grávida.

Ganhei apenas um tapa na cara em resposta por mexer em suas coisas.

Não voltei a tocar no assunto, nem mesmo com papai. Suspiro e sinto a mão de Dé em minha perna, macia, quase um carinho.

— Amiga... não liga *pra* cobra, digo, sua mãe.

Engulo o bolo em minha garganta. Não vou chorar.

— Vamos, vamos ao shopping. Comida me fará bem, aproveito e compro um grande pote de sorvete, só dirige, amigo — peço, não falar no momento é minha melhor solução.

Uma hora dará tudo certo, é só ter paciência.

Esse é o meu novo mantra: uma hora dará tudo certo.



Benjamin

10

Um dia é da caça, outro do caçador

Cansado demais para ficar até tarde da noite na Tribus, decidi vir para casa um pouco mais cedo, preciso descansar e, mais uma vez, tentar uma boa noite de sono, já que ontem não tive muito sucesso.

Ontem, tive mais uma noite cansativa em que perdi o sono na madrugada, com um tesão do *caralho*, tentando por bons minutos controlar o desejo, dormir sem imaginar a cada minuto que a razão de todo o meu tesão estava a poucos metros de mim.

Entrei madrugada afora com o pau duro, as bolas doendo e com raiva da infeliz que está fazendo meu corpo responder dessa maneira ao pensar nela.

Após bom tempo na cama acordado, desisti de ficar rolando de um lado para o outro, dormir não era mais opção e interrompi meu caso de bolas azuis ao bater uma boa punheta, como um moleque ansioso, tentando pensar em qualquer outra mulher no mundo, mas por fim, perdi a batalha, era apenas em Mônica que eu pensava, seu corpo, sua boceta cor de ameixa, sua boca.

Imagine, puto, mas batendo punheta para a mulher dona da minha confusão. Não dá mais, tenho ao menos que falar com ela, entender por que não para de fugir de mim e tirá-la da minha mente, não deve ser tão difícil.

Solto um suspiro ao descer da moto e tirar o capacete, enfim em casa, ou quase. Passo pelo portão de acesso lateral no hall e levanto a mão em cumprimento a Dialindo, o porteiro, tentando algo rápido, para subir logo, já que sei que ele adora jogar conversa fora. Eu também gosto, em principal porque sou flamenguista, ele vascaíno. Mas não hoje, não estou para a conversa, porém, sem êxito em fugir.

— Seu Ben.

Paro, ainda no primeiro degrau da escada, me virando, segurando a careta.

— O senhor sabe que é mais velho que eu *pra* me chamar de senhor,

certo? — brinco, ajeitando o capacete em meu braço.

O velho sorriu um senhor simpático, idoso. Daria a ele uns cinquenta e cinco anos, mas sei que tem sessenta, adora esbanjar que apesar da idade, ainda dá conta de muita coisa. Velho tarado!

— Eu já disse, é questão de respeito, seu Ben.

— Bobagem homem, mas o que manda?

— Aqui, as correspondências do senhor.

— Claro, obrigado. — Pego os envelopes e vou passando um a um. Luz, telefone, nada novo.

— Nada. Perguntei *pra* princesa morena se ela podia levar e entregar *pro* senhor, hoje a artrite está matando meu joelho, mas acho que ela não me ouviu. Passou apressada há pouco.

— A princesa é a do 204?

— Isso mesmo. Moça gente fina, um amor, precisa conhecer.

Claro... passe a noite com ela e verá o quão adorável é, um demônio no dia seguinte, que foge como o inferno.

— Espera, disse que ela passou há pouco?

— Sim, um minuto atrás.

Travo a mandíbula, se eu apertar o passo...

— Sei, muito obrigado e não se preocupe em subir as escadas com minha correspondência, ou o que quer seja levar *pra* mim. Eu desço *pra* pegar, descansa esse joelho.

— Mas é meu trabalho, seu Ben — diz, movendo a boca para um lado, não dando importância.

Sorrio condescendente, subindo as escadas, agora com pressa.

— Sabe como é, tenho mania de eu mesmo pegar as correspondências, um tipo de tique que não suporto que quebrem, entende? Então deixe minha

correspondência aí, que eu mesmo pego.

O velho sorri, achando graça e entendendo. Não quero que digam por aí que ele não faz o trabalho e acabe com o síndico no seu pé. Conheço o babaca, um mané de primeira.

— Obrigado, seu Ben.

— Pare com isso. Vou indo!

Subo as escadas de dois em dois degraus, sentindo uma leve dor de cabeça aparecer, torcendo para ainda a encontrar no corredor.

Vamos tirar essa confusão a limpo e logo. Desde ontem me pergunto quais lembranças ela tem daquela noite, por que prefere agir como se nada houvesse acontecido. Primeiro, finge não me conhecer, em seguida, foge como se eu a queimasse.

Só quero encontrar a teia que ela jogou em mim e cortá-la. Acho que esse interesse se deve a querer tê-la em minha cama, o que faz com que eu acredite na palhaçada do tesão reprimido, de querer o que me é negado.

É a única explicação, já que tive muitas mulheres, mas nenhuma vontade de repetir uma noite com nenhuma com tanto afinco e tesão como a lembrança de Mônica, dormindo nua em minha cama, me faz sentir. A mulher faz minhas bolas doerem sem nem chegar perto.

Termino o último e bingo! Olha a fujona logo ali, em sua porta em meio a uma bagunça do *caralho*. Paro e a observo, agachada próxima à porta, vasculhando sua bolsa, procurando por algo e falando baixinho consigo mesma.

Aproximo-me e sequer sou notado e consigo ouvir o que diz.

— Maravilha, Mônica Maria, ótimo, agora vou ficar fora de casa, porque perdi a droga das chaves. Inferno, inferno.

— Se quiser, empresto o meu apartamento.

Seguro a vontade de gargalhar que tenho quando a mulher se assusta, ao ponto de se sentar ao chão, me olhando com cara de quem quer me matar,

linda. Me adianto, e a seguro pelos ombros, a puxando a contragosto e a colocando de pé.

— O que disse?

— Esqueceu suas chaves, posso te deixar ficar no meu apartamento, enquanto consegue uma forma de entrar em casa. — Um gesto cavalheiro da minha parte, eu diria, mas nela tem o efeito contrário.

Mônica me olha com raiva, um vinco no meio das sobrancelhas, enquanto se abaixa e começa a enfiar suas coisas dentro da bolsa, apressada, inconformada.

— *Pra* você eu sou o quê? Um jogo, é isso? Me deixa em paz, cara, finge que eu não existo, *tá* legal? — ela fala com rapidez, embolado, chega a ser confuso.

Fico mais confuso ainda, pois pelo o que me lembro, não há motivos para isso.

— O que foi? Não vai mais fazer nenhuma piadinha?

— Não era piada, foi uma gentileza, se não percebeu.

— Ah, claro, enquanto isso, vai enfiar sua mulher onde? Ela não está em casa?

— Não entendi, *tá* falando do que exatamente?

— De você, de você e da sua namorada, ou seja lá o que ela for.

— Namorada? Que... — E a ficha vem caindo. — Espera aí, Mônica! Esse tempo todo está agindo como maluca, porque acha que Sophie é minha mulher, namorada ou o que quer que esteja passando por sua cabeça maluca?

— Vai negar? — Ela é inacreditável e está cheia de si ao praticamente afirmar que sou comprometido. Maluca, linda, mas maluca.

Sinto vontade de sorrir ao entender tudo, ao tempo que sinto alívio por sua loucura não ser algo comigo diretamente, ou algo relacionado à noite que estivemos juntos, mas seguro o riso, o terreno não é nada seguro para isso.

— Negar? — E como fiz ontem, colo ambas as mãos uma de cada lado da sua cabeça, me aproximando. — Mônica, não pira, Sophie é minha irmã.

Ela bufa, irracional, balançando a cabeça, fazendo um bico de puro desdém. Isso é ciúme?

— Acha mesmo que vou acreditar nisso? André me contou sobre a história dela, Sophie é órfã.

— Mônica, Sophie é minha irmã, não de sangue, mas adotiva!

Ela congela e isso me dá uma *puta* satisfação, vê-la assim, calada por não ter palavras, arregalando os olhos quando o óbvio parece fazer sentido.

A ponta do seu nariz fica vermelha, confusão toma seu olhar, assim como vergonha. Eu rio, sem controle desta vez, gostando disso, principalmente, gostando do fato de que sua rejeição, nada mais era que por achar que, na verdade, tenho uma namorada e que enganei as duas.

— Espera aí, o que disse? — pergunta e me divirto com sua confusão.

— Que Sophie, a mulher que viu sair do meu apartamento outro dia, a mesma da Tribus, é minha irmã ou assim a considero.

— Considera... — Torna a repetir, talvez para ganhar tempo para conseguir digerir isso. — Eu... eu...

— O que foi? Sempre tão falante, perdeu a língua? — provoco, mas ela parece perdida demais na própria confusão que fez todo esse tempo.

— Não pode ser, tem certeza?

Sorrio, perdendo a batalha em ficar longe, após saber seus motivos. Maluca. E quando diminuo nossa distância e a beijo, sem nem pensar, ando longe de ter coerência, sou só desejo.

Encosto meus lábios nos seus, testando, sentindo, mordendo o lábio inferior e sentindo sua textura ao passear minha língua por ele, como um carinho após mordê-la, começando pelo cantinho de sua boca, contornando-a sem nem aprofundar o beijo e voltando a olhá-la.

— Acho que resolvemos a confusão, não é? Agora creio que podemos

aproveitar melhor o fato de sermos vizinhos. Amanhã cedo, na academia, e não aceito não como resposta. — E a deixo ainda mais confusa, me afastando aos poucos, indo de costas em direção à minha porta. — Ah, e a chave do seu apê tá na sua mão. Boa noite, vizinha.

Viro-me, sabendo que continua parada no mesmo lugar, me olhando, aturdida. Não quero forçar uma situação, por hoje, um beijo está ótimo, mas amanhã... a quero em minha cama.



Mônica

11

Traumas, eles existem

Eu queria dizer que não fiquei parada no corredor, olhando a chave bem em minha mão, enquanto ele saía a passos largos em direção ao seu apartamento, mas foi exatamente o que eu fiz, não, o que ainda estou fazendo.

Irmã, ela é sua irmã adotiva?

Sem ainda acreditar, pego celular dentro da bolsa, entrando em casa e já jogando o nome dela no *Google*, tentando entender toda a confusão que eu fiz. Esquecendo a notícia de poucos minutos atrás, não pode ser, não posso ter sido tão idiota a esse ponto. Caio do cavalo no estante seguinte ao abrir uma matéria, que conta sua biografia.

Meu Deus, ele deve estar me achando uma maluca. E não o culpo, me comportei com uma, fui ridícula em um nível inimaginável. Sempre imaginei coisas, falei demais ao estar nervosa, mas dessa vez, ultrapassei qualquer limite aceitável, vendo coisas onde não tinha.

Estava ali, na minha frente o tempo todo. Claro, tinham dicas que alimentaram minha tese, porém, montada em que de sólido? Absolutamente nada e agora tudo faz sentido. Nem um beijo sequer, algo que fundamentasse um relacionamento além de palavras mal interpretadas, nada, só minha atual

loucura.

Será que Neto ferrou tanto a minha cabeça, minando minha confiança a tal ponto, que uma frase mal dita, faz com que eu crie toda uma situação, já imaginando uma traição onde não tem?

Ele mexeu tanto comigo a esse ponto?

A resposta é óbvia: claro que sim. Neto minou minha confiança nas pessoas, minou parte da minha autoestima, da minha autoconfiança e me deixou mais dura. Algum dia, vou conseguir confiar em outro alguém?

André, no fim das contas, estava certo, pelo jeito os dois são como ele e eu. Amigos, não, irmãos.

Ainda assim, mesmo com minha confusão, ele me beijou, e o que quer dizer isso?

Tenho apenas o silêncio no apartamento em resposta e, após estar sozinha novamente, o peito aperta, me lembrando que algo mais me incomoda.

Passo a mão no cabelo, desmanchando o coque e deixando os cachos caírem bagunçados. Vou para o quarto e me sento na cama, deixando a bolsa na mesinha, olhando a parede à minha frente e solto a respiração, caindo de costas na cama, tentando relaxar, me entender e arrumar minha confusão.

Porque, se Benjamin não tem ninguém, quer dizer que... nada me impede de aceitar suas investidas, não é?

“Amanhã cedo, na academia...”

Eu disse que sim, mas o que ele quis dizer?

O homem permeou meus pensamentos por todo o dia, aquela aproximação, seu cheiro, o modo como me olhou ontem. Junto a isso tem o trabalho, minha mãe.

Bom, ao menos sei que tudo continuará na mesma, em relação ao trabalho. Uma hora terá que dar certo, nem que para isso eu tenha que mudar de cidade, pegar outra agência, não me importo. Uma hora dará tudo certo,

sei disso. Só tenho que colocar minha cabeça no lugar, voltar a ser a Mônica confiante de sempre.

Meu ex-noivo me tirou algo, no dia em que tudo acabou e eu vou descobrir o que foi e vou recuperar o que quer que seja, preciso disso.



O barulho de alguém derrubando minha porta me faz saltar da cama, com o coração a querer sair do peito, e buscar o celular para ver as horas, enquanto já me levanto tonta de sono.

Em plena cinco da manhã, quem diabos está na minha porta? Deus, algo aconteceu com alguém da minha família?

Às pressas, vou em direção à porta do apartamento, ainda bêbada de sono e ao abrir, quase esbaforida, dou de cara com uma montanha tatuada à minha frente, com um sorriso lindo, de dentes perfeitos, abertos para mim. Como consegue ser tão bonito a essa hora?

E me dou conta, devo estar uma bagunça.

— Mas o quê? — Não consigo terminar a frase, Benjamin não deixa, ele passa por mim como um trem de carga, entrando no apartamento e me entregando um copo grande, com algo verde dentro.

— Bom dia, morena. — E com isso ele me mede dos pés à cabeça, vagarosamente, o sorriso aumentando ao me ver imóvel. — Você acorda linda e esse pijaminha então... uma delícia, mas, *pra* malhar não dá para ir assim. Vai lá se trocar, que espero, eu trouxe vitamina de abacate *pra* você. Não pode malhar de estômago vazio.

— Você bebeu? — pergunto, me sentindo realmente atropelada por um trem, meu coração se acalmando pouco a pouco, após o susto.

— Não, não bebo em meio de semana, às vezes nos finais de semana, apenas. Vai lá, eu espero. Mas antes...

Arregalo meus olhos ao vê-lo se aproximando, perto, muito perto e perco o ar quando, como ontem, seus lábios tocam os meus, lentamente, de forma deliciosa, não se demorando em se afastar e me deixando tonta.

— Pronto, um bom dia melhor, agora vai lá.

— Não pode fazer isso sempre que tiver vontade, sabia? — Ah, ele pode, pode sim, só estou tentando ser difícil.

— Não? Quer que eu pare?

Ele é surtado e eu começo a gaguejar.

— Olha, olha, Benjamin, eu agradeço a vitamina que teve a boa vontade de me trazer, mas, eu vou voltar para minha cama quentinha e aproveitar o meu sono, não vou malhar a uma hora dessa, *tá* maluco? — acuso, cruzando os braços frente ao corpo, me dando conta da fina blusa que não esconde muito bem meus seios.

— Você disse sim, quando falei sobre a academia.

— Eu disse.

— Então... aqui estou eu. Não quis dizer que nos veríamos lá, quis dizer que ia comigo.

— Eu não entendi mesmo e, de qualquer forma, eu não vou uma hora dessas e nunca disse que ia com você.

— Um detalhe apenas. Agora toma a vitamina e deixa de ser preguiçosa e ranzinza. Sophie não vai poder pegar pesado agora pela manhã, então, você vem comigo mocinha — fala e olha o relógio. — E se demorar mais, vai acabar me atrasando.

— Quando isso te passou pela cabeça? — Ele não estende e eu aponto de mim para ele. — Eu ir com você, sem aviso prévio.

— Eu avisei, você que não entendeu. O que foi bom, admita, se eu te falasse que viria aqui hoje pela manhã, você não ia abrir a porta *pra* mim.

Ele se senta no meu sofá, bem à vontade e apesar do sono ele acaba me fazendo rir.

— Cara, eu não tô psicologicamente pronta pra ir malhar a essa hora.

— Bom, tem o tempo de se arrumar e de chegarmos lá até estar pronta psicologicamente e veja só, serei seu *personal* hoje, você tem sorte. Agora toma a vitamina e vai se trocar ou vou me atrasar.

Mas que *filho da puta*. E por que merda eu não o ponho daqui para fora e volto a dormir?

Porque sou idiota, claramente, e bem cadelinha dele, após descobrir que está livre, leve e solto para fazer me lembrar do que fizemos, dias atrás.

— E beba a vitamina.

Reviro meus olhos, lhe dando as costas e voltando para o quarto, para fazer exatamente o que ele pede, tomando um gole da vitamina que me deu.

— Argh, a vitamina está sem açúcar.

— Não, tá na medida certa e você tem dez minutos.

— Abusado!

— Mal-humorada.

Entro no quarto e fecho a porta, rindo com uma idiota vendida. Cara, o sol nem apareceu, como que ele quer ir malhar? Benjamin está de sacanagem, só pode ser.

Bebo mais um gole da vitamina sem graça e abro o guarda-roupa, pegando a primeira roupa de malhar que vejo e me vestindo. Prendo o cabelo ao ir para o banheiro e após estar pronta, saio do quarto terminando de tomar o agrado que me trouxe, preocupado em não me deixar malhar de estômago vazio.

Seria lindo, se não fosse às cinco da matina. Ao menos o abacate está ótimo, mas quase sem açúcar algum.

Encontro em meu sofá um exemplar perfeito de um modelo atlético em pé, próximo ao meu aparador de madeira escura, que fica perto da pequena janela, olhando as fotos sobre o móvel.

— Estou pronta! — falo, ao pegá-lo despercebido olhando minhas fotos. Umas nada atrativas, mas significativas.

Sem ter nenhuma vergonha ao ser pego bisbilhotando, ele se vira, um pequeno sorriso no rosto e sei que tenho que tocar no assunto de ontem, ou ao menos me desculpar.

— Então vamos.

— Acorda sempre com esse bom humor irritante?

— Apenas quando tenho uma ótima noite de sono. É sua família nas fotos? — pergunta, enquanto passa pela porta que seguro aberta.

— Sim, meu pai e mãe, algumas quando era mais nova. Na outra é André, que você já conhece, e ali é a Isabella, uma amiga de infância.

— Você era uma gracinha mais nova.

— Não era nada e anda logo, não estava apressado? — Ele finge nem me ouvir.

— E moram onde, seus pais?

— Próximo, a umas três horas de viagem.

Fecho a porta, me perguntando se vamos caminhando até a academia, já que não fica nada longe de onde moramos. Mas minha pergunta logo é respondida, antes mesmo de ser feita, quando Benjamin pega dois capacetes em frente à sua porta, no chão. Ele olha-me e eu fico com as mãos na cintura, aturdida.

— Vamos de moto?

— Sim. — Ele me olha e abre um sorriso. — O que foi?

— Tinha tanta certeza de que eu viria com você assim?

Convencido, o sorriso continua estampado em seu rosto e ele apenas pisca, me entregando um deles.

— Tenho minhas armas. Desfaz essa cara de medo. Não pode mais

falar que nunca andou de moto, já o fez comigo.

E não me lembro. Mas isso eu não digo, enquanto começamos a descer as escadas.

— Não é isso, é que não é bem seguro... e como você mesmo disse, a única vez que já andei de moto foi com você e não é parâmetro.

Ele gargalha, aquela gargalhada gostosa e com vontade, parecendo bem moleque, solto, leve e bonito, incrivelmente bonito.

— Que sorte a sua, terá uma segunda chance.

Ele desvia o olhar e eu balanço a cabeça ao me livrar desse último atrativo, ao ser transportada para o exato momento que acordei naquele quarto de hotel e levantei o lençol para ver seu corpo, tendo um vislumbre de toda sua pele tatuada, perfeito. E agora, ao saber que não há nada de um compromisso em sua vida, minha amiga aqui embaixo pisca, querendo atenção.

Isso é hora de ficar excitada? Vamos pôr a culpa no tempo ao qual não transo e nesse *caralho* de homem bonito do caramba.

— Ainda está com aquela cara.

— Que cara?

— De que vai andar em uma espaçonave. Fique tranquila, morena, irei com cuidado e é aqui pertinho.

— Espero que vá mesmo, não tenho seguro de vida.

— A propósito, a agência em que trabalha fica longe? — pergunta, parecendo curioso, enquanto coloca o capacete e espera que eu faça o mesmo ao chegarmos próximo à sua moto estacionada na garagem.

— Sim. Não fica muito longe.

— Que bom. — Benjamin fica de pé em minha frente, bem perto e substitui minhas mãos no fecho do capacete, olhos nos meus enquanto o fecha e me diz, como que isso pode parecer sexy e responder direto na minha libido? Sem contar o beijo. — Prontinho.

Saio dos meus devaneios, me afastando um passo e deixo de reparar na moto dele, aquele modelo estilo esportivo, grande, alta, robusta e que vai me deixar quase deitada sobre ele. Pai amado.

Ele monta na coisa e começo a achar até mesmo engraçada, na mesma medida que acho estranho, essa interação. Não é todo dia que um *personal* bate em sua porta para te levar para malhar, menos ainda um ao qual fiz tanta confusão e que já transei.

O ronco do motor me desperta, enquanto ele espera que eu monte. Seguro em seu ombro e me coloco sobre a moto, seu cheiro tomando conta de mim.

— Pode segurar em mim, não mordo... a não ser que peça. — Sugestivo e safado.

Sinto-o o rir quando minhas mãos abraçam sua cintura, sendo inevitável que eu esteja com o corpo colado em suas costas.

Apreensiva, assisto a Benjamin acelerar a moto e logo estamos em movimento, saindo da garagem do prédio e pegando a rua. Meu coração salta no peito e me agarro mais a ele, como se isso fosse possível e fecho os olhos. A melhor parte é que com essa proximidade, posso sentir cada músculo, cada gominho de seu abdômen. *Putá que pariu.*

Foco, Mônica, foco, não precisa parecer uma louca *gamadona*, controle, tenha controle.

Como ele prometeu, vamos mesmo devagar, apesar de sair ultrapassando todos os carros à nossa frente e quando eu começo a gostar, confesso, me aproveitando para apalpar sua barriga, já estamos em frente à academia que está aberta e quase murcho por ter que quebrar o contato, notando um detalhe.

— Ué, disse que ia se atrasar, achei que viria abrir a academia — falo, ao descer da moto e tirar o capacete.

— Eu disse? Não me lembro... — Sua resposta vem carregada de sarcasmo e um sorriso, sem se preocupar em esconder sua mentira.

— Cara de pau.

— Esquecido, talvez, só isso. Anda, vem. Ou é você quem vai se atrasar para o trabalho.

— Você não conhece limites, Benjamin, não mesmo. — Ele nada diz, seu sorriso já diz muito e faz estragos em minha calcinha.

Entramos e a normalidade da interação tão natural entre nós, traz um gosto bom à boca, não sei explicar e sinto sua mão espalmar em minhas costas, trazendo um frisson congelante em minha barriga.

O sentimento que tenho é de que hoje é um daqueles dias em que você tem tudo para sentir o coração pesado, em que algo insiste em te trazer para baixo, mas de alguma forma, você acorda com a certeza de que tudo vai dar certo.

Já sentiu algo assim? É muito bom.

— Bom dia, Dani.

— Oi, bom... — E a resposta do rapaz atrás do balcão morre, ao nos ver juntos. Uma sobrancelha se ergue e me pergunto o que pode ser tão estranho.
— Bom dia. Vai dar aula?

— Sim, mas só para a Mônica. Viu Sophie?

— Não. Eu abrir a academia hoje.

— Certo, vem, morena. — Benjamin passa pela catraca e faço o mesmo, após cumprimentar o recepcionista, me perguntando o que fez com que fechasse o semblante descontraído de pouco.

— Não dá aulas?

— Não. Ajudo quando precisam, nosso público está crescendo, mas meu foco é levar Sophie, com a melhor forma possível, aos ringues dentro e fora do país. — O orgulho que ele sente dela está em toda a frase, e tenho a impressão de que sua expressão se deve ao fato de Dani dizer que não a viu hoje aqui. Mas por quê?

Passo o olhar pelo local, notando que já está bem lotado para o horário,

com vida, música alta e alguns instrutores sendo prestativos com alguns alunos. Começo a ficar sem jeito, conforme vamos entrando.

— O que foi? — Não aguento calada a curiosidade em saber o porquê de sua mudança.

— Por quê?

— Tem um vinco em meio às sobrancelhas e ele não estava aí quando chegamos.

Ele nega, tentando um sorriso.

— Nada de mais. Só não sei onde Sophie está, é só preocupação de irmão.

— Ué, talvez ela esteja na casa de algum namorado? — Tento e parece que falei um absurdo.

Primeiro ele me olha como se tivesse lhe dado um soco, em seguida ele ri, não, ele gargalha.

— Sophie? Não, isso não. Agora vem, vamos começar com alongamento e esteira. Vamos ocupar o meu tempo.

Minha língua coça para perguntar o porquê isso pode parecer tão surreal a ele, mas não faço, apesar da curiosidade. Sigo apenas suas instruções, me posicionando ao me alongar, vez ou outra ele tendo que me tocar para me posicionar de forma correta.

Estou queimando ao subir na esteira a pedido dele, que saiu dizendo ir pegar minha ficha de treino e posso garantir, essa quentura não tem nada a ver com a droga da caminhada que começo e, cá entre nós, o homem é gostoso *pra caramba*.

Ao chegarmos, eu esperava algumas cantada, sei lá. Mas não veio nada além da simpatia que parece ser comum dele. Ah, teve apenas o morder, caso eu peça, quando estávamos saindo. Poderia ter respondido que queria, *né? Tipo*, na brincadeira e dando uma corda. Já que realmente eu quero mesmo.

Mordo o lábio e o vejo descendo as escadas, parando para conversar

com uma aluna quando alcança o chão. Meço a mulher que está bem próxima dele, uma bem estilo *paniquete*, perfeita, com uma bunda invejável e, para piorar, tem a mão em seu peito, alisando-o e parando em seu abdômen, parecendo estar mole por ele e quem não estaria?

Benjamin me olha e me pega no flagra, observando-o. Ainda assim, não consigo desviar e o pego segurando o pulso da senhora bunda perfeita, a afastando, ao vir em minha direção.

— É muito assediado? — *Putá merda*, não era para sair assim, às vezes não consigo segurar certas coisas, sai sem nem perceber.

— Oi?

— *Tipo*, você é um cara bonitão e tal, parece legal, deve ser bem assediado por aqui.

— Ah, isso? — Ele parece divertido ao responder. — Talvez, às vezes sim, nada demais. — Mordo o lábio, analisando seu rosto. — Vem, já está aquecida. Vou pegar leve hoje, na verdade, por alguns dias, ou não vai conseguir nem se sentar. — Olho-o, pegando um brilho diferente nos olhos levemente verdes.

Eu devo estar perturbada, porque a frase não tem nada de mais, mas tudo que eu visualizo sou eu, me sentando nele.

— Nada, sentar... e eu agradeço se pegar leve, eu preciso mesmo me sentar. Digo, eu passo o dia toda sentada, no banco, não em cima de ninguém. — E começo a gesticular como uma maluca. — Digo, na cadeira, sentada na cadeira, na minha mesa.

— Eu entendi, Mônica — me interrompe, claramente se divertindo e entendendo o que minha mente poluída pensou.

— Que bom, que bom, então vamos?

Acabo me atrapalhando ao desligar a esteira, quase tropeçando ao descer. Esse homem ainda vai me causar uma contusão, inferno de homem bonito.

Sou forçada a começar um intenso treino, sim, porque de leve não tem

nada, uma mentira e cada toque, a cada olhar, sinto que vou perder minha calcinha.

Parece que saber que Benjamin não tem ninguém em sua vida, foi o combustível que precisava para soltar toda a libido presa há mais de um ano, ainda por cima com essa sua simpatia e a forma que está me tratando. O pior é que sempre tive certa aversão por esse seu jeito de: sou o cara... mas agora, poxa, ele parece ser ótimo.

— Vem, vamos alongar.

— De novo? — pergunto, exausta, sem querer sair da cadeira ao qual exercitava minhas pernas, segundos atrás.

Pernas essas que me falham no momento.

— Claro. Lembre-se, sempre antes e depois do treino, deve se alongar.

— Eu estou morta, Ben, não dá — falo, sem fôlego e ele sorri, um riso satisfeito. — O que foi?

— Me chamou de Ben.

— E o que tem?

— Gosto de como fica em sua boca. Vem, deita aqui, te ajudo a se alongar enquanto descansa um pouco.

Fico sem saber o que dizer, vendo-o se aproximar, bem perto ao me ajudar a levantar. Mas que inferno de perfume é esse?

Deitada, suada e exausta, observo-o se ajoelhar ao meu lado, pedindo um braço, depois uma perna, fazendo movimentos que relaxam os meus músculos e quando, por fim, fica meio por cima de mim, segurando minha perna e a trazendo por cima da outra, sou obrigada a fechar os olhos ou vou pedir que me beije, de novo. Pai amado.

E isso mais parece um jogo de sedução, mesmo que não seja nada mais do que vi os outros *personal trainers* fazendo com seus alunos. Talvez seja o olhar, aquele brilho ou simplesmente coisa da minha cabeça. Eu devo estar viajando.

— Mônica. Mônica?

Então, me dou conta de que devo ter ido para o país das maravilhas, por poucos segundos, pois, ao abrir os olhos, já o tenho de pé.

— Acabou? Dessa vez foi até relaxante. Que pena. — E espero ouvir dele um: podemos repetir mais tarde, se quiser, mas Benjamin apenas sorri.

— Ótimo que tenha gostado do seu treino — fala e olha no relógio. — Vou te deixar em casa.

Levanto-me com sua ajuda, negando a carona.

— Ah, não. Não precisa. Eu vou andando. É pertinho.

— Eu derrubei sua porta pela manhã para trazê-la comigo e farei agora o pacote completo, te levando de volta.

Pacote completo seria... paro, aterrissa, Mônica. Me repreendo e olho o relógio, decidindo aceitar sua oferta. Já está tarde.

— Benjamin, antes de irmos, eu queria falar sobre ontem, me desculpar por toda a confusão que fiz e agradecer por fingir que nada aconteceu.

— E não aconteceu. Você se enganou e eu entendo o porquê, me viu saindo com Sophie naquela manhã do meu apartamento. É compreensível, não precisa se desculpar. Deveria, mas por outro motivo, como sair fugindo pela manhã e me deixar a ver navios. — Passa a bola e abro a boca, mas não sei o que dizer. — Gosto quando te deixo sem palavras, sabia? — Engulo em seco, assistindo-o colocar uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Mas vamos falar disso outra hora ou vai se atrasar, vem.

Da mesma forma como entramos, ele insiste em espalmar a mão, incrivelmente grande demais, em minhas costas enquanto me guia até a saída. Um arrepio gostoso percorre meu corpo com um contato, meu estômago revirando com o simples toque.

É, eu estou muito precisada de um consolo humano, *puta que pariu!*



— O bonitão te quer. Aceita e deixa de fogo! — Sorrio ao falar com Isa pelo celular.

Sinto sua falta e como ela está a milhas de quilometro de mim, o jeito é apelar para uma ligação.

— Sei não, fiz uma confusão do caramba. Fiquei com tanta vergonha, Bella.

— E, ainda assim, ele te beijou, aproveita, faça como André sempre diz e cai sentada no homem.

— Vocês não existem. Mas conta, como está a viagem?

— Bem legal, mas nenhum gostoso que me cause muito interessante.

— Sério? Ninguém.

— Ninguém. Mas deixa *eu* contar, encontrei o filho do chefe de cirurgia aqui, o Dr. Guilherme, acredita?

— Sei, é bonito?

— Sim, bonito, aquele tipo certinho demais sabe? — desdenha, mas a conheço bem.

— Isso é um interesse que vejo em tua voz?

— Pelo amor de Deus. Não vim para a Argentina pegar brasileiro, Mon, ainda mais colega de trabalho, *tá* louca?

— Mas ele nem é médico, falou uma vez que o homem era o que mesmo? Doutor em administração?

— E economia, mas dá no mesmo. Ele está sempre lá pelo hospital, não adianta, nem vem. Vou me esbaldar numa piroca argentina, isso sim. Agora você, *tá* bom de se esbaldar na piroca brasileira aí ao lado.

Me esbaldar... E como já me imaginei fazendo uns agachamentos no meu vizinho gostoso.

— Mais cedo falei com André, ele disse que sua mãe ligou.

— Sim, ligou, fiquei de retornar hoje, mas não sei se devo. Talvez me dar mais dois dias antes de fazer isso. — Convenhamos, ouvir minha mãe falar do meu ex, não é algo que eu queira.

— Sério que ela falou de Neto?

— Sim, falou. Ela é louca por ele, sempre o adorou, tem esperança de que voltaremos. Parece que ela não faz ideia dar dor que ele me causou.

— Eu sinto muito, Mon.

— Uma hora essa fixação dela passa, tem de passar.



Benjamin

12

Bater ou não bater, eis a questão

Feito uma estátua, em frente à porta de madeira, encaro o número 204, a mão coçando por bater na madeira, ao tempo que seguro uma grande caixa de pizza na outra. Desde ontem, após arrastar Mônica para a academia, que não mais nos vimos, quando voltei para casa já passava da meia-noite e apesar da vontade de vê-la, claro, não fiz a loucura de bater em sua porta novamente.

Agora estou aqui, amarrado entre bater ou voltar para minha casa. Nem chego a precisar decidir, a porta é aberta e Mônica se mostra, parecendo que vai sair, apesar da simplicidade de suas roupas.

— Benjamin.

— Oi, não quero atrapalhar, parece que está de saída ou estava esperando alguém? — Aguardo uma resposta, que demora a vir.

— Estava mesmo de saída, ia comprar um caldo que vendem aqui embaixo. Mas o que faz aqui?

— Um convite, espero que goste de pepperoni. — Ela parece demorar a entender, olhando de mim para caixa em minha mão. — E então, gosta?

— Sim, gosto sim.

Os olhos negros me avaliam, olhando de mim para caixa de pizza em minhas mãos e aproveito para admirar a bela mulher que ela é, ao estar à vontade demais para alguém que ia sair, o cabelo jogado para cima, preso meio bagunçado, o rosto livre de maquiagem, ainda assim, bonita *pra caralho*. E o convite para entrar não vem, talvez prefira tomar o caldo.

— Ok, já que vamos comer aqui no corredor, vou me sentar e tentar ficar o mais confortável possível.

— Oh, não, não, não. Desculpa, entra, pode entrar. Me pegou de surpresa, só isso, mas vem, entra.

Paro de descer meu olhar pelo seu corpo ao notar os bicos dos seus seios marcando a fina blusa creme, apesar de não ser transparente. Entro logo atrás dela em seu apartamento, o lugar ao qual passei bons minutos observando ontem, enquanto ela se vestia para sairmos para a academia.

— Fica à vontade, senta onde achar melhor. Vou pegar os pratos.

— Pode deixar. — Mas não me sento, deixo a pizza em cima do balcão e puxo-a pela mão, antes que entre na pequena cozinha, trazendo-a para mim, fazendo com que bata contra meu peito.

— O que *tá* fazendo?

— Mônica, acho que não preciso fingir que não te quero novamente, preciso? Eu quero, sinto um tesão sem nenhum controle por você, quero terminar o que começamos naquela noite, só preciso saber se você também quer.

Os olhos dela parecem ganhar ainda mais cor, abertos como pratos, me ouvindo com atenção. Sinto meu coração retumbar no peito, ansioso por ouvir sua resposta, perdendo o controle ao sentir seu cheiro, seu corpo.

Não planejava que fosse assim, iríamos comer e quem sabe depois... foda-se, a quero e agora, não faço rodeios.

Eu não tenho dela uma resposta, não em palavras. Os braços delicados envolvem meu pescoço e com um risinho nos lábios ela me beija, essa é a melhor resposta que poderia me dar.

Tem algo que sinto neste momento que nunca senti com mulher alguma e, é realmente estranho, é alívio. Não sei o porquê, talvez por conseguir o que tanto queria, por tê-la agora em meus braços e é como me lembrava, quente, receptiva, gostosa *pra caralho*.

Não quero perder tempo, quero-a agora e com pressa, coloco Mônica sentada sobre o balcão de mármore, derrubando sei lá o que, a fazendo procurar o que faz barulho ao cair, olhando para trás com um sorriso de moleca nos lábios, a coisa mais linda que já vi.

Por alguns instantes eu paro, só para observá-la, deixando de lado por

instantes a pressa, o desejo, excitação, apenas para observar a pequena covinha que se forma em suas bochechas quando ela sorri, a forma como seus olhos se aperta, a ponta do nariz treme, a pele negra reluzindo sobre a luz.

— O que foi? — pergunta, tentando entender por que a olho como um paspalho.

— Você é linda, Mônica, linda.

O riso volta ao seu rosto e cubro seus lábios novamente, sentindo suas mãos em minhas costas, puxando minha camisa. Sugo sua língua, como se estivesse sugando seu clitóris e sinto o exato momento que sua excitação aumenta, seu corpo se esfregando em mim com mais pressa, mais tesão e urgência.

Deixo sua boca apenas para deixar que tire minha camisa e subo minha mão por sua coluna, agarrando seu cabelo, puxando sua cabeça para trás para ter acesso ao seu pescoço de pele macia e cheirosa.

— Benjamin. — E ela parece apressada ao sussurrar meu nome.

— Está com pressa, morena? Eu estava, mas agora... tudo que eu quero é degustar teu corpo com calma, te dar prazer.

— Você tem alguma noção do quanto isso é sexy?

Sorrio da sua espontaneidade, tenho a impressão de que às vezes nem pensa no que diz e gosto disso, gosto da sua falta de filtro que me permite saber o que pensa exatamente.

— Não, mas sabe o que pode ser ainda mais sexy? — Não perco tempo em explicar, prefiro mostrar.

Abaixo sua blusa com o dedo, tendo o vislumbre perfeito do seu seio, empinado, o bico durinho de tesão. Não perco seu olhar, que por um momento parece envergonhado, mas não se nega a olhar o que faço ao engolir seu seio pequeno, o tamanho perfeito.

— Isso aqui, morena, pode ser bem mais sexy do que apenas falar, não pode? — Não espero realmente uma resposta, quando busco o outro seio, sugando com certa força, assistindo-a quando joga a cabeça para trás, se

entregando ao prazer que lhe dou.

Ouvir seu gemido traz ondas de prazer ao meu corpo, que param exatamente em meu pau e quero muito sentir seu sabor mais íntimo, sugar sua boceta como faço com o peitinho suculento.

Tiro sua blusa, voltando a sugar seu seio, não perdendo tempo em desabotoar sua última peça, até tê-la apenas com uma calcinha de algodão, branca, normal e me afasto, quero vê-la exatamente assim, exposta, enquanto me olha sem graça, um tanto envergonhada ao dar de ombros.

— Calcinha confortável, não imaginei que acabaria transando esta noite.

— Está perfeita. — Ela nega e levo minha mão para dentro da sua calcinha, encontrando uma boceta molhada, quente, receptiva. — Sua boceta é perfeita.

Agacho-me, minha cabeça ficando na altura perfeita com sua boceta, salivo por tê-la em minha boca. Não tiro sua calcinha, apenas a afasto para lado, abrindo bem suas pernas e devo dizer, adoro ameixa, é essa a fruta que sua boceta me lembra e a abocanho, enchendo minha boca, ouvindo seu gemido em resposta.

O som me dá um estímulo a mais e sugo, deixando seu clitóris e indo até sua entrada, a penetrando com a língua, preparando-a para me receber aqui.

— Benjamin, não para, não.

— Parar? Eu nem comecei. — O gosto salgado preenche minha boca, os lábios macios sendo massageados por minha língua, fazendo Mônica se segurar a bancada.

Adoro cada movimento que faz, levada pelo prazer. Volto a lambar seu clitóris, sentindo sua mão vir de encontro à minha cabeça, tentando se segurar ou garantir que eu não saia daqui.

Lambo e sugo sua boceta, deixando-a *inchadinha*, dando uma palmada leve e a fazendo pular na bancada.

— Hum... vai...

Mais uma palmada leve e volto a chupá-la, lambendo com leveza em seu clitóris e colocando um dedo dentro dela. Sinto-a apertar meu dedo e sei que está ao ponto de gozar e não paro, até ter Mônica gritando, tremendo e se esfregando em minha cara, apertando meu dedo com sua boceta, prendendo minha cabeça entre suas pernas, gozando e me melando inteiro.

Sinto tanto prazer ao vê-la gozar que seguro para não jorrar *porra* na cueca como um adolescente inexperiente. Vou gozar, gozar gostoso, mas dentro dessa boceta e só paro de chupá-la quando a tenho mole, quase sem forças.

— Já molinha assim? — Me levanto, a segurando pela cintura, minha boca melada com sua excitação, assim como suas pernas e eu adorei seu gosto, seu cheiro.

— Não, quero mais, Benjamin, quero você dentro de mim. Desde que fui embora, naquele dia, eu quis isso, quis saber como era ter você dentro de mim. — Vencido, vou como um cachorrinho fazer o que pede, já me livrando da minha bermuda e boxer.

Seguro meu pau em minha mão e olho Mônica, ainda sentada na bancada da cozinha, linda ao ter os olhos presos em minha mão.

— Quer *ele* dentro de você?

— Quero, quero muito — fala, descendo da bancada, me beijando.

Seguro sua cintura, faminto, com pressa, virando-a de costas para mim, para que se apoie no mármore onde estava sentada segundos antes.

Estalo um tapa em sua bunda, puxando seu cabelo, dando-me a lateral do seu rosto livre, beijando sua boca. Desço por seu pescoço e vou descendo por sua coluna, até sua bunda. Dou uma pequena pausa, deslizando minha mão por suas costas, sua bunda e tiro sua calcinha. Agora sim, ela está completamente nua.

Beijo e lambo sua bunda, uma, depois a outra e a abro para mim, tento uma visão perfeita. O tesão faz com que eu queira estar logo dentro dela,

possuí-la e pensando bobamente se um dia ela me deixará entrar aqui. Passo a língua ao redor do seu cuzinho e desço até sua boceta novamente, molhando-a para mim.

Levanto-me, colocando a camisinha e, por fim, pincelo meu pau desde seu clitóris até sua bunda, indo e vindo, a excitando mais e mais, meu tesão me levando ao limite.

— Benjamin, não me tortura, por favor.

— Calma, mal começamos.

Faço o que me pede, a penetrando, devagar, sentindo cada centímetro da sua boceta apertar e moer meu pau, vendo Mônica arquear as costas, olhando para trás, por cima do ombro. É minha perdição e me atolo de vez dentro dela, fazendo-a gemer.

— Apertadinha, Mônica, uma delícia. — Sou obrigado a fechar os olhos, me segurando ao senti-la.

— É, então me come, vai.

Nego, ela não sabe o quanto me custa segurar o gozo. Movo-me dentro dela, sentindo como a deixei molhada, quente, receptiva. Seguro seus quadris, começando devagar, querendo sentir, me acostumar a estar dentro dela.

É exatamente como imaginei que seria, perfeita, gostosa e percebo que poderia me viciar em Mônica, no seu jeito, no seu sorriso, não apenas no sexo.

Não gosto do rumo dos meus pensamentos e a viro de frente para mim, segurando seus joelhos e a tirando do chão, fazendo-a montar meu pau.

Colo sua boca na minha, entrando com ela onde acredito ser seu quarto, a colocando na cama, sem me afastar um segundo sequer.

Volto a sugar seu seio, a penetrando mais fundo, a olhando, sem querer perder nenhum detalhe. Seguro seu rosto com a mão, pedindo sua atenção, que segue gemendo com olhos fechados.

— Eu preciso de mais, Ben, porque sinto que vou... Deus, eu vou

explodir.

— Vai é? Quer assim? — Vou devagar, provocando-a. — Ou assim. — E começo a ir depressa, o barulho dos nossos sexos se chocando ecoando no quarto.

— Assim, isso, continua.

E não quero mesmo parar.

Seguro suas pernas, me dando mais espaço e soco em sua boceta com o máximo que posso, indo até o fundo, arrancando dela qualquer prazer que seja, querendo senti-la gozando em meu pau. Não demora, ela já está estimulada e alcança o gozo de forma rápida ao me ter de joelhos entre suas pernas, massageando seu clitóris.

Sinto cada movimento e espasmo e não seguro, não consigo mais e o gozo explode no látex, meu corpo entrando em combustão, um prazer ensurdecador castigando meu corpo, me jogando no escuro.

Minhas bolas se contraem, meu pau pulsa dentro dela e acabo cedendo sobre seu corpo, ouvindo e sentindo seus últimos gemidos e tremores, segurando parte do meu peso em meus antebraços para não a esmagar.

Beijo seu pescoço, pequenos beijos, agora também em seu rosto e observo, aos poucos, ela abrir os olhos de forma preguiçosa, quase sonolenta.

Um olhar, depois um sorriso e, por fim, ela me puxa para um beijo lento, sua língua querendo a minha com paciência, como se fosse o nosso primeiro beijo.

— Perfeita... — elogio, sentindo sua mão em meu rosto, um carinho leve.

— Eu não me lembro de como foi a primeira vez, mas dessa vez foi... incrível.

Afundo meu rosto em seu pescoço e inalo seu cheiro, tentando entender do que fala.

— Como assim, primeira vez?

— A primeira vez que transamos. Oh, desculpe te falar assim, é que naquela noite acabei bebendo demais e não me lembrava de como... de como foi, sabe? Me desculpe.

Consternado com o que diz, começo a sorrir, segurando uma gargalhada ainda estando com meu pau dentro dela.

— Nem poderia lembrar, Mônica, porque não transamos naquela noite.
— E sua expressão parece perdida.

— Como é?



Mônica

13

Como tudo aconteceu

Aqui embaixo eu tenho um ótimo vislumbre de seu rosto divertido, depois de me dar o melhor orgasmo da minha vida, quer dizer, os dois melhores orgasmos da minha vida e me deixar confusa, dizendo que essa é, na verdade, a primeira vez que transamos.

— Não sei bem o que se lembra sobre aquela noite, Mônica, mas não transamos.

Movo meu corpo ainda preso pelo seu e ele se afasta, sentando, completamente nu, aos pés da cama, colocando um travesseiro de apoio sobre seu membro semiereto. Puxo o lençol para tapar meu corpo, tentando entender o que diz, os detalhes do sexo delicioso ficando em segundo plano, após o que disse.

— Não, não, não. E por qual motivo eu acordaria nua em uma cama com você?

Um sorriso largo se amplia em seu rosto e eu fico perdida, tentando me lembrar de qualquer coisa que seja, algum detalhe.

— Morena, não transamos. O máximo que aconteceu entre nós foi alguns beijos, muito gostoso, por sinal, além de um quase boquete e um coma alcoólico, nesse caso, o seu coma alcoólico.

E eu só posso negar.

— Não, como, como... eu... não! — continuo, acreditando em minha negação e ele parece achar o máximo.

— Então... espera aí, já volto, você sugou minhas forças.

Benjamin me deixa no quarto e, sem vergonha nenhuma, vai nu até a sala, voltando com a caixa de pizza nas mãos, se sentando ao meu lado e puxando um pedaço do meu lençol para se cobrir.

— Como eu ia dizendo. — Dá uma pausa, pega um pedaço de pizza e me oferece uma fatia. — Chegamos ao hotel, escolhemos um quarto, estávamos animados, excitados, entramos e eu fui ao banheiro para te dar tempo. Não sei, você parecia meio desconcertada e quando voltei, nos beijamos, você muito sensual fez um belo ensaio para um bom boquete e quando a coisa esquentou, a bebida te pegou de jeito e você passou mal, quase vomitando e mim. — Ele me olha, comendo um pedaço de pizza enquanto se diverte com a minha cara. — Passamos parte da noite no banheiro, enquanto eu cuidava de você. Acabou molhando sua roupa quando tive que te dar banho e por isso acordou nua, em minha cama. Já eu acordei nu porque não durmo com roupa.

— Eu não acredito...

— É, pode acreditar. Come aí vai, *pra* disfarçar a cara de horror — zomba, na maior cara de pau.

— Benjamin. Esse tempo todo, eu fiquei tentando me lembrar da noite que transamos, sabia? — Bato em seu ombro, sem acreditar que isso realmente aconteceu. — Quer vergonha, meu Deus!

Eu fugi desse homem porque achei que tínhamos transado, tomei até pílula do dia seguinte, com medo de não termos usado camisinha, que agora sei, nem chegamos a precisar usar. Que vergonha e eu só vomitei e dormi, pior, ele teve que cuidar de mim, tirar minha roupa. Meu senhor!

Tenho vontade de enterrar minha cara debaixo da cama, apenas para não ver esse seu risinho vitorioso nos lábios.

— Eu, eu... deveria ter me contado, sabia?

— Queria que eu fizesse o que, morena? Não tive como contar, até tentei, mas você estava fugindo de mim como o diabo da cruz.

Errado ele não está, fugi, fiz confusão, passei vergonha... *puta que pariu!*

— Obrigada.

— Pelo o quê?

— Cuidou de mim, não deve ter sido muito legal passar a noite cuidando de uma desconhecida. — Sou sincera, fiz um *puta* papelão.

— Nada de mais, foi até divertido, falou algumas besteiras enquanto estava abraçada ao sanitário.

Tapo meu rosto, eu só quero esquecer de novo.

— Agora, já que estamos falando daquela noite, me diz, por que foi embora?

Eu olho-o, tentando me decidir se conto a ele, comendo a pizza para ganhar tempo, adiando passar mais vergonha.

— Desespero do momento. Não me lembrei de nada quando acordei e tinha um cara nu ao meu lado, nem seu nome eu sabia, isso já é suficiente o bastante *pra* surtar e ir embora, não acha? — Ele ri.

— Não, claro que não.

— Fala sério, claro que é. Fui noiva por sete anos, ia me casar e, até então, só tinha transando com o babaca do meu ex, você é o meu segundo e nem seu nome eu me lembrava, nada. Isso é motivo suficiente para fugir, sim. — Sei que falei demais quando termino e pego Benjamin me olhando estático, olhos avaliativos, o pedaço de pizza parado no ar, o riso morrendo.

— O que foi, Benjamin?

— Nada. Já foi noiva?

— Já, acabou há cerca de um ano e meio. Essa pizza *tá* boa, *né*? —
Tento mudar de assunto, mas pela sua cara, não vai rolar.

Ele parece surpreso com o que lhe conto.

— Espera, tem um ano e meio que não transa? — Ele é inacreditável.

— Foi a única parte que ouviu?

— A única que me interessa, mas vou chegar ao motivo também —
brinca, tentando trazer leveza para a conversa. — E acabou por quê?

— Quer mesmo saber?

— Fui seu segundo, acho que mereço, ainda mais depois de uma
performance como a minha.

— Convencido.

— Gostosa. Agora vai, conta aí. Tem o tempo de comer essa pizza para
me contar, pois depois, vou te levar *pra* aquele banheiro e transar com você
embaixo do chuveiro.

— Você sabe mesmo como convencer alguém, não é?

— Tenho minhas armas. — E ele parece falar do tempo, uma
naturalidade como se fôssemos amigos de décadas, enquanto tenta tirar de
mim detalhes da minha vida.

— *Tá*, é simples. Começamos a namorar bem cedo, nossas famílias
eram amigas, tínhamos o mesmo círculo de amizade, foi natural me
apaixonar. Noivamos depois de quatro anos de namoro e no dia do tão
sonhado casamento, após sete anos juntos, ele me traiu e, decidiu terminar o
noivado, horas antes do casamento.

— Que *filho da puta*! — Benjamin parece mesmo indignado, o
engraçado é que ele parece ser exatamente esse tipo de cara, aquele que não
se envolve, que trai.

— Pois é, e foi só. — Termino meu pedaço de pizza, ganhando um
beijo em meu pescoço que me arrepia os pelinhos do braço.

— Só? Por isso se mudou para o Rio?

— É, também. Cidade pequena, erámos conhecidos, crescemos naquela cidade, sabe? Tinha a minha mãe, que o adorava, adora. Enfim, foi necessário, nem cheguei a pensar.

— Entendi.

Um pequeno silêncio se segue e corto essa pausa.

— O que foi?

— Nada, sua história. Sete anos de namoro e tudo acaba de um dia para o outro. Ainda o ama?

Olho Benjamin como se fosse um et, após essa pergunta, negando com veemência.

— Não, claro que não. Deixei de amá-lo e respeitá-lo naquele dia. Mas acho que relacionamentos são assim, confusos e podem machucar.

— É, tem razão, por isso prefiro deixar os sentimentos longe. Vamos *pro* banho?

Vejo Benjamin deixar a caixa de pizza de lado e se levantar, me estendendo a mão. Mas algo em sua fala me incomoda, talvez por já deixar explícito para que eu não espere dele nada mais que sexo.

— Agora? Já?

— É só banho.

— Sei... claro que é. — Aceito sua mão, mas não vamos longe, ele me empurra na primeira parede mais próxima, apertando meu corpo com o seu.

Cá para nós, o homem não está errado em ser cheio de si, ele realmente é isso tudo. O sexo foi... uau.

— Posso me viciar em você, Mônica. — Seus olhos me dizem que isso pode ser verdade, mas a mim parece extremamente contraditório.

Não se envolve em um momento e no outro... posso me viciar em você.

Será que ele pensa que, por ser o meu segundo, irei cair de amores por ele? Por isso disse aquilo?

Ah, mas ele está muito enganado.

— Eu diria. — Beijo seus lábios, descendo por seu queixo, mordendo-o e sentindo seu membro ficar mais duro contra a minha virilha. — Caso se vicie, podemos repetir isso aqui outra vez, sem compromisso, apenas sexo. É só o que quero de você, Benjamin.

Ele me olha, sério, para em seguida, um sorriso delinear seus lábios.

— Isso é um convite para uma amizade colorida?

— É, preciso de cor em minha vida e de sexo...

— Sempre que der vontade?

— Uhum...

— Que delícia, morena. — Ele me beija.

Eu posso lidar com isso, apenas sexo, sem nenhum compromisso, amizade colorida. Assim, eu protejo meu coração.



Benjamin

14

Um pé na paixão e outro na razão

— Nossa... parece muito feliz.

Olho Sophie por cima do ombro, tentando não dar atenção a essa frase, mas um sorriso se abre de forma automática ao pensar no motivo de estar tão relaxado. Feliz já é um pouco de exagero.

— Impressão sua, estou como em todos os dias.

— Não está, não. — Ela não se dá por satisfeita, se joga na lona e, após deixar as luvas em um canto do ringue, faço o mesmo ao me deitar ao seu lado. — Está com um sorrisinho sacana desde que chegou, os olhos aí, brilhantes, parecendo as princesinhas de conto de fadas. — Ela ri. — Ai, isso dói — reclama, não segurando o riso frouxo quando lhe dou uma cotovelada marota.

Não, não tem nada de olhos brilhantes aqui, apenas um homem de bolas vazias ao qual passou a noite fodendo uma bela mulher, uma mulher que se mostrou diferente do que eu esperava.

Mônica.

A impressão que tive enquanto estive com ela, era que, ao ponto que eu ia tentando descobrir como lhe dar prazer, acabava por mostrar onde ter prazer. Parecia que nós dois estávamos desbravando, juntos, seu corpo.

Trago o braço sobre o rosto, fechando os olhos ao pensar na noite que tivemos. Mônica, apesar do olhar faceiro e desprendido, pareceu inexperiente em vários momentos, diferente do que seu corpo dizia. Talvez isso se deva ao fato de passar anos com um babaca que acabou enfiando os pés pelas mãos. Como alguém perde uma mulher como Mônica?

Enquanto estivemos juntos, nada foi fingindo, nenhuma sensação foi escondida e eu adorei cada segundo do que tivemos. E quando citou o ex-noivo, ela tentou não dar importância, mas o brilho dos seus olhos não estava

mais presente. Estou aqui, agora mesmo, doido para voltar para casa e bater em sua porta.

Começar o que dissemos um ao outro ontem, sexo bom sempre que der vontade. Um acordo excelente.

Não imaginei que após essa noite eu iria querer estar com ela tão logo, achei até que essa fixação que carreguei por dias, tão logo, passaria ou ao menos diminuiria. Mas transamos, passamos a noite juntos, algo inusitado, e estou agora mesmo louco para estar com ela outra vez, voltar a mergulhar em seu corpo, afoito para voltar para casa e bater em sua porta.

Afinal, o convite foi feito, e por ela. Sexo bom sempre que der vontade, sem compromisso. Um acordo excelente, apesar de ela não me parecer alguém que faça sexo só por fazer.

— Ei! — Sophie chama. — Não vai mesmo me contar o motivo desses suspiros?

Olho para ela, suada, bagunçada, me observando enquanto segura seu peso nos cotovelos.

Não sei do que está falando. Não tem nada de anormal comigo, menos ainda essa felicidade toda que insiste em ver em mim.

— Seu *filho da puta!* — fala e se senta, olhos grudados em mim e sorrio. — Por isso se atrasou, não, se atrasou não, simplesmente não veio, chegou aqui já às sete da manhã.

Gargalho, pegando a toalha suada que ela joga em mim.

Isso foi verdade. Passei a noite quase toda acordado, descobrindo cada parte do corpo de Mônica e quando já estávamos ambos exaustos, suados e sem fôlego, fechei os olhos ali mesmo ao seu lado e acabei dormindo, dormindo demais, eu diria.

Culpo o cansaço que a morena me causou e não de me sentir tão bem ao seu lado ao ponto de não querer sair correndo após o sexo. Sendo a segunda vez que durmo com a mesma mulher.

Por isso acordei tarde, bem tarde para quem pretendia estar aqui às

4h30 da manhã. Mas quando despertei nesse horário, já atrasado, e a vi ali, nos meus braços, em um sono tranquilo... não deu simplesmente para levantar e sair.

Ao contrário do que faria no habitual, acabei pegando-me *cagando* para a hora, deixando tudo de lado, fazendo um pequeno carinho em seu rosto, olhando-a por tempo demais, mesmo sabendo que estava muito atrasado e, por fim, acabei voltando a dormir.

— Já pedi desculpas pelo atraso, mas sim, estava com ela e dormi demais. — E isso acende o rosto de Sophie com algo que não reconheço, tanto que a faz me olhar com cara... feliz?

— Oi? Dormiu? Dormiu com ela? Não se atrasou por estar fazendo sexo até o sol raiar e, sim, porque dormiu, *tipo*, abraçadinhos? Espera e quem é ela?

— O que quer dizer exatamente, Sophie?

— Da sua regra ridícula. Nunca durma com nenhuma mulher, não dê esperança que seja algo mais, algo além do que sexo. Você se lembra disso? — E com isso ela tenta imitar minha voz.

— Está sendo ridícula.

— Estou, *cuzão*? Eu não acho e fala logo, quem é ela?

— Não começa, trepamos como coelhos, Sophie, estava cansado, morto e por isso acabei cochilando e perdendo a hora — falo, nem mesmo certo de que foi mesmo por isso.

Afinal, eu poderia ter levantado, catado minhas roupas após vê-la dormir exausta ao meu lado e ter ido embora. Mas não... simplesmente porque eu não quis. Eu quis ficar, quis ter mais dela, mais do seu cheiro.

— Sei. — Ela se joga novamente na lona.

— Ainda estou morto, para dizer o mínimo.

— Imagino... e como foi?

Olho para a magrela deitada ao meu lado, que tem cara de quem me

pegou na mentira. Não entendo essa sua cara de deboche.

— O quê?

— Com a tal “ela”, como foi?

Fico calado por segundos, estranhando a pergunta. Em todas as minhas noites e casos aleatórios, em que eu tentei contar à Sophie como foi ou convencê-la de que uma vida sexual ativa até mesmo nos ajuda a desestressar, ela nunca quis ouvir e agora, está me perguntando.

— Ora, nunca quis saber detalhes da minha vida sexual, por que isso agora? — pergunto, me divertindo.

— Talvez porque em todo esse tempo, não me lembro de te ver suspirar como uma mocinha apaixonada durante os treinos, tão aéreo ao ponto de que se eu quisesse, teria te acertado em cheio e te levado à nocaute.

— Para... — peço, eu não estou suspirando. — Não viaja.

— É sério, não é brincadeira. E então, como foi? Foi diferente com ela? E eu vou fingir que essa ela, não é sua vizinha gostosa e linda.

Espertinha, penso por instantes e, sim, foi muito, muito diferente, foi perfeito.

— Não, foi como todas as outras e eu não disse que passei a noite com Mônica — minto, de forma descarada e me levanto. — Posso até mesmo ter passado a noite com duas garotas, por isso estou tão esgotado. Já pensou nessa possibilidade?

Rio, lhe estendendo a mão, vendo-a fazer cara de nojo.

— É um *cuzão* mesmo e um detalhe, você nunca aprendeu a mentir, Benjamin, não *pra* mim.

— Isso é você quem diz. Agora vamos, temos um almoço com mamãe ou já estava se esquecendo de novo?

— E ela nos deixa esquecer? Vamos lá, use o banheiro da academia, que vou usar o do quartinho. Em vinte minutos estou pronta.

— Não duvido.

Ela ri, saindo do ringue, enquanto pego algumas coisas jogadas para guardar.

Foi diferente?

Claro... apenas por ser com Mônica.



Largado no sofá da casa tão familiar, fico com os olhos focados no forro branco de gesso, com a mente solta. Ouço a voz de minha mãe soar animada em algum lugar da casa ao falar com Sophie, mas não dou muita atenção para o que quer que seja.

Minha atenção está longe daqui, lá em meu prédio, no apartamento ao lado, para ser mais sincero.

Uma noite e me sinto como um viciado, louco por mais, meu pau ficando duro apenas por imaginar estar com ela, nua, e está difícil controlar a *porra* do tesão.

E não faço ideia do porquê me pareceu ser diferente com ela, foi só sexo. O encaixe foi perfeito, seu corpo, seu sorriso, o fato de ouvir dela que fui seu segundo companheiro sexual, causou algo em mim, uma possessividade que sinceramente não gosto. Talvez tenha sido a demora em tê-la, isso pode ter aumentado o tesão a um nível que apenas uma noite, não aplacou em nada o desejo que sinto.

Suspiro. É... Sophie estava certa. Estou mesmo suspirando. *Caralho*.

Abro o aplicativo de mensagens pela milésima vez e a vejo on-line, já quase duas da tarde. Olho novamente sua foto de perfil, babando como um lobo idiota, não me reconhecendo quando o assunto é mulher, ou melhor, essa mulher.

Digito um “Bom dia”, apenas para apagar em seguida, desistindo de

mandar qualquer coisa. Essa de mandar mensagem no dia seguinte não é para mim. Que diabos estou fazendo? Droga.

E mesmo dizendo isso, torno a digitar um:

“Bom dia, morena!”

Penso até mesmo em inserir um *emoji*, me recriminando em seguida e como um imbecil, eu envio, sem conseguir me conter, esperando que ela responda em seguida, de olho na tela. Mônica visualiza, sai do aplicativo e não responde. Que infeliz... ela não vai responder?

Pela primeira vez me vejo esperando, esperando e esperando uma resposta de uma mulher, chego a notar o coração mais acelerado, mas finjo não ligar isso ao fato de esperar um bom dia da mulher com quem fiz um sexo mais que delicioso ontem à noite.

Nunca senti tanta urgência por alguém, não desde os meus dezoito anos. Logo, um digitando aparece ao lado de sua foto e chego a sorrir.

“Bom dia, vizinho. Como está?”

Continuo sorrindo como um belo idiota.

“Bem, afinal de contas, dormi muito bem e você?”

Espero, espero, digitando...

“Ótima, acordei há pouco, cansada, mas muito bem, além de saciada.”

Safada gostosa do *caralho* e a informação faz meu pau pulsar. Outra mensagem chega, antes que eu possa responder.

“Estou só um pouco dolorida. Creio que por conta do treino que o meu *personal* gostoso me deu, além do tratamento especial ontem à noite.”

Sorrio, na verdade, desde que ela começou a responder estou sorrindo.

“Seu *personal* está agora almoçando com a família, louco de tesão, tentando esconder uma ereção dolorida que a senhorita está me causando.”

“Rsrsrs, você que é insaciável.”

“Mal começamos.”

Posso imaginá-la morder o lábio ao ler isso, do mesmo jeito que fez quando a penetrei fundo ontem à noite, a levando ao seu limite.

“Hum...”

“Até mais tarde e bom almoço.”

“Obrigada, para você também.”

— Eu disse.

Sento-me num pulo quando ouço a voz risonha de Sophie e abaixo o celular ao vê-la, junto com minha mãe, me observando. Estou virando chacota em minha própria casa.

— Será que dessa vez uma mulher te segurou pelas bolas, Benjamin?

Desajeitado, me levanto, agradecendo a camisa um tanto comprida que estou vestindo.

— Sophie! — nossa mãe repreende pelo linguajar, não que vá adiantar muito.

— O quê? Ele tem bolas e, pela cara, estão ficando bem amarradinhas.
— Dá de ombros, fazendo mamãe rir.

— Mas então, filho, se apaixonou por alguma moça? Conta *pra* mamãe.

— Mãe. — Passo por elas na porta, indo para a cozinha que tem a mesa posta para o almoço. — Sei que sonha com isso, mas não. Nenhuma mulher pegará seu nego pelas bolas. Imagine só que crime seria? Afinal, privaria outras damas de ter seu filho.

— Seu palhaço. — Ela gargalha, batendo em meu ombro com o pano que tem nas mãos, certa de que fui laçado. Não fui, é só tesão, muito tesão acumulado.

Dona Célia é uma senhora já com seus cinquenta anos. Baixinha, com feições cansadas pelo o que já passou e pelo o caos que ainda sente dentro de

si. Tudo o que meu pai lhe causou durante o casamento resultou em uma quase depressão, além de muita ansiedade.

É por ver diariamente o que ela passa, que não consigo perdoá-lo.

Hoje, minha mãe está bem, tem consultas regulares com psicólogo e psiquiatra, toma algumas medicações e estamos bem com isso, já consigo enxergar alegria em seus olhos, mas a mágoa que sinto pelo infeliz que fez isso com ela... é surreal.

— Conta como foi sua semana, mãe?

— Muito bem. Fiz o meu retorno com o doutor Francisco e ele me disse que estou ótima. Inclusive, diminuiu uma dose do remédio. Achei ótimo, estava dormindo até demais.

— Olha só, isso é perfeito, Célia — Sophie fala e mamãe a olha. — Mãe, digo mãe — conserta e minha mãe volta a enfiar um pedaço generoso de lasanha em seu prato.

Sophie talvez nunca tenha se acostumado de fato que tem uma mãe, que dona Célia aqui tenha realmente tomado esse papel para si. Não a julgo, no fundo, só ela mesma sabe o que já passou. Só podemos estar aqui, ao seu lado, como família.

— Sim, isso é mesmo muito bom, mãe. E já que reclama tanto de dormir demais, agora poderá dormir menos.

— Nem diga, continuo dormindo demais. Acordei tarde que só hoje, acredita? Perdi a hora. Ainda bem que vocês nunca chegam para almoçar cedo mesmo, senão, teriam topado sua mãe dormindo.

— Sendo sincero, eu não acharia ruim, lembro o quanto a insônia lhe fazia mal. — Enfio um pedaço da lasanha na boca, para ser recriminado em seguida.

— Esqueceu os modos? A oração.

— Claro, desculpe, mãe — peço, levando um chute de Sophie por baixo da mesa, enquanto me olha sibilando um: *cuzão*.

A oração é sagrada antes das refeições e junto as mãos, esperando minha mãe agradecer o pão de cada dia e nossa presença na mesa. Ao sermos liberados, volto a comer e um curto silêncio toma a mesa. Por um instante, mínimo que seja, imagino Mônica aqui conosco.

Que loucura, nego com veemência, tentando tirar isso da cabeça, uma ponta de preocupação enchendo minha cabeça com esse pensamento. Uma intimidade, de trazê-la aqui não é algo que eu goste, tampouco que eu queira.

— Mas diga, Ben, quem é a moça?

— Oi? — Quase engasgo.

— A moça que *tá* te deixando com esse sorriso bobo, eu te conheço, filho.

Olho para Sophie, linguaruda!

— O que andou contando? — pergunto e mesmo se ela tentasse, não conseguiria fazer cara de inocente. Ela é um demônio e nem tenta disfarçar.

— Nada, nada... só que anda suspirando como uma mocinha na adolescência. — Faz chacota a descarada e melo meu dedo com molho de tomate em meu prato, passando em seu nariz.

— Não, não, ah, seu merda! — ela xinga, levando na brincadeira. Espero sua retribuição, mas mamãe é mais rápida.

— Parem os dois e Sophie, não xingue na mesa — mamãe ralha e prendemos o riso, enquanto sou salvo e a vejo limpar os dedos sujos que vinham parar em minha cara.

— Desculpa, mãe. Mas ele começou — diz, limpando também o nariz arrebitado.

— E parem, as duas, não tem ninguém, não entendo essa fixação, por que acha que tem alguém? — Tento o meu melhor ar de desinteresse.

— Tudo bem, filho... se diz não ter ninguém, veja, eu acredito...

— Ótimo e parem de ser fofoqueiras.

— Agora comam a sobremesa que fiz e me digam, irão passar a tarde comigo? — desconversa, trocando um olhar cúmplice com Sophie, que não disfarça a cara abusada.

— Sim... temos filmes de terror para a senhora.

— Um bom? O último não gostei muito.

Mamãe adora filmes de terror e eu amo isso. Quando mais novo, sempre ouvi os moleques reclamarem de terem que assistir a filmes de terror escondidos, pois os pais não gostavam, já eu, sempre tive companhia.

— Sim, saiu A freira no Telecine. Aquele que não conseguimos assistir com a senhora no cinema, irá gostar.

— Maravilha, mais tarde vou preparar uma boa pipoca, inclusive, aquela doce que tanto gosta, Sô, com leite ninho.

— Hum, que delícia...

Confirmo, mas meu olhar vai para o celular, procurando se há alguma outra mensagem de Mônica, não tem nada e de repente, sinto até mesmo urgência de voltar para casa. Olho Sophie, que sorri ao meu lado, vendo-me bisbilhotar o aplicativo em busca de mensagens.

Curiosa!

Bufo. Minha sede por Mônica sequer diminuiu, pelo contrário, e mal posso esperar voltar para casa.

— Filho — minha mãe me chama e tem minha atenção, enquanto pega uma travessa de doce na geladeira. — Seu pai, por um acaso, te ligou?

Travo, olhando dela para Sophie, que parece saber de algo.

— Não entendi, por que ele ligaria?

— Benjamin...

— O que foi, mãe? Ele já está morrendo?

— Ben, não fala assim, meu amor, é o seu pai.

Sorrio com sarcasmo, não tenho o coração tão bom quanto minha mãe, nunca o perdoei, nem mesmo quando apareceu na academia no mês passado, insistindo em me contar que está doente. Mesmo depois de dias, não consigo explicar o que senti ao vê-lo.

Ele esperava o que de mim?

— Não me interessa, mãe. Não tenho nada para dar a ele, nem mesmo perdão.

— Ele irá passar por uma operação, filho, não tem ninguém.

Finjo que isso não me importa. É o que venho fazendo, bloqueando todo e qualquer sentimento ou pensamento sobre ele. Não quero me importar, não mesmo.

— E a culpa disso é de quem?

— Ben...

— Por favor, mãe, não. Não me peça isso, não quero ter que te negar nada.

A cozinha é tomada por silêncio, nada é dito. Passei a vida vendo aquele homem maltratar minha mãe, com isso ele matou todo, qualquer respeito e amor que eu deveria sentir por ele. Não tenho pai, não o vejo como um e não posso, nem quero perdôá-lo, tampouco pensar nele.



Estaciono a moto na garagem e passo pela recepção acenando para o porteiro, com pressa, tentando bloquear a nuvem carregada sobre minha cabeça desde que saí da casa da minha mãe. Bloqueando o assunto pai. Sei que a chateeí, mas não consigo fingir sentimentos. Com isso, minha fuga tem sido pensar em Mônica.

Isso até parece romantismo.

Passo direto por minha porta fechada no corredor, querendo somente

ela. O que inferno essa mulher fez comigo?

Noto, parado frente à sua porta, que talvez esteja afobado demais, dando importância demais, que seria melhor ir para casa, tomar um banho, ver minha menina e só depois, caso ela dissesse algo, nos encontraríamos.

Ou era assim que eu deveria agir, porque antes mesmo de me dar conta, estou batendo em sua porta.

Quanta resistência essa a minha.

Não tenho resposta alguma lá dentro e mais uma vez, bato, a chamando também e recebendo o silêncio em resposta. Espero alguns instantes e bato mais algumas vezes, impaciente, sacando o celular do bolso e indo direto para a agenda.

Espera.

Olho seu nome na tela. Não, não vou ligar. Ela deve ter saído. Ainda assim, tento mais uma vez ao bater em sua porta e sem resposta, coloco o rabo entre as pernas e volto para casa.

Não posso continuar com isso, essa fixação. Foi bom, foi ótimo estar com ela, mas preciso de controle sobre meu corpo e sentimentos. Lidei com meus problemas sozinho, até então, continuarei assim. É para ser sexo, nada mais, não precisamos de toda essa afobação, detalhes sobre nossas vidas e falta de controle, não preciso estar preso pelas bolas, como Sophie mesma disse.

Vou esperar que ela dê o primeiro passo.

Nesse caso, já que ela não está, eu poderia aproveitar para sair e procurar outra diversão, desanuviar a mente. Sim, é uma boa ideia.

Nem chego a girar a chave na minha fechadura, voltando a descer as escadas ao ligar para Bruno. Preciso de companhia para beber, além de controlar essa obsessão.



Mônica

15

Um substituto

“A sensação é única quando sua língua molhada, macia e deliciosa passou por minhas dobras, causando arrepios e me levando à loucura, de forma literal mesmo. Me contorci como uma lagarta em meio a um asfalto quente, gritando seu nome, ensandecida. Eu pude sentir cada leve movimento, cada sensação, o sorriso sacana em seus lábios quando me olhou e...”

— Pela periquita assanhada, Mônica, tô falando contigo!

Quase caio da cadeira quando André praticamente grita comigo, me fazendo engasgar com um pedaço de broa, por estar mais uma vez, longe demais em meus pensamentos. Tudo por causa daquela língua deliciosa que o gostoso do meu vizinho tem.

— Desculpa, eu estava longe, o que estava falando?

— Claro que estava longe, deu *pra* perceber. Estou perguntando se você já se deu conta de que teu aniversário está chegando?

— Ah, isso? Nem me lembrava. É só mais um ano. Nada de mais. Esquece.

Ele até tenta e eu nego, não gosto de aniversários. Digo, dos meus aniversários, afinal, amo as festas dos outros. Para que comemorar que você está ficando mais velha? Completo vinte e sete anos em breve e passa tão rápido que, após os quinze, é só ladeira abaixo.

André revira os olhos, ele já tentou me convencer tantas vezes que acho que começou a desistir. Mas independente disso, essa é realmente uma data que não me anima muito.

Segundo Isabella e sua sabedoria de psicóloga, isso se deve ao fato de que certa vez, quando completava nove anos, minha família esqueceu meu aniversário. Aparentemente guardei essa mágoa e jogo-a para fora todos os anos.

— Eu não me conformo, sabia? — brada, parecendo mesmo inconformado. — Nunca vou aceitar essa de não me deixar preparar um aniversário *pra* você. Sou traumatizado com isso. Bella não está aqui, mas podíamos sair, sei lá, qualquer coisa.

Nego, não me importo mesmo com meus aniversários. Para ser sincera, até agora, nem estava me lembrando de que amanhã fico mais velha.

— Desculpa, amigo, sei que é paranoia minha, que ama preparar festinhas surpresas, mas não me sinto bem com elas. Aceito os seus sinceros parabéns, um beijo um abraço, ficarei muito feliz com eles, mas é só.

— Jamais vou me conformar, mas se assim que quer. Conta aí, no que estava pensando antes?

Sorrio, me achando idiota pelo o que vou falar.

— No meu vizinho, desde sexta que não tiro *ele* da minha cabeça.

— Também, se fosse eu a transar com aquele gostoso, estaria bobo assim, aéreo. Eu, hein?!

— É, o problema é que ele sumiu, *né*?

— Não pira, não teve troca de mensagem depois da transa? — pergunta, todo curioso, enquanto estamos na agência vazia, após o atendimento.

— Sim, teve. Nada de mais, nem sei como ele conseguiu meu número, mas mandou mensagem no sábado e só. Nem o vi depois disso, nem mesmo no prédio. Parece ter tomado chá de sumiço.

— Hum... mas ele dormiu com você?

— Sim, dormiu — confirmo e chego a suspirar enquanto vejo meu amigo rir. — Mas isso não é nada de mais.

— Eu acho que não. Não é o padrão dos homens que não tem mais interesse mandar mensagem logo no dia seguinte. — Ouço-o, mas acho que ele está tentando me deixar melhor com a situação. — Mas de toda forma, se o bonitão estiver pensando que te deu um chá de rola e que por isso você caiu de quatro, ele *tá* enganado.

Só que não... pois ficar pensando em como transamos, está me levando à loucura, literalmente, me deixou de quatro, sejamos sinceros. O que não quer dizer que ele precise saber disso. Só preciso transar de novo ou vou acabar lacerando meu clitóris, não aguento mais ficar na mão.

— Sim, claro — concordo, não querendo dizer que só de imaginar o infeliz fico com a calcinha encharcada. Mordo o canto da unha, deu até calor.

— Para com essa cara de lobo desconsolado, Mônica, eu, hein. O cara é gato, gostoso, um tesão? É, mas não é *pra* gamar, não, garota, pelo amor de Deus, não é OLX, mas desapega.

— Não estou gamada, não exagera. Mas desde sexta à noite que estou com um tesão dos infernos e com a imagem dele pelado, lindo, na cabeça, não sei nem explicar. Mas não tem a ver com sentimentos, pois não tem mais essa de sentimentos, meu coração *tá* fechado e vai continuar assim.

— Já as pernas estão bem abertas, *né*, fofa?

— Dé, será que tem essa de ser fácil demais? Dei rápido demais e ele perdeu o interesse? — Mal solto a frase e já me arrependo pela cara com que ele me olha.

— E o caso é mais sério do que eu imaginava, *tá* louca, Mônica? Que pensamento mais ridículo, esquece essas porcarias que tua mãe falava, eu,

hein.

Nego, ele está certo, é ridículo.

— Bom, ele não é a única piroca do mundo, *né*?

— Não mesmo, meu bem, é isso aí. Não se prenda só a uma rola, não, é loucura, a gente acaba emocionado e apaixonado depois. Sai dessa. Se nesses últimos quatro dias ele não entrou mais em contato, desapega, procura outro.

— Já saí.

— Tira essas paranoias da cabeça.

— Já tirei.

— Ótimo. Mas vem cá, por que não aceita de uma vez o convite do médico bonitão que atendeu ontem? Ele é gato, muito gato. Viu aquelas mãos? Um sonho...

Paro um segundo, pensando no tal bonitão que ele fala, ponderando sobre a ideia.

Realmente, o cara é mesmo bonito, se bem que, bonito é pouco. Além de ser médico, gostoso, simpático e parecer ter uma queda por mim, ou só adora meu atendimento. Quem sabe aceitar o convite que ele fez, pela segunda vez ontem, seria uma boa.

— *Pra* que pensar tanto, gente? Aceita e acaba logo com essa coceira na boceta.

— É uma opção... seria estranho se eu mandasse mensagem, aceitando o convite que ele fez? Ou posso mandar *pro* vizinho?

— Não, claro que não, *tá* doida? Esquece o gostoso e passa para o próximo, de preferência o médico. Ele é gato e se deixou o número, foi exatamente para isso, *pra* ter um retorno seu. Vai, responde e aceita logo.

— É, acho que posso fazer isso e dar início à minha nova vida promíscua. — Tento brincar, ainda ponderando se aceito ou não.

— Isso aí, porque agora você não vai dar, vai é distribuir, meu amor.

Decido-me e, ainda rindo, pego o celular e procuro o nome do médico bonito, deixando de lado a broa que estava comendo.

— Vou fechar meu caixa, que preciso sair. Espero novidades e boa sorte, ou deveria dizer, boa transa?

— Bobo e espero que seja boa mesmo.

— Olha só, não é que se decidiu? Fica aí que já volto.

Ele gargalha e quando fico sozinha, chego a me perder, na dúvida se respondo ou não o médico bonito. Enrolo o tempo, olhando a xícara de café em minha mão, aérea, igualmente passei todo o final de semana. E por quê? Porque estava pensando no infeliz gostoso do meu vizinho e no que fizemos, em como fizemos. No quanto foi bom.

Mesmo agora, olhando a foto do moço lindo que me convidou pela segunda vez para sair, beber alguma coisa e conversar, meus pensamentos viajam para o cara musculoso e tatuado que me deu os melhores orgasmos da minha vida. Se bem que não posso tomar por parâmetro, qualquer um com um pouco de esforço pode ser melhor que Neto, meu ex traste.

Cheguei a esperar que Benjamin batesse em minha porta pela manhã de hoje, me obrigando a ir com ele malhar, mas nada, não teve nada. Ele simplesmente sumiu, depois de deixar aquele perfume maldito no meu travesseiro, sala e quarto.

E claro, eu não ia dar o braço a torcer e procurá-lo, cheguei a apagar seu contato apenas para não correr esse risco, pois eu sabia, eu cederia. O pênis dele pode ser lindo, perfeito e o infeliz sabe mesmo como usar, o que não quer dizer que fiquei viciada naquela perfeição cheia de veias, rosa e grossa.

Chega disso, balanço a cabeça, tentando prestar atenção em Miguel, na foto do seu contato, negando pensar no vizinho cretino do 202.

Miguel é um homem realmente bonito, pele clara, cabelos escuros, meio cacheados e olhos claros, que não sei dizer se são verdes ou azuis, além de ter um tipo físico bonito. Vez ou outra ele vem aqui e sou a atendê-lo, trocamos algumas palavras e, como isso, rolou alguns convites para sair, que

eu não aceitei e que agora, estou muito inclinada a aceitar.

Depois do seu sumiço, ficou claro que era só transa. Esclarecemos os fatos, transamos e pronto, o interesse acabou. O que eu esperava? Flores pela manhã?

Me poupe, Mônica Maria, aterrissa. Era só desejo, acabou, passou. Agora é só encontrar outra rola para sentar, novas experiências, apenas.

Agora decidida, respiro fundo e começo a digitar:

“Olá, Miguel. Sobre o convite que me fez ontem, ainda é tarde para aceitar?”

Olho a mensagem que escrevi, leio e releio, mas sem coragem de realmente enviar.

Mas convenhamos, não dá para ficar com Benjamin e a noite perfeita, cheia de orgasmos, na cabeça, dá? Não, claro que não. Se foi só uma noite para ele, será para mim também. Amizade colorida... que bobagem.

Mais confiante, leio uma última vez a mensagem que escrevi e envio, o coração em um bumbo desesperado no peito, com a dúvida se fiz certo. Bom, ao menos se eu enfartar, vou estar com um médico. Menos mal. Não demora para sua resposta vir.



Olho-me no espelho pela décima vez, jogando o cabelo de lado, tentando decidir se fica melhor para direita ou esquerda, vendo também se o vestido está bom, se não está curto ou ousado demais, já que tem as costas nuas.

Também, acho que já não dá mais tempo de trocar e, bom, Isa disse que está perfeito, então, por que essa insegurança e esse frio na barriga? Que droga.

Penso em desistir, inventar uma desculpa, sei lá, mas nesse minuto o

celular resolve vibrar sobre a cama e uma mensagem de Miguel, dizendo que está lá embaixo, aparece na tela.

— Merda, vamos lá, Mônica, vamos lá, você consegue — falo a mim mesma, em frente ao espelho, me enchendo de coragem, ou não.

Pego a pequena bolsa e olho ao redor, tentando ver se esqueci algo, mas não, tudo que preciso está aqui, comigo, incluindo preservativos. Passo pela sala e quando estou fechando minha porta, ouço outra se abrir e um arrepio sobe por minha espinha, o cheiro de madeira molhada chega até mim e a tensão é imediata. Simplesmente sei, sei que ele está logo ali na porta ao lado.

Respiro fundo, dando de cara com Benjamin ao me virar, estático, parecendo me avaliar e sair de um transe quando foca sua atenção em meu rosto.

De novo, ele está perfeito, vestido em calça jeans, camisa vermelha agarrada ao corpo e jaqueta preta, o capacete na mão. Olha, alguém também vai sair.

— Boa noite, vizinha. — A voz rouca parece ser dita próximo à minha orelha e me seguro para não fechar os olhos, não me jogar sobre ele.

— Vizinho — saúdo e guardando a chave em minha bolsa, passo por ele, seguindo para as escadas, querendo ignorar. Mas por que é tão difícil?

Não demoro a ouvir seus passos atrás de mim e a tensão, o desejo e o tesão se apossam do meu corpo. Que inferno é isso? Ele me jogou algum feitiço?

— Vai sair? — E só me faltava essa.

— Vou, sim.

— Uma festa? — Tenta mais uma vez e disfarço meu descontento. Olho-o por cima do ombro, não é tarde demais para ter interesse?

— Não, um barzinho com um amigo. — Ah... e como sinto prazer ao vê-lo abrir a boca para falar e nada sair, um pequeno vinco em meio às sobrancelhas se formar ao me ouvir.

— Claro, entendo. O final de semana foi...

— Foi ótimo, obrigada. Descansei bastante — corto, antes mesmo que termine a pergunta, sem nenhuma intenção de devolver a pergunta. Benjamin deve ter passado o final de semana dentro de alguma boceta por aí. Idiota.

Alcançamos o hall do prédio e quando vou me despedir, apenas por educação, sua mão segura meu antebraço, me fazendo parar e olhá-lo.

— Sobre o fim de semana, Mônica, eu não entrei em contato depois do sábado, acho que...

Mais uma vez não deixo que termine.

— Ah, relaxa. — Balanço a mão no ar, como não dando importância ao fato, mas sentindo meu coração dar piruetas no peito. — Eu não esperava nada mais que isso, não se preocupe. Agora preciso mesmo ir, boa noite, Ben.

Sem esperar uma resposta, lhe dou as costas, desfazendo seu toque que queima meu braço, sentindo seu olhar em minhas costas. Filho da mãe.

Cumprimento o porteiro e não é difícil saber onde Miguel estacionou, pois ele não faz segredo com sua Dodge gigante estacionada na porta do prédio, estando ele parado ao lado, encostado no capô, tipo aqueles caras de filmes de comédia romântica, pronto para impressionar. Minhas pernas quase bambeiam com o nervosismo e não é mais por sair com ele.

— Uau — fala, quando me aproximo e ganho um beijo demorado no rosto, quando se desencosta do carro. Sua simpatia sendo perfeita. — Você está linda. — E gentil.

— Obrigada, você também está muito bonito, você é muito bonito. — Travo, sem jeito, me obrigando a não falar demais.

— Vamos?

Como um perfeito cavalheiro, ele até abre a porta do carro para mim, esperando que eu entre. Algo parece me segurar no lugar, não sei explicar, sendo levada a olhar para trás. Me deparando com Benjamin ainda parado próximo à escada, olhos em mim, parecendo... decepcionado.

Bobagem minha e, tentando mostrar um sorriso para um Miguel esbanjando simpatia, entro no carro, esperando que tome seu lugar ao volante e me tire daqui. Não antes de olhar mais uma vez para trás, mas não há mais ninguém ali me olhando. Chego a respirar fundo, o que ele deve estar pensando?

— Aqui próximo, não muito longe tem um barzinho ótimo, é bem aconchegante, íntimo, podemos ir lá, o que acha?

Mal ouvi o nome do bar, ainda assim, confirmo.

— Claro, onde achar melhor. — Vamos combinar, minha cabeça não está mesmo aqui e o silêncio toma o carro, chega a me incomodar.

Balanço a perna, ele escolhe uma música, noto o trânsito e tudo está, de alguma forma, errado.

— Parece estar distante, Mônica, algum problema?

Xeque-mate.

— Não, impressão sua, apenas um pouco cansada — minto, assim, caso não me sinta à vontade com ele, posso dar essa desculpa para ir embora.

— Claro, claro, e seu dia, como foi?

— Corrido, começo do mês sempre temos muita gente para atender, agência sempre cheia, como pôde ver ontem. E o seu, muitos pacientes?

— Nada de mais, ontem fiquei de plantão à noite, então hoje estou de folga. Aproveitei para resolver algumas coisas. — Recebo dele um sorriso, algo perfeito, com dentes alinhados enquanto volta sua atenção para o trânsito.

— Em qual hospital trabalha mesmo? — Finjo interesse, tentando uma conversa confortável.

— São Salvador, estou no terceiro ano de residência.

— Ah, que interessante. — Volto a olhar a rua lá fora, as pessoas passando nas calçadas, o movimento, enquanto o silêncio nos brinda novamente por bons minutos.

— E chegamos, Mônica — fala, enquanto estaciona o carro em uma vaga.

Olho ao redor, estudando para onde ele me trouxe e não parece nada mal. O lugar é um pub, que se divide entre um estilo rock e o clássico. Estranho, mas bonito, íntimo e aconchegante. Gostei.

Sinto a mão de Miguel em minhas costas quando para ao meu lado, e aquele arrepio gostoso que senti com Benjamin? Eu não sinto com ele. Mas é só o começo, não é? Ainda posso sentir.

Decidida a dar uma chance ao belo homem ao meu lado, vamos juntos em direção ao pub com paredes de vidro, as cores do local chamando minha atenção.

— Espero que goste, é bem legal.

— Frequenta muito?

— Quando posso. Além de muito bom, fica quase em frente ao hospital. — Sigo seu olhar, encontrando o grande prédio do outro lado da rua, me dando conta de que é um dos melhores hospitais da cidade, ou do estado.

— Nossa, trabalha nele?

— Sim. — Ele ri, talvez estranhando, pois já havia me falado o nome do hospital antes, eu só não tinha ligado os fatos, tampouco prestava atenção no que dizia.

Miguel me guia entre as mesas, o lugar já estando bem cheio e nos sentamos no canto, à meia-luz, propício a casais. Sinto um arrepio, o mesmo que senti ao estar na presença de Benjamin, algo que em nada tem a ver com Miguel e me incomoda ao ponto de me fazer olhar ao redor. Paraliso.

Pois, duas mesas depois da nossa, encaro olhos verdes me fitando com intensidade, olhos que eu conheço bem, que estão presos em minha memória de uma forma bem excitante.

Não, não, não!

É coincidência demais, não pode ser, não pode. Não aqui...

Mas de alguma forma é, Benjamin está aqui e não está sozinho. O mais estranho? É que em meio à surpresa e desconforto, fico aliviada quando mudo meu foco e me dou conta de que não é uma mulher com ele, mas sim um homem, falando algo que ele nem parece ouvir.

— Tudo bem, Mônica? — Olho Miguel, bonito e preocupado, à minha frente, sendo obrigada a sair do transe e tento um sorriso, vendo um garçom se aproximar.

Isso não vai dar certo, não vai. Estou tentando sorrir vezes demais em uma única noite.

— Sim, é só... uma queda de pressão? — minto novamente, pois não dá, não vai dar para continuar aqui. Não mesmo.

Não quando sinto minhas costas serem queimadas pelo olhar do demônio gostoso do meu vizinho, sentado atrás de mim. Será que ele me seguiu?

Miguel alcança minha mão por sobre a mesa, preocupado, pedindo ao rapaz parado próximo à mesa uma água para mim. Me sinto mal por isso.

— Está com as mãos frias. Costuma ter queda de pressão? Comeu bem hoje?

— Ah não, não se preocupe, uma água e logo passa.

Ou não, já que me sinto incomodada ao extremo com a presença do homem às minhas costas. Foco o olhar à frente, tentando fugir e quase pulo no lugar ao ver sua imagem refletir no espelho na parede, me dando conta de que se eu o vejo, ele também me vê. Tanto que levanta o copo com chope em uma saudação, fazendo seu amigo me olhar também.

Levanto-me, quase em um salto, pelo susto ou sei lá o quê, fazendo meu acompanhante se assustar com meu rompante.

— Eu vou ao banheiro, se importa?

— Não, claro que não, mas você está bem?

— Sim, sim, vou ficar.

Sem esperar, mais que depressa, ganho o corredor que tem uma placa indicando o banheiro feminino, como se estivesse fugindo do próprio demônio. Entro apressada, encontrando uma moça já de saída e bato as mãos no mármore da pia, cabeça baixa, respirando fundo ao estar sozinha. Francamente, quanta falta de costume.

Não consigo. Não é por ele, é pela sensação, é estranha demais, é...

A porta do banheiro é aberta e aprumo o corpo, pensando ser outra mulher entrando, me empertigo, pronta para entrar em uma das cabines. Talvez me sentar e me acalmar o suficiente até poder voltar para a mesa, mas meu susto só aumenta ao ter uma mão grande em meu braço, me puxando para dentro da primeira cabine vazia.

— Meu Deus. Você enlouqueceu? — pergunto, pasma, ao ver Benjamin fechar a porta.

— Quem é o babaca?

— Oi? — Estou perdida e ele me olha sério, as narinas se abrindo, o vinco entre as sobrancelhas se aprofundando e isso me tira do prumo.

— Quem você pensa que é? Surtou?

— Talvez, talvez eu esteja fora de mim. — Sem nenhuma explicação, ele me joga contra a parede, me espremendo com seu corpo, não dando tempo ou espaço para nada, quando começa a devorar minha boca.

Sua língua enfurecida procura a minha, sugando, testando e chego a sentir o gosto da bebida em sua boca, seu perfume me deixando mole e meus braços, que estavam rentes ao corpo, não demoram a se embrenhar por seus ombros, se prendendo em sua nuca.

Bruto, seco e gostoso, é como o tenho agora, como o sinto.

Não me controle e me esfrego contra ele, sentindo sua mão agarrar um maço cheio do meu cabelo, puxando com certa pressão, me fazendo gemer. Isso é errado, mas perco qualquer coerência quando sua outra mão desce pela lateral do meu corpo, segurando minha perna e amparando-a sobre o sanitário, para ter acesso à minha boceta, já encharcada.

Perco-me.

Delicio-me em sua boca ao sentir sua mão entrar em minha calcinha, até estar esfregando-a em minhas dobras, em meu clitóris, que é beliscado sem delicadeza e quase grito ou protesto, quando sua boca deixa a minha, sua mão não parando sua carícia sem vergonha.

— Quem é o cara lá fora? — pergunta, mas não deixa de massagear meu sexo.

Mal estou pensando, mesmo sabendo que estou na droga de um banheiro feminino.

— Um amigo, eu já falei — digo, sem fôlego, querendo muito, muito gozar.

— Um amigo que você pretende dar *pra* ele mais tarde?

Perco o ar, não pela pergunta, mas pelos movimentos que se intensificam aqui embaixo e quase reviro meus olhos ao senti-lo introduzir um dedo em mim, massageando meu ponto mais sensível com a palma da mão.

Meu deus!

— Responde, Mônica.

— Não é da sua conta.

Posso estar à beira do orgasmo, mas não perco a chance de incomodá-lo. Sei que o incomoda ou não estaria aqui, comigo. Não dou o braço a torcer, mesmo estando disposta a deixá-lo fazer o que quiser comigo, aqui, no banheiro de um pub.

— Não? — pergunta, antes de novamente me beijar, sem delicadeza, me enchendo de prazer, me deixando à beira do abismo. — Goza, Mônica, goza *pra* mim e grita meu nome quando alcançar o prazer. Quero te ouvir gozar.

Eu me seguro, é loucura.

— Não posso, as pessoas...

— Que se fodam, só goza, só tem eu e você aqui. Vai, mela minha mão.

— Benjamin... não faz isso — peço, mas me perco de desejo, me agarrando aos seus ombros. — Isso, não para, assim... Benjamin, eu vou...

— Isso, vai e grita de prazer *pra* mim.

E o faço, perdendo totalmente a razão, a noção de onde estou, com quem estou, tudo... só há, prazer, um que é elevado ao máximo pela adrenalina que sinto, o medo de ser pega ou ouvida por alguém.

Os tremores se espalham por todo o meu corpo, minhas pernas bambeiam, meu corpo perde a tensão e tombo a cabeça em seu ombro, deliciada, sendo amparada por ele, ainda sentindo os últimos tremores, me sentindo saciada, exausta.

Abro os olhos, as pálpebras pesadas, buscando seu rosto, envergonhada. Benjamin tem aquele sorriso no rosto, prepotente, tirando os dedos de mim e sob o meu olhar, os chupando, um após o outro, o rosto suado, uma expressão suja, vitoriosa.

— Agora, Mônica — fala e me beija, mordendo meu lábio ao se afastar e se agachar à minha frente, tirando minha perna com delicadeza de cima da tampa do sanitário. Devagar, ele sobe as mãos por minhas pernas até encontrar as laterais da minha calcinha, descendo-a aos poucos e eu pareço paralisada em seu olhar, as pernas trêmulas. — Eu vou sair. — E seu rosto chega próximo à minha boceta, agora sem calcinha e a lambe, me levando a fechar os olhos e segurar seus ombros para não ceder. — E ficar lá fora, no estacionamento. — Outra pausa, novamente me lambendo, dessa vez segurando meus joelhos, pedindo que eu abra mais minhas pernas, buscando todo o líquido do meu orgasmo e me dando tanto prazer quanto poderia com isso. — Enquanto você dá uma desculpa qualquer para o babaca lá fora e me encontra do lado direito do estacionamento, pois vou te esperar.

Abro meus olhos, vendo algo totalmente erótico à minha frente, Benjamin, agachado, olhos nos meus, seus lábios melados com meu orgasmo.

— Eu não... — me perco, enquanto mais uma vez ele me chupa,

sugando meu clitóris.

— Pode, quer mais disso, não quer? Quer meu pau aqui? — pergunta, seu dedo passeando em minha entrada.

Benjamin joga sujo, muito sujo. Claro que eu quero, quero muito, quero desde sábado, quando acordei sozinha no meu apartamento.

— Responde, Mônica!

— Quero, eu quero, inferno! — Faço o que pede, ao ponto da insanidade, ouvindo-o rir ao se levantar, guardando minha calcinha no bolso e me dando um beijo rápido nos lábios, acompanhado de um sorriso de moleque.

— Boa menina, te espero lá fora.

Ouçoo-o, sentindo agora meu próprio gosto em minha boca e vendo-o sair, batendo a porta da cabine.

— Boa noite, moças. — Arregalo meus olhos ao ouvir suas palavras, me sentando na tampa do sanitário.

Deus, tem gente aqui. Sinto meu rosto esquentar ao ouvir risadinhas femininas e afundo meu rosto em minhas mãos, sorrindo da loucura que acaba de acontecer, o que foi isso?

Droga, e ainda tem Miguel...



Benjamin

16

Devo ir?

Sentado na moto, na parte mais escura do estacionamento, logo atrás de uma Mercedes preta, espero que ela saia do pub a qualquer momento, mas isso não acontece e essa demora começa a me incomodar. Faz com que eu comece a imaginar se ela sair mesmo de lá, se me encontrará aqui fora.

A coisa desce ladeira abaixo, pois me dá tempo também para pensar mais a fundo em quem é o babaca que está com ela, que entrou com a *porra* da mão espalmada em suas costas, como se fossem íntimos. Cogito, de forma patética, se já saíram antes, antes de nós.

Porra, não tem nós, *caralho*. É sexo, só foder gostoso.

Qual é, o cara até abriu a porta do carro para ela. Mas a pior parte não foi essa, não, a pior parte foi ela passar por mim com uma síndrome de indiferença astronômica. Como se a noite em que ficamos, tivesse sido apagada, e conseguiu me golpear com isso.

Nesse instante meu subconsciente diz que a culpa disso é minha, pois mesmo morrendo de tesão por ela, eu não liguei, não bati em sua porta, não chamei, tudo isso para não dar razão ao que Sophie e minha mãe disseram no almoço. Achando errado querer estar perto.

Ainda tem mais, porque hoje eu esperava que viria para cá com Bruno

e sairia daqui com alguém. Uma mulher que não fosse Mônica, que me fizesse esquecê-la em especial.

Sendo assim, não faz sentindo essa revolta ao ponto de encurralar Mônica no banheiro feminino por estar com outro. Foi babaquice. Ainda tenho seu gosto em minha boca. É, foi burrice, mas também foi uma delícia, pois não tem nada mais lindo, erótico e prazeroso que ver Mônica gozar.

Para isso, tive só que tomar uma decisão e foi fácil, não conseguiria ir embora e deixá-la com ele, ou me afundar em outra boceta que não fosse a dela. A filha da mãe se tornou um vício, pois até ter outra ficou difícil, Mônica não sai da minha cabeça.

Um exemplo? Andressa se enfiou em minha pequena sala hoje, e adivinhem só? O guerreiro não apareceu, mesmo com a mulher quase tirando a roupa em minha frente e esfregando os peitos siliconados em minha cara.

Como se fosse pouco, tive que aguentar as piadinhas de Bruno há pouco, algo a ver com paixão. Que enfie essa paixão que insinuou na bunda, isso é só tesão, *porra!*

Vai passar... nem que eu precise me afundar nela mais vezes do que imaginei!

Levanto a cabeça ao ouvir o barulho de saltos baterem no piso do estacionamento e encaro o corpo perfeito, curvilíneo, rebolando ao vir em minha direção. Sem desviar o olhar, meio envergonhada, parecendo meio arrependida ao olhar para trás e conferir algo, talvez alguém. Sorrio.

Continuo esperando que se aproxime mais e mais, podendo já sentir o perfume gostoso dela, maluco de tesão, ainda de pau duro e não espero que se aproxime de vez. Um passo comprido e a tenho em meus braços, segurando-a pela nuca e a colando ao meu corpo.

— Boa, menina. — Testo seu humor, um erro, não está muito bom.

— Não sou sua cachorra para falar assim comigo, só estou aqui porque nem precisei usar uma desculpa para sair, ligaram do hospital e Miguel teve que ir atender a um paciente. — Dá de ombros. Sei que é mentira, ela viria de toda forma, mas a frase mexe com meu ego.

— É mesmo?

— Claro, só vim pela carona.

— Hum... o carinha é médico?

Nego em deboche, meu nariz quase tocando o seu, minha cabeça brincando comigo ao imaginar que ela poderia mesmo não vir. Enfio a mão livre entre suas pernas, alcançando sua boceta melada, escorregadia, gostosa e a ouço suspirar, fechando os olhos enquanto solta o ar junto a um gemidinho tímido. O hálito doce batendo em minha boca.

— Benjamin, aqui...

— Não viria, Mônica? Sério?

— Hum...

— Não é bem o que a sua boceta e seu corpo dizem agora, morena. Não te ensinaram que é feio mentir?

Ela geme quando belisco seu clitóris, suas mãos se amparando em meus ombros e eu rio do seu estado.

— Você é sujo!

— Eu sou, sou muito sujo. E sabe o que vou fazer, morena? Vou te foder gostoso e muito, muito sujo e aqui.

Beijo sua boca com devoção, seu gemido morrendo, seu corpo quase se fundindo ao meu. Sem conseguir segurar mais, Mônica se esfrega em meu pau, me levando à loucura.

Meu pau pulsa, minhas bolas estão ao ponto da dor, o desejo me comendo e seguro sua bunda, a levando para trás, para perto da moto, até tê-la sentada no banco, arfante ao soltar um gritinho, olhando para os lados, para ver se tem alguém nos olhando, quando me tem entre suas pernas. Não tem ninguém.

Isso aumenta a adrenalina. O fato de poder me atolar nela aqui, quase em público, podendo ser visto por qualquer pessoa, eleva o êxtase de cada sensação.

— O que acha, Mônica? Se excitou quando te fiz gritar no banheiro? Sabendo que poderia ser pega ou ouvida por qualquer um? — pergunto, mordendo a pele do seu pescoço, resvalando meu pau em sua pélvis descoberta. — Vai, responde! — peço, enfiando um dedo dentro dela, vendo-a jogar a cabeça para trás, me dando todo o seu pescoço.

Beijo seu colo, subindo até sua mandíbula, mordendo e alcançando sua orelha.

— Quer isso de novo? Bem aqui?

Ela paralisa, o corpo mole, o olhar me queimando.

— Tarado pervertido de uma figa.

Rio, preso em seu rosto, em seu hálito, em seu cheiro, maluco por estar dentro dela, atolado até as bolas. Seguro suas pernas, a prendendo em minhas costas e ao contrário da inibição que espero ou até mesmo da sua negativa, ao ver que vai mesmo acontecer aqui, o que vejo é uma Mônica sem nenhum pudor. Suas mãos alcançando meu jeans, apressada, com a mesma urgência que eu sinto.

Eu a quero, aqui, agora, mesmo tendo a necessidade doentia de saber quem é o infeliz que estava com ela há pouco. Algo possessivo que, até então, eu não tinha sentido por uma mulher.

Deixo que abra minha calça, segurando sua cabeça e tomando sua boca em um beijo ansioso, urgente, puxando seu cabelo, dando livre acesso ao seu pescoço, para que eu o beije e chupe até alcançar seu seio por cima do vestido.

A desgraçada não usa sutiã. Inferno de mulher.

Mordo o bico por cima do tecido, olhando em seu rosto, cada detalhe do seu prazer funcionando como fogo em mim. Abaixo o decote do vestido e tenho seus seios livres, sem nada, empinados, durinhos.

Observo seus olhos em expectativa, esperando que os chupe.

— Quem era lá dentro, Mônica? — E o lado possessivo fala mais alto.

Um brilho passa por seu olhar, uma certa revolta, mas perde a fala quando introduzo mais um dedo nela.

— Responde — peço baixo, minha língua circulando o mamilo sensível, fazendo ela arquear as costas, entregue, perfeita.

— Era um amigo. — Ela quase perde a fala.

— Não rolou nada?

—Hum... não deu tempo.

Paro, olhando para ela, meus dedos sentindo sua quentura e excitação. Que *porra* é essa de não deu tempo?

— Por sua causa, se lembra? Agora para com isso e me come logo, antes que alguém apareça, Ben — pede, enfiando a mão em minha cueca, acariciando meu pau.

Pela primeira vez, me sinto impelido a negar comê-la e querer saber detalhes dessa merda de “não deu tempo”. Ela estava mesmo com ele?

Puto e cego de tesão, mesmo sabendo que a culpa é parte minha, coloco meu pau para fora, fazendo Mônica rir, assistindo-a substituir minhas mãos, começando a me masturbar na *porra* de um estacionamento.

Adoro cada toque e quando observo sua boceta molhada, aberta para mim, esqueço qualquer coisa e busco no bolso de trás a carteira, a fim de pegar a camisinha e paro.

— Inferno — praguejo, com vontade de socar minha cara.

Mônica me olha sem entender e nego, me odiando.

— Minha carteira, esqueci quando sair. *Caralho!* — Ela ri, um sorriso cheio de deboche e, sorrateira, abre sua bolsinha, me mostrando uns três pacotes diferentes de camisinha.

— Eu tenho, pode escolher.

Filha da...

— Que *porra* é essa, Mônica Maria? Ia mesmo transar com aquele babaca? Por isso trouxe quase o *caralho* da caixa de camisinha?

Mônica não se intimida, pelo contrário, escolhe ela mesma e me entrega a camisinha, desce da moto e se vira de costas para mim, se apoiando no banco, coluna arqueada, bunda empinada e para me matar, ela olha para trás e ri. *Filha da puta!*

— Como eu disse, não deu tempo... agora vem, me fez uma promessa. Está demorando muito a cumprir.

Ela quer me matar, é a única explicação.

Rasgo o preservativo, mesmo estando um tanto fora de mim, odiando essa demonstração do que quer que seja, desenrolando o preservativo em meu pau e dando um tapa em sua bunda, fazendo-a pular antes de penetrá-la.

— Ah, que delícia, Benjamin.

Gemo, sem nem me mexer, quase gozando ao sentir seu calor.

— Como fez falta! — sibilo, minha mão seguindo a linha de sua coluna.

E fez mesmo, uma que ainda não me permiti sentir por ninguém. Seguro seu queixo e pescoço, trazendo-a para mim, colando-a ao meu peito e beijando sua boca de forma rápida, dura, possessiva. Ela geme e eu a acompanho, sentindo sua quentura e aperto.

Mônica é deliciosa, mas aqui, assim, em cima da minha moto, entregue, com a adrenalina em volta, é surreal.

Meu tesão aumenta, como se fosse possível, seus gemidos ficam mais altos e busco ao redor, ainda não há ninguém. Vou mais fundo, segurando seu cabelo e deitando seu torso na moto, socando com mais força e vontade.

— Não vai usar essa *porra* com outro, ouviu, morena? — Ela não responde e enrolo uma mecha do seu cabelo em minha mão, puxando. — Me entendeu?

— Sim... desde que não me deixe na mão. Ah, isso, Ben.

Filha da puta gostosa do caralho!

Tiro-a de cima da moto, a virando para mim e a levantando em meus braços, beijando sua boca e montando na moto, colocando-a sentada em meu colo, encaixada em meu pau.

Mônica me abraça, gemendo e quicando, buscando seu prazer e me perco nela. Seguro sua bunda e a impulsiono, querendo que vá além, mais rápido.

— Eu vou... aí, só não para, Ben.

— Eu não vou. — Vou mais fundo, mais rápido, mais gostoso.

Talvez a falta de boceta, o tesão ao pensar nela e essa vontade insana de foder essa mulher 24 horas do meu dia, esteja causando tanto prazer. É insano, um tesão sem limite algum.

— Isso, isso... Ben.

Beijo sua boca, sentindo seu gosto, quase ao ponto de poder machucá-la, batendo em sua bunda e me enfiando todo dentro dela, rápido, fundo. Sua boceta aperta meu pau, sua boca deixa a minha, jogando seu pescoço para trás. Deixo que se deite no tanque da moto, tendo uma fantasia sexual perfeita aqui, disposta para mim. Um banquete.

Sugo seu seio, suas mãos apertando minha cabeça, suas pernas minha cintura, sua boceta o meu pau e me leva ao limite.

Entrego-me ao prazer, calando Mônica em minha boca ao beijá-la. Gastando o pinga de sanidade que me resta ao pensar que podemos acabar presos por atentado ao pudor, caso ela continue gritando quando alcança seu orgasmo, engolindo, esmagando meu pau.

Não seguro mais o gozo, me deixando levar junto a ela, controlando o instinto de rugir como um animal, ainda preso em sua boca. Deixo-a, tensionando o meu corpo e seguro meu peso, amparando minha cabeça em seu busto ao esvaziar minhas bolas, suado e saciado.

Segundos se passam do mais puro silêncio e ainda com a cabeça em seu peito, sinto-a balançar e logo a ouço rir, levantando minha cabeça e a

olhando, tentando ter certeza do que faz, seguindo seu sorriso bonito.

— O que foi? — pergunto, me sentando e trazendo para mim.

— Você é maluco.

— Não, nós dois somos. Eu estava aqui — a beijo —, um cavalheiro inocente, pronto para levar uma bela dama para casa, uma cortesia, foi você que veio me entregando a camisinha. Lembra?

Ela ri ainda mais, de forma leve e brincalhona. Um traço que descubro adorar nela.

— Você não vale nada, sabia?

— Sei, sei sim. E agora, vamos para casa?

— Vamos, preciso fazer um miojo quando chegar. Nossas peripécias sexuais me deixaram faminta, além do que, você não me deu tempo para comer lá dentro.

— Sei. — Ajudo-a a descer da moto, fazendo o mesmo e me livro do preservativo, fechando minhas calças e pegando sua calcinha em meu bolso.

— O que é isso?

— Sua calcinha. Vista, pode precisar dela para onde irei te levar.

— Ah, é? Que mandão. Aonde iremos?

— Gosta de hambúrguer? — E porque até esse sorriso aberto, gentil que está me dando, mexe comigo?

— Quem não gosta de hambúrguer? — pergunta, vestindo a calcinha sobre o meu olhar aguçado, fazendo com que eu sinta tesão, mesmo após o gozo.

— Vou te levar para comer então e depois vamos *pra* casa. O que acha?

— Que é o mínimo que pode fazer, após me tirar do meu encontro.

E, sim, isso muda meu humor.

— Você parecia estar pedindo socorro... fui o cavaleiro de armadura brilhante que te salvou! — falo, segurando sua mão enquanto monta na moto, agarrando-se à minha cintura.

O motor ronca e espero que esteja firme na garupa.

— Então meu cavaleiro de armadura brilhante, me leva para comer e depois vamos provar a sobremesa!

Sorrio, ela não poderia me fazer proposta melhor, ainda assim, quero detalhes sobre ela e o babaca metido a médico!



Mônica



Intimidade começa com um sorriso

Sinto um beijo leve em meu rosto, nariz, e boca, enquanto pés grandes alisam os meus, indo do meu joelho ao meu pé em uma carícia deliciosa, vagarosa, íntima, ainda que inocente. É tão bom que me permito ficar de olhos fechados, apenas sentindo-o cheirar meu pescoço, continuando a lambe-me o rosto.

Espera, ele me lambeu?

Abro meus olhos e me assusto com a cara grande do cachorro à minha frente, me afastando, batendo contra o peito de Ben, ao passar a mão em meu rosto, limpando a baba canina e ouvindo a risada rouca e alta do homem a minhas costas. O cachorro me encara, com a língua rosada para fora, parecendo rir, babando e ainda solta um latido que me assusta.

— Benjamin — chamo, imóvel, para ter certeza de que ele está mesmo acordado, sem nem respirar ao olhar o pitbull em minha frente. — Tira o cachorro daqui, estou com a impressão de que ele quer me comer.

Sua risada é minha única resposta. Não tiro os olhos de seu cachorro ao estarmos deitados em sua cama, nus, minhas costas grudadas ao seu peito, tentando fugir dos olhos azuis, nada ameaçadores, apesar da cara de mau do cachorro dinossauro. Como ele entrou no quarto?

Benjamin, por outro lado não parece nada preocupado, enfiando o rosto em meu pescoço, me cheirando, fazendo meus pelos se arrepiarem, me tirando o fôlego por segundos.

— É ela, é fêmea e vai ter que fazer as pazes com a Gamora, uma hora ou outra. — Com isso ele bate a mão grande sobre a cama e a pitbull não demora a subir, toda feliz, balançando o rabo grosso para lá e para cá, se deitando ao meu lado, enquanto ele alisa sua cabeça enorme.

— Ela quase quebrou o meu nariz, sabia?

— Olha *pra* ela, esses olhinhos brilhantes, é só carência. Esquece o passado e faz um carinho nela. Além do mais, ela gostou de você. Olha *pra* ela, osso é quase um pedido de desculpas, morena. No outro dia, ela não fez por mal, é brincalhona, só queria um carinho a fujona. Desculpa *ela*, vai — pede e beija meu ombro, enquanto pega minha mão, meio trêmula, para alisar as costas peludas da coisa preguiçosa ao meu lado e tento deixar o medo, que seu ataque me causou no outro dia, de lado.

Seu tamanho engana, porque ela mais parece aqueles cachorrinhos de madame, pequeninos, todo para frente, brincalhão, virando a barriga branca para cima, querendo chamego e Benjamin ri, alisando-a. Talvez tenha razão, ele, digo ela, só é grande demais, mas é inofensiva. E até gosto do contato e chego a rir quando ela tenta lamber meu rosto.

— O que nos diz?

— É, não é tão mal assim...

— Claro que não. É bem adestrada e calma, só adora brincar e parece que também gosta de te beijar.

— Beijar?

— Sim, essas lambidas são beijos carinhosos, morena. O que foi? Nunca teve um cachorro quando criança?

Suspiro com a pergunta. Não fui lá uma criança que teve suas vontades feitas.

— Não, nunca. Nem cachorros e nem gatos. Minha mãe não é muito fã de animais.

— Bom, agora pode aproveitar a Gamora, já que ela parece te venerar.

Sorrio, gosto da ideia, apesar de ainda sentir medo, enquanto o cara grande, gostoso e tatuado, se coloca sobre mim, comprimindo meu corpo contra o colchão, me fazendo sentir cada músculo seu e eu adoro a sensação. Em principal, a de passar a noite toda ao seu lado, mesmo sabendo que isso pode ser minha perdição.

E que droga, ele parece lindo demais para alguém que acabou de

acordar, enquanto eu, devo estar como uma bruxa de tanto que esse homem puxou e bagunçou o meu cabelo durante toda a noite. Pois dormir, foi o que menos fizemos.

Benjamin me beija, de forma rápida, enchendo meu rosto de pequenos selinhos, seguindo por minha bochecha, descendo pelo meu pescoço e encontrando o bico do meu seio, durinho de desejo.

Por que eu sempre estou pronta para ele?

— Quanto tempo temos até que precise ir trabalhar?

Rio, olhando o relógio na mesinha ao lado.

— Temos uma hora e quinze minutos, mais ou menos.

— Sério? Então uma hora e meia, considerando que irei te levar? — Ele não perde a chance de esfregar sua ereção em meu sexo, totalmente nu.

— Vai me levar? Sério?

— Claro, afinal, quero tomar metade desse tempo para mim.

— Hum, que delícia. — Rio, adorando essa intimidade. — Vou precisar só de trinta minutos para me arrumar, só isso — falo rápido, querendo dar cada segundo desse tempo para ele.

— Eu posso fazer muito em 45 minutos, sabia? — Ah, eu sei que sim, e Ben me beija, lento, gostoso e eu me derreto inteira, me abrindo para ele.

— Pode é?

— Posso, a começar aqui embaixo.

Arqueio minhas costas, seus beijos descendo por meu pescoço, minha barriga, lambendo minha pele e me arrepiando, me excitando. Não acredito que ele vai me chupar a uma hora dessa. Sexo matinal já é bom, mas... céus, sexo oral matinal é... o próprio céu.

— Benjamin...

Aqui está ele, de cara para minha amiguinha, olhando para ela como se

fosse um doce delicioso que estivesse prestes a engolir por inteiro e eu quero muito que ele faça isso.

— Você é perfeita, sabia? — E seu dedo passa por meus lábios vaginais quando diz isso, se enfiando em mim e sua língua circula meu clitóris, enquanto afundo meus dedos no colchão, à procura de qualquer apoio. — Seu gosto também é perfeito.

— Céus... — sussurro, arqueando minhas costas quando sua língua quente e macia entra em mim. Não é o momento, mas logo agora noto a presença de sua cachorra no quarto, entretida com um brinquedo qualquer. — Ben, a Gamora — aviso, sem conseguir me concentrar em nada e ele ri.

— Ela entende que o papai precisa ser feliz, agora me deixa te chupar, mulher, só tenho poucos minutos, lembra?

— Hum... *puta que pariu*, que língua deliciosa — Me entrego em cada movimento que sua língua habilidosa faz, fechando os olhos, sua mão segurando meu queixo e chamando minha atenção.

— Abra os olhos, morena. Olhe *pra* mim.

Isso é minha perdição.



— Claro que não, peguei só sua camisa emprestada porque não vou me enfiar nesse vestido apertado só para atravessar o corredor — respondo a sua provocação, atravessando o quarto e alcançando a porta.

— Eu não estou reclamando, longe disse. Ficou melhor em você.

Rio, quando suas mãos me alcançam antes que possa abrir a porta, seu rosto se afundando em meu pescoço, fazendo todos os meus pelinhos se arrepiarem.

— Sabe que eu tenho horário para trabalhar, não sabe?

— Sei, mas estou meio que viciado em você.

Ignoro-o ou tento, já que o que quero é voltar para a cama e fazer dele meu cavalinho particular, e abro a porta, ainda rindo, sentindo-o colado a mim e paraliso ao vislumbrar sua sala e ver que não estamos sozinhos. Ele parece também perceber e suas mãos deixam minha cintura, é instintivo.

— Mãe!

Ouç-o dizer e, perdida, olho dele para a senhora parada atrás da banquetta de sua cozinha, estando também paralisada na mesma medida, nos olhando, até que um sorriso curva seus lábios.

— Mãe? — pergunto, quase um sussurro.

— Bom dia. E quem é essa moça linda, Benjamin? Vai ficar parado aí e não vai nos apresentar? — O riso continua em seu rosto, enquanto ela enxuga suas mãos em um pano, saindo de trás do balcão, nos esperando.

A vergonha me toma e tento, sem sucesso, fazer a blusa criar mais pano ao puxá-la para baixo, estando perplexa. Mais perdida que cego em tiroteio. Um empurrão leve, é o suficiente para me tirar do choque e me fazer sair da porta, a mão de Benjamin espalmada em minhas costas, enquanto dá três passos em direção à senhora simpática que parece me analisar.

Meu Senhor, ela é a mãe... não poderia ser mais constrangedor.

— Bom dia, mãe. Não me avisou que viria.

— Bobagem, desde quando preciso avisar. Me chamo Célia, é um prazer.

Ouç-a, mas pareço ter perdido a língua.

— Mônica, essa é a Mônica, mãe. Minha vizinha e...

— Amiga. Somos amigos — interponho, sem querer deixá-lo incomodado ao nos dar nome, tentando minimizar tudo. Mas que droga. — E é um prazer, dona Célia.

— Ah, a vizinha... Amigos? — fala, risonha, e me alcança, me apertando em um abraço e eu não sei como reagir, apenas retribuo.

Ele falou sobre mim para ela?

— Essa juventude é mesmo engraçada. No meu tempo, isso era no mínimo namoro.

— Mamãe!

— Mas era, ué. Estou contente em te conhecer e gostei de você. Aceita um café?

— Mãe. — Ele torna a repreendê-la e, por fim, começo a relaxar, ao menos ela não é como minha mãe.

— Veja só? Com a idade são os filhos a nos repreender, um exagero. E então, aceita o café?

— Não, não. Estou atrasada para o trabalho, tenho que ir. Mas foi um prazer imenso conhecer a senhora e obrigada por oferecer café.

— Espera um segundo — fala, minimizando o que digo com um aceno de mão, se apressando em alcançar a cafeteira e encher uma xícara de café, trazendo para mim. — Aqui, leva o café já que não tem tempo de tomar aqui.

Deus do céu, por que tenho a impressão de que a qualquer momento ela começará a bordar as roupinhas dos nossos nenéns?

— Que gentil, muito obrigada. — Olho para Benjamin que tem um sorriso imenso no rosto, parecendo troçar de mim. Que infeliz.

— Eu te acompanho.

Como se precisasse, mas não nego, só quero sair daqui. Calados, vamos até a porta e não satisfeito, ele me acompanha até meu apartamento.

— Podia ter me ajudado lá, sei lá.

— Por quê? Estava divertido — debocha e acerto seu ombro, que ri ainda mais, enquanto eu, sigo com tremelique nas pernas.

— Ela intimida com toda aquela simpatia.

— Relaxa, morena. Ela deve estar encabulada, é a primeira mulher que vê aqui em casa — fala de forma natural, segurando meu rosto entre mãos e me beijando. Só que algo a mais me chama atenção.

— Nenhuma mulher?

— Não. Nenhuma. Agora vai lá ou vai se atrasar, vou voltar e aguentar os planos dela incluindo você no Natal.

Arregalo meus olhos, a xícara a meio caminho da boca, estática.

— *Tá* de sacanagem, não é?

Ele ri, bonito, leve, o cabelo ainda molhado do banho.

— Talvez...

Um beijo, gostoso e molhado, que me deixa de pernas bambas, é o suficiente para ele se despedir, me deixando aqui no corredor, com uma boa xícara de café na mão, imaginando se fala sério.

Não, é amizade colorida e em uma amizade colorida, coisas como Natal na casa dos pais não existem, não é mesmo?

Nenhuma mulher... foi o que ele disse.

Não seja idiota, Mônica Maria. Não se deixe iludir pelo primeiro cara, ou a primeira mãe. Isso aqui pode dar certo, sexo sem compromisso e só. Eu só não posso me apaixonar.



Benjamin

18

Um recomeço

— Assustou *ela*, mamãe.

— Ah, eu a amei, certeza de que não assustei. Que moça linda, Benjamin, que moça linda. Educada, viu só? Ficou envergonhada comigo... que bobagem. Vocês estão namorando? — Ela não perderia essa chance de fazer essa pergunta uma hora ou outra.

Primeiro enche de elogios, para em seguida... dar sua cartada.

— Mãe, sei o que quer ouvir e adianto, não é esse o caso. — Não ainda, porque depois da noite de ontem, ficou claro que a quero mais do que imaginava, que não consigo nem cogitar ver Mônica com outro.

Ontem foi como ter pequenos espinhos alfinetando minha pele quando a vi entrar com o *playboy* a tira colo, com aquela mão grande em suas costas, a reivindicando. Fez com que me sentisse mal com minha decisão de dar um tempo, não atropelar as coisas e quis estar no lugar dele. A *filha da puta* ainda fez piada, dizendo que só não ficou com o almofadinho porque eu a atrapalhei.

O pior é que acredito nela, ninguém sai de casa com uma caixa de

camisinha na bolsa, se não tem intenção de transar. Isso é certo

— Não? Uma pena. Moça linda, rosto de anjo, adoraria ter *ela* como nora.

Aproximo-me, rindo de sua simpatia, ela é uma figura. Passo meu braço por seu ombro e beijo sua testa, não é de hoje que ela me cobra uma nora.

— Não inventa, dona Célia. É só amizade.

— E ela sabe disso? Benjamin, eu vi como ela te olha, não machuque essa moça, filho, aquele sorriso não merece chorar.

Abro minha boca para responder algo, mas me lembro do olhar de Mônica ao me dizer que foi deixada quase no altar, de como seu olhar perdeu o brilho ao tocar no assunto. Meu peito aperta, uma simples frase me trazendo um gatilho de que não posso magoá-la, tampouco deixá-la ir.

— Não a farei chorar, mamãe. Essa é a última coisa que quero, fique tranquila. Estamos só nos conhecendo, curtindo um ao outro. Não temos um compromisso, mas também, quero *ela* perto.

Mamãe sorri, fazendo um carinho em meu rosto, me entregando uma xícara de café.

— Acredito, oh como acredito — zomba. Sophie poderia realmente ser filha dela, ambas adoram rir de mim. — Só faça um favor a si mesmo, se achar, em algum momento, que essa coisa entre vocês pode ser algo mais, não a deixe escapar.

— Sei que quer uma nora, mas não será desta vez... — brinco e ganho um tapa em meu ombro.

— Você é teimoso igual ao seu pai.

Afasto-me, pegando a camisa que deixei no chão ao entrar com Mônica ontem à noite.

— Não me compare a ele, mãe.

— Benjamin... já faz tanto tempo, filho, e ele é seu pai e está doente.

— Não *pra* mim, mamãe. Vou me arrumar, fiquei de levar Mônica ao trabalho, para não se atrasar.

Parada, me olhando com certo pesar, ela sorri, muda o foco da conversa, voltando para Mônica.

— Olha... levar ao trabalho?

— Não viaja, mãe, e amei te ver logo cedo.

— E eu amei conhecer sua namorada.

Sorrio, entrando no quarto.

— Ela não é minha namorada.



Mordo a barra de cereal, andando pela calçada ao voltar do passeio com Gamora. Com Geração Coca-Cola de Legião Urbana tocando no volume máximo no fone de ouvido. Ao menos duas vezes por semana saio com ela para passear, deixando que fique à vontade nesse tempo, me sentindo culpado por deixá-la sozinha e presa por tempo demais. Ela vai acabar sendo o motivo que me fará comprar uma casa maior.

Sorrio com sua inquietação ao tentar desviar a entrada do prédio, ela sabe que o passeio já está acabando.

— Quieta, menina. O passeio tem de acabar.

Entro em meu prédio, no mesmo minuto que uma caixa um tanto grande está sendo deixada na recepção, parece embrulhada para presente. Me aproximo de Dialindo, que tenta, sem muito sucesso, arrastar a caixa para o canto da recepção.

— Eu te ajudo, Diá.

— Já voltou, seu Ben?

— Já, a moça cansou rápido hoje. — Tento junto com empurrar a

caixa, que é mesmo pesada. — Mas *pra* quem diabos é isso?

Dialindo sorri.

— *Pra* princesa do 204. Acabei de receber, o pai dela que mandou. Parece que hoje é o aniversário da moça.

— Como é?

— Isso mesmo, o pai dela queria se certificar de que o presente seria entregue hoje, acabou de ligar, parecia ansioso *pra* menina receber. Deve ser um presente muito bom, não acha?

Hoje é o aniversário de Mônica? Por que ela não me falou?

— Bom *pra* ela e, pelo tamanho, deve mesmo ser algo muito bom. Vou subindo, boa tarde, Diá.

Deixo o velho sozinho, puxando uma Gamora que, claramente, não quer voltar para casa.

A morena está aniversariando hoje? E por que escondeu isso? Quer dizer, tem uma semana que estamos... digamos, juntos, eu deveria saber que ela está de aniversário hoje, não é?

Claro que sim. Ainda essa manhã estávamos na cama, jogando conversa fora, teria sido legal se de repente ela tivesse dito: ah, hoje é meu aniversário.

Inquieto com o que acabei de saber, entro em meu apartamento tirando a guia da minha cachorra, a deixando ir tomar água. Eu não deveria me importar, não mesmo. O fato de ela não ter falado nada sobre isso, só ressalta a pouca importância que temos um na vida do outro.

Mas sendo sincero? Eu gostaria que tivesse me contado, assim poderia ter lhe comprado algo, não sei, talvez a levado para sair.

Qual é... esse pensamento é bobagem. Não tenho que comprar nada. Na verdade, para Mônica, nem mesmo sei que é seu aniversário. E se terá alguma comemoração ou coisa do tipo, não fui convidado.

Pronto, decidido.

Abro a geladeira, tomo um bom copo com água, mas ela não me sai da cabeça. Aniversários são datas especiais, ainda mais para mulheres, que guardam datas muito bem.

O fato de ela não ter me contado, não quer dizer que eu não possa aparecer, mais tarde, com algo simbólico para lhe dar.

O problema é que geralmente sou péssimo em escolher presentes, sempre opto por um vale-presente, assim, não preciso escolher e não deixo a pessoa sem jeito caso não goste. Mas Mônica merece mais que um simples vale.

Droga.

Silencio a música, pensando em pedir opinião sobre presentes para alguém, algo que seja pequeno, simbólico, que combine com ela.

Mas me recrimino no caminho, não tem nada a ver eu querer fazer isso. Sexo sem compromisso não inclui presentes de aniversário, intimidade. Mas temos nos aproximado nos últimos dias, gosto dela, conhecê-la melhor tem sido minha perdição e querendo ou não, Mônica ganhou importância em minha vida.

Qual é, tenho dormido com a mulher todos os dias, se isso não é intimidade... o que mais pode ser?

Desisto de seguir a lógica e ao invés de ligar para Sophie, ligo para Bruno, minha irmã em matéria de dicas para presentes é péssima e ele não demora a atender o celular.

— Preciso de ajuda com uma parada.

— Desde que não seja assaltar um banco, tudo bem. — Não, é um pouco pior.

— Seguinte, hoje é o aniversário de Mônica e eu...

— A morena gostosa do pub, a mesma da academia?

— Mais respeito, *porra*, a mulher é minha *caralho*!

Não é bem minha, mas isso é só um detalhe.

— Jura? Achei que tinha ouvido você falar que o que rolava entre vocês não era nada de mais.

Debochado filho da puta!

— Não cria problema, preciso de ajuda com o presente. Mulheres geralmente gostam dessas coisas.

— Aí depende, quer agradar *pra* continuar comendo? Ou quer agradar a nível você é minha?

— *Porra*, Bruno...

— *Tô* tentando entender, cara.

Fico mudo na linha, é isso o que quero fazer? Só continuar comendo?

Não, pior que não. Quero agradá-la apenas para ver aquele sorriso bonito despontar covinhas em seu rosto, o brilho em seus olhos. Inferno, eu estou de quatro.

— Benjamin, *taí* ainda ou já posso voltar *pro* meu batalhão?

— *Tô* aqui, não... quer dizer, é, é também.

— *Porra*, *tá* apaixonado, mané?

Engasgo, o sim preso na garganta.

— Não interessa. Seguinte, eu não sei o que dar. Não conheço *ela* há tanto tempo para saber seus gostos, mas quero algo que ela vá se lembrar.

— Flores. Funciona com Cristine.

— Hum, romântico demais, não? — Cristine é sua melhor amiga, se não o conhecesse, diria que passou parte da vida apaixonado por ela, mas não, Bruno a ama como irmão.

— Nunca vi falhar. As comédias românticas provam isso, sempre.

— Sei... e desde quando assiste a comedia romântica?

— Quando sou obrigado.

E uma ideia me passa pela cabeça, estúpida, ainda assim, válida.

— Beleza, obrigado. Tenho que sair agora, vou comprar as tais flores.
Valeu...

— Disponha... só cuidado *pra* não quebrar a cara, esse negócio de se apaixonar machuca.

— Não enche, *caralho*.

Desligo o celular, com Gamora sentada no tapete da sala, me olhando.

— É, menina, papai tem uma missão.



Mônica

19

Uma surpresa inesperada

Um baby doll confortável, TV, sorvete e silêncio, tem coisa melhor do que isso em um aniversário?

Sexo.

Minha mente grita em negrito, mas meu objeto de desejo disse que ficaria até tarde na academia hoje e, sendo assim, o sorvete tem que servir. Enfio uma colher cheia na boca, fechando os olhos ao me deliciar com o sabor de trufas de chocolate, me afundando mais no sofá.

Que delícia...

Melhor que isso só tendo companhia, seguido de um sexo gostoso... Pai Amado, como estou. Culpo Benjamin por isso.

Encho a colher novamente, mas antes de levá-la à boca, paraliso, ao ouvir uma batida na porta, fechando meus olhos.

“Que não seja André, que não seja André com balões e bolo, que não seja. Já me basta a mini festinha que fizeram na agência hoje, uma festinha particular a essa hora não, por favor.

Peço baixinho, mas uma voz rouca, bem mais grave que a de André e que eu não esperava tão cedo, me dá a certeza de que Deus me ouviu.

— Mônica, se tiver em casa, acho bom abrir logo, sério, bem rápido.

Sorrio, meu desejo de aniversário prestes a ser realizado.

— Estou sim, só um minuto, Benjamin.

Levanto-me em um salto, deixando o sorvete sobre a mesinha ao lado do sofá, arrumando minha roupa e conferindo se tá tudo em ordem para receber alguém. Meu coração saltita no peito, como uma criança contente apenas por poder vê-lo mais cedo.

Corro para a porta, mas ao abri-la perco o ar, completamente. Minha boca se abre, meus olhos se arregalam e fico presa na figura masculina parada em minha porta, nu, completamente nu, a não ser, pelo buquê de rosas vermelhas frente ao quadril.

— Deus do céu...

E um sorriso, aquele de lado, bonito e safado está presente em seu rosto e é a minha perdição. O que... como... meu Deus.

— Não vai me convidar *pra* entrar? — pergunta e apesar de ele ser a coisa mais sexy que já vi na vida, não consigo gesticular uma palavra sequer, tampouco sair do lugar. Porque, neste momento, ele é a coisa mais engraçada do mundo, e não tenho controle nenhum sobre mim. Começo a rir de forma descontrolada, evoluindo para uma gargalhada alta, escandalosa até, quando a realidade me assalta.

Os vizinhos.

— O que, o que é isso Benjamin? — Tento parar de rir, mas é impossível, ele não pode ter feito isso.

— Seu presente de aniversário. Gostou?

Minha surpresa aumenta, minha barriga dói e só quero me jogar sobre ele. Como ele soube?

— Você é maluco? — Consigo dizer, dividida entre rir e apreciar seu

corpo, conseguindo dar espaço para que entre e saia logo do corredor.

Ele é, sim, um belo espetáculo, mas não quero dividir esse monumento com nenhum dos nossos vizinhos.

Fecho a porta, tentando entender essa loucura, mas isso fica difícil, porque não consigo pensar com coerência olhando Benjamin nu, em minha sala, segurando rosas. Ainda mais quando ele se aproxima, perto, muito perto, tendo um sorrisinho prepotente nos lábios.

— Feliz aniversário!

Eu não sei dizer bem o que sinto quando ele me entrega o buquê. Isso, esse gesto, eu não esperava. Era amizade colorida, não era? Não incluía um homem lindo, nu, me trazendo rosas. Ainda assim, meu coração dá cambalhotas em meu peito.

Ele está estragando tudo, nós estamos, pois desde aquele dia, no pub, que estamos dormindo juntos todos os dias. Sempre com um programinha diferente à noite. Jantamos juntos, às vezes saímos, malhamos juntos, e depois acabamos em seu apartamento, transando e dormindo de conchinha, conversando, rindo, nos conhecendo. Droga, Ben.

O pior, ou o melhor, não me decidi ainda, é que a cada dia eu gosto mais disso e nesse momento, essa data comemorativa passa a ter outro significado para mim, um muito divertido.

— Obrigada, seu maluco!

— Queria fazer algo que fosse se lembrar, achei que isso funcionaria. O que achou? — Ele dá uma voltinha, a bunda durinha e perfeitinha me fazendo rir.

Esta é a primeira vez que ganho um buquê e, com certeza, não irei me esquecer, nunca. Com o coração quente por seu gesto, me aproximo dele e jogo meus braços em seu pescoço, me aproximando, tendo cuidado com minhas rosas, que são lindas, e me sentindo incrivelmente feliz com seu gesto.

— Pode ter certeza, eu nunca vou me esquecer e, quanto as flores, são

perfeitas. Eu amei.

Ganho um beijo seu, lento, profundo, diria até apaixonado, se nós, estivéssemos em outro contexto. Não é o caso.

— Esse é o melhor presente que poderia me dar, mas agora, quero você.

— Você me tem, estou aqui *pra* você. Esta noite você é minha, morena, toda minha.

— Hum... — É minha única resposta antes de ele voltar a grudar sua boca na minha, enquanto me leva para trás, me depositando de costas no sofá, tomando o buquê de rosas e colocando em algum lugar que não quero saber neste momento.

Sinto meu coração querer sair pela boca, minhas mãos pinicam por tocá-lo, mas ele não vem, fica em pé logo à minha frente, ao meu alcance e me dá a bela visão do seu corpo, nu e tatuado, perfeito. Uma tentação em todos os sentidos, com um sorriso sacana nos lábios, uma cara de macho alfa, safado e delicioso e a melhor parte? Hoje ele é todo meu.

Apoio-me em meus cotovelos, arregalando meus olhos ao notar o volume que seu membro toma, ereto. Me deliciando ao me lembrar de como é tê-lo dentro de mim, o prazer que sinto em cada minuto que estamos juntos.

Sua risada é minha resposta para cara que me pega fazendo ao olhar seu membro.

— Está me olhando como o Frajola olha para o Piu-Piu preso na gaiola.

— Minha sorte é você não estar em uma gaiola, *pra* que eu possa pegar.

Algo em Benjamin me deixa solta, à vontade, sem nenhum pudor e usando minha melhor cara de sedução, me ajoelho aos seus pés, tocando seu abdômen, passando as unhas nos gominhos aparentes em sua barriga, descendo ao V exposto em sua pélvis, que causaria loucura em qualquer mulher.

— Mônica...

— Sabe, uma das coisas que mais gosto de comer quando estou sozinha em casa, Ben?

— Não faço ideia. — E ele não perde um movimento meu.

— Sorvete, amo comer sorvete, estava fazendo isso mesmo, há pouco. Como será que fica como recheio do seu pau?

— Mônica! — Ele nega, eu não me importo.

— Ah, não, relaxa, não tá tão gelado assim, já está derretendo e é meu aniversário, não vai me negar isso, não é?

— Você é impossível...

Rio e pego a colher de sorvete ao meu alcance, pegando a parte derretida e, olhando bem para Benjamin, passo a colher suja em seu pau. Seguro seu membro, o masturbando e espalho a calda derretida, adorando ao vê-lo inclinar a cabeça para trás e chamar meu nome, dessa vez em forma de gemido.

Lambo-o e faço uma nota mental de que fazer sempre boquete com sorvete, é muito melhor. Masturbo a base do seu pau, passando a língua na glândula e tentando engoli-lo o máximo que consigo. Não tenho tanto sucesso, ele é grande e sinto-o preencher minha garganta.

Molho-o bem, um boquete bem molhado é mais gostoso, assim ele mesmo me disse e me delicia com as reações do seu corpo.

Sua mão agarra meus cabelos e eu adoro quando faz isso, usando de certa força, isso me excita a um nível inimaginável e começo a engoli-lo mais rápido, sugando seu pau e amando seus gemidos, sua mão sem soltar o meu cabelo.

— Você, você...

— Hum... O que foi, Ben, quer que eu pare?

— Você é uma peste.

— Ui — grito, sentindo a antecipação do prazer que me espera, quando suas mãos seguram meus cabelos e me puxa para ele, descendo por meus

ombros e já trabalhando em tirar minha blusa, expondo meus seios.

— Eu adoro sua boca no meu pau, mas neste momento, quero sua boceta. Meu foco hoje é você, só você.

Fico apenas olhando, ansiosa, molhada e volto para o sofá, Benjamin se aproximando como um felino, engatinhando e se pondo sobre mim, o pau grande e ereto apontando em minha direção, bonito, grande e rosado.

Sua boca alcança a minha em um beijo molhado e lascivo, sua mão se embrenhando por debaixo do meu short, o pijama folgado e molinho facilitando bastante sua vida.

Gemo em sua boca, satisfeita ao notar em seus olhos o efeito que causa nele o fato de eu estar sem calcinha.

— Sêrio? Sem calcinha, morena?

— Fica mais fácil assim... — Fecho os olhos quando sinto suas mãos descenderem de encontro ao meu seio, apertando e chupando-o.

Chego a arquear as costas. Benjamin não é gentil, longe disso, mas é perfeito e seu chupão causa reboição em minha pélvis. Busco atrito com seu pau, tentando diminuir que seja, um pouco, meu tesão, inebriada, e seus olhos em nenhum momento deixam os meus.

Com satisfação e expectativa vejo-o se ajoelhar no chão ao lado, olhando meu corpo com lentidão, a parte desnuda em especial. Estar com ele é diferente, é surreal, é... apaixonante.

Tento ajudá-lo a tirar meu short, mas ele me detém.

— Não, eu tiro — comanda e como um cachorrinho bem adestrado, volto a me jogar no sofá, esperando seu próximo movimento.

Será que ele não vê que tenho pressa? Estou morrendo de tesão.

Meu short é arrastado por minhas pernas e Benjamin abre meus joelhos, me arreganhando completamente e olhando minha boceta, como se ela fosse seu prato favorito.

— Eu disse que hoje, meu foco era você.

Espero ansiosa, mas antes que faça qualquer movimento, ele só me cheira. Isso mesmo, Benjamin inala meu cheiro e eu me perco ao sentir sua língua molhada em minha pele, seus dentes me arranhando e eu me contorço de desejo.

Infeliz gostoso...

Minhas mãos voam de encontro ao estofado quando sinto sua língua, procurando apoio, me segurando para não gozar depressa demais. Benjamin me abre inteira, mais até do que eu poderia e explora cada dobra com seus dedos, vagarosamente, como se estivesse me torturando, sabendo a merda de reação que me causa.

Perco-me em reações, me entrego de bandeja, gemendo seu nome, pedindo por clemência. Archejo e chamo por ele, quando enche a boca com minha boceta, mamando como se estivesse fazendo isso em meu seio.

Não tenho mais como segurar o que sinto, a tensão sexual e o desejo se construindo a um nível que não tenho nenhum controle, que não quero ter. Sua língua macia desce por minha vulva e voltando ao meu clitóris, lentamente, lambendo e me tirando qualquer sanidade.

Fazia tanto tempo que não tinha um contato sexual antes de Benjamin, que após enfim transarmos, parece que minha libido destrancou a porta e jogou a chave fora.

Ensandecida, sinto seus dedos dentro de mim, enquanto sua língua desce até minha entrada, subindo para o meu clitóris devagar, molhado, gostoso.

Mas ele para.

Que merda ele está fazendo?

Abro os olhos, chateada, a fim de dar com as flores em sua cara e encontrando-o rindo.

— Não me olha assim, morena. Sua boceta é deliciosa, mas quero que goze em meu pau. — E enquanto isso ele veste a camisinha, com aquela cara de lobo, que tanto amo.

— Eu ficaria *puta*, se o teu pau não fosse tão gostoso quanto tua língua, sabia?

— Não feche os olhos, quero que veja meu pau entrar nessa tua boceta deliciosa.

Engulo em seco, vendo-o segurar seu pau e esfregá-lo em meu clitóris, indo até minha entrada lambuzada, voltando e causando um arrepio em minha espinha.

Uau...

Pouco a pouco, vou sentindo-o me penetrar. Gemo, gemo alto ao sentir sua grossura abrir passagem e me entrego a cada sensação que sinto, fazendo o que antes me pediu, olhando cada centímetro entrar e sair.

Putá que pariu.

Sinto-o sair devagar de dentro de mim para depois se enterrar mais rápido.

Saindo e entrando.

Entrando e saindo.

Estou a ponto de pedir por mais, quando ele se ajoelha entre minhas pernas, colocando o dedão em minha boca para que eu chupe, para em seguida começar a massagear, levemente, meu clitóris. Adeus, sanidade.

Fico mole, sem fala, perdida em sensações.

— Tão gostosa assim, minha.

— E sou toda sua hoje. — Me ouço falar, levada pelo desejo.

— Só hoje? — pergunta, um sorriso sacana enquanto me penetra com força, indo fundo com vigor e me fazendo gritar, sem deixar de estimular meu clitóris.

Sem que espere, seu braço passa por minha cintura e me levanta, me colocando sentada em seu colo, sobre ele, sem por um instante tirar seu pau de mim.

— Estou te machucando? — pergunta, cuidadoso ao notar que o olho.

— Não, claro que não. Só não pare e cumpra sua promessa, me faça gozar em seu pau. — Suas mãos agarram meus quadris, me fazendo quicar cada vez mais rápido.

Tomo meu ritmo, sua mão já não precisando me guiar, uma mão estimulando meu clitóris, enquanto a outra segura meu cabelo, sua boca em meu mamilo.

É algo diferente a sensação de ser preenchida e alcançar o prazer ao ponto de sentir o gozo se aproximar. Me deixo levar, jogo a cabeça para trás e grito seu nome, me agarrando ao seu pescoço quando o prazer me arrebatava, vindo como um furacão.

Abraço-o e espasmos tomam meu corpo, sua boca buscando a minha, mordendo, sugando, suas mãos segurando minha bunda.

Por Deus, desta vez parece durar tempo demais, fazendo com que eu aproveite cada segundo. Deixo sua boca e mordo seu ombro quando já estou quase mole, sendo jogada no sofá com zero delicadeza, minha perna indo parar em seus ombros.

— Minha vez — fala. Se movendo de forma invejável.

Para mim, era impossível, mas acontece. O prazer retoma mais brando, talvez mais rápido, mas está aqui, enquanto sinto sua mão em minha nuca, segurando-a com força bem calculada, me prendendo embaixo de si, em seu olhar quando chama por mim, como uma súplica.

Não perco um segundo sequer, nem quando os meus espasmos pedem para que eu feche os olhos ao gozar de novo, pois quero assistir ao prazer que estampa o rosto de Benjamin, que me faz querer emoldurar essa lembrança como uma das melhores da minha vida sexual.

É sublime. E é só sexo, mas é com ele e a forma como me faz sentir ser a mulher mais desejada do mundo para ele, paralisa meu universo.

Sou abraçada por ele, seu corpo sobre mim, seu rosto se afundando em meu pescoço e só então, me permito fechar meus olhos e puxar uma

respiração profunda, me sentindo esgotada...

Segundos, minutos se passam em que nada é dito, ouvimos apenas nossas respirações descompassadas.

Por um instante, uma bobagem passa por minhas cabeça, uma vozinha lá no fundo, me perguntando até quando isso vai durar. Benjamin se move, saindo de mim e suspiro, suada e exausta, tentando entender para onde ele vai.

— Meu Deus. — Abro os olhos de súbito quando seu braço forte envolve minha cintura e me traz para cima de seu corpo, deitado confortavelmente sobre meu tapete.

— Estava com medo de te machucar com meu peso — fala, relaxado, e eu? Bom, estou a ponto de apagar, me aconchegando em seu ombro.

— Não estava, mas gostei da ideia do tapete.

Ele ri e olho-o, ficando nós dois parados por segundos um no outro.

Eu poderia me acostumar com ele, não, eu estou me acostumando com ele e depois dessa surpresa, não sei se conseguirei manter o muro em volta do meu coração.



Benjamin 20

Um coração acolhido é um coração apaixonado

Deitados no chão sobre seu tapete, tenho uma Mônica relaxada, fazendo um desenho imaginário em meu peito com as pontas dos dedos, quietinha, a respiração compassada e eu, só quero o resto da noite com ela.

— Obrigada. — A voz macia se faz ouvir e pego um cacho do seu cabelo, enrolando meu dedo nele,

— Pelo o quê?

— Por se importar, digo, pelas flores e o sexo delicioso.

Sorrio, satisfeito, parecendo até ter sido eu a ganhar um presente e ainda nem acabou.

— Como soube, que era hoje?

— E sobre isso, achei péssimo não ter me contato, *pra* deixar claro. — Ela levanta seu rosto, apoiando o queixo em meu peito, rindo bonita.

— Achou, é?

— Bastante, e respondendo a sua pergunta, foi Dialindo quem me disse. Tinha um grande pacote para você na recepção quando cheguei, mais cedo. Por um acaso, ele me disse que era seu

— Que fofoqueiros. — Recebo um tapinha, negando e beijando seu nariz.

— Por uma boa causa... — Seguro sua cintura e colocando-a de costas no tapete, podendo olhar seu rosto com calma, ter mais acesso ao seu corpo. — Senão, como eu poderia aparecer aqui, apenas com um buquê.

Mônica começa a rir, os braços em volta do meu pescoço, linda, bagunçada e perfeita. Dizendo a verdade, não acredito que fiz isso.

— Mas não é só isso, digo, seu presente. Me empresta uma toalha? Tenho algo mais *pra* te dar.

— Ah, não, não precisa me dar mais nada, por favor.

— Ei, quem decide isso sou eu.

— Não acredito que fez isso, já trouxe as flores.

Não me importo com sua negativa e a ajudo a levantar, fazendo um gesto para que faça o que peço, vendo-a, a contragosto, sumindo pela porta do quarto, voltando segundos depois de roupão e com uma toalha para mim.

— Já volto. — Beijo sua boca e sigo porta afora, até mesmo ansioso por lhe dar outro presente que comprei.

Hoje à tarde, quando fui atrás das benditas flores, algo em uma vitrine ao lado da floricultura me chamou atenção. Era uma bolsa, que me fez lembrar que Gamora estragou a sua, dias atrás. Então pensei, não seria uma ideia tão ruim assim, ela poderia gostar.

Entrei na loja, perdi horas tentando achar algo que eu imaginava combinar com ela, enchi o saco da vendedora *pra caralho*, optei pela bolsa mais cara da loja e, depois, voltei para casa, com uma bolsa, rosas e cupcakes.

Talvez, até tenha exagerado com os cupcakes, mas por algum motivo eu queria que fosse especial, que ela realmente gostasse. Entro, aliso a cabeça da cachorra contente ao me ver.

— Ei, menina, já, já volto com sua nova ídolo. — Pego o pacote, o

doce com uma pequena velinha em cima do chantilly e volto apressado para o seu apartamento.

Quando entro, vejo ela próxima a uma mesa que antes não estava ali, dessas de estudo, extremamente bonita e delicada. Agora, com o jarro de flores sobre ela, as mesmas que lhe dei. Agora já não sei se essa foi uma ideia tão boa assim, não, tenho a certeza de que realmente exagerei e me sinto idiota por isso.

— Mesa nova?

— Oh, sim. Era o grande pacote lá embaixo. Acho que meu pai quer que eu volte a estudar.

— E você vai?

— Estou pensando. Quero cursar os últimos dois períodos em Administração que me falta terminar... e estou pensando em estudar, para tentar Direito. Preciso ter opções, para isso, preciso estudar.

— Olha só, gostei. Vai conseguir, sei que sim. — Ela se mantém ainda de costas e uma coisa que aprendi sobre Mônica, ela não lida bem com elogios.

— Passei no concurso bem cedo e me acomodei, sabe? Comecei uma faculdade só um tempo depois de já estar trabalhando e não cheguei a terminá-la. — Ela para de falar ao se virar e ver o grande pacote que seguro em minha mão, e meu estado de apreensão parece piorar. — Isso tudo é *pra* mim?

— Este aqui, a Gamora te deu e esse, é só... quero cantar parabéns *pra* você.

— Com um cupcake? Que fofo. — Um sorriso se abre em seus lábios e incrivelmente, esqueço qualquer dúvida se fiz certo ou não.

— Um bolo poderia ser exagero. — Foi exatamente o que pensei quando olhava a vitrine da doceria, o cupcake seria menos... teatral. — Anda, me traz um isqueiro.

— Tá falando sério?

— Estou, minha mãe sempre faz uma grande festa em meus aniversários, até hoje, aprendi que isso é o certo, quero fazer isso contigo. Só não imaginei que te encontraria aqui hoje, sozinha, sem bolo, amigos, festinhas. O que houve? — Mônica deixa o riso morrer, olhando para o jarro de flor ao seu lado.

— Nada, meus amigos estão viajando.

— Está explicado. — Apenas segundos e ela está ao meu lado, me entregando os fósforos.

Sorrio, acendo a velinhas e olho para ela, aquele brilho iluminando seu olhar, um sorriso ameaçando aparecer.

— Vamos lá, faça um pedido e assopre as velinhas.

— Não sabia que fazia o tipo de fada dos desejos.

— Só *pra* você, vai lá, assopra. — Assistio, com ansiedade, ela fechar os olhos, demorar alguns segundos, para enfim, abri-los e apagar a velinha. — Parabéns, que essa data se repita muitas vezes em sua vida. — E que eu esteja ao seu lado. Essa parte eu omito, confuso comigo mesmo.

— Obrigada, Ben, de verdade, obrigada e eu menti.

— Mentiu com o quê?

— Meus amigos não estão viajando, quer dizer, Isabella até está, mas... André não e ele adoraria me fazer uma festa.

— Mas? — pergunto, interessado.

— Mas eu não gosto de aniversários. Não sou adepta a festas, parabéns, acho até um dia enfadonho e não é por nada em especial, é apenas paranoia minha, sabe? Algo que aconteceu há tanto tempo que não deveria importar. Além do mais, as pessoas esperam demais desse dia, presentes, festas, parabenizações especiais e eu só fujo disso tudo.

Algo morre um pouco aqui, imaginando ter feito tudo o que ela não gosta. E tem que ter um motivo para isso, ainda não tinha conhecido alguém que não gostava de aniversários.

— Entendi.

— Não, não. Não é isso, não é, o que quero dizer, digo, aonde quero chegar é que eu gostei da surpresa, gostei de ter vindo e por isso não quero mentir, dizendo que meus amigos viajaram. Na verdade, você conseguiu superar qualquer expectativa e deu um novo significado a este dia, trouxe uma nova lembrança... que eu vou gostar de guardar pelo resto da vida. Sempre vou rir quando me lembrar de você em minha porta, segurando um buquê de rosas.

Não sei o que dizer a ela, fico sem saber também como agir.

— Agora toma, espero que goste. — Continuo como um bocó, rendido ao ver sua euforia ao abrir o pacote dourado.

— Não acredito... Benjamin! Você me comprou uma bolsa!

E, sim, eu acertei, os olhos dela brilham com o presente em mãos.

— Sim, lembrei que minha pitbull estragou a sua e, caso queira trocar...

— Claro que não, é perfeita, eu amei, não vou trocar, eu amei.

A bolsa é deixada em segundo plano, seu abraço apertado me pegando desprevenido, e seu beijo me deixa ver o quanto gostou do presente.

— Se continuar, vou te presentear mais vezes.

— Bobo.

Segundos, talvez minutos que passo preso em seu olhar, seu sorriso, sem nada realmente a ser dito. Não posso negar, ela é importante e está chegando aonde nunca, ninguém jamais chegou.

— Mônica, eu acho que... — Paro de falar quando o celular, que acabei de trazer, toca em algum lugar e fecho meus olhos, agradecendo, não sei bem o que ia falar.

Procuro o celular, me sentando e atendendo, sem nem olhar o número.

— Oi.

— Boa noite, eu falo com o Benjamin? — uma voz educada, até profissional, pergunta e afasto o celular da orelha, olhando o número. Não o conheço.

— Sim, é ele. Com quem falo?

— Seu Benjamin, falo do hospital regional. O senhor Joaquim deu entrada há pouco no hospital, e o senhor é seu contato de emergência, confere?

Por alguns segundos, sequer respiro, olhando o rosto de Mônica enquanto come seu doce, alheia à minha aparente surpresa.

— Como é?



— Não precisava ter vindo. Não queria que nossa noite acabasse assim, me desculpe.

— Besteira, Ben, estou aqui por você para o que precisar — fala, enquanto permanece sentada ao meu lado na sala de espera do hospital, a mão pequena na minha, como um alento e no fundo agradeço por ter vindo comigo.

— Obrigado.

Mesmo não considerando o homem internado neste hospital como meu pai, não poderia dar as costas à ligação que recebi, horas atrás, ainda mais quando me pediram pressa, pois seu estado era urgente.

Mas a pergunta de um milhão de dólares é: por que ele me colocou como contato de emergência? Até quando soube, ele estava casado. Com uma mulher da minha idade, diga-se de passagem. Então, cadê *ela*? Inferno!

— Calma, Ben, vai dar tudo certo. — Olho Mônica, alheia à confusão que tenho aqui, queria que fosse tão fácil.

— Morena, nunca falamos disso, não é algo que faço muito, mas... não

tenho uma boa relação com meu pai. Ele não era, como posso dizer, um pai, ou um bom marido. E depois do divórcio, bom, não nos falávamos há anos. Desde que foi embora de casa.

Mônica fica estática e não sei decifrar o que pode estar pensando e volto a fitar o chão.

— Sente mágoa. — Não é uma pergunta, ela afirma.

— Sinto, principalmente porque ele não a queria, Sophie. Quando minha mãe a trouxe, ele pediu que fizesse uma escolha. Sophie, ou um casamento de merda que tinha com ele. Meu pai foi embora no dia que ela chegou. Já nem éramos mais uma família.

— Nossa, e sua mãe? Como ficou?

— Melhor sem ele, com certeza. Hoje ela está bem, mas a separação, a solidão, dois adolescentes em casa, trouxe uma carga e a decepção se transformou em depressão. Mas isso já não importa, hoje ela está bem. Não se preocupe.

— Eu não fazia ideia, eu, ah, Ben, eu sinto muito. — Sei que sente, está presente até mesmo em sua voz. Beijo sua testa e depois sua boca, agradecido por tê-la comigo.

— Senhor Benjamin?

Encaro a mulher morena de uniforme verde em minha frente e me levanto, apreensivo, e sinceramente? Em dúvida se fiz certo em vir.

— Sim, sou eu.

— O senhor pode vir comigo?

Confirmo, tomando a mão de Mônica na minha, mas a enfermeira nos faz parar.

— Desculpe, só posso liberar uma pessoa por vez.

— Certo, claro. Me espera?

— Sim, sim, não vou sair daqui sem você. Vá tranquilo, fico esperando.

Sem mais poder esperar, deixo Mônica sozinha na recepção, seguindo com a enfermeira por um corredor branco repleto de quartos, o cheiro asséptico me dando enjoo ou talvez, estou nervoso demais.

— É aqui, o senhor pode entrar, ele está te esperando.

— Obrigado. — Eu deveria entrar, mas ao invés disso, permaneço olhando a porta, respiro fundo.

Nego lembranças da minha infância e abro de uma vez a porta do quarto, sentindo urgência de correr daqui, do homem deitado na maca hospitalar, com uma máscara de oxigênio no rosto.

Fico imóvel, o observando por algum tempo. Ele já não é o homem de antes e se transformou em alguém franzino, apático, parecendo sem fôlego. São segundos em que ele não percebe minha presença no quarto, até que seus olhos vagam pelo cômodo.

— Você veio.

Não o respondo, não de imediato e me aproximo, braços cruzados frente ao corpo como se pudesse me proteger dele, não preciso mais.

— Sim, me ligaram, parece que sou seu contato de emergência.

Ele só tem tempo para um sorriso, trazendo a máscara de volta para o rosto.

— É, só me sobrou você.

— Sua esposa? — pergunto e me polio, de nada adianta chutar cachorro morto.

— Mulheres novas não querem um velho doente, com câncer na próstata. Ela me deixou, assim que tive o diagnóstico.

Eu queria dizer que sinto o mínimo de satisfação com isso, em saber que o destino tratou de devolver a ele o mal que fez para as pessoas ao seu redor, na mesma moeda, mas não estou. Na verdade, depois de ver meu pai, sinto até pena, algo aperta meu peito, trazendo em minha mente momentos em que jogávamos bola no quintal, quando eu não tinha mais que oito anos.

— Entendi. — Me sento na cadeira próximo à cama. — O que irão fazer? Com relação à doença?

— Eu demorei a vir, garoto, já é tarde demais. E me escute, Benjamin, tenho que te alertar, para que aprenda com meus erros. O exame de próstata, para prevenção, não é frescura, nem é vergonhoso. Achamos que é, sentimos um carocinho e, ainda assim, fugimos da tão temida dedada. — Volta a sorrir, mas não tem graça. — Mas não é besteira, é um exame necessário e sabe como eu descobri isso? Quando já não tinha mais jeito, vim ao médico só para descobrir que o câncer estava avançado demais para ser retirado.

— E, neste caso, o que pretendem fazer? — Me pego curioso, tentando entender.

— Comecei a quimioterapia, radioterapia e, na semana que vem, irão retirar minha próstata, minha masculinidade vai descer pelo ralo. O que é um homem sem... chega, não é? Me diga, como você está?

— Vou bem, como sempre. — Quero fazer mais perguntas, quero entender, será que não tem mesmo jeito?

— Sua mãe? — Me abstenho de responder, esse direito ele não tem. — Entendi, entendi. Eu os deixei, não é? Não preciso saber como ela vai. Você está certo.

— Estou?

— Claro, é teimoso como eu, tem o meu temperamento, somos parecidos.

— Não, não somos parecidos. — Nego, com veemência. — Eu jamais teria uma família e faria com ela o que fez a nós.

— De novo, você está certo. E fica fácil ver isso hoje, garoto, mas naquela época.

— Chega, Joaquim, não quero voltar para aquela época, não quero desculpas ou falar disso. — Não preciso, não quero saber seus motivos.

O velho se cala, voltando a respirar na máscara, enquanto continuo a olhar a janela ao meu lado, não consigo sequer encarar seu rosto por muito

tempo.

— Será um bom homem, Benjamin, será sim. Aprendeu bem vendo os meus erros, não creio que irá repeti-los.

— Eu não irei.

— Bom, muito bom, filho. Senti sua falta. — Sua voz sai baixa, compassada, a falta de ar lhe impedindo de falar, me dando mais tempo de pensar. — Pode não parecer, mas eu senti. É o meu único filho e, caso eu não saia vivo daquela sala de cirurgia, em alguns dias, eu quero que saiba disso. Peço desculpas por não ser um bom pai, por não mostrar a você como é ser um homem honrado, pela sua mãe. Me desculpe. Você nem consegue me olhar nos olhos e a culpa disso é minha.

Ele tem razão, eu não consigo, assim como não consigo chamá-lo de pai.

— Não se preocupe, de alguma forma eu aprendi, vendo os seus erros. — Soa ruim, eu sei, não era bem como eu queria dizer. — Olha, se me chamou aqui porque quer... perdão, eu te dou. Não sou bom nisso, é verdade, tanto que até hoje eu nunca consegui te perdoar. Mas agora, te vendo assim, percebo que não te perdoar, não faz mal a você e, sim, a mim mesmo. Não quero isso.

— Você é um bom garoto, um bom garoto...

Levanto-me, preciso sair daqui.

— Benjamin?

— Oi.

— A cirurgia, será no domingo, daqui a umas duas semanas, às 16h.

Não era só perdão, é seu jeito de pedir que eu retorne.

— Certo e boa sorte.

— Obrigado, filho, por tudo.

Confirmo e deixo seu quarto, voltando pelo mesmo corredor ao qual

vim, perdendo a passada e parando, sem conseguir ir adiante. Me agacho, encostando na parede, trazendo minhas mãos à cabeça, perdido, tentando lembrar se em algum momento, nossa família funcionou, se em algum momento fomos felizes.

E fomos, acredito que até os meus nove anos, fomos felizes. Foi quando as traições começaram, as brigas e a violência, certa vez até física. Ainda assim, se fizer um esforço, consigo me lembrar de alguns bons momentos na infância.

Em mais da metade da minha vida ele não foi um pai, mas em algum momento ele esteve lá.

Meu perdão eu dei, ou assim acredito, e foi de forma verdadeira, apesar de não esperar nada disso. Sendo sincero, após vê-lo não tenho certeza se ele irá sobreviver à cirurgia. O senhor naquele quarto não tem nada do homem que um dia meu pai foi.

Aprumo meu corpo, sentindo meus olhos lacrimalhem.

Não sou igual a ele, não quero ser, preciso e vou ser melhor. Meus passos pesam quando saio do corredor, encontrando uma Mônica ansiosa na recepção, batendo o pé e se mexendo sem conseguir se conter. E pensar que está assim por mim.

— Ben. Como foi? — Ela vem até mim e eu a abraço apertado, seu cheiro aliviando minha confusão.

— Foi... doeu. Foi isso, doeu. Eu não quero me aproximar, nunca quis, mas vê-lo assim... — Nego, confuso demais para falar. — Eu o perdoei, só isso. E, Mônica, obrigado, obrigado por estar aqui. — Seguro seu rosto entre minhas mãos, tendo seus olhos nos meus, selando nossos lábios.

— Estarei sempre aqui quando precisar, Benjamin. Sempre...

— Eu acho que... não, nada, só obrigado. Agora vamos, vamos *pra* casa, conversamos melhor na cama.



Mônica

21

A revanche

Estou aqui, sentada na cama do belo homem que dorme ao meu lado, com sua cachorra sentada do outro lado da cama, ao alcance da minha mão para ter um carinho. Como eu pude ter medo dessa coisinha? Afago sua cabeça enorme, voltando a olhar para Benjamin, que continua seu sono tranquilo.

Aquela conversa, que ele disse que teríamos ao estar em casa, não aconteceu realmente. Ele fugiu dela ao chegarmos. Viemos para sua casa, pedimos algo para comer e depois, ele se enterrou em mim com loucura e paixão, enquanto me olhava como se eu fosse o seu bote salva-vidas, sua fuga.

Eu jamais poderia supor que alguém como Ben, teria problemas com a família, com seu pai. Não poderia imaginar.

Seu jeito é sempre solto, sempre fala da irmã e da mãe com tanto carinho, que cogitar que tivesse problemas com o pai, nunca me passou pela cabeça. Se bem que, olhe para mim, meu relacionamento com meu pai é ótimo, já com minha mãe...

Nunca fomos tão próximas quanto eu gostaria. Talvez porque queria uma menininha perfeita, uma princesinha, uma extensão sua, e eu estava mais para uma moleca desenfreada. Isso sempre pesou em nosso relacionamento.

A única coisa que já a vi aprovar em mim foi meu noivado com Neto.

Mas no caso de Benjamim, tudo vai muito além de expectativas quebradas, é mágoa. O que vi ontem, vai além, de apenas dor e não sei como falar sobre isso com ele, não sei se devo.

Para começar, nem sei mais o que somos um para o outro, não tenho certeza do que estamos fazendo. A amizade colorida parece ter perdido o sentido, algo mudou, eu sinto. Olho-o, o rosto relaxado, totalmente sem defesas e, sendo sincera, não sei como me sentiria se amanhã, ele dissesse que acabou. Que cansou dessa nossa brincadeira.

Paraliso quando ele se mexe ao meu lado, tentando não o acordar. Seu braço me procurando na cama ao seu lado. Pouco a pouco seus olhos se abrem e focam em mim, sentada abraçando meus joelhos.

— Bom dia, morena. Acordou cedo...

Volto a me deitar ao seu lado, deixando que seu braço me puxe para mais próximo de si.

— Bom dia... Gamora queria brincar, me acordou com beijinhos. — Sorrio, e ela parece nos ouvir, pulando na cama à procura de seu dono.

— Às vezes ela tem dessas, desculpa.

— Tá louco? Foi meu melhor bom dia. — Beijo seus lábios, me deitando em seu peito, sentindo sua respiração compassada tocar minha pele. — Não dormiu muito bem essa noite, *né*? — Tento começar essa conversa e ele me olha, por tempo demais, sem nada a falar. — Se não quiser falar...

— Tudo bem, eu disse que conversaríamos.

— Mas não quer dizer que precise, *né*?

— Por que não? Estava lá comigo, o tempo todo, merece saber e não, eu não dormir bem.

— E por que não?

— Eu odiei aquele homem por muito tempo, Mônica. Odiei meu pai, sentindo uma mágoa que chegava a me machucar. Mas todo esse tempo,

odiei um homem saudável, forte, sem caráter ou escrúpulos, não o homem que eu vi ontem, deitado naquela maca, não era o mesmo homem que odiei por tanto tempo. Era o que restou dele.

— Ah, Ben.

— E agora não sei se faz sentindo continuar com toda essa mágoa, rancor. Eu disse que o perdoei e acho que realmente fiz isso, mas ele me disse o dia da cirurgia e senti que talvez, ele me queira lá.

— E você quer ir?

— Não, eu não quero.

Volto a me sentar, olhando em seus olhos e busco suas mãos.

— Eu sei que é difícil, eu entendo, procuro entender. Mas, Ben, e se ele entrar na sala de cirurgia e não sair... com vida? Vai conseguir lidar com isso, meu bem? Vai conseguir se olhar no espelho, sabendo que se enganou, que não perdoou, que não estava lá? E eu sei, sei que acha que não quer estar presente, e talvez não queira mesmo, mas Ben, ele pode não sair com vida daquela cirurgia, pelo o que o médico nos disse, ontem.

Suas mãos deixam as minhas, esfregando seu rosto com certa força, como para se livrar de pensamentos difíceis, se sentado ao meu lado, entrelaçando nossas mãos.

— Eu não perdoei, não é?

— Não, não perdoou. Você acha que sim, mas se tivesse feito, teria conseguido dormir à noite.

Ele não me olha, focando seus olhos em nossas mãos unidas parecendo viajar para longe. Queria poder dividir o que sente, ajudar de alguma forma.

— Quando era criança, jogávamos bola sempre aos finais de semana. Essa é uma das poucas coisas boas que me lembro de fazermos juntos. E, desde ontem, sempre que eu digo a mim mesmo, que não estarei lá, que não vou voltar àquele hospital, essas memórias voltam e não sei o que fazer.

— Esteja lá com ele, segure sua mão, o perdoe realmente, Benjamin, ou

tente. No fim, quando ele sair daquela cirurgia, você poderá decidir se o quer em sua vida ou não, porque sei que é um bom homem, Ben, tem um bom coração, eu sei. Você não vai se perdoar se algo acontecer e você não estiver lá.

Sua expressão é indecifrável.

— Obrigado, acho que era o que eu precisava ouvir.

— Hum, eu sei um jeito melhor de você me agradecer — provoco, montando em seu colo.

— Sabe, é?

— Uhum... sei sim e será bem prazeroso.

Eu não sei quanto tempo isso entre nós irá durar, não sei por quanto tempo teremos esse interesse mútuo, mas até lá, eu vou aproveitar o máximo que eu puder.



— Menina, onde *tu* estava? Te liguei umas quatro vezes.

Nem olhei para os lados ao entrar na agência, estou para lá de atrasada e André parece ter sentido minha falta, a julgar pela cara que me olha.

— Me atrasei, *né*? É que dei um pulo no hospital, Benjamin passou a noite com o pai dele, que foi operado ontem. Ele quis estar lá — descarrego, esbaforida, olhando o relógio e conseguindo respirar ao perceber que ainda tenho dez minutos, antes de a agência abrir e finjo não ver a cara de interesse que André me olha com minha última informação de onde estava.

— Hum... indo ao hospital ver o sogro, é? — Nego e agilizo meu tempo ao ligar o computador. Me atrasei além do comum hoje, acabei perdendo o metrô.

— Não, nada disso, nem cheguei a ver o pai dele. Fui ver Benjamin. Comida do hospital é ruim, fui levar um lanche *pra* ele.

— Nunca foi boa em mentir, Mon. — Sua risada é debochada em resposta e reviro meus olhos, com medo do que realmente sinto.

— *Tá, tá* bem, eu confesso, fui até lá dar um beijo nele, porque fiquei a noite toda virando na cama, sem conseguir dormir, porque ele não estava comigo. Satisfeito?

— Muito melhor. E me conta, como ele está? Digo, o pai e o filho, *né*?

Respiro fundo, feliz por ambos estarem bem, sabendo que um peso saiu dos ombros de Benjamin.

— O pai, segundo os médicos, está evoluindo bem no pós-operatório, inclusive já acordou. Já Benjamin, o relacionamento deles não mudou muito, mas Ben está tentando, ao menos está lá. Acho que está superando a mágoa, tentando realmente perdoar.

— E a mãe dele, como está com tudo isso? — pergunta, interessado, como um fofoqueiro de primeira.

— Está bem com tudo, aparentemente feliz até. Dona Célia não gostava da ideia de ver Benjamin com tanta raiva pelo pai. Então, estão indo bem.

E se estão se perguntando como sei disso, simples, ela foi em minha casa, no sábado. Isso mesmo. Abri minha porta e dei de cara com a senhora loira simpática, me convidando para almoçar com ela. Eu neguei em primeira mão, claro, mas fui muito bem persuadida por ela e acabei cedendo.

Acabei em uma mesa de jantar, de cara com Benjamin, Sophie e dona Célia, um belo arremedo de confusão. O pior? Foi uma surpresa para Benjamin também, ainda assim, após o susto, foi uma das tardes mais divertidas que já tive em meses. Tomei verdadeira paixão pela alegria daquela senhora, também por Sophie e entendi, o porquê de Benjamin sentir tanta devoção por ela.

Volto a mim quando recebo um pequeno tapa em minha perna, dando um pulinho na cadeira.

— Ah, sim, sim. Benjamin não queria, mas como ela mesma disse, ele não manda nela.

— Ah, que bonitinho isso, gente.

— O quê?

— Você, se envolvendo com ele, com a família, dando apoio... acho fofo. Mas cuidado, Mon, o que era amizade colorida pode virar namoro, hein?

— Não surta, não é para tanto. — E é sim, pois o que acaba de dizer, não sai da minha cabeça e, nos últimos dias, o que menos tenho feito é proteger meu coração. — E conta logo, Dé, por que essa pressa para que eu chegasse, essa cara de medo? — mudo de assunto, porque não quero mentir dizendo que não quero isso.

— Primeiro, que não tô sendo bem comido igual a você, nem indo visitar o sogrinho no hospital, *pra* chegar numa segunda-feira com essa cara de *puta* satisfeita. — Rio, isso eu não posso negar. — Segundo, o superintendente, ao contrário do que pensávamos, não veio só fazer uma visita de cortesia na quinta-feira. Ele ainda está aqui e acho que denunciaram o Rômulo por alguma coisa, viu?! O negócio aí *tá* pegando fogo. — Sua cara é a melhor, desentendido e venenoso.

— Como assim, mas pelo o quê? — E meus olhos estão quase para pular das órbitas.

— Aparentemente fraude em alguns processos para aprovação de empréstimos. Levando uma propina por fora, direto com o cliente.

Paro o que estou fazendo, me sentando na cadeira, bestificada. Como ele pôde ter feito isso?

— Falaram em processo e sabe o carinha que veio sabe-se lá de onde ocupar a vaga de Eliseu? Então, estava enfiado nessa até o talo, também foi afastado.

— Gente, mas como, como... — Nem consigo gesticular a pergunta.

— Menina, por isso ele não te queria no cargo, *viada*. Sorte a tua não ter pegado a vaga, vai que entrava no bolo de gaiata.

Por essa eu não esperava, que ele não prestava como gestor, eu já sabia,

mas aí à fraude?

— *Putá que pariu.* E ele, *tá* aí, o Rômulo?

— Aí é que *tá*, ele veio cedo buscar algumas coisas e saiu sem dizer nada a ninguém, o outro não veio foi de jeito nenhum e Marcelo *tá* aí. Mas minha pressa, é porque ele chegou e pediu para falar com você.

— Comigo? — Paraliso, nem sei bem o que dizer. — Será que meu nome rolou no meio disso?

— Eu não sei, mas acho que não, o que uma caixa pode ter a ver com isso?

Sinto um arrepio subir por minha espinha e um frio se instalar em meu estômago, puro medo. Não posso perder esse emprego, não posso sujar meu currículo. Que merda, o que o superintendente pode querer comigo?

— Para com essa cara e vai logo lá. Não deve ser nada, deixa de ser boba. Vai que ele quer falar com todo mundo e querem começar por você. Relaxa e vai logo, *tô* curioso.

E mesmo me sentindo apreensiva, com medo até, sorrio de sua pressa.

— *Tá*, segura as pontas aí que já volto.

— Pode deixar e boa sorte.

Quase duas semanas que tudo estava para lá de bem, mas claro, não dava para durar para sempre, não é?

Com as pernas bambas e, após sussurrar um “obrigada”, me levanto e vou em direção à sala da gerência, que agora está aparentemente a cargo de Marcelo, nosso superintendente.

Saber que Rômulo não prestava como pessoa, isso é claro que eu sabia, ele demonstrava isso todo dia com a equipe, agora fraude? Isso ultrapassa qualquer achismo sobre seu caráter, ele pode ser preso.

Inflo bem os meus pulmões e dou uma pequena batida na porta entreaberta e ao ouvir sua voz, entro em sua sala, mal conseguindo me manter em pé sobre o salto alto. As pernas moles, meu coração a querer saltar do

peito o ar chega a faltar.

— Com licença. Mandou me chamar?

E o senhor na casa dos cinquenta anos se levanta, bem apresentado em seu paletó azul-marinho, com cara de poucos amigos. Claro que estaria assim, se essa merda tomar proporções grandes o suficiente, até mesmo ele, pode rodar.

— Claro, quero conversar com você. Sente-se, por favor, tenho uma proposta a te fazer.



Este foi um dia que irá, definitivamente, entrar para minha história, nem acredito realmente que ele está sendo real.

Esta foi realmente uma segunda excelente. Após um final de semana muito bom, cheguei ao trabalho e recebi a proposta de assumir o cargo de gerente geral da agência, de forma provisória inicialmente, podendo se tornar permanente, caso me saia bem.

Acordei como caixa e estou finalizando o dia como gerente.

Eu podia esperar tudo, menos isso e mesmo que não seja permanente, isso vai dar um *up* no meu salário, ao menos, no próximo mês, o que vai ser ótimo e se as coisas estiverem enfim dando certo, eu posso, sim, ficar de forma permanente no cargo, e... Deus, obrigada!

Suspiro, sentada onde antes era a cadeira de Rômulo.

É, o cara cometeu fraude e não uma qualquer, e ao que tudo indica, isso vai feder muito ainda nos próximos meses. Eu sequer acredito em tudo que aconteceu hoje, para ser sincera.

Fico pensando que a qualquer momento eu irei acordar em minha cama, mal-humorada e tendo que enfrentar uma segunda estressante. Não que não tenha sido estressante, mas andou longe de ser como imaginei. Parece até

surreal.

Mas sabem a parte estranha? É que tudo o que eu quero agora é chegar em casa e correr para Benjamin, contar tudo o que aconteceu hoje, compartilhar com ele a grande novidade.

Sorrio, estando sozinha, me recostando na cadeira e dando um giro de 360 graus nela, comemorando, bem típico de falta de costume.

Dou uma olhada na sala, já passa do horário de ir. E como Benjamin disse que hoje não vai passar a noite no hospital, então, acho que o pego em casa, ou espero ansiosa ele chegar.

Sei que deveria ter mais prudência, mas ele se tornou alguém realmente especial, não é mais só sexo, por mais que eu não queira admitir, Benjamin ganhou um espaço bem grande em meu coração, como amigo e amante. Os últimos dias têm sido ótimos em sua companhia, em que acredito que também o ajudei de certa forma, lhe dando apoio.

Além do mais, jamais vou me esquecer do seu jeito inusitado de me dar flores, além de ter tornado a noite do meu aniversário mais que especial, mesmo que tenhamos finalizado no hospital.

O hospital. Aquele dia me mostrou um pouco do que Benjamin guarda embaixo da capa de um homem aparentemente inabalável. Ele me deu espaço para que eu entrasse, se abriu, me permitiu vê-lo mais humano, amigo, alguém que eu quero manter por perto. Ele é realmente um homem apaixonante.

Droga.

Sexo, é apenas sexo, Mônica Maria. É o que ando repetindo a mim mesma ao passar todas as últimas noites em sua cama.

Desligo o computador e pego minha bolsa, a mesma que ganhei há poucos dias, a qual amei.

Restamos apenas o segurança do turno da noite e eu e rapidamente deixo minha nova sala, hora de ir embora. Cumprimento-o ao passar pela porta e sair, já à noite, respiro fundo, me segurando para não me beliscar.

Ainda parece mentira.

— Maria! — Assusto-me ao ouvir essa voz, me virando no automático. Dou de cara com o homem ao qual jamais imaginei ver aqui, me olhando com... entusiasmo.

— Neto! — Seu nome não passa de um sussurro em meus lábios. Perco qualquer coerência, a euforia pelo dia de hoje ficando em segundo plano.

— Oi, tudo bem? — Sua naturalidade é algo invejável e minha voz simplesmente não sai. — Demorou a sair, estava há algumas horas te esperando.

Nesse momento pareço recuperar minha voz, junto à revolta por vê-lo aqui.

— Não sei se escutei bem. Você está me esperando para que exatamente?

Ele sorri, e bem aqui, está o homem que me deixou há mais de um ano e meio. Tenho a impressão de que Neto deve ter caído e batido a cabeça em algum lugar, esquecendo os últimos meses. Não vejo outra explicação para que ele esteja aqui, em minha frente.

— Tentei te ligar nas últimas semanas, mais de uma vez, também mandei mensagem, mas acho que você me bloqueou.

— Esperava algo diferente disso?

— Não, não esperava, tenho pensado muito nisso, por isso estou aqui. Será que podemos conversar? Posso te levar até sua casa, se quiser.

Eu não posso acreditar na sua cara de pau.

— Você está maluco, João Neto? Você nem deveria estar aqui e acha que vou entrar em um carro com você?

— Mônica. — Ele tenta se aproximar e dou um passo para trás, tomando uma distância novamente segura. O que esse infeliz quer aqui?

— Vai embora, Neto. Não quero falar com você, não, na verdade, não tenho nada a falar com você. Só vai embora.

— Mas eu tenho, só me escuta. Preciso mesmo conversar, pedir... desculpas. — Ele nem sequer consegue me olhar e quer pedir desculpas?

— Perdão? Você está de brincadeira comigo? Surtou? Pedimos desculpas quando esbarramos em alguém na rua, quando derramamos água em alguém, quando pisamos no pé de um estranho, mas não quando deixamos uma pessoa no altar, às portas do casamento — cuspo as palavras e ele nega.

— Eu estava confuso, só precisava de tempo, Mônica. Vem comigo, vamos conversar em um lugar mais reservado?

Essa hipótese nem passa por minha cabeça, mas me faz lembrar que estou no meio do estacionamento do banco, a vistas de todos. Ainda assim, não preciso ir para um lugar reservado, só me livrar dele.

— Tempo? Eu te dei sete anos da minha vida, queria mais tempo que isso? Você não existe.

— Eu estou aqui agora, para você!

— E acha que adianta de algo? O que esperava, Neto? Achou que eu estaria chorando as pitangas até agora, morrendo de amores por você? Só pode estar maluco. — Sinto lágrimas em meus olhos com sua hipocrisia, mas me nego a derramá-las.

— Eu só pedi um tempo, só isso. Não queria que se mudasse para outra cidade ou que arrumasse emprego em outro lugar, só queria um tempo. Começamos a namorar jovens, Maria, e eu não sabia se realmente estava pronto para me casar, mas agora eu sei, eu te quero.

— Decidiu isso quando? Depois de pegar meia cidade? Me poupe.

Não quero sequer ouvi-lo, lhe dando as costas, mas não vou longe quando sua mão segura meu braço. Sinto nojo com seu toque, tanto que me debato, até me livrar de sua mão imunda.

— Maria, sei que está magoada, mas...

— Magoada? Magoada? — praticamente grito, sorrindo ao mesmo tempo, um riso que em nada traz algo bom. — Pelo amor de Deus, Neto.

Magoada eu estive antes, quando me deixou, hoje não, hoje eu só sinto pena. Pena de mim, no caso, por ter perdido tanto tempo amando alguém que não me merecia, que não se importava. Não é mágoa, por você só sinto... nada, você deixou de existir para mim. De você só restaram cicatrizes.

— Eu não acredito nisso, está tentando me punir. Sua mãe me disse que ainda me ama.

Sinto-me traída, sempre soube do seu desejo de que voltássemos, mas isso já é demais. Sinto um vazio que não posso narrar, sabendo que ela se importa mais com *status* do que com minha felicidade. Não sei como ainda me assusto com suas atitudes.

— Minha mãe disse o quê? Eu não acredito nisso.

— Sua mãe torce por nós, sabia?

— Foi ela que te deu esse endereço? — E ele nem precisa responder.
— Achou mesmo que eu ia continuar te amando depois de tudo?

— Foram sete anos, sete anos não se apagam de um dia para o outro.

— Não, não se apagam, mas não foi de um dia para o outro. E você tratou de matar o amor que um dia eu senti por você. Foi isso o que você fez naquele dia.

— Eu não acredito em você.

— Não me importa, nada que vem de você importa. Faça um favor a nós dois e vá embora.

— Não, não sem antes conversamos como eu quero. Sei que se me ouvir...

— Morena! — A palavra, dita em uma voz grave, preocupada, reverbera o ambiente e chego a fechar meus olhos, aliviada até, reconhecendo o dono dessa voz. — Está tudo bem? Vim te buscar.

Luto para controlar o bolo que se forma em minha garganta, me virando para vê-lo, alívio tomando cada célula do meu corpo, notando que a pergunta foi feita para mim, mas seus olhos estão em Neto.

Sorrio, agradecida.

— Sim, agora está tudo bem.

— Então, vamos?

E, por uma segunda vez, uma mão em meu braço me impede de ir adiante com Benjamin.

— Aonde pensa que vai? E quem é esse cara, Maria?

Isso é ciúme? E não tenho tempo de responder, pois Benjamin corta nossa distância em dois passos, a mão grande me segurando pela cintura, como se quisesse me proteger com isso.

— Fala de mim? Sou o cara que vai quebrar a tua cara, se continuar apertando o braço dela desse jeito. É melhor soltá-la. — É um aviso claro, que Neto não paga para ver, ambos se encarando.

Levo minhas mãos ao peito de Benjamin, pedindo sua atenção, tentando ainda acalmar meu coração que saiu a galope desde que o viu aqui. Meu passado e presente frente a frente.

— Você tem outro, é isso?

— Para ter outro, eu precisaria ter mais alguém e esse não é o caso. Volte para casa, Neto, já é tarde demais para me demonstrar amor. Seu tempo foi há um ano e meio, quando estava disposta a me casar com você. Sonhei com aquele dia, eu o queria tanto e você simplesmente jogou fora. — E não seguro uma lágrima ao jogar cada palavra em sua cara, palavras que guardei todo esse tempo. — Eu te amava, te amava tanto, que achei que meu coração sangraria naquele dia, no nosso dia. Você destruiu esse amor, você minou qualquer sentimento que eu poderia sentir e me causou feridas. Feridas que eu não sei se um dia me livrarei delas. Acha que pode vir aqui agora e me pedir desculpas e tudo ficará bem? — Sorrio, mas é puro sarcasmo, me sentindo amparada pelo homem ao meu lado, sua mão apertando minha cintura. — Não ficará, porque você me machucou como nunca, ninguém fez.

— Vem, Mônica, vamos *pra* casa — ele me chama, seus lábios tocando de leve minha orelha.

— Eu nunca quis te machucar assim, me deixa consertar?

Nem ao menos consigo responder a isso, enquanto Benjamin tenta me soltar, querendo ir para cima de Neto, que dar um passo atrás. Meu coração acelera, meu corpo reage por instinto e sou mais rápida ao impedi-lo, minhas mãos em seu peito, e tudo o que me resta, após jogar tudo isso em sua cara, é leveza e agora só quero terminar logo com isso, lavar minha alma.

— Não vale a pena, Benjamin — peço a ele, que me olha insatisfeito, com o maxilar cerrado, tentando se controlar. Volto a olhar para o homem que não reconheço mais. — Não tem mais conserto. Hoje tenho até mesmo traumas por sua causa. Hoje, eu duvido das pessoas, não consigo mais confiar como antes, duvidando se posso voltar a amar, a me relacionar. E tenho medo, medo de não conseguir, de ainda estar tão remendada, ao ponto de não mais acreditar. Eu te amei, mas acabou, eu me curei. Sei que as cicatrizes não vão embora, sei disso — solução —, mas eu vou tentar, vou sim, porque em todo esse tempo, eu trabalhei para isso, para seguir em frente e hoje eu sei, você não me quebrou por completo, eu voltei a sentir novamente.

— Maria...

— Espera, eu não terminei. Foi difícil, mas eu consegui, sabe? Eu me reergui e sou alguém melhor, muito melhor sem você. Adeus, Neto, e eu espero, do fundo do meu coração, que você seja feliz.

Agora sim, eu terminei e dou-lhe as costas, agora sem ser impedida, aceitando a mão grande que me é estendida, com um sorriso gentil a tentar me garantir que vai ficar tudo bem, um sorriso pelo qual eu me apaixonei.

Deixo Neto para trás, sentindo em meu coração alívio, alívio por encerrar um ciclo da minha vida, por saber que eu precisava dessa conversa para seguir adiante. Eu só sinto... liberdade.

Não olho para trás, não preciso mais.

— Cadê sua moto? — pergunto, fungando e tentando controlar o choro que quer irromper, um choro de alegria.

— Não vim de moto, resolvi tirar o carro da garagem hoje, nunca uso, mas senti vontade de dirigir.

— Você tem carro? — pergunto, surpresa.

— Tenho, e está logo ali.

Sorrio, olhos ainda molhados enquanto, de forma gentil, Benjamin abre a porta do carro para que eu entre e seu carro não é nada menos que um Impala.

— Você é uma caixinha de surpresas, sabia?

— Vem, vou te levar a um lugar.



Mônica

22

Como começar a falar?

Seguimos calados, para onde quer que ele esteja me levando e por bons minutos me sinto perdida no limbo, enquanto vamos deixando ruas para trás, os vidros do carro abertos, enquanto o vento bate em meu rosto.

Fecho meus olhos, sendo tomada por paz, calma e liberdade, sentimento que não achei que sentiria, após ver Neto. Caso me perguntassem, se em algum momento nesse último ano eu imaginei a cena que aconteceu há pouco, com Neto, eu diria sim, já imaginei várias e várias vezes, tantas que não seria capaz de contar.

Em principal nos primeiros dias, em que a ficha não tinha caído e a dor era insuportável.

Sete anos com alguém e depois, sem nenhum aviso, sem nenhuma pista, essa pessoa te dizer adeus, deixa um vazio sem precedentes, algo que em um primeiro momento, achamos que não dar para superar. Foi assim que me senti. Em um dia eu estava noiva, imaginando que um novo ciclo começaria e no outro, eu não tinha nada. Então vem a confusão, as perguntas sem respostas e você tem uma certeza, a de que nunca conheceu a pessoa que estava ao seu lado todo aquele tempo.

Foi umas das situações mais difíceis que já me vi passar, então sim, nesses momentos eu o imaginei voltando, me pedindo perdão, dizendo que estava arrependido e que me queria de volta, só a mim. Pior que na época, eu o perdoaria, eu só queria tapar aquele buraco, sarar aquela dor.

E pensar que hoje, só de pensar nisso sinto asco de mim mesma, da minha fraqueza ao me agarrar a esse tipo de esperança.

Com o tempo você se levanta, o choro fica mais ameno, a dor se esvaindo e enfim, conseguimos, pouco a pouco, nos reerguer. Mas agora, o gosto é bom, é leve, livre e me sinto realmente completa. Encerrei de vez o assunto Neto e estou muito bem com isso.

Meses antes, após um encontro como esse, eu teria ido para casa, me enterrado em minha cama e chorado. Hoje choro, mas são lágrimas de alívio, ao sentir ter mais um ciclo quebrado, encerrando de vez o passado.

O que me incomoda é apenas minha mãe. Eu deveria saber que sua ligação ontem, sem acusações, cobranças, nada, era um prenúncio de algo muito errado e aqui está. Me pergunto quando ela me deixará viver minha vida, quando irá entender que minhas escolhas, em nada irá interferir nas suas, que não sou um brinquedo para lhe trazer *status*.

É isso o que ela quer, sempre quis e em sua cabeça de vento, não há forma melhor de conseguir isso, se não, me casar com alguém que detém parte de uma cidade como patrimônio. Só que para mim, isso pouco me importa.

Estou feliz agora, como estou. Cheia de dívidas, mas feliz.

Sinto o carro ir parando aos poucos e abro meus olhos, procurando me localizar, buscando Benjamin ao meu lado, que se manteve calado por todo o caminho desde que saímos.

— Onde estamos, Benjamin?

— Comunidade Santa Marta. Venho aqui sempre que preciso pensar.
— Ele não espera mais nada, saindo do carro em seguida.

Não o sigo de imediato, apenas o observo por alguns segundos, parado

em frente ao carro, com braços cruzados, imponente, olhando o horizonte à sua frente. Me dou conta então da altura em que estamos, as luzes da cidade ao longe.

Curiosa, saio do carro, alcançando-o próximo ao morro que nos permite ver parte da cidade lá embaixo. É perfeito.

— Meu Deus, é lindo...

— Sim, é lindo como você. Queria te mostrar este lugar há alguns dias, este é meu refúgio particular, achei que seria bom te trazer aqui hoje. — Ele me olha, mas não me toca, não ainda, e isso me incomoda, tanto que sou eu a me aproximar, querendo qualquer contato que seja. Pois sei que seu silêncio é pela cena que presenciou e não sei como começar a falar.

— Ficou calado por todo o caminho. — Quebro o silêncio, querendo ouvir qualquer coisa que seja, pois acho que não estamos bem.

Suas mãos me trazem para perto, me colocando à sua frente, seus braços circulando minha cintura, seu rosto afundando em meu pescoço, me permitindo sentir sua respiração em minha orelha e, só então, solto a respiração que estava prendendo.

— É, eu sei...

O silêncio volta a reinar e eu recosto a cabeça em seu ombro. Entendo seu silêncio, a situação há pouco não era nada comum.

— Me diz, Mônica, você está bem? — pergunta, talvez por me ver chorar, agora livremente e eu me viro para ele.

— Estou sim. Estou me sentindo... livre. — Emocionada, minha voz chega a tremer ao dizer isso e engulo em seco. — Eu estou livre, Ben. Não que eu não estivesse antes, mas... era como se eu ainda carregasse um peso em minhas costas, como se estivesse presa ainda àquele dia. Parecia... enfim, agora acabou.

Ele sorri, bonito, mas seus olhos não refletem alegria e me preocupo se isso se deve realmente ao que presenciou há pouco ou se tem algo a ver com seu pai.

— Seu pai, ele está bem?

— Sim, está sim, não se preocupe. Mas é que... — Se cala, parecendo procurar palavras. — Mônica, eu... quero agradecer o apoio que me deu todos esses dias com meu pai, você foi... incrível.

Afrouxo meus braços ao redor do seu pescoço, me afastando um pouco, sem saber o que esperar do que vem a seguir.

— Não precisa agradecer, Ben.

— Preciso, sim, e sobre o que você disse, lá atrás, de não ser capaz de se envolver, eu entendo. Se caso não quiser continuar, caso sintasse...

Busco o que falei lá atrás, me perguntando se ele realmente ouviu mesmo.

— Benjamin... não entendeu nada, não é?



Benjamin

Sim, eu entendi, tive a exata dimensão de como essa mulher foi machucada pelo *filho da puta* do seu ex, de como ele brincou com ela, tendo a coragem de ainda aparecer aqui, depois de tanto tempo, lhe pedindo perdão. E eu quis socá-lo, quis afundar aquele nariz e lhe ensinar como tratar uma mulher, ao menos lhe dar respeito.

Odiei o que vi, sua mão nojentas em cima da minha mulher, implorando algo que com certeza, ela não lhe deve. Foi um teste para a minha sanidade.

Fui buscá-la hoje porque tinha planos para esta noite e ela estava demorando a chegar, imaginei que pudesse ter acontecido algo e por isso fui

até a agência, pois precisava muito lhe dizer o que sinto ou iria acabar explodindo.

Mas depois do que presenciei, temo que suas feridas ainda estejam abertas, de que não esteja pronta e não quero estragar o que temos. Afinal, na noite em que me contou ter sido noiva e ter sido deixada, não demonstrou o quanto isso a feriu, mas há pouco...

Cancelei qualquer plano ao ver seu estado quando saímos do estacionamento, como chorou no carro, e acabei vindo para cá. Conheço bem o lugar, venho sempre aqui quando preciso me acalmar, pensar, achei que o lugar poderia ajudá-la.

— Eu entendi, Mônica. Entendi que não está pronta.

— Pronta? Benjamin, eu acho mesmo que você não me entendeu.

— Mônica, eu vou ser direto com você. Eu estou me envolvendo e quero muito me envolver ainda mais, mas se você acha que é cedo, que não dá, que não consegue, não agora... — Não prossigo, seu sorriso grandioso me cala e seu beijo me impede de continuar por poucos segundos.

— Só me deixa falar. *Tá legal?* — pede, não, ordena. Adoro esse seu temperamento. — A verdade é que você não entendeu nada do que eu disse. Hoje eu fui promovida, sabe? — Não entendo a mudança de assunto, mas fico surpreso pelo o que diz, feliz por ela, sei que era o que queria. — Aconteceu o que eu menos esperava e ao menos provisoriamente, serei a gerente geral da agência, podendo ser permanente, se tudo correr bem. Acredita? — Sua pergunta é retórica, ela não me deixa responder. Seu sorriso se acende e me faz sentir algo que até então, só senti por Sophie: orgulho. — Mas o importante nem é isso, Ben.

— Não? — Estou confuso e suas mãos delicadas tocam meu rosto, um carinho ao qual me acostumei a ter e não quero, não posso abrir mão.

— Não, porque percebi que em todo o tempo, tudo o que eu quis foi correr e ir contar tudo para você, comemorar a novidade em seus braços. Isso me causou medo, porque depois disso, eu não podia mais mentir para mim mesma que não estava me apaixonando por você. E eu sei, Ben, sei que no

início, fui eu a sugerir a coisa da amizade colorida, mas...

— Eu não quero — corto-a, sem conseguir mais esperar. — Gosto da cor que você trouxe *pra* minha vida, gosto de como consegue me influenciar, sem nenhum esforço, a fazer loucuras como aparecer pelado em sua porta com um ramo de flor em frente ao meu pau, gosto disso tudo, mas quero mais.

— Quer?

— Quero. Quero você, Mônica. Não sei no que vai dar, não sei nem se você quer o mesmo que eu, mas quero um namoro colorido com você. Quero tentar, quero que seja minha primeira namorada — jogo de uma vez, imaginando o que pode vir pela frente, ao seu lado.

Ela sorri, tão bonita que me pergunto como pude viver sem seu sorriso, até então, a quero como nunca quis nenhuma outra. Descobri isso ainda naquele dia, no hospital, quando voltei do quarto do meu pai e seu abraço me trouxe uma calma que não sei explicar, fazendo com que eu me sentisse capaz de enfrentar o mundo. Mônica foi capaz de me fazer amá-la em tão pouco tempo, que me fez duvidar dos meus sentimentos.

— Estou apaixonado por você, Mônica. Me deixa te fazer feliz, te ajudar a voar. Seja livre, continue exatamente assim, mas faça isso ao meu lado.

— Foi você quem me fez sentir de novo, Benjamin, você trouxe cor ao meu coração. E eu aceito ser sua namorada colorida. Não sei se dará certo, mas quero muito saber, e quero com você.

Sorrio, era tudo o que eu precisava ouvir.



Benjamin

23

A resolução

— Hum, tirou o carro do vovô da garagem. Deve ser algo importante.

Olho para ela de relance, sentada de forma despreocupada no banco do carona, como uma criança pirracenta porque me neguei a dizer para onde iríamos. Ela não se conformou quando lhe disse que era uma surpresa. Desde então, não para quieta.

— Nada de mais, de vez em quando preciso esquentar o motor.

— Sei, e não vai mesmo me contar para onde vamos?

— Não, já disse que é surpresa. Deixa de ser curiosa.

Espero aquele biquinho, que ela sempre faz quando é contrariada e ela não me decepçiona. Sorrio.

Meses de namoro e tenho a constatação de que ela me pegou mesmo pelas bolas. O que me assusta é que a cada dia gosto mais disso, mais dela. Mônica me ensinou a amá-la. Foi de forma sorrateira, com pequenos gestos, pequenas palavras e quando dei por mim, eu não podia e não quero fugir.

A surpresa de hoje é prova viva disso.

Estou há dias preparando isso, procurando, cotando, vendo e revendo e

depois de um mês, acho que encontrei o que estava procurando e estou ansioso para mostrar a ela.

— Vem cá, e se eu fizer greve de sexo, você me conta?

Gargalho, ela não tem jeito.

— Não vai querer fazer greve de sexo depois de ver o que preparei.

— Convencido. Se estiver me levando para um motel...

— Não é um motel.

— Não?

— Não e é só o que vou dizer. — Mônica até faz um esforço, mas não consegue ficar brava. — Relaxa, já estamos chegando.

— Hum, já estamos chegando, é? — pergunta, olhando a rua, tentando achar uma pista. Nunca conheci alguém mais curiosa.

— Já, Mônica, já estamos chegando. — Toco sua perna, mas ela não me dá moral, olhando a rua ao seu lado.

Os dias ao seu lado conseguem ser diferentes sempre, com Mônica, nada, nunca é a mesma coisa. Tenho uma mulher maravilhosa ao meu lado e com sua ajuda, consegui conhecer realmente o sentido da palavra perdão, de ter o coração livre de qualquer rancor e parte disso, devo a ela.

Meses atrás, quando meu pai estava doente eu tomei uma decisão. Decidir ficar e apoiar o homem que meteu o pé e abandonou nossa família, anos atrás, decidi estar presente para saber o que seria dele, se conseguiria passar por uma doença como aquela.

Não, não é como se eu tivesse esquecido o passado, longe disso. Não nos tornamos melhores amigos da noite para o dia, tampouco pai e filho, mas consegui ver que de nada adiantou carregar todo esse ódio por tanto tempo. Não fiz mal a ninguém ao cultivar esse sentimento, se não a mim mesmo e isso, era algo que eu não queria mais sentir.

Fiquei ali ao seu lado, cheguei a segurar sua mão em certos momentos e no final, eu estava lá quando ele não resistiu e partiu. Sua primeira cirurgia

foi um sucesso, achei que ele daria a volta por cima, porém, a doença já tinha se espalhado pelo fígado, pulmão, pâncreas e ele já não podia lutar.

Sua dor foi ao menos amenizada e, no final, quando me pediu perdão novamente, pude lhe dar um adeus verdadeiro, um perdão sincero e Mônica esteve lá esse tempo todo, ao lado, me apoiando.

Afasto os pensamentos e estaciono o carro ao lado da calçada, bem em frente ao portão preto. Volto meus olhos para Mônica, não quero perder nenhuma expressão do seu rosto enquanto olha a rua de forma curiosa, confusa, até.

— O que estamos fazendo aqui? É aquela rua atrás da academia, não é?

— Sim, é sim. Vamos?

Assisto com diversão ela sair do carro e parar na calçada, me olhando como se eu tivesse duas cabeças ao me ver abrindo o portão pequeno.

— Deu para invadir propriedades agora?

— Não é invasão se eu tiver a chave, é?

— Mas o que... Benjamin, de quem é esta casa?

— Anda, curiosa, confia em e entra. Pertence a um conhecido. — O que não é mentira e a contragosto, a cara amarrada obedece, parando ao dar de cara com a bela casa que se avoluma bem à sua frente.

— Nossa... parece até casa de boneca.

— Não é?

E realmente, parece mesmo. Aparentemente quem a construiu quis trazer um pouco do conceito americano para a estrutura e assim saiu uma casinha de boneca. Não exagerada em tamanho, mas perfeita em detalhes, de tom azul e janelas brancas, com uma pequena garagem lateral e telhado arqueado.

— Sim, é perfeita.

— Precisa ver lá dentro.

— Nós vamos entrar?

— Claro que vamos, viemos para isso.

Seguro sua mão, guiando-a até a porta de entrada, que já está destrancada e seus olhos se ampliam ao ver a sala em conceito aberto, com uma cozinha pronta, em móveis planejados na cor marfim.

— Meu Deus, olha essa cozinha, Benjamin. Um sonho...

— Achei bem versátil e a sala tem um bom tamanho, não é? Uma mesa de jantar aqui, por exemplo, focaria ótima.

— Sim, claro, é perfeita.

— E ali, tem um banheiro e atrás, é a área de serviço. Quer ver?

— Claro que sim. — Seu sorriso é quase igual ao de uma criança, me pergunto se imagina por que a trouxe aqui.

Não nos demoramos em ver o banheiro, lavabo e a área de serviço, nenhum dos três deixando a desejar.

Agora com a mão em sua cintura, vou até o primeiro quarto, lhe dando passagem. O cômodo tem o tamanho médio, nem muito grande nem pequeno, ideal para quem sabe, crianças?

— O outro, ao lado é igual, também mesmo tamanho

— Não acredito que uma casa deste tamanho não tenha suíte.

— Tem sim, é que deixei o melhor por último, por aqui.

Quando vim aqui, semana passada, sozinho, a parte que mais gostei foi a suíte, pois fica na parte de cima, como um sobrado, que olhando a propriedade de frente, não dá para ver. É uma escada ao lado do lavabo, pequena em formato de caracol, que nos dá acesso a ele.

— Uau, no segundo andar, com direito a privacidade?

— Com toda certeza.

Ao chegarmos ao fim da escada, damos de cara com uma porta, a da

suíte. Faço um pequeno suspense ao abrir a porta, ganhando um tapa em meu ombro e deixando enfim que passe. Acendo a luz e posso ver que estar vidrada em cada detalhe do quarto, parece ter me deixado em segundo plano. Apenas a observo rodopiar pelo cômodo, correndo até o banheiro e depois, indo para o closet.

— Meu Deus, que perfeição — fala, ao sair do closet, me encontrando ainda próximo à porta. Algo me denuncia, pois seu sorriso se desfaz e sua expressão passa de feliz a confusa. — Benjamin, por que estamos aqui? Vai se mudar?

— Então, tem um tempo que eu penso em fazer isso, de preferência para uma casa onde Gamora tenha bastante espaço.

— Sei, então esta casa...

— É uma opção.

— Não pensou em me falar isso antes?

— Estou falando agora, não a comprei ainda, para isso dependo de você.

— De mim? — Uma risadinha sarcástica é o suficiente, estou me enrolando aqui.

— Sim, de você. — Me aproximo, mas ela não parece muito disposta a me tocar. — Sempre disse a mim mesmo de que um dia, minha cachorra seria o motivo pelo qual eu acabaria comprando uma casa, mas agora, não é só ela que me motiva, morena.

— Não? — Sua resistência cede, talvez entendendo aonde quero chegar e toco sua cintura com ambas as mãos, buscando seu olhar.

— Não, eu não precisaria de uma casa tão grande morando sozinho, não é? Agora, se a minha vizinha, a gostosa do 204 topasse morar comigo... me daria um motivo perfeito para fechar negócio e me mudar para esta casa.

— Ben, você está fazendo o que acho que está?

— Te chamando *pra* morar comigo? — Ela anui e começo a ficar

nervoso. — Claro que sim. Aceita?

Enxergo a dúvida em seu olhar, é fácil, ela é transparente e começo a imaginar que posso ter ido depressa demais.

— Benjamin, isso, isso, não é só assim, nós...

— Calma, morena, não é casamento, não ainda, veja como um convite. Não mudaria muita coisa, só o endereço, já que temos praticamente morado juntos nos últimos meses. Estamos sempre juntos quando dá, fora que, dormimos na mesma cama todas as noites, a única coisa que faríamos diferente, seria dar nomes aos bois.

— Espera, lá em cima, você disse: não ainda?

Sorrio, um dia irei levar essa mulher ao altar, só que antes, irei minar qualquer falta de confiança que seu relacionamento passado lhe deixou.

— Claro, um dia vou querer oficializar as coisas, certo?

— Meu Deus, Benjamin. — Ela se afasta, a mão na boca, olhando o quarto novamente.

— Só depende de você, diga sim e fecho o negócio. — Dou de ombros, com medo de ter me precipitado, colocado a carroça na frente dos bois.

Ela me olha e não consigo saber o que pensa, já não tão transparente como estava há minutos antes, até que, um sorriso imenso toma conta de seus lábios.

— Eu iria amar dividir esta casa com você, eu amo você, sabia?

Isso era tudo o que eu precisava ouvir.



Mônica

Um conto de fadas, ou quase isso, é como venho me sentindo, bem estilo gata borralheira.

Meu mantra realmente funcionou, as coisas estão mesmo dando certo, tanto na vida pessoal quanto na profissional e em nada posso reclamar. Continuo como gerente, agora de forma permanente, e já consegui quitar, praticamente, todas as minhas dívidas. Além do mais, realmente mantenho uma dieta saudável, regada a exercícios físicos, com a ajuda dele, é claro.

Obviamente que sorvete é permitido, mas apenas como recheio para seu pau.

E não vamos esquecer, também encontrei um novo amor, foi o que restou da tal amizade colorida. Nem acredito que estou mesmo indo morar com esse homem. Ainda parece mentira ou loucura, podem escolher. Sorrio, fechando a última caixa com utensílios da cozinha.

— Amor, o que é isso? — Levanto meu rosto e fico sem fôlego ao ver Benjamin com meu pequeno vibrador em mãos. — É o que eu tô pensando?

— Se está pensando em um vibrador, então sim, é. — Finjo não dar importância, mas sinto o meu rosto queimar, junto a tesão, apenas por vê-lo segurar o pequeno objeto.

Estamos em meu apartamento, arrumando minhas coisas, já começamos, inclusive, a levar algumas caixas para a casa nova. Na verdade, segundo o ranzinza ali, estamos atrasados em fazer isso, pois ele já entregou até seu apartamento, enquanto eu, protelei por quase um mês, ainda em dúvida se era o certo a se fazer, se não estávamos indo depressa demais.

— E pode me dizer o porquê de nunca termos usado *ele*? — pergunta, se aproximando com aquele olhar de lobo, que eu adoro.

Dou um passo atrás, porque se começarmos, não vamos querer parar.

— Nem vem, não é hora para isso, Benjamin.

— Nunca tem hora certa *pra* isso, Mônica, é quando der vontade e agora me deu muita vontade de usar isso em você.

Rio, nervosa, sem me conter até que, alguém bate à porta, nos obrigando a parar o que estávamos prestes a fazer. Salva pelo gongo, ou não...

— Estava esperando alguém? — pergunta, parecendo chateado ao ser interrompido.

— Não, e você?

— Também não. Talvez seja o carregador.

Vou até a porta, abrindo-a sem esperar uma segunda batida. Acreditem, me arrependo amargamente de não ter conferido pelo olho mágico quem estava batendo, ao dar de cara com minha mãe, impecável, me olhando de cima do seu pedestal.

— Mãe? — O que ela faz aqui?

Não, não, não, hoje não. Estava indo tão bem...

— Olá, Mônica Maria. Posso entrar?

Não respondo, simplesmente estou perplexa demais com sua presença para articular qualquer coisa. De qualquer forma, ela não precisa de permissão, pois antes mesmo que eu possa sair do meu estado de paralisia, minha mãe já está entrando em meu apartamento.

— Acho que é isso o que uma mãe tem que fazer para ver a filha, não é? — pergunta, seu olhar vagando pelas caixas espalhadas no chão, parando em Benjamin, sem camisa, encostado no balcão. — E quem é esse? — E em cima do seu salto quinze, ela destoa em meio ao apartamento bagunçado, olhando Benjamin como se ele fosse um mosquitinho, seu desgosto estando

estampado em seu rosto. Eu deveria imaginar que seria assim, pois a essa altura, Neto já contou a ela sobre a visita que me fez e sobre Benjamin. — Ah, não precisa responder, só nos dê licença rapaz, preciso conversar com minha filha.

— Mãe... — Eu diria não, que ele não precisa sair, mas sendo sincera, não quero ele aqui, quando essa conversa começar. — Benjamin, pode...

— Claro, já estava indo pegar umas caixas vazias com Dialindo — fala, enquanto veste a camisa, parando ao passar por ela, lhe devolvendo o mesmo olhar que reservou a ele. — É um prazer, senhora, a propósito, sou Benjamin, namorado da sua filha e, por favor, fique à vontade. — Ele nunca a viu antes, mas parece saber lidar com minha mãe. — Já volto, morena.

Apenas confirmo, ganhando um beijo leve, vendo-o sair. Eu fugi muito dessa conversa, tanto que nem poderia contar, mas parece não ter adiantado muito.

— Olha o que faz comigo. Tive que viajar por três horas para poder falar com você e ainda te encontro nesse estado lamentável. O que que está fazendo com você, Mônica?

— Nada de mais, apenas me mudando, mãe.

— E vai para onde, outra cidade?

— Claro que não, consegui há poucos meses a gerência geral da minha agência, nem passa por minha cabeça me mudar de cidade tão cedo, estou só mudando de apartamento.

— Com aquilo?

— Não, porque ele não é aquilo, mãe. Ele tem nome e é Benjamin. É bom ir se acostumando, porque sim, eu vou morar com ele. Ah, e, mãe, eu estou bem, obrigada por perguntar. — E não nego, gosto da sua cara de surpresa ao saber das novidades.

— Está brincando comigo?

— Não. Por que estaria?

— Você é minha...

— Sim, sua decepção, eu sei, eu sei e sinceramente? Não me importa mais, mãe. Troca o disco e vamos direto ao assunto, o que veio fazer aqui?

— Colocar juízo na sua cabeça, pelo visto. Morar com esse homem? Assim, sem casar? Há quando tempo estão juntos? Quem realmente ele é?

— Fazem muito isso no século 21, mãe, é bom se acostumar — falo e continuo arrumando minhas coisas, agora guardando os porta-retratos sobre o aparador, sem deixar que o que diz, tenha efeito sobre mim. — Olha, mãe, eu não quero discutir com a senhora, *tá* legal? Agradeço sua visita, mas não estou interessada em sermões, já está na hora de me aceitar como sou. Se não pode fazer isso, me amar sem tantas expectativas, acho melhor a senhora ir.

— Está me expulsando?

— Não, não estou, mas cansei. Em todos esses anos que a ouvi, foi sempre a mesma coisa. Eu quero uma coisa, a senhora não concorda, briga, diz o quanto sou decepcionante, faz com que me sinta mal comigo mesma, com minhas escolhas e eu acabo cedendo e fazendo exatamente o que quer.

— Porque sei o que é melhor *pra* você.

— Não, não sabe e essas suas artimanhas não vão funcionar. Eu realmente sinto que cresci, mãe, cortei as teias que me ligavam à senhora, deixei de me importar. Então isso — gesticulo entre nós duas — não vai rolar.

— O que quer dizer?

— Que estou cortando o cordão umbilical. Apenas isso. Chega, está na hora de a senhora entender que não pode viver a minha vida, fazer minhas escolhas por mim, que não nasci para suprir suas expectativas. Se quiser ficar, conversar como pessoas normais, ótimo, ficarei feliz em lhe contar tudo o que vem acontecendo nos últimos meses, em construir com a senhora uma nova relação, mas se quer brigar, fazer drama e tentar me arrastar de volta para sua cidade, esquece. Não vai rolar. Estou feliz aqui, muito feliz, para ser sincera.

Talvez eu esteja sendo dura, eu sei... Não, eu não estou, está na hora de realmente crescer.

— Isso é injusto, Mônica. Eu só quero o seu bem, sou sua mãe.

— Em partes, sim, mas também, essa é a desculpa que a senhora dá a si mesma, de que quer o meu bem, mas o que a senhora realmente quer, é se realizar em cima de mim, quer que eu realize os seus sonhos. Fique orgulhosa, mamãe, sou agora gerente geral de um nível quatro agora, voltei para a faculdade, que estou quase terminando agora e, encontrei o amor. Isso deveria lhe bastar.

— Amor, só amor não basta.

Sorriso, me aproximando dela e tocando suas mãos.

— Mãe, sei que de alguma forma deturpada, acredita que realmente faz isso pelo meu bem, eu entendo e eu só queria que tentasse me entender também, me conhecer como realmente sou. O cara que saiu daqui há pouco, ele se importa comigo, acho que até me ama e sabe quanto tempo demorou para que eu aceitasse esse sentimento? — Ela não responde, apenas me olha.
— Bastante, mas eu consegui, fique feliz por mim ao menos uma vez, mãe.

— Ah, Mônica.

— Sei que queria que eu estivesse morando no mesmo lugar, embaixo de suas asas, que eu tivesse voltado para Neto, mas não é o que quero, não é o que farei.

— Você é como seu pai, sempre se satisfaz com tão pouco.

— Não, mãe, a senhora que sempre quer demais. Se suas expectativas para os outros não fossem sempre tão altas, se decepcionaria menos e seria mais feliz. E sim, eu estou indo morar com Benjamin, porque o amo, e às vezes, só às vezes o amor basta.

Vejo-a engolir em seco, pela primeira vez sem saber o que dizer, seus olhos marejando conforme tenta controlar o que acho ser o choro.

— Ah, Mônica. — Mamãe me puxa para seu abraço, o primeiro depois de muito, muito tempo e me permito aproveitá-lo. — Eu só quero que seja

feliz e tenho certeza que do seu jeito...

— Shiu... mãe — interrompo-a. — Não precisa achar, só torça por mim e esteja lá, caso eu quebre a cara, sem julgamentos, apenas com um abraço quente.

— Isso é tão difícil para uma mãe, sabia?

Não, eu não sei, mas não deveria ser. Os pais podem ir até certo ponto, mas a partir dali, são os filhos que devem seguir adiante.

Sinto um perfume conhecido e nem mesmo preciso me virar para saber que ele está de volta.

— Interrompo?

Meus olhos estão lacrimejando e os limpo, antes de me virar para ele.

— Não, entra. Conseguiu as caixas?

— Algumas, sim — fala, seus olhos estando em minha mãe, parecendo querer entender o que está acontecendo. — A equipe para a mudança está lá embaixo, já chegaram.

— Que ótimo. — Bato palmas, fungando, tentando não chorar. — Se tivesse me ligado, mamãe, teria pedido para vir em um dia mais ameno, seria melhor.

— Tudo bem, vim com seu pai, ele viria de qualquer jeito, aproveitei a ocasião. — Isso porque há pouco veio só me ver. — Podemos jantar esta noite, o que acha? Voltaremos amanhã e seu pai quer muito te ver.

— Claro que sim, tinha planos de tentar arrumar tudo isso, mas as caixas podem esperar. — Fui eu que pedi uma trégua, não foi? Então, vamos tentar.

— Você também está convidado, rapaz, quer dizer, Benjamin.

— Obrigado, mas acabaria me autoconvidando de qualquer forma, estava mesmo curioso para conhecer os pais de Mônica. — Suas mãos serpenteiam minha cintura, me colando em seu peito, perto, muito perto.

— Claro que estava. Estamos combinados, então, vamos nos falando, Mônica.

— Por mim ótimo, mãe. Obrigada por vir.

— Até mais tarde.

Sua máscara está de novo em seu rosto, enquanto passa por nós em direção à porta, ativa, sem demonstrar que se deixou abalar, minutos antes. Nem eu consigo imaginar que vi lágrimas em seus olhos.

— E então, como foi? — E nessa hora eu só quero o seu abraço e me enterro em seu peito.

— Foi esclarecedor. Acho que ela finalmente entendeu.

— Sério? Isso é bom. Mas acho que ela não foi com minha cara.

— Ela não vai com a cara de ninguém, Ben, não é com você. Ao menos ela não te chamou mais de rapaz.

Rimos os dois, como bobos. Essa era uma conversa que eu deveria ter tido há muito tempo, mas acabei confundindo respeito com submissão. Quando sai às pressas da minha cidade, eu também fugia dela.

— Mas isso não importa, posso escolher quem amar.

— Hum... e quem seria esse sortudo?

— Ninguém demais, só o meu vizinho do 202. Cara gostoso...

— Sério?

— Uhum... uma delícia.

E seu sorriso vai morrendo aos poucos à medida que me olha de forma profunda, amorosa, cuidadosa.

— Eu te amo, sabia? Amo demais.

— Eu também, meu namorado colorido. — É exatamente aqui, em seus braços que eu quero estar.



Mônica

Epílogo

Agora vai

— Encolhe essa barriga aí, postura, que ele vai fechar.

Tento fazer o que diz, me sentindo pouco feliz neste momento, quando o vestido está parecendo apertado.

— *Tá* bom, só não pega o coró das minhas costas com o zíper.

Bella, gargalha, enquanto André está sentando em minha antiga cama, à nossa frente, tomando champanhe com muita classe.

— Gente do céu, um segundo casamento e tu não aprendeu que não pode se acabar no doce às vésperas do grande dia, criatura? Eu, hein.

— Não começa, eu estava ansiosa, *tá* legal. Ainda mais com todos os imprevistos que tivemos. É difícil organizar uma festa de última hora, sabia?

E é verdade, agora mesmo, aqui em pé, estou morrendo de ansiedade e apreensão, querendo atacar os docinhos que estão em cima do aparador, mas se fizer isso, certeza que meu vestido vai explodir.

— Pode a até ter sido de última hora, mas, bicha, *tá* muito melhor que a outra.

— Tirando um detalhe — Bella se faz ouvir. — Desta vez, Mon não

deve o *cu* ao banco em empréstimos.

Sorrimos, isso também é verdade. Mas tem outra diferença, não estou usando o espartilho que, na outra ocasião, me apertava até minhas tripas.

Mas chega, não é? Esse não é o dia de pensar no passado, é o dia de escrever o futuro.

— Gente... que diferença de homem, isso sim. Meu Deus do céu. Que sorte, bicha. Tomara que tenha restado outros exemplares *pra* que eu possa fisgar um.

— Você não existe. — Rio, hoje eu realmente estou rindo para as paredes. — Mas agora, agiliza aí que eu *tô* atrasada.

— Relaxa, noivas sempre se atrasam. — André parece já estar alto, muito pouco preocupado, já eu... vou ter um piripaque a qualquer momento.

— Mas não quero me atrasar muito, é falta de educação fazer os convidados esperarem demais, sabia?

— E pronto. Subiu, meu Deus, Mônica, você *tá* linda, amiga.

Dou uma voltinha em frente ao espelho do meu antigo quarto, na casa dos meus pais, revivendo um dia tão igual e tão diferente ao mesmo tempo. Outro ano, outro homem, outro amor e outro vestido. Esse último mais simples, mais leve e com uma corzinha.

Continua sendo branco, claro, mas traz algumas pedrinhas rosinhas, sobre o bordado da renda fina, soltinha. Sem muitos babados, e com um decote em V, que o deixa até ousado. Esse foi o máximo que consegui em uma festa de última hora.

Primeiro optei por algo simples, rápido, só ir ao cartório e pronto, estaríamos casados, mas depois... Benjamin me convenceu e me proporcionou o casamento dos sonhos.

Eu não sei narrar como foi nossa estrada até aqui. Tivemos erros, mais também, muitos acertos, acertos que me fizeram amá-lo cada dia mais e esquecer de vez o passado, querendo apenas um futuro ao seu lado.

Benjamin é o homem dos meus sonhos.

— Ah, para, *né*? Não me borra essa maquiagem abrindo essa torneira no dia do teu casamento, criatura, não vou ser madrinha de noiva borrada. Se controla. — Sim, André é também minha madrinha de casamento e minha mãe quase enfarta com a novidade.

Uma batida na porta chama a atenção de nós três e não demora para um Benjamin adentrar o quarto, sem esperar permissão, criando um pequeno alvoroço. Sua presença faz Bella e André ficarem à minha frente, como uma parede humana para que ele não veja meu vestido. O que ele quer aqui?

— Morena, podemos conversar?

Paraliso, vendo-o todo trajado em um fraque preto, camisa branca e gravata borboleta preta. Tão lindo... meu coração retumba no peito, meus olhos ardem e de repente, é como ter um *déjà vu*.

— Isso não é hora, *né*, querido? — André começa e busco seus olhos por cima do ombro de Isabella. — Ela já vai descer, volta *pro* altar que é o teu lugar

— É rápido, prometo, por favor, amor — pede, seus olhos presos nos meus.

— Tudo bem, Bella e Dé. Podem ir.

— Mas ele vai ver o vestido, dá azar, gente.

— A essa altura não sei se a sorte pode ajudar. — Meus amigos entendem o que quero dizer e fulminam meu noivo com o olhar e antes que André diga algo, eu interponho. — Podem ir, confiem em mim, vou ficar bem.

Ambos hesitam, mas acabam cedendo em nos deixar sozinhos. Estou a ponto de desmaiar, o medo me preenche, medo de que tudo se repita e, por segundos, nada é dito, apenas nos olhamos. Fico aqui estática, enquanto Benjamin tapa a boca com a mão, olhos brilhando de expectativa, voltados para mim.

— Pode falar, Benjamin.

— Você está... meu Deus. Eu...

— Benjamin... não me diz que...

E parece que a realidade chega também para ele, do que essa cena me lembra e seus olhos parecem que irão pular para fora.

— Não, não. Nada disso, meu Deus, eu poderia passar o resto da tarde e noite aqui te olhando. — Não, não poderia porque estou a ponto de colocá-lo daqui para fora. Aparentemente meu olhar não parece tão assassino assim, já que ele se aproxima, suas mãos tomando meu rosto, seu nariz a roçar o meu. Começo a relaxar. Ninguém acaba um casamento com tanto carinho assim, não é? — Eu te amo e você não vai se livrar de mim, se é isso o está pensando. Vamos começar hoje nossa vida a dois. Esqueceu?

— Então, o que faz aqui?

— Não aguentei esperar no altar, estava surtando. Esta gravata parece estar me sufocando, a espera estava me deixando louco e aquelas pessoas me olhando daquele jeito... simplesmente não deu para esperar lá fora. — Sorrio, *tadinho*, ele está nervoso? — *Pra* completar, escolhi os piores padrinhos da história do mundo. Bruno e Sophie estavam me deixando ainda mais louco e ansioso. Aqueles dois não são bons padrinhos, deixo isso bem claro. E eu vim logo te ver, porque fiquei com medo de enfartar, se continuasse lá no altar e, acredite, eu precisava te ver assim.

— Tá de brincadeira, né?

— Não, eu pareço estar brincando?

Não, não parece. Ele sua em bicas, gotículas escorrendo por suas têmporas.

— Benjamin.

— Não me repreenda, só quis dar um beijo em minha noiva. Faz uma semana que veio *pra* cá e que não te vejo, estava morrendo de saudade e muito, muito nervoso. — Ele me beija, rapidinho como para matar a saudade.

— Eu disse para fazermos algo pequeno.

— É, e eu insisti em algo grande, porque sei que sempre quis isso. Sendo assim, tenho direito.

— Eu não tô acreditando nisso.

— Acredite e te amo, me lembre de não passar mais uma semana longe de você, meu pau reclamou bastante. — Gargalho, que romântico.

— Eu também te amo, e guarde esse pau para a noite de núpcias. Agora dá para descer?

— Sim, agora eu consigo. — Mas ele não sai, continua aqui, me olhando de forma apaixonada. — Eu vou te fazer feliz, Mônica, a mulher mais feliz do mundo, porque é assim que me sinto.

— Eu sei e vai me fazer chorar se continuar aqui, me falando essas coisas.

— Certo, estou indo então e não demora.

— Bobo. Agora vai.

Ele se vai, não antes de me beijar e no segundo em que ele sai, dois furacões entram no quarto.

— O que ele queria? Conta logo, garota.

Eu sorrio como boba, completamente apaixonada.

— Me prometer que me faria feliz...



Respiro fundo, estando em pé no jardim da casa dos meus pais, frente ao tapete branco, estendido entre as cadeiras bem ornamentadas, ocupada com meus convidados. Fecho meus olhos, tentando tomar coragem para ir de encontro ao amor da minha vida, me esperando no altar.

Solto o ar, seguro firme o buquê em minha mão, enquanto com a outra, procuro apoio no braço do meu pai, que beija minha mão e chama minha

atenção.

— Você está linda e estou feliz por sua escolha. Vocês têm minha benção, escolheu um bom homem, filha.

— Escolhi, não é?

— Sim, escolheu.

Olho para o homem em questão, olhando e esperando por mim. Sorrio e não seguro mais a lágrima que me escapa, sentindo borboletas no estômago, me sentindo realmente feliz. Balanço a cabeça, dando sinal para que o adestrador solte Gamora, que é nossa daminha de honra, a coisa mais linda.

Meu choro piora quando, ao olhar para Benjamin, ele também chora, olhando para cima, tentando se controlar. Deus do céu.

No fim das contas, o casamento não era o meu maior sonho, não, o meu maior sonho é ser verdadeiramente amada, respeitada, honrada, adorada, assim como me sinto agora. O gosto não poderia ser melhor.

E como eu sempre digo, caro leitor... Ah, o amor.

Fim?

Não, este não é o fim. Nossos personagens continuarão vivos, em seu coração.



Agradecimentos

Bom, se eu for listar, daria bem mais que um livro de agradecimentos, pois Deus foi e é generoso demasiadamente comigo ao colocar anjos em forma de pessoas em minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre comigo nessa caminhada, nada sou sem sua força.

Também à minha família e amigos, meu muito obrigada. Vocês são o meu suporte, meu amor maior e mãezinha, aqui vai um agradecimento todo especial para a senhora, minha maior fã, gente. Eu te amo, luz da minha vida. Amo muito e sou o ser mais grato por ter uma pessoa iluminada como a senhora em minha vida. Se eu pudesse ter escolhido, não teria o feito tão bem, a senhora é o meu maior presente.

Aos meus leitores, o meu muito obrigada. Eu não tenho palavras para agradecer o carinho e o amor que me dão sempre, em doses homeopáticas. Amo vocês. Por embarcarem comigo em cada loucura, e me impulsionar sempre a ir além. Vocês fazem toda a diferença.

Seguindo... às minhas amigas autoras, meus anjos, obrigada. Durante a escrita, deste livro tive imprevistos que me fizeram duvidar se conseguiria mesmo terminá-lo e lá estava Lucy Foster para me empurrar junto à Jack A. F, vocês são demais, amo vocês. Ainda assim, o que seria de mim sem uma revisora para embarcar nesta loucura de última hora? Barbara Pinheiro, você tem o meu amor e gratidão. Obrigada por me aguentar.

Agradeço também à Tali e Bia, vocês são meus xuxus mais lindos, aquelas que aguentam meus surtos, e olha que não são poucos.

Sempre digo que a caminhada até aqui é árdua, porém, me sinto blindada com vocês, são meus anjos amados.

Obrigada a todos novamente e a você, que chegou aqui agora e está conhecendo a Gisa pela primeira vez, tenha o meu muito obrigada.

Esta sou eu, uma apaixonada muito louca pela escrita, pela vida e encantada com novos mundos. Obrigada por sua leitura e espero muito que gostem desta história.

Acho que é isso. Serei eternamente grata e até a próxima!



Outras Obras

Conheça também o primeiro livro da Série Amores Reconstruídos:



Uma Escolha Perfeita ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

Desejos, segredos e mentiras...

Um médico orgulhoso que não acredita no amor. Deixando as marcas do passado entrarem em sua alma, Augusto se vê desistindo de amar, expurgando qualquer lembrança dolorosa deixada por ela.

Já Cristine, uma mãe solteira que esconde segredos perigosos, decide seguir em frente a todo custo, tentando sempre não olhar para trás, cuidar de sua filha e manter uma única regra em mente: não se envolver.

Os destinos dos dois se cruzam, bagunçando suas vidas. E nesse impasse, Cristine quer só uma noite de prazer, se sentir mulher uma única vez, e Augusto é um meio delicioso para esse fim.

Ambos não contavam que o desejo iria evoluir e tomar conta deles, nem que uma menininha de olhos doces tocara o coração duro de um ogro buscando redenção.

Neste jogo de amor e mentiras, eles irão descobrir que o passado nunca se mantém onde deveria ficar, ele pode assombrar o futuro e apagar o presente, condenando o amor mais puro.

Capítulo 1

A vida é feita de escolhas, porém, elas cobram um preço. E não importa qual é a sua opção. Mais cedo ou mais tarde, a vida cobrará a conta...

— Eu não tenho nada contra, Silvy, só acho que não consigo. Olhe bem para mim — falo para Silvy, minha tia postiça, como ela mesma faz questão de lembrar.

— Não seja boba, Cristine. Só preciso lhe passar algumas dicas, e essa sua cara de virgem fará o resto. O serviço é fácil, sem falar que ele irá te pagar uma nota preta para tirar a sua virgindade, e você precisa de dinheiro.

— Silvy! — repreendo-a, sentindo a bile subir a garganta.

— Abra os olhos, Cris! Se olhe no espelho! Você possui uma beleza exótica e tem que se aproveitar disso.

— Eu ainda não sei...

E não sabia mesmo. Eu era apenas uma menina magricela de cabelos claros sem graça e rosto quadrado, sem nenhum atrativo a não ser os olhos.

— Pelo amor de Deus! Eu garanto que Maurício é um homem rico, lindo e cheiroso. E ele me prometeu que será gentil com você.

Bufo com a fala, como se isso importasse no fim das contas e ela continua:

— Eu sinto muito por isso Cris, sinto muito mesmo. Meu coração está apertado aqui, menina, mas essa é a saída mais rápida.

Apenas aceno, sabendo que ela tem razão...

Estamos no quarto de Silvy conversando, pois, depois de muito relutar, estou prestes a aceitar a coisa mais absurda que já cogitei fazer em minha vida.

— Eu sempre imaginei que seria diferente, sabe? — falo, como se estivesse desabafando comigo mesma, sentindo que estou perdendo algo especial. — Achei que seria com alguém que eu realmente amasse. Um namorado, algo assim!

— Ah, meu bem! Estes sonhos e quem você é neste momento não podem mais coexistir. Isso não faz mais parte de você. A vida te derrubou cedo demais, meu amor, e quando isto acontece, a gente não pode mais sonhar. Agora é a vida real, Cristine.

Sinto meus olhos encherem de lágrimas.

— Meu Deus! Há alguns dias, eu era só uma garota que tinha passado no vestibular de Medicina... — Levanto-me, sentindo o desespero de dias atrás tomar posse de mim outra vez.

— Você *tá* precisando de dinheiro, ou não? — Ela parece enfim se cansar de me convencer a achar uma saída.

— Sabe que preciso disso mais do que qualquer coisa no mundo...

— Sendo assim, meu bem, posso te garantir que não conseguirá isso, trabalhando meio período na biblioteca! A não ser que você tenha um plano para assaltar um banco ou pretenda ganhar na Megasena, essa é a melhor saída. Se depois não quiser mais, tudo bem, é só parar. — Seus olhos estão em mim, apreensivos e pesarosos.

Respiro fundo, tentando aceitar o que estou prestes a dizer:

— Tudo bem, irei fazer!

Silvy arregala os olhos, estalando a língua em concordância.

— Ótimo! Não precisa se preocupar com nada, ele irá saber exatamente o que fazer. Você só precisa relaxar. Se você quiser desistir na hora, lembre-se de Cate!

— Certo — falo, sem muita certeza, sentindo-me vazia.

— Agora temos que encontrar um nome de trabalho para você. Acredite: ter um nome de trabalho, ajuda muito! — fala e olha para cima, parecendo pensar em algo, e depois me fita.

— Melhora essa cara, garota. Sexo não é ruim! Ainda mais quando se recebe um cheque gordo no final. E o seu, meu bem, será obeso! Acredite em mim.

É ridículo, eu sei. Mas que escolha eu tenho? Acredite, nenhuma.

— Agatha?! — falo, rápido.

— Como é? — Ela me olha sem entender.

Silvy já é uma senhora na casa dos 50 anos, baixa e de cabelos vermelhos escuros — pintados, é claro. Eu a considero uma segunda mãe, pois a conheço e convivi com ela desde que nasci. Apesar da idade, ela aparenta ser mais jovem por ser vaidosa e sempre andar bem arrumada. Uma boa pessoa, apesar dos pesares.

— O nome, quero Agatha — falo de novo e, dessa vez, com mais certeza.

— Certo! É você quem decide. Maurício virá te pegar as oito e faz questão de passar a noite toda com você. Fique tranquila, isso não é um bicho de sete cabeças, menina. — Ela afaga meus cabelos e sorrir, gentil. — Ele fará praticamente tudo e dirá o que quer de você. Vai gostar dele, tenho certeza!

Dou um suspiro cansado, não querendo acreditar nisso e com medo de estar cometendo um erro.

— Silvy, e se eu não conseguir? O que farei?

— Vai conseguir. Acredite em si mesma!

Respiro fundo, tentando ter a mesma fé, que ela aparenta ter em mim.

— Certo...

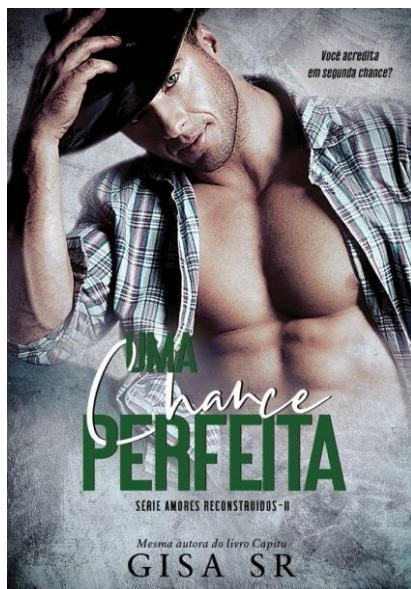
Não estava certa do que estava prestes a fazer, mas não me julguem por favor. Preciso muito da grana e se esse é o preço, eu pago. Preciso fazer escolhas a partir de agora, e elas não são nada ortodoxas, mas é preciso.

Depois dessa conversa, Silvy me ajudou a me arrumar e às 19:50h,

estou pronta — e muito nervosa por sinal. Sentia minhas pernas tremerem e duvidava que elas me obedeceriam quando fosse a hora.

Tentei pensar que isso seria passageiro e que logo me livraria de toda aquela droga. Claro que eu ainda não sabia o que a vida me reservava, mas, posso lhe adiantar que não foi bem o que planejei. Eu achava que a maior desgraça da minha vida já havia passado. Doce ilusão, o meu tormento estava apenas começando!

O segundo livro da Série Amores Reconstruídos



UMA CHANCE PERFEITA ([Adquira aqui](#))

Sinopse

Alice foi uma jovem doce, desinibida e de bem com a vida, que gradativamente se viu cair de amores pelo primo boa pinta. Ela o via como um herói, de forma romântica, apaixonada. Já ele a via apenas como a caçula da família Ribeiro, a prima maluquinha que ele vivia tirando de encrencas!

Um desentendimento!

Bastou isso para criar uma rachadura extensa no relacionamento e na amizade de ambos. Dois caminhos separados por desentendimentos e culpas. Anos depois, Alice está de volta, só que mais mulher, dona de si, trazendo

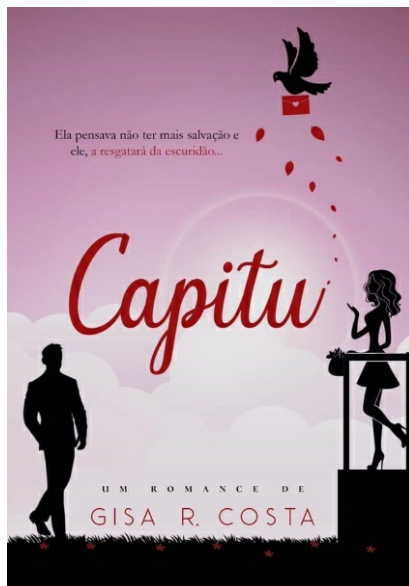
também marcas profundas na alma e no corpo.

Pedro faz o tipo sensato, protetor, centrado em sua carreira e apaixonado pelo campo, aquele cara famoso por não deixar suas emoções tomarem conta de si. Ou assim ele imaginava, pois ao vê-la todo esse controle se vai. E Pedro queria que não tivesse tantos sentimentos guardados por aquela mulher, indo do amor ao ódio, mas, ainda assim, querendo fazê-la sua. Há apenas um impedimento: a própria Alice.

Uma mentira foi contada, um falso noivado é montado e pode desencadear sentimentos há muito guardados, trazendo segredos que podem vir à tona e soterrar qualquer resquício de amor!

"Ela não está disposta a ceder, ele não está disposto a desistir..."

Outras obras do autor:



CAPITU ([Adquira aqui](#))

Sinopse

ROMANCE PARA MAIORES DE 18 ANOS. PODE CONTER GATILHOS, LEMBRANDO QUE ESTE NÃO É O INTUITO DO LIVRO!

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas

falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...



LUZ DA MINHA VIDA - UM MILAGRE DE NATAL. ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 1

Sinopse:

Como aceitar que acabou e que você irá perder o amor da sua vida? Como lidar com a dor e a culpa que parecem corroer sua alma por dentro?

Dean ainda não aceitou e não sabe lidar com tantos sentimentos e com a impotência, ele não é capaz de aceitar.

O homem com a vida perfeita, toda planejada, se vê perdendo tudo que lhe é mais caro em uma fração de segundos preciosos, assistindo a seu mundo desmoronar, ruir à sua volta e apenas uma pequena criatura é capaz de lhe trazer paz. Sua Cecília, a menina de 4 anos que passou a ser a luz do seu mundo, mas nem mesmo a doce criança é capaz de aplacar todo aquele sentimento preso em seu peito, apesar de ser o motivo do homem continuar a lutar.

"A culpa é sua..."

Era? Ele acreditava que sim, se culpava dia após dia, só resta saber se há esperanças para um homem quebrado!



CONSEQUÊNCIAS DE UMA NOITE ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 2

Sinopse:

Uma noite de prazer, uma mulher mascarada e um homem apaixonado.

Nicolas, o caçula da família Dangelo, não está procurando um relacionamento, mas uma noite inesquecível de prazer acaba mudando isso. Uma mulher misteriosa desperta-lhe sentimentos incontrolláveis e, como mágica, desaparece. Por meses, ele a procura, querendo ter mais um pouco daquilo que experimentaram juntos. O que ele não espera é que o amor esteja

tão perto dele e que aquela noite trará consequências irreversíveis, das quais ele não pode fugir.



UM CEO DE PRESENTE ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

Tendo seu coração destrozado às vésperas do Dia dos Namorados, Emily, uma bibliotecária e estudante de enfermagem de 21 anos, luta para juntar seus caquinhos. Ela só não esperava encontrar ajuda para isso tão rápido.

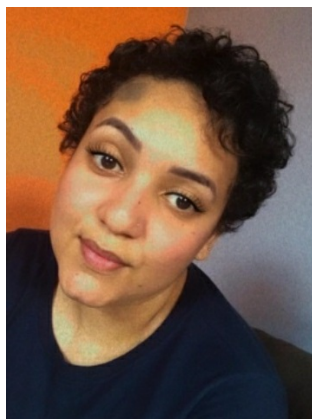
Uma ajuda deliciosa, diga-se de passagem!

Enrico Borges surge em seu caminho quase de forma planejada, rouba a cena e, talvez, seu coração com uma promessa nada velada: esquecer o passado. O CEO acredita ser capaz de fazê-la se desprender e trazê-la para um jogo de sedução sem amarras, porém nenhum deles imagina que uma paixão avassaladora pode surgir.

Venha conhecer o lobo mau e seu cordeirinho.



Sobre a Autora



Biografia

Gisele Sousa Rocha, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, solteira, sem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que esse é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido pelo qual o avô a chama, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...

Siga-a nas redes sociais:

Facebook:

Perfil: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/gisa.r.costa>

Página: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>

Grupo: Romances da Gisa

<https://www.facebook.com/groups/351169755509586/?ref=share>

Instagram: Autora Gisa SR

<https://instagram.com/autoragisar.costa>

Wattpad: @GisaSRocha

<https://my.w.tt/KxyNx9gut2>

Grupo de WhatsApp:

<https://chat.whatsapp.com/LULoXjc4S4iD9VKXcOdXpk>